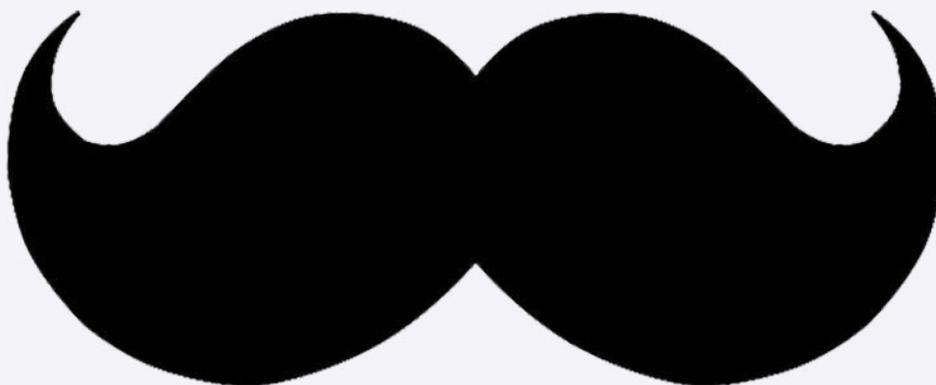


# Nietzsche

*Da moral de rebanho à reconstrução  
genealógica do pensar*



**Patrick Wotling**   **Maria Cristina Fornari**  
**Scarlett Marton**   **Antonio Edmilson Paschoal**  
**Luca Crescenzi**   **Luís Rubira**  
**Oswaldo Giacoia**   **Clademir Araldi**  
**Werner Stegmaier**   **Ernani Chaves**  
**Paul Valadier**

## **Leia também**

- **Ivan Domingues**
- **Dossiê Pedagogia do Oprimido**  
*Danilo Streck*  
*Valter Giovedi*  
*Alexandre Saul*

# Nietzsche. *Da moral de rebanho à reconstrução genealógica do pensar*

Por ocasião dos 130 anos da obra *Genealogia da Moral*, no original *Zur Genealogie der Moral. Eine Streitschrift*, de Friedrich Nietzsche, a presente edição da revista **IHU On-Line** publica uma série de entrevistas que debatem não somente a obra, mas a força do pensamento do “filósofo do martelo”. Com suas posições sempre muito críticas em relação a uma moral *prêt-à-porter*, sobretudo fundada no cristianismo alemão, Nietzsche coloca em causa o senso comum do niilismo, repensando -o como a ausência da vontade de pensar para além de valores universalistas *a priori*.

Para **Patrick Wotling**, professor e pesquisador na Université Paris-Sorbonne, na França, o pensamento de Nietzsche baseia-se em uma filosofia rigorosa sem ter uma retórica pedante. A professora e pesquisadora da USP **Scarlett Marton** debate como o ressentimento é um artifício do ódio e da vingança.

**Luca Crescenzi**, professor e pesquisador na Universidade de Trento, na Itália, destaca que o papel do filósofo sustentado por Nietzsche é o de dar à luz “a ideia de que à base dos juízos de valor não há pressupostos metafísicos, nenhuma grande ideia universal, mas apenas realidade e escolhas historicamente verificáveis e definíveis”.

**Oswaldo Giacoia Junior**, professor e pesquisador da Unicamp, relata como o ser humano transformou-se em animal político. Para o pesquisador alemão **Werner Stegmaier**, professor da Ernst-Moritz-Arndt-Universität Greifswald, Alemanha, é necessário sempre fazer uma leitura rigorosa dos conceitos nietzschianos.

**Paul Valadier**, jesuíta e professor emérito de filosofia moral e política nas Faculdades Jesuítas de Paris, chama atenção de como a moral opera nas profundezas do ser, longe, às vezes, da própria consciência. De acordo com **Maria Cristina Fornari**, professora e pesquisadora na Universidade de Salento, Itália, o pensamento de Nietzsche é um desafio à inteligência, de modo que uma leitura atenta exige um olhar “filologicamente circunspeto, sem deixar-se engodado por ideologias ou falsos mitos”.

Para **Antonio Edmilson Paschoal**, professor e pesquisador da UFPR, o pensamento de Nietzsche é uma navalha que corta a carne do tempo, produzindo rupturas, que significa “co-

locar a faca na carne de seu tempo’, mostrando que a mesma moral que prega o rebanho pacificado retiraria dele também aquilo que é nobre nele, tornando-o patético e um motivo de desprezo”.

**Luís Rubira**, professor da UFPel, faz um resgate sobre o impacto da obra na pesquisa sobre o autor no Brasil. **Clademir Araldi** ressalta a importância da obra *Genealogia da Moral* para fugir de uma “moral de cartilha” à qual as pessoas tendem a se filiar acriticamente. Por fim, **Ernani Chaves**, professor da UFPA, faz uma análise de como a filosofia nietzschiana, especialmente a partir de *Genealogia da Moral*, produz novas formas de investigação.

De 2 a 4 de outubro de 2018, a Unisinos sedia o XXI Colóquio Nietzsche: os 130 anos da *Genealogia da Moral*, no campus São Leopoldo.

Esta edição da revista teve a contribuição da Profa. Márcia Junges, doutora em Filosofia pela Unisinos e pela Università degli Studi di Padova - UNIPD, Itália. A ela, os nossos mais sinceros agradecimentos.

Complementam a edição as entrevistas com os professores **Danilo Streck**, da Unisinos, **Valter Giovedi**, da UFES, e **Alexandre Saul**, coordenador da Cátedra Paulo Freire, as quais compõem o *Dossiê Paulo Freire*, que retoma os debates sobre os 50 anos da obra *Pedagogia do oprimido*. Por fim, a entrevista com **Ivan Domingues**, professor da UFMG, que discute o que é o conceito de “intelectual cosmopolita”.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!



Capa: Ilustração IHU

# Sumário

- 4 ■ **Temas em destaque**
- 6 ■ **Agenda**
- 8 ■ **Dossiê Paulo Freire | Danilo Romeu Streck:** “Enquanto houver dominação e exclusão vão continuar surgindo pedagogias dos oprimidos”
- 14 ■ **Dossiê Paulo Freire | Valter Martins Giovedi:** “Freirear” em sala de aula, uma alternativa contra a violência curricular
- 20 ■ **Dossiê Paulo Freire | Alexandre Saul:** O caráter político – e incômodo – da *Pedagogia do oprimido*
- 24 ■ **Tema de capa | Patrick Wotling:** Por uma filosofia rigorosa e distante de uma linguagem barroca
- 32 ■ **Tema de capa | Scarlett Marton:** O ressentimento como artifício do ódio e da vingança
- 37 ■ **Tema de capa | Luca Crescenzi:** A moral modelada pela diversidade das escolhas imanentes
- 42 ■ **Tema de capa | Oswaldo Giacoia Junior:** Homem, um animal político
- 48 ■ **Tema de capa | Werner Stegmaier:** Por uma leitura rigorosa dos conceitos de Nietzsche
- 52 ■ **Tema de capa | Paul Valadier:** O que deseja em nós sem nós mesmos
- 57 ■ **Tema de capa | Maria Cristina Fornari:** Escritos de Nietzsche são desafio para a inteligência, não alimento para presunção
- 62 ■ **Tema de capa | Antonio Edmilson Paschoal:** A navalha da consciência na carne do tempo
- 67 ■ **Tema de capa | Luís Rubira:** Filosofia de Nietzsche influenciou muitas gerações de intelectuais brasileiros
- 73 ■ **Tema de capa | Clademir Araldi:** O genealogista contra a moral de cartilha
- 80 ■ **Tema de capa | Ernani Chaves:** Filosofia da suspeita
- 86 ■ **Ivan Domingues:** O intelectual cosmopolita globalizado é um *outsider*
- 95 ■ **Outras edições**

**IHU** ON-LINE  
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (on-line)

A IHU On-Line é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br) e no endereço [www.ihuonline.unisinos.br](http://www.ihuonline.unisinos.br).

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

**Diretor de Redação**

Inácio Neutzling  
([inacio@unisinos.br](mailto:inacio@unisinos.br))

**Coordenador de Comunicação - IHU**

Ricardo Machado – MTB 15.598/RS  
([ricardom@unisinos.br](mailto:ricardom@unisinos.br))

**Jornalistas**

João Vitor Santos – MTB 13.051/RS  
([joaovs@unisinos.br](mailto:joaovs@unisinos.br))

Patricia Fachin – MTB 13.062/RS  
([prfachin@unisinos.br](mailto:prfachin@unisinos.br))

Vitor Necchi – MTB 7.466/RS  
([vnechi@unisinos.br](mailto:vnechi@unisinos.br))

**Revisão**

Carla Bigliardi

**Projeto Gráfico**

Ricardo Machado

**Editoração**

Gustavo Guedes Weber

**Atualização diária do sítio**

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia

Fachin, Cristina Guerini, Evlyn Zilch, Anielle Silva, Victor Thiesen, William Gonçalves, Stefany de Jesus Rocha, Wagner Fernandes de Azevedo e Lidiane Menezes.



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

**Instituto Humanitas Unisinos - IHU**

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS  
CEP: 93022-000

**Telefone:** 51 3591 1122 | Ramal 4128  
**e-mail:** [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

**Diretor:** Inácio Neutzling  
**Gerente Administrativo:** Jacinto Schneider  
([jacintos@unisinos.br](mailto:jacintos@unisinos.br))

Entrevistas completas em [www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias)

Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU na última semana.

## O cenário político desolador, a anti-política das redes e a performance das candidaturas



*“Direita e esquerda se mobilizam com um discurso bastante homogêneo: é urgente pensar em novas formas de se fazer política, rompendo com a polarização que conduziu o país para o abismo”.*

Acauam Oliveira, graduado em Letras, mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada e doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo – USP, professor da Universidade de Pernambuco – UPE, disponível em XXXXXXXXXXXX.

## Eleições: a necessidade de encarar complexidades do pleito e os ataques à democracia



*“A política é a opção de fazermos um enfrentamento dessas diferenças a partir do diálogo, portanto, do entendimento e da construção nas diferenças de perspectivas convergentes no limite daquilo que é possível de ser pactuado”.*

Clemente Ganz Lúcio, sociólogo, diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – Dieese, disponível em <http://bit.ly/2zyUhKA>.

4

## O discurso do medo que fragiliza o enfrentamento da violência



*“O discurso do medo acaba se tornando articulador de políticas de segurança impensadas, que tendem a manter privilégios e interesses corporativos no lugar de encarar a situação da violência”.*

Larissa Urruth Pereira, advogada, especialista em Ciências Penais e mestra em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, disponível em <http://bit.ly/2DzsRs3>.

## Sem choque de gestão é impossível eliminar o desmatamento ilegal



*“As ações que estão sendo realizadas até o momento para conter o desmatamento não estão sendo suficientes. Os órgãos ambientais responsáveis pelo combate ao desmatamento não estão conseguindo ser efetivos na dissuasão da derrubada ilegal da vegetação natural”.*

Ana Paula Valdiones, graduada em Gestão Ambiental, mestra em Ciências, disponível em <http://bit.ly/2xFNehM>.

## Para Paixão Côrtes, gaúcho não precisa aderir a representação estancieira e reacionária



*“Nunca o vi exaltando conservadorismo, muito menos o vi considerando que para ser gaúcho era preciso aderir a um tipo de representação estancieira, saudosista, congelada, hierárquica, no fim das contas reacionária”*

Luís Augusto Fischer é doutor, mestre e graduado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, onde leciona, disponível em <http://bit.ly/2OU24rl>.



## Textos na íntegra em [www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias)

Confira algumas notícias públicas recentemente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU

### É o capitalismo, estúpido

*“Os ganhos de produtividade gerados pelas novas tecnologias estão escondidos nos calabouços construídos pelo poder de mercado das grandes empresas que se apropriam do valor criado: sobem as margens de lucro e destinam seus ganhos parcos à recompra das próprias ações e ao pagamento de dividendos”.*

Artigo Luiz Gonzaga Belluzzo, economista, em artigo publicado por CartaCapital, disponível em <http://bit.ly/2MUEGZj>.

### PT deveria realizar ‘comissão da verdade’ para examinar seus erros

*Considerado um dos mais importantes linguistas do mundo, o filósofo e ativista de esquerda americano Noam Chomsky afirma que o PT deveria estabelecer “uma espécie de comissão da verdade” para analisar os erros cometidos pelo partido.*

Entrevista com Noam Chomsky à BBC News Brasil, disponível em <http://bit.ly/2xDdZnc>.

### Geopolítica: a Eurásia renasce — e quer ser alternativa

*Ferrovias. Energia. Resistência à pressão militar dos EUA. Substituição gradual do dólar. Fórum de Vladivostok consolida parceria estratégica entre China e Rússia, no instante em que Ocidente permanece em crise.*

Artigo de Pepe Escobar publicado por Asian Times e reproduzida por Outras Palavras em 16-9, disponível em <https://bit.ly/2QP6CRq>.

### Como o Brasil falha em proteger suas crianças e adolescentes

*Apesar de uma legislação infanto-juvenil avançada, metade das crianças e adolescentes brasileiros (49,7%) não tem acesso a pelo menos um dos seguintes direitos fundamentais: educação, informação, proteção contra o trabalho infantil, moradia, água e saneamento.*

Reportagem de Laís Modelli, publicada por Deutsche Welle em 21-9-2018, disponível em <https://bit.ly/2l64YHk>.

### O futuro incerto da educação jesuíta

*“A sobrevivência das faculdades e universidades dependerá de sua capacidade de se adaptar às mudanças das condições de maneira oportuna. Sua sobrevivência como instituição jesuíta dependerá do quão estão comprometidas com uma missão muito distinta. Dependerão da abertura de novos, diferentes e provavelmente menores grupos de estudantes e de suas famílias para investir em tal visão”.*

Artigo de Michael C. McCarthy, S.J., vice-presidente para integração e planejamento, e professor associado de teologia na Fordham University, em artigo publicado por America, disponível em <http://bit.ly/2Dsgnm3>.

### Jesuíta alemão diz que a crise de abusos pede uma grande reforma na Igreja

*O Padre Klaus Mertes SJ, conhecido escritor e educador, afirmou que a última onda de revelações sobre abusos e seus encobrimentos que aconteceram em várias partes do mundo indicam que o fenômeno não é um evento localizado, mas um problema global que só poderá ser resolvido por meio da reforma da Igreja.*

Reportagem publicada por La Croix International, disponível em <http://bit.ly/2pAOL48>.

Programação completa em [ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)

**Ecofeira Unisinos**

**3/out**

**Horário**  
Das 10h às 18h

**Local**  
Corredor central, em frente ao IHU, Campus São Leopoldo da Unisinos

**Oficina: frutas regionais - Ecofeira**

**3/out**

**Horário**  
17h

**Conferencista:**  
Acadêmica Marcia Tomiazzo

**Local**  
Laboratório de Gastronomia Unisinos

**As juventudes e o cenário eleitoral brasileiro. Possibilidades e limites**

**4/out**

**Horário**  
17h30min às 19h

**Conferencista:**  
Profa. Dra. Carmen Silveira de Oliveira

**Local**  
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Campus Unisinos São Leopoldo

6

**Uma avaliação das políticas públicas na trajetória macroeconômica brasileira de 2003-2017**

**8/out**

**Horário**  
19h30min às 22h

**Conferencista:**  
Profa. Dra. Lena Lavinas – UFRJ

**Local**  
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU | Campus Unisinos São Leopoldo

**Ecofeira Unisinos**

**10/out**

**Horário**  
Das 10h às 18h

**Local**  
Corredor central, em frente ao IHU, Campus São Leopoldo da Unisinos

**Círculo Cultural - Ecofeira**

**10/out**

**Horário**  
13h

**Mediador:**  
Prof. Dr. Telmo Adams – Escola de Humanidades – Unisinos

**Local**  
Corredor central, em frente ao IHU, Campus São Leopoldo da Unisinos





# “Enquanto houver dominação e exclusão vão continuar surgindo pedagogias dos oprimidos”

Danilo Streck retoma a célebre obra escrita por Paulo Freire durante seu exílio no Chile

João Vitor Santos

Especialmente em setembro, Paulo Freire é lembrado por ser o mês de seu nascimento. Neste ano, as celebrações têm um gosto especial: há 50 anos, o professor escrevia *Pedagogia do oprimido*, durante o período que esteve exiliado no Chile. Num Brasil ainda mergulhado no regime militar, a obra de 1968 só foi lançada aqui em 1974. Contexto político que também impregna o texto. “A Pedagogia do oprimido é um dos melhores lugares para identificar as fontes teóricas de Paulo Freire”, acrescenta o professor Danilo Streck, ao recordar o pluralismo teórico que vai de Marx a Mounier e Rousseau, também passando pelo cristianismo. “Por mais que se tente, é muito difícil enquadrá-lo teoricamente. Uma das grandes lições que ele deixou foi exatamente a de lidar ao mesmo tempo com seriedade e leveza com nossas referências”, destaca Danilo.

E 50 anos depois, por que lembrar esse livro? “É importante destacar o peso simbólico do ano de 2018”, diz o professor. Segundo ele, um ano em que muitas lutas são lembradas, como Maio de 68, Reforma de Córdoba e até os 200 anos de Marx. “Resumindo, enquanto houver dominação e exclusão vão continuar surgindo pedagogias dos oprimidos”, pontua, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Mas esse é um tempo em que o próprio Freire é questionado, sob a máxima de que inspira a chamada “educação ideologizante”. “Precisamos partir do pressuposto de que em uma escola republicana de fato não cabem proselitismos, nem de

igrejas nem de partidos políticos”, dispara.

Assim, Danilo ainda acrescenta que o atual e “o novo na pedagogia de Freire não é que ele tenha criado uma pedagogia para os pobres e oprimidos”, pois outros já haviam feito. “O novo em Freire é que se trata de uma pedagogia *do oprimido*, ou seja, gestada na prática com ele. E esse oprimido tem muitos rostos: o desempregado, o negro, a mulher, o índio etc. Por isso, hoje talvez fosse apropriado falar em pedagogias da opressão, no plural”, sintetiza, ao conectar com dramas ainda vivos em nosso tempo.

**Danilo Romeu Streck** é graduado em Letras pela Unisinos, possui mestrado em Educação Teológica pela Princeton Theological Seminary, de Nova Jersey nos Estados Unidos, e doutorado em Fundamentos Filosóficos da Educação - Rutgers - The State University of New Jersey, também nos Estados Unidos. Ainda realizou estágio de pós-doutorado na Universidade da Califórnia, Los Angeles, e no Max-Planck Institute for Human Development, em Berlim. É professor da Unisinos e coordena o grupo de pesquisa Mediações Pedagógicas e Cidadania. Entre seus livros, destacamos *Educação e Igrejas no Brasil: Um Ensaio Ecumênico* (São Leopoldo: Sinodal, 1995), *A Educação Básica e o Básico na Educação* (Porto Alegre: Sulina, 1996) e *Pedagogia no encontro de tempos: ensaios inspirados em Paulo Freire* (Petrópolis: Vozes, 2001).

**Confira a entrevista.**

## “A Pedagogia do oprimido é um dos melhores lugares para identificar as fontes teóricas de Paulo Freire”

**IHU On-Line – Como compreender o contexto em que Paulo Freire<sup>1</sup> escreve *Pedagogia do oprimido*<sup>2</sup>? Por que seu ensaio é publicado no Brasil somente seis anos depois?**

**Danilo Streck** – O livro *Pedagogia do oprimido* deve ser situado tanto na trajetória do autor quanto do contexto histórico no qual foi escrito. Paulo Freire inicia o seu trabalho educativo na década de 1940 e cronologicamente este é o seu terceiro livro, sendo o primeiro *Educação e atualidade brasileira*<sup>3</sup> (1959 – embora publicado posteriormente) e o segundo *Educação como prática da liberdade*<sup>4</sup> (1967). Os primeiros livros retratam o momento de “trânsito” que Paulo Freire, junto com muitos outros intelectuais da época, especialmente aqueles vinculados ao Instituto Superior de Estudos Brasileiros

- Iseb, via na sociedade brasileira.

São tentativas de pensar a educação brasileira em um contexto histórico no qual se antecipavam muitas mudanças na sociedade brasileira com a emergente participação popular. O Programa Nacional de Alfabetização do qual Paulo Freire foi nomeado coordenador geral pelo presidente João Goulart<sup>5</sup> tinha o objetivo de promover o acesso ao voto a uma enorme parcela de adultos analfabetos e de inseri-los no novo mercado de trabalho.

O golpe civil-militar de 1964<sup>6</sup> sig-

nificou a ruptura com este processo no Brasil e Paulo Freire e muitos outros intelectuais buscaram o exílio. Depois de uma breve passagem pela Bolívia, ele chegou ao Chile onde encontrou terreno fértil para continuar pondo em prática as suas ideias e onde aprofundou e ampliou o caráter revolucionário da ação educativa, no sentido da radicalidade das mudanças. Com isso, acredito que esteja respondida a pergunta por que tardou tanto a publicação de *Pedagogia do oprimido* no Brasil. Com a repressão e censura, alguns exemplares em espanhol – depois inglês – eram trazidos clandestinamente. Meu contato com o livro foi na versão em inglês, no ano de 1973.

**IHU On-Line – Teoricamente, onde Paulo Freire apoia as concepções da “pedagogia do oprimido”? E como ele vai relacionar com a prática corrente na relação entre professor e aluno?**

**Danilo Streck** – Temos hoje uma profusão de estudos que buscam a relação de Paulo Freire com Marx<sup>7</sup>,

1 **Paulo Freire** (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). É autor de *Pedagogia do oprimido*, entre outras obras. A edição 223 da revista **IHU On-Line**, de 11-6-2007, teve como título *Paulo Freire: pedagogia da esperança* e está disponível em <http://bit.ly/ihuon223>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Pedagogia do oprimido**: um dos mais conhecidos trabalhos do educador e filósofo brasileiro Paulo Freire. O livro propõe uma pedagogia com uma nova forma de relacionamento entre professor, estudante e sociedade. O livro continua popular entre educadores no mundo inteiro e é um dos fundamentos da pedagogia crítica. Dedicado aos que são referidos como “os esfarrapados do mundo” é baseado em reflexões realizadas durante seu exílio no Chile, período em que ajudou em experiências de educação popular. Freire incluiu uma detalhada análise da relação entre o que ele chama de “colonizador” e “colonizado”, utilizando como base a “Dialética do Senhor e do Escravo” extraída da Fenomenologia do Espírito de Hegel. O livro foi escrito em 1968, quando o autor encontrava-se exilado no Chile. Proibido no Brasil, somente foi publicado no país em 1974, pela editora Paz e Terra. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Entre as edições mais recentes: São Paulo: Cortez, 2001.

(Nota da **IHU On-Line**)

4 A editora Paz e Terra lançou uma edição mais recente em 2014. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **João Goulart** [João Belchior Marques Goulart] (1919-1976): também conhecido como Jango, foi presidente do Brasil de 1961 a 1964, tendo sido também vice-presidente, de 1956 a 1961 – em 1955, foi eleito com mais votos que o próprio presidente, Juscelino Kubitschek. Seu governo é usualmente dividido em duas fases: fase parlamentarista (da posse, em janeiro de 1961, a janeiro de 1963) e fase presidencialista (de janeiro de 1963 ao golpe militar de 1964). Jango fora ainda ministro do Trabalho entre 1953 e 1954, durante o governo de Getúlio Vargas. Foi deposto pelo golpe militar do dia 1º de abril de 1964 e morreu no exílio. Confira a entrevista “*Jango era um conservador reformista*”, com Flávio Tavares, de 19-12-2006, em <http://bit.ly/ihu191206>; *João Goulart e um projeto de nação interrompido*, com Oswaldo Munteal, de 27-8-2007, em <http://bit.ly/ihu270807>. Confira também as entrevistas com Lucília de Almeida Neves Delgado intitulada *O Jango da memória* e o *Jango da História*, publicada na edição 371 da **IHU On-Line**, de 29-8-2011, em <https://bit.ly/2sriihl> e *Dúvidas sobre a morte de Jango só aumentam*, de 5-8-2013, em <http://bit.ly/ihu050813>. Veja ainda *João Goulart foi, antes de tudo, um herói*, com Juremir Machado, de 26-8-2013, em <http://bit.ly/ihu260813>, e *Comício da Central do Brasil: a proposta era modificar as estruturas sociais e econômicas do país*, com João Vicente Goulart, de 13-3-2014, em <http://bit.ly/ihu130314>. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Golpe de 1964**: movimento deflagrado em 1º de abril de 1964. Os militares brasileiros, apoiados pela pressão internacional anticomunista liderada e financiada pelos Estados Unidos, desencadearam a Operação Brother Sam, que garantiu a execução do golpe, que destituiu do poder o presidente João Goulart, o Jango. Em seu lugar, os militares assumiram o poder e se mantiveram governando o país entre os anos de 1964 e 1985. Sobre a ditadura de 1964 e o regime militar, o IHU publicou o 4º número dos **Cadernos IHU em formação**, intitulado *Ditadura 1964. A memória do regime militar*, disponível em <https://goo.gl/a4e8VX>. Confira, também, as edições nº 96 da **IHU On-Line**, intitulada *O regime militar: a economia, a igreja, a imprensa e o imaginário*, de 12 de abril de 2004, disponível em <https://goo.gl/a2yUBr>; nº 95, de 5 de abril de 2005, *1964 – 2004: hora de passar o Brasil a limpo*, disponível em <https://goo.gl/cU7FEV>; nº 437, de 13 de março de 2014, *Um golpe civil-militar. Impactos, (des)caminhos, processos*, disponível em <https://goo.gl/gXbCaL>; e nº 439,

de 31 de março de 2014, *Brasil, a construção interrompida – Impactos e consequências do golpe de 1964*, disponível em <https://goo.gl/wENNV6>. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Karl Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século 20. A edição 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173FhO>. Também sobre o autor, a edição número 278 da revista **IHU On-Line**, de 20-10-2008, é intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <https://goo.gl/7aYkVZ>. A entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira, foi publicada na edição 327 da **IHU On-Line**, de 3-5-2010, disponível em <http://bit.ly/2p4vpGS>. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central de *O Capital*, obra de Marx, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/449>. A revista **IHU On-Line**, edição 525, intitulada

com Mounier<sup>8</sup>, com Dewey<sup>9</sup>, com Rousseau<sup>10</sup>, com o cristianismo, entre muitos outros. *A Pedagogia do oprimido* é um dos melhores lugares para identificar as fontes teóricas de Paulo Freire. E elas são abundantes, indo de Hegel<sup>11</sup> a Buber<sup>12</sup>, de Niebuhr<sup>13</sup> a Mao Tsé-Tung<sup>14</sup>, de Erich

Fromm<sup>15</sup> a Martin Luther King<sup>16</sup>. Esse pluralismo teórico, no entanto, nada tem a ver com diletantismo, como muitas vezes se supõe. Isso foi muito bem captado pelo prefaciador do livro na versão inglesa, Richard Shaull<sup>17</sup>, um teólogo presbiteriano, professor no Princeton Theological Seminary, com importante passagem pela Colômbia e pelo Brasil, e um dos precursores da Teologia da Libertação.

Segundo este teólogo, Paulo Freire usou os insights desses homens para desenvolver uma perspectiva educacional que é autenticamente sua e que procura responder aos desafios concretos da realidade latino-americana. Por mais que se tente, é muito difícil enquadrá-lo teoricamente. Uma das grandes lições que ele deixou foi exatamente a de lidar ao mesmo tempo com seriedade e leveza com nossas referências. Em um estudo em andamento no grupo de pesquisa identificamos um total de mais de 500 referências, incluindo gente simples do povo e de movimentos sociais, cuja influência não pode ser menosprezada em sua reflexão. Pelo contrário, esses saberes e essas práticas podem ser considerados o motor da teoria pedagógica freireana. E a partir dos desafios da prática ele vai ao marxismo, ao existencialismo, ao personalismo, ao pragmatismo da Escola Nova<sup>18</sup> e outros ismos – se as-

sim o quisermos – e não o caminho inverso, no sentido de enquadrar a realidade em um esquema teórico.

### IHU On-Line – Quais as maiores transformações de práticas pedagógicas desde a década de 1960 e quais seus avanços no campo na Educação? Qual a influência da “pedagogia do oprimido” nessas transformações?

**Danilo Streck** – Nas cinco décadas a *Pedagogia do oprimido* (refiro-me aqui ao livro) correu o mundo e está traduzido em algumas dezenas de idiomas. Paulo Freire figura entre os intelectuais brasileiros e latino-americanos mais reconhecidos e citados no exterior e *Pedagogia do oprimido* ocupa um lugar especial neste reconhecimento. No entanto, seria demais esperar que um livro ou uma proposta pedagógica tivesse o poder de transformar a educação como num passe de mágica. Freire tampouco tinha essa ilusão, reconhecendo que estando a educação imbricada na sociedade em que se realiza, ela sozinha não tem o poder de transformar essa realidade, mas ao mesmo tempo acentuava que sem a educação não haverá verdadeira mudança.

Além disso, a “pedagogia do oprimido” é apropriada de formas diferentes em cada contexto. Por exemplo, em alguns lugares Paulo Freire é uma referência em termos de metodologia de pesquisa. Isso vale tanto para várias vertentes da pesquisa ação na Europa quanto para a pesquisa participante e a sistematização de experiência na América Latina. Ou seja, fundamenta-se nele a ideia de produzir o conhecimento com o outro como um sujeito que é capaz e não objeto a ser “conhecido” por experts.

da Karl Marx, 200 anos - Entre o ambiente fabril e o mundo neural de redes e conexões, em celebração aos 200 anos do nascimento do pensador, está disponível em [ihonline.unisinos.br/educacao/525](http://ihonline.unisinos.br/educacao/525). (Nota da IHU On-Line)

8 **Emmanuel Mounier** (1905-1950): filósofo francês, fundador da revista *Esprit*. Suas obras influenciaram a ideologia da democracia cristã. A edição 155 de 12-9-2005 tem como tema de capa *Emmanuel Mounier: por uma revolução personalista e comunitária*, disponível em <http://migre.me/30s20>. (Nota da IHU On-Line)

9 **John Dewey** (1859-1952): filósofo e pedagogo norte-americano. É reconhecido como um dos fundadores da escola filosófica de pragmatismo (juntamente com Charles Sanders Peirce e William James), um pioneiro em psicologia funcional, e representante principal do movimento da educação progressiva norte-americana durante a primeira metade do século XX. (Nota da IHU On-Line)

10 **Jean Jacques Rousseau** (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriram um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. Sobre esse pensador, confira a edição 415 da *IHU On-Line*, de 22-4-2013, intitulada *Somos condenados a viver em sociedade? As contribuições de Rousseau à modernidade política*, disponível em <http://bit.ly/ihouon415>. (Nota da IHU On-Line)

11 **Georg Wilhelm Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira a edição 217 da *IHU On-Line*, de 30-4-2007, disponível em <https://goo.gl/m0FJnp>, intitulada *Fenomenologia do espírito, de (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 9-6-2008, *Carlos Roberto Velho Crime-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <https://goo.gl/D94swr>; *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <https://goo.gl/62UATd> e *Hegel. Lógica e Metafísica*, edição 482, disponível em <https://goo.gl/ldAkV>. (Nota da IHU On-Line)

12 **Martin Buber** (1878-1965): filósofo vienense de origem judaica, foi o primeiro professor de uma cátedra de Judaísmo na Universidade de Frankfurt. Com a ascensão do nazismo, abandonou a cátedra e mudou-se para Jerusalém, onde passou a lecionar como professor da Universidade Hebraica. A obra de Buber centra-se na afirmação das relações interpessoais e comunitárias da condição humana. (Nota da IHU On-Line)

13 **Karl Paul Reinhold Niebuhr** (1892-1971): foi um teólogo, especialista em ética, comentarista sobre política e assuntos públicos, e professor na Union Theological Seminary por mais de 30 anos. Niebuhr foi um dos principais intelectuais públicos dos Estados Unidos por várias décadas do século XX e recebeu a Medalha Presidencial da Liberdade em 1964. Teólogo público, escreveu e falou com frequência sobre a interseção entre religião, política e política pública. (Nota da IHU On-Line)

14 **Mao Tsé-Tung** (1893-1976): político, teórico, líder comunista e revolucionário chinês. Liderou a Revolução Chinesa e foi o arquiteto e fundador da República Popular da China, governando o país desde a sua criação, em 1949, até sua morte em 1976. Sua contribuição teórica para o marxismo-leninismo e suas estratégias militares e políticas comunistas são conhecidas coletivamente como maoísmo. Chegou ao poder comandando a Longa Marcha, formando uma frente unida com Kuomintang (KMT) durante a Guerra Sino-Japonesa para repelir uma invasão japonesa e, posteriormente, conduzindo o Partido Comunista Chinês até a vitória contra o generalíssimo Chiang Kai-shek do KMT na Guerra Civil Chinesa. (Nota da IHU On-Line)

15 **Erich Fromm** (1900-1980): foi um psicanalista alemão, filósofo e sociólogo. Erich Fromm teve sua ascendência em uma família judia extremamente religiosa, da qual se originaram diversos rabinos. Ele mesmo desejava originalmente seguir este caminho. Cresceu em Frankfurt, onde inicialmente estudou direito, mudando depois para o estudo da sociologia em Heidelberg, doutorando-se em 1922 junto a Albert Weber sobre lei judaica. (Nota da IHU On-Line)

16 **Martin Luther King Jr.** (1929-1968): pastor e ativista político estadunidense. Pertencente à Igreja Batista, tornou-se um dos mais importantes líderes do ativismo pelos direitos civis (para negros e mulheres, principalmente) nos Estados Unidos e no mundo, através de uma campanha de não-violência e de amor para com o próximo. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1964. King foi assassinado em 4 de abril de 1968, em Memphis, Tennessee. Ele recebeu postumamente a Medalha Presidencial da Liberdade, em 1977, e a Medalha de Ouro do Congresso, em 2004. O Dia de Martin Luther King Jr. foi estabelecido como um feriado federal dos Estados Unidos em 1986. Acesse a reportagem especial produzida pela *IHU On-Line* que lembra Martin Luther King Jr, disponível em <http://bit.ly/2DbTfyq>. (Nota da IHU On-Line)

17 **Richard Shaull** (1919-2002): teólogo presbiteriano norte-americano, levantou a questão sobre se a revolução teria um significado teológico. Escreveu *Surpreendido pela graça - Memórias de um teólogo*. Trad. Waldo César. Rio de Janeiro: Record, 2003. (Nota da IHU On-Line)

18 **Escola Nova**: também chamada de Escola Ativa ou Escola Progressiva, foi um movimento de renovação do ensino, que surgiu no fim do século XIX e ganhou força na primeira metade do século XX. Nascida na Europa, tendo como um dos fundadores o suíço Adolphe Ferrière, e América do Norte, chegou ao Brasil em 1882, pelas mãos de Rui Barbosa, e exerceu grande influência nas mudanças promovidas

Em termos pedagógicos, Paulo Freire é referência obrigatória na educação popular, que valoriza os saberes da prática e assume a não neutralidade da educação. É uma proposta pedagógica que se recria nos movimentos sociais, nas ONGs e também nas escolas sempre que se busca produzir conhecimento de forma dialógica para, como diria ele, tornar o mundo “menos feio”. Isso evidentemente não é visto como “avanços” por todos. Pelo contrário, em tempos de avaliações em larga escala que medem a todos com a mesma régua e de ranqueamentos de toda ordem vê-se um revigoramento de práticas bancárias, muitas vezes postadas em modernas plataformas digitais e comercializadas como qualquer outro produto.

### **IHU On-Line – De que forma a “pedagogia do oprimido” pode inspirar as práticas pedagógicas em nosso tempo, em que somos atravessados pelas lógicas pós-modernas?**

**Danilo Streck** – Paulo Freire foi um pensador da educação no melhor sentido da palavra – tanto no sentido horizontal em termos de abrangência quanto no sentido vertical em termos de profundidade. Tudo o que diz respeito à educação lhe interessava e a todos os temas tratava com respeito e responsabilidade profissional, desde o currículo à disciplina, da criança ao adulto. Nesse sentido, ele pode inspirar sobretudo a maneira de se pensar a educação. Ele foi alguém que soube se reinventar em contextos sociais, culturais e históricos diferentes.

Basta olhar alguns títulos de seus livros. No início da década de 1990 ele publica *Pedagogia da esperança* (1992) como contraponto às políticas neoliberais que se firmavam em todas as partes do mundo; alguns anos depois em *Pedagogia da autonomia* ele reafirma o papel do sujeito – no caso, o professor/educador e o aluno/educando – como criador de conhecimento e como agente histórico. Em *Pedagogia da esperança*, por exemplo, há um visível diálogo com as teorias pós-modernas, o que pode ser verificado já no uso frequente da metáfora da tra-

ma (não uma linearidade e monocausalidade). Em uma passagem ele diz explicitamente que tempos diferentes exigem modos de agir diferentes, que se deveria aprender a ser “pós-modernamente progressista”.

### **Inédito viável**

Gostaria de introduzir aqui um dos conceitos mais caros a ele – o de “inédito viável” – como expressão de práticas educativas emergentes que apontam novos horizontes. E essas práticas existem em muitos lugares. Ainda esses dias, tive a oportunidade de visitar a experiência dos *bachilleratos populares* na Argentina – uma escola autogestionada funcionando em prédio de uma fábrica recuperada e que se inspira em Paulo Freire na gestão e na prática educativa.

Aliás, o novo na pedagogia de Freire não é que ele tenha criado uma pedagogia para os pobres e oprimidos. Isso já temos, por exemplo, em Pestalozzi<sup>19</sup> ou em Makarenko<sup>20</sup>. O novo em Freire é que se trata de uma pedagogia *do oprimido*, ou seja, gestada na prática com ele. E esse oprimido tem muitos rostos: o desempregado, o negro, a mulher, o índio etc. Por isso, hoje talvez fosse apropriado falar em pedagogias da opressão, no plural.

### **IHU On-Line – Quais foram os maiores equívocos na interpretação e na aplicação da teoria de Paulo Freire? Como superá-los?**

**Danilo Streck** – Um dos maiores equívocos que se pode fazer em educação é tentar “aplicar” uma teoria. Teorias estão aí para compreender, orientar e mudar as práticas. Alguns dos equívocos estão, a meu ver, relacionados exatamente com essa maneira equivocada de compreender o papel da teoria. Por exemplo, uma

interpretação superficial de Paulo Freire levou alguns educadores identificados com sua teoria a confundir-la como um conjunto de técnicas: sentar em círculo, com o professor como um mero facilitador do diálogo. Deixou-se de compreender a “diretividade” que Freire via no ato educativo derivada da autoridade do docente. Aliava-se a isso a “rigoriedade metódica” que ele cultivava em seus escritos e em suas falas, tomando o objeto de conhecimento em suas mãos (quase literalmente), virando-o de um lado ao outro para ter uma compreensão – o mais acurada possível – de seu significado.

Outro equívoco comum é confundir a criticidade do ato educativo com a transmissão de conteúdos críticos, não raro da mesma forma bancária como se transmite qualquer outro conteúdo. Esquece-se que a essência do método – se assim o quisermos chamar – é exatamente a problematização do objeto que se coloca para a reflexão intersubjetiva.

### **IHU On-Line – Como conceber a “pedagogia do oprimido” para além do espaço escolar? Quais os maiores desafios para enfrentar a exclusão do Brasil de hoje?**

**Danilo Streck** – A pergunta que durante muito tempo se colocou foi exatamente o oposto: se a pedagogia do oprimido poderia ser usada também em escolas. Afinal, ela havia surgido no contexto da alfabetização de adultos e se perguntava 1) se ideias como diálogo, conscientização e libertação fariam sentido no trabalho com crianças e jovens e 2) se era viável pensar a educação nestes termos dentro da escola ou da universidade. Essa pergunta era de fato pertinente em tempos de ditadura.

Aos poucos, e não por último pela atuação de Paulo Freire como secretário de Educação do Município de São Paulo e como professor da Universidade de Campinas - Unicamp e depois da Pontifícia Universidade Católica - PUC de São Paulo, foi-se percebendo que a pedagogia do oprimido implica muito mais uma maneira

<sup>19</sup> **Johann Heinrich Pestalozzi** (1746-1827): foi um pedagogo suíço e educador pioneiro da reforma educacional. Pestalozzi foi um dos pioneiros da pedagogia moderna, influenciando profundamente todas as correntes educacionais. Fundou escolas, cativava a todos para a causa de uma educação capaz de atingir o povo, num tempo em que o ensino era privilégio exclusivo. (Nota da IHU On-Line)

<sup>20</sup> **Anton Semyonovich Makarenko** (1888-1939): foi um pedagogo e pedagogista ucraniano que se especializou no trabalho com menores abandonados, especialmente os que viviam nas ruas e estavam associados ao crime. (Nota da IHU On-Line)

de ser e de agir como educador do que um conjunto de regras ou passivos para uma educação de sucesso. É claro que uma postura dialógica com a criança vai exigir estratégias diferentes do que com adultos, a politicidade da educação terá expressões distintas em um movimento social do que em uma escola de educação básica.

Ao mesmo tempo, deve-se reconhecer que há espaços educativos com maior potencial de geração de mudanças. Não é por menos que a teoria pedagógica de Freire encontra um espaço privilegiado nos movimentos sociais populares, ou seja, entre aquelas pessoas e grupos que mais sofrem o impacto das desigualdades sociais e para quem a luta por direitos e por justiça social é um imperativo de sobrevivência e de conquista de dignidade.

**IHU On-Line – Vivemos no tempo da chamada revolução 4.0, em que somos atravessados pela tecnologia. Como, nesse contexto, trabalhar para que a tecnologia seja uma ferramenta que diminua e não aumente a exclusão?**

**Danilo Streck** – Tenho a impressão que às vezes se julga a pedagogia do oprimido como sendo avessa aos avanços tecnológicos e que o grande desafio – também educacional – é simplesmente entender esses avanços para aqueles estão à margem do sistema. Esquecemos que Paulo Freire desenvolve a sua prática inicial quando pensadores e cientistas debatiam o impacto da modernização tecnológica, com a introdução de máquinas no campo, de criação de indústrias, com a urbanização etc. O binômio modernização-desenvolvimento estava na pauta do dia. Os projetores “modernos” para a alfabetização – naquela época – tiveram que ser importados da Polônia.

Hoje, com a revolução 4.0, o desafio é muito maior porque significa, por um lado, propiciar o acesso de todos às tecnologias e capacitar para o seu uso. Assim como Freire debatia o uso – ou não – de carti-

lhas, hoje deve ser debatido o uso de outras tecnologias. No entanto, sem cair na trampa de acreditar que com a simples inovação tecnológica se diminui a desigualdade ou acaba com a exclusão. Sabemos muito bem como o capitalismo de plataforma precariza o trabalho, fazendo de cada trabalhador um empreendedor dentro de um mercado altamente competitivo. A adoção de novas tecnologias não altera a premissa fundamental da pedagogia freireana de que a educação é sempre um ato político, quer usando um quadro de giz ou um moderno smartphone, quer educando em um galpão de chão batido, uma moderna sala de aula ou em plataformas digitais.

“Ele foi alguém que soube se reinventar em contextos sociais, culturais e históricos diferentes”

**IHU On-Line – Recentemente, Paulo Freire tem sido atacado sob o argumento de que essa seria uma perspectiva de educação ideologizante. Dentro do espírito freireano da “pedagogia do oprimido”, como responder a essa acusação?**

**Danilo Streck** – Depois de uma palestra no lançamento do Prêmio Paulo Freire em São Leopoldo, na Câmara de Vereadores, um destes “atacadores” não apenas usou o argumento de que a pedagogia freireana é ideologizante, mas que representava um instrumento para “estuprar a mente” das crianças e dos jovens. Na plateia houve educadores e educadoras muito lúci-

dos que deram a entender que este cidadão não havia entendido nada de Paulo Freire e tampouco entendia de educação.

Talvez, em alguns lugares, Paulo Freire de fato seja transformado em “santo” e suas ideias em “doutrina”. Isso faz parte de leituras equivocadas pelas quais os autores não têm responsabilidade. E é claro que ser homenageado como o Patrono da Educação Brasileira o torna mais visível e também expõe as vulnerabilidades que ele, como qualquer outra pessoa, tem. No entanto, isso vale para a recepção de outros intelectuais como Rousseau, Marx, Freud<sup>21</sup>, Foucault<sup>22</sup> ou quem quer que seja. Uma coisa é ter alguém ou um conjunto de pessoas como referência, como mestres com os quais se aprende e reconhecendo também os seus limites; outra coisa é adotá-los como portadores de verdades derradeiras.

Acredito que na América Latina nós, educadores e educadoras, temos boas razões para nos apoiar em pensadores como Mariátegui<sup>23</sup>,

21 **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista nascido em Freiberg, Tchecoslováquia. É o fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Desenvolveu a ideia de que as pessoas são movidas pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século 19 e continuam ainda muito debatidos. A edição 179 da **IHU On-Line**, de 8-5-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/iuon179>. A edição 207, de 4-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <https://goo.gl/wL1FIU>. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/iuon16>. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/iuon119>; edição 203, de 6-11-2006, disponível em <https://goo.gl/C2rx2k>; edição 364, de 6-6-2011, intitulada *‘História da loucura’ e o discurso racional em debate*, disponível em <https://goo.gl/wjqFL3>; edição 343, *O (des)governo biopolítico da vida humana*, de 13-9-2010, disponível em <https://goo.gl/M95yPv>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <https://goo.gl/RX62qN>. Confira ainda a edição nº 13 dos **Cadernos IHU em formação**, disponível em <http://bit.ly/iuon13>, *Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética*. (Nota da **IHU On-Line**)

23 **José Carlos Mariátegui** (1894-1930): jornalista, filósofo político e ativista peruano. Foi um escritor prolífico até a sua morte prematura, aos 35 anos. É considerado um dos socialistas latino-americanos mais influentes do século XX. Algumas de suas obras foram traduzidas

Martí<sup>24</sup> e Freire e pensadoras como Sor Juana Inés de la Cruz<sup>25</sup>, Nísia Floresta<sup>26</sup> e Gabriela Mistral<sup>27</sup> para, em diálogo com pensadores de outras partes do mundo, avançar no processo de construção de um pensamento pedagógico que dê conta de responder aos desafios de nossa realidade.

### **IHU On-Line – Como avalia as propostas em discussão no Congresso Nacional acerca da chamada “escola sem partido”? De que forma a pedagogia da liberdade se perfila como alternativa diametralmente oposta?**

**Danilo Streck** – Não acredito que seja uma alternativa diametralmente oposta porque a primeira é simplesmente impossível dentro da história, que sempre se move entre contradições, interesses, tensões e

conflitos. Precisamos partir do pressuposto de que em uma escola republicana de fato não cabem proselitismos, nem de igrejas nem de partidos políticos. É por isso legítimo que as igrejas tenham os seus espaços para a formação de seus fiéis e que os partidos políticos criem lugares para a formação de seus quadros. A escola e a universidade deveriam ser o lugar onde pessoas com posicionamentos diferentes se encontram e analisam as suas ideias, confrontam seus preconceitos e exploram alternativas.

Este naturalmente não é um exercício fácil nem para professores nem para alunos. A solução para eventuais problemas não está em fazer de conta que na porta da escola cada um se despe de suas ideias e entra na sala apenas para fazer contas, estudar fatos históricos, e aprender a ler e escrever. Sempre tem um “o quê” e tem um “porque” (se lê, se estuda isso ou aquilo etc.). E isso passa por escolhas. Cabe ao professor explicitar as suas escolhas e a sua perspectiva, mostrando alternativas em uma atitude problematizadora, inclusive de suas posições e de suas ideias. Deve-se ter cuidado, como alertava Freire ao falar do “pensar certo” que se temos demais certeza de nossas certezas podemos estar nos distanciando da busca da verdade. O remédio para eventuais distorções da democracia (que inclui a livre expressão do pensamento) não é menos liberdade de expressão, mas o desenvolvimento de um clima respeitoso das diferenças. Ao separar a educação (que seria responsabili-

dade da família) e ensino (que seria responsabilidade da escola) cria-se um instrumento de censura que nenhuma democracia pode aceitar.

### **IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?**

**Danilo Streck** – É importante destacar o peso simbólico do ano de 2018. Há alguns meses, lembramos a rebelião dos jovens em maio de 1968<sup>28</sup>, que por sinal é lembrada em extensa nota de rodapé de *Pedagogia do oprimido*. São os 100 anos da Reforma de Córdoba<sup>29</sup> quando os universitários daquela universidade argentina se rebelaram com os métodos autoritários de ensino, o academicismo vazio e a distância da universidade dos problemas da sociedade. E os 200 anos do nascimento de Karl Marx<sup>30</sup> que nos ajudou a ler e transformar o mundo na ótica dos oprimidos. Resumindo, enquanto houver dominação e exclusão vão continuar surgindo pedagogias dos oprimidos.■

para o português, entre elas *Do sonho às coisas: retratos subversivos* (São Paulo: Boitempo, 2005) e *Por um socialismo indo-americano* (Rio de Janeiro: UFRJ, 2005). (Nota da **IHU On-Line**)

24 José Julián Martí (1853-1895): mártir da independência cubana em relação à Espanha. Além de poeta e pensador fecundo, desde sua mocidade demonstrou inquietude cívica e simpatia pelas ideias revolucionárias que gestavam entre os cubanos. Em 19 de maio de 1895, no comando de um pequeno contingente de patriotas, após um encontro inesperado com tropas espanholas nas proximidades do vilarejo de *Dos Rios*, José Martí foi atingido, morrendo em função dos ferimentos. Seu corpo, mutilado pelos soldados espanhóis, foi exibido à população e posteriormente sepultado na cidade de Santiago de Cuba. (Nota da **IHU On-Line**)

25 **Sóror Juana Inés de la Cruz** ou, simplesmente, Sóror Juana (1651-1695): foi uma religiosa católica, poetisa e dramaturga nova-espanhola mexicano-espanhola. Foi a última dos grandes escritores do Século de Ouro. (Nota da **IHU On-Line**)

26 **Nísia Floresta Brasileira Augusta** (1810-1885): pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, educadora, escritora e poetisa brasileira. (Nota da **IHU On-Line**)

27 **Gabriela Mistral** (1889-1957): pseudônimo escolhido de Lucila de María del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga, poetisa, educadora, diplomata e feminista chilena. (Nota da **IHU On-Line**)

28 **Maio de 1968**: sobre o tema confira a edição 250 da revista **IHU On-Line**, intitulada *Maio de 1968: 40 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/kDXPfl> e a revista **IHU On-Line**, intitulada *1968, um ano múltiplo – Meio século de um tempo que desafiou diversas formas de poder*, disponível em <http://bit.ly/2QINlkv>. (Nota da **IHU On-Line**)

29 **Reforma Universitária de Córdoba**, também conhecida como Reforma Universitária de 1918: foi um movimento de projeção latino-americana para democratizar a universidade e conferir-lhe um caráter científico, que começou com uma rebelião estudantil na Universidade Nacional de Córdoba da Argentina que se estendeu entre março e outubro de 1918, durante a qual houve violentos confrontos entre reformadores e católicos. Sua data simbólica é 15 de junho de 1918. (Nota da **IHU On-Line**)

30 Leia a revista **IHU On-Line**, número 525, intitulada *Karl Marx, 200 anos - Entre o ambiente fabril e o mundo neural de redes e conexões*, disponível em <http://online.unisinos.br/edicao/525>. (Nota da **IHU On-Line**)

## Leia mais

- **Paulo Freire. Pedagogo da esperança.** Revista IHU On-Line número 223, de 11-6-2007, disponível em <http://bit.ly/2NSHUkn>.

- **Dicionário Paulo Freire: mais que instrumento para facilitar a busca de informações.** Entrevista com Danilo Streck, publicada na revista IHU On-Line, número 282, de 17-11-2008, disponível em <http://bit.ly/2MKLiZY>.

- **Reinventando Paulo Freire. Entrevista com Danilo Streck,** publicada na revista IHU On-Line, número 281, de 10-11-2008, disponível em <http://bit.ly/2pjxUD8>.

# “Freirear” em sala de aula, uma alternativa contra a violência curricular

Valter Giovedi analisa a recepção da Pedagogia do oprimido e retoma Paulo Freire para refletir acerca dos desafios da escola de hoje

João Vitor Santos

**P**atrono da Educação no Brasil, Paulo Freire não é um desconhecido no ambiente escolar. Entretanto, para o professor Valter Martins Giovedi, a sua experiência de educação libertadora ainda hoje é apreendida periféricamente. “A aprendizagem de Freire não é uma experiência meramente intelectual de assimilação de um conjunto de códigos que ampliam o vocabulário do sujeito”, analisa. E acrescenta: “tão importante quanto a apropriação de conteúdos, é o testemunho vivencial da pedagogia freireana”. É essa vivência que está na gênese da *Pedagogia do oprimido* e que, na perspectiva de Giovedi, mantém esse pensamento atual. “‘Freirear’ em sala de aula é tão ou mais importante que falar de conceitos de Freire. Freirear é existir em sala de aula a *Pedagogia do oprimido*”, pontua.

Na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Giovedi também aborda a “violência curricular”, aquela que não respeita a particularidade da escola, do aluno e impõe uma padronização que acaba amarrando o indivíduo. “No fundo, a base da violência curricular é a velha mentalidade opressora de quem acha que sabe o que é melhor para os outros”, resume. Por isso, vê em Freire e na sua didática libertadora uma forma de resistência. “A perspectiva freireana acumulou experiências sufi-

cientes e bem-sucedidas. Os princípios e as ações que definem essa experiência é o que denominei como currículo crítico-libertador. É nele que eu acredito e aposto como caminho para resistir e superar a violência curricular”, destaca.

Caminho esse que também se abre como frente para libertar pessoas além da escola. “A formação de sujeitos coletivos que se organizam para lutar contra as situações de opressão que recaem sobre as comunidades, a cidade, o estado, o país e sobre o planeta é o grande objetivo da *Pedagogia do oprimido* de Paulo Freire”, finaliza.

**Valter Martins Giovedi** é professor do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, lecionando principalmente no curso de Licenciatura em Educação do Campo. Também atua no mestrado profissional em Educação da UFES e foi professor da rede pública estadual de São Paulo. Possui doutorado pelo Programa de Educação: Currículo da PUC - SP e mestrado, realizado na mesma instituição. Sua dissertação abordou a inspiração fenomenológica da concepção de ensino-aprendizagem de Paulo Freire. Graduado e licenciado em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu, ainda é membro da Rede Freireana de Pesquisadores.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – 50 anos depois, como é a recepção da *Pedagogia do oprimido* na formação docente e no ambiente escolar?**

**Valter Martins Giovedi** – A recepção é bastante genérica. Ou seja, são raros os espaços institucionais educacionais em que Paulo Freire

não seja mencionado. Inclusive, é muito comum vermos estampado em murais de escolas alguma frase de Paulo Freire.

## “Freire ainda é desconhecido em termos mais rigorosos pelos nossos educadores e educadoras”

No entanto, digo que é uma recepção genérica, pois entre a presença de citações e menções abstratas (às vezes até descontextualizadas e com conotação de autoajuda) e a influência real do pensamento de Paulo Freire na política educacional, na organização administrativa, na formação de educadores e educadoras, na organização curricular e nas práticas didático-pedagógicas... das nossas escolas e dos espaços de formação de professores e professoras, há uma distância imensa. Em outras palavras, a apropriação que prevalece é superficial, reduzida a chavões, frases soltas, referências a “contagotas”. Nesse sentido, Freire ainda é desconhecido em termos mais rigorosos pelos nossos educadores e educadoras. As implicações mais radicais da sua proposta educacional e a realização dela no contexto concreto das escolas e das salas de aula ainda são muito tímidas. Mesmo assim, o fato de Freire ser reconhecido pelos profissionais da educação é algo que precisamos valorizar. Penso que, entre os educadores e educadoras do nosso país, prevalece o entendimento de que Freire traz uma contribuição valiosa ao trabalho pedagógico.

O passo seguinte, que seria efetivar práticas freireanas nas várias dimensões do trabalho pedagógico: seleção de conteúdos, organização metodológica, reordenação do espaço físico, reconstrução do papel da avaliação, tratamento das questões interpessoais etc., ainda não foi dado pela nossa educação. Por isso, é muito injusto atribuir a Paulo Freire, à sua *Pedagogia do oprimido*, qualquer responsabilidade pelos processos

e resultados que a nossa educação tem alcançado. A pedagogia de Paulo Freire, quando compreendida na sua profundidade, nos mostra que os processos que têm sido predominantes nas escolas, as políticas educacionais hegemônicas, bem como os critérios que se utilizam para avaliar a qualidade da educação não têm nada a ver com as propostas dele.

### Formação freireana de professores

É importante dizer que formar professores na perspectiva de Freire não ocorre, senão por uma “experiência de corpo inteiro”. Ou seja, os(as) nossos(as) futuros(as) educadores e educadoras vão praticar Freire na medida em que os seus professores formadores “corporeificarem” a pedagogia freireana nas suas aulas: com diálogo, relações horizontais, respeito e consideração dos saberes dos educandos, seleção de conhecimentos demandados pela realidade dos estudantes. A aprendizagem de Freire não é uma experiência meramente intelectual de assimilação de um conjunto de códigos que ampliam o vocabulário do sujeito. Isso também é importante, porém, tão importante quanto a apropriação de conteúdos, é o testemunho vivencial da pedagogia freireana. “Freirear” em sala de aula é tão ou mais importante que falar de conceitos de Freire. Freirear é existir em sala de aula a *Pedagogia do Oprimido*.

**IHU On-Line – Como a tecnologia tem impactado as relações no ambiente escolar e reconfigurado os processos**

### de ensino e aprendizagem? E como compreender esses novos ambientes a partir de uma inspiração freireana?

**Valter Martins Giovedi** – Não há dúvidas de que a maioria das crianças, jovens e adultos de hoje crescem em contextos em que as tecnologias da comunicação e da informação compõem significativamente a trama de suas existências. Suas percepções de mundo estão altamente moldadas pela alta velocidade, pelas imagens e pelas lógicas sensoriais e intelectuais próprias das tecnologias. Isso obviamente tem um impacto. O aprendizado escolar exige paciência, saber esperar, concentração em um mesmo foco, saber ouvir, saber pedir a palavra, renunciar ao “eu” em nome do “nós”, escrever, refazer tarefas, ler textos mais longos do que os que geralmente se lê etc. Ou seja, há um conflito inevitável entre a cultura das tecnologias e vários aspectos indispensáveis da cultura escolar. A questão é como fazer para que a experiência cultural escolar possa ser significativa sem que tenha que necessariamente sempre se ajustar à lógica, ritmos, recursos e características das novas tecnologias. A escola não pode ser subserviente às tecnologias, tanto quanto não pode simplesmente ignorá-las.

Esse conflito poderá ser bem equacionado na medida em que a vida concreta dos estudantes for objeto de estudo da escola. Essa vida, ao ser tematizada, exige conhecimentos disponíveis em múltiplas plataformas de informação. É aí que eu vejo a incorporação das tecnologias sem deixar de trabalhar com livros, textos, caderno, cartazes, vídeos etc.

Acho que é aí que Freire contribui de modo fantástico.

Gosto muito de uma explicação bem-humorada feita por Mário Sérgio Cortella<sup>1</sup> a respeito da questão das tecnologias na educação. Ele diz mais ou menos o seguinte: se você der um fogão de última geração para alguém que não sabe cozinhar, não vai adiantar nada. O fogão não fará a comida pelo cozinheiro. Ele não tem o poder, por si mesmo, de garantir o bom resultado: a comida saborosa. O bom cozinheiro, às vezes, não tem esse fogão todo sofisticado. Às vezes só tem um forno à lenha: algo considerado ultrapassado nos dias atuais. Porém, se ele sabe cozinhar, daí sairá coisa boa. Cortella prossegue dizendo que, com a educação, ocorre algo parecido. Você pode equipar as escolas do país com todos os aparelhos tecnológicos de última geração. Você pode investir pesadamente em tudo. Não só pode como deve. No entanto, mesmo assim, isso não será suficiente caso o essencial não seja tratado. Quando falamos de educação, as tecnologias são importantíssimas, mas não são “o essencial”. A educação de boa qualidade não se define pela quantidade de tecnologias que estão à disposição dos sujeitos. Elas só abrem uma possibilidade a mais de construção de conhecimento.

O essencial da educação de qualidade, em termos freireanos, é o diálogo. Professores cheios de recursos tecnológicos e que não sabem dialogar, muito pouco contribuirão para que as tecnologias sejam utilizadas de modo significativo. Serão apenas recursos motivacionais para tentar diminuir a indiferença dos estudantes ou até mesmo para tomar o tempo deles. Essa tem sido a apropriação predominante das tecnologias. Elas têm sido meios diferentes, mais sofisticados, para que coisas

sem sentido sejam ensinadas aos estudantes. Não tem sido um recurso para radicalizar o diálogo.

### **IHU On-Line – Quais os desafios para se conceber uma didática libertadora em nosso tempo?**

**Valter Martins Giovedi** – São vários os desafios. Vou destacar dois: um desafio de natureza curricular e outro de natureza cultural.

Tornou-se uma “epidemia” a disseminação de pacotes e bases curriculares, sejam eles municipais, estaduais ou nacionais. Toda padronização curricular proveniente de órgãos superiores do sistema educacional (ministérios ou secretarias) é sempre um obstáculo para a concepção e desenvolvimento de uma didática libertadora. E é um obstáculo por um motivo muito simples: a Didática Libertadora exige que a(s) realidade(s) local(is) que as escolas atendem sejam o ponto de partida das escolhas curriculares. A seleção de conhecimentos precisa ocorrer no nível da própria escola, no exercício de sua autonomia, como produto da participação direta do corpo docente, dos estudantes e da comunidade nos processos decisórios. Essa é uma condição indispensável para a efetivação de uma Didática Libertadora.

### **Desafio cultural**

Quando falo dessa questão, refiro-me à cultura pedagógica hegemônica dos docentes. Em regra, quando os docentes foram estudantes nas escolas e nas universidades, não viveram, enquanto alunos, a experiência de Didática Libertadora. Ou seja, poucos puderam testemunhar, sentir na pele, vivenciar essa Didática. O significado de ser professor que se constitui a partir da Didática hegemônica é ser alguém que leva o conteúdo oficial para dentro da sala de aula e que o transmite para os estudantes, sendo que o professor, no máximo, faz algumas escolhas metodológicas e de recursos didáticos. A participação dos estudantes, quando ocorre, é mais protocolar: é uma

participação que se dá dentro de um roteiro preestabelecido pelo sistema. Essa falta de vivência de Didática Libertadora na condição de aluno é um obstáculo cultural, pois como foram muitos anos experimentando outra Didática, o professor só poderá recorrer à sua imaginação para vislumbrá-la. A tendência primeira é dizer: isso é impossível.

Minha experiência de mais ou menos 10 anos na Educação Básica pública me mostrou que é sim possível fazer a Didática Libertadora na sala de aula e que os limites político-institucionais não são suficientes para impedir essa iniciativa. É claro que essa possibilidade só se realiza quando o professor assume isso como um desejo, adere a essa concepção e busca descobrir os princípios e modos de fazê-la. Quando nos arriscamos a praticá-la com os nossos alunos na sala de aula, muito rápido percebemos a diferença. Muito rápido os estudantes reconhecem que a vida deles começou a ser objeto de estudo na sala de aula e motivam-se a interagir.

Nesse sentido, quem primeiro legitima a Didática Libertadora são os estudantes. Só depois dessa legitimação junto a eles que nós vamos conquistando legitimidade junto à escola. Quando começamos a mostrar para os gestores da escola os resultados de aprendizagem que estamos alcançando nas suas várias dimensões (cognitiva, afetiva, ética, política, estética etc.), a própria gestão tende a reconhecer que aquela Didática, que se contrapõe às fórmulas impostas pelo sistema, é muito mais bem-sucedida do que a Didática hegemônica que tem sido praticada pela maioria dos educadores e educadoras.

### **IHU On-Line – De que forma essa didática libertadora pode se configurar como um caminho para redução das desigualdades no país?**

**Valter Martins Giovedi** – A Didática Libertadora é o encontro dialógico dos educandos e dos educadores, mediatizados pela realidade da comunidade dos educandos, tendo

<sup>1</sup> **Mário Sérgio Cortella** (1954): é um filósofo, escritor, educador, palestrante e professor universitário brasileiro, mais conhecido por divulgar, com outros intelectuais como Clóvis de Barros Filho, Leandro Karnal, Renato Janine Ribeiro e Luiz Felipe Pondé, questões sociais ligadas à filosofia na sociedade contemporânea. É autor de vários livros, entre os quais está *Por que Fazemos o que Fazemos?*, onde ele analisa a vida profissional na contemporaneidade. Foi Secretário Municipal de Educação de São Paulo (1991/1992) no governo de Luiza Erundina. (Nota da **IHU On-Line**)

em vista a sua transformação. Ou seja, o ponto de partida e de chegada da Didática Libertadora é a realidade existencial concreta dos educandos com quem trabalhamos.

Ao desvelarmos dialogicamente com eles essa realidade, suas determinações, as causas dos problemas que ela possui e vislumbrarmos caminhos para a superação de tais problemas, estaremos contribuindo de modo significativo com a formação de sujeitos coletivos engajados. A formação de sujeitos coletivos que se organizam para lutar contra as situações de opressão que recaem sobre as comunidades, a cidade, o estado, o país e sobre o planeta é o grande objetivo da *Pedagogia do oprimido* de Paulo Freire. Aí está a relação possível entre a redução das desigualdades sociais que é um problema macrossocial e a Didática Libertadora que se dá no nível local da sala de aula.

Ou seja, não é a adaptação dos sujeitos aos processos vigentes de seletividade social que poderá contribuir com a redução das desigualdades sociais. Essa mera adaptação não contribui com a redução das desigualdades. As desigualdades não são enfrentadas pelo “cada um por si” e pelo “salve-se quem puder”. As desigualdades são realmente enfrentadas quando as comunidades se organizam e lutam para que (dentre outras coisas) o fundo público seja destinado à resolução dos problemas comunitários, municipais, estaduais etc., sejam eles de saúde, transporte, moradia, segurança, alimentação etc.

Em suma, lutar contra as desigualdades por meio da educação não significa adaptar estudantes para uma competição desigual cujos critérios de seletividade beneficiam os que já nasceram privilegiados. Pelo contrário, significa contribuir para que os estudantes se vejam como sujeitos coletivos e, portanto, sujeitos históricos que podem transformar a realidade quando se juntam, contestam a ordem e propõem alternativas a ela.

## **IHU On-Line – No que consiste a chamada “violência curricular” das escolas? E, em alguma medida, essa reforma da educação básica em curso imprime algum tipo de violência?**

**Valter Martins Giovedi** – A violência curricular é a negação da vida humana e do seu desenvolvimento em alguma de suas dimensões a partir dos processos que se dão na educação formal (seja ela escolar ou não escolar). Na minha tese de doutorado intitulada *O currículo crítico-libertador como forma de resistência e de superação da violência curricular*<sup>2</sup>, que foi defendida em 2012 na PUC-SP, sob a orientação da professora Ana Maria Saul<sup>3</sup>, busquei desvelar diversas formas pela qual a violência curricular se manifesta no dia a dia das escolas e também a partir das decisões que são tomadas fora da escola e sobre ela recaem.

É violência, pois na escola há uma negação da dignidade humana nas suas necessidades intelectuais, culturais, afetivas, físico-biológicas, estéticas, políticas, lúdicas etc. É curricular, pois essa violência se realiza a partir do próprio funcionamento regular do currículo vigente. Ou seja, a violência não é uma disfunção temporária e pontual do funcionamento da escola. Trata-se de uma característica inerente à concepção curricular hegemônica vigente.

Nesse sentido, a violência curricular pode ser observada em acontecimentos pontuais protagonizados pelos diversos sujeitos (estudantes, professores, gestores, supervisores, dirigentes, corpo técnico-administrativo etc.) e em lógicas que estruturam o trabalho da escola: horários, disciplinas, tempos, espaços, avaliações, conteúdos, gestão, métodos pedagógicos, reuniões, falta de recursos, falta de funcionários etc.

<sup>2</sup> A íntegra da tese está disponível em <http://bit.ly/2OxaxAO>. Também é possível acessar um artigo sobre o trabalho em <http://bit.ly/2MKFMH2>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Ana Maria Saul**: é graduada em Pedagogia, com Mestrado e Doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professora titular da PUC/SP desde 1970 e atualmente atua nos Programas de Pós-Graduação em Educação: Currículo e Educação: Formação de Formadores. Coordena a Cátedra Paulo Freire dessa instituição, onde desenvolve ensino e pesquisa. (Nota da **IHU On-Line**)

## **Uma violência sempre presente**

A história da violência curricular é tão longa quanto a história da escola moderna que já nasce com uma intenção homogeneizadora. Cada vez que esse impulso homogeneizador se intensifica, tanto mais a violência curricular se exacerba. Por isso, sempre que a reforma da educação básica se justificar pelo critério da qualidade auferida pelas provas de larga escala, sejam elas internacionais, nacionais, estaduais ou municipais, a tendência homogeneizadora estará regendo o processo. Isso provocará cada vez mais violência curricular, já que os sujeitos estarão cada vez mais alienados dos processos dos quais são os principais afetados.

Enfim, o enfrentamento da violência curricular não se dá por ações pontuais que atuam em focos específicos da organização escolar de modo isolado. Esse enfrentamento exige múltiplas ações que precisam recair sobre a gestão, a política educacional, a organização dos espaços, tempos, financiamento, formação permanente em serviço, avaliação, conteúdos, métodos didático-pedagógicos etc.

A perspectiva freireana acumulou experiências suficientes e bem-sucedidas. Os princípios e as ações que definem essa experiência é o que denominei como currículo crítico-libertador. É nele que eu acredito e aposto como caminho para resistir e superar a violência curricular.

## **IHU On-Line – De que forma a Pedagogia do oprimido pode se configurar como alternativa a essa violência curricular?**

**Valter Martins Giovedi** – A *Pedagogia do oprimido* propõe que a educação deve se colocar a serviço das causas coletivas dos sujeitos que têm as suas vidas negadas em alguma dimensão. Para tanto, ela considera que a gestão, o currículo escolar e as práticas pedagógicas devem abrir-se para os corpos e para as vozes dos moradores das comunidades atendidas pela escola e dos estudantes.

Isso não é possível se os profissionais da escola não reconhecerem esses sujeitos como iguais em dignidade e necessidades. Se prevalecer o histórico preconceito pedagógico que entende o estudante e a comunidade como inferiores intelectual e politicamente, e que marca a nossa cultura institucional escolar há séculos, não existe possibilidade de *Pedagogia do oprimido*.

O educador libertador (seja ele professor ou gestor) é alguém que superou a crença em uma suposta desigualdade essencial entre educador e educandos, entre profissionais e comunidade. No fundo, a base da violência curricular é a velha mentalidade opressora de quem acha que sabe o que é melhor para os outros. Ela começa a ser superada quando o diálogo passa a ser o princípio forjador das relações humanas. Porém, precisa ser um diálogo que parte dos anseios, necessidades, problemas, situações significativas da comunidade e dos estudantes.

Sei que há muitas concepções educacionais que tentam responder aos problemas das escolas. Conheço muitas. No entanto, penso que a *Pedagogia do oprimido* é a que traz a melhor compreensão e proposta para que o diálogo se estabeleça como regra de convivência humana e a violência curricular seja paulatinamente superada.

### **IHU On-Line – O que é possível encontrar de perspectivas freireanas nas escolas, públicas ou privadas, do Brasil de hoje?**

**Valter Martins Giovedi** – Essa questão começou a ser tratada no primeiro momento dessa entrevista. Por isso, agora vale a pena fazer alguns comentários complementares.

Tenho muita dificuldade de imaginar a perspectiva freireana em escolas particulares e em universidades privadas mercantis por um motivo muito simples: o objetivo maior dessas instituições é o lucro. Isso coloca muitos limites para a gestão democrático-participativa e também para a construção de currículos que partem dos sujeitos concretos. Mantenedores de escolas

particulares que, em última instância, decidem as coisas do seu negócio, não vão correr os riscos da resistência às provas de larga escala e às imposições curriculares daí provenientes. Nesse contexto, o máximo que dá para fazer é algum “trabalhinho” pontual e isolado de algum professor com seus alunos. Mesmo assim, precisa ser muito bem avaliado para podermos dizer que se trata de um trabalho freireano. Reconheço a importância dessas iniciativas, porém não acredito que poderão chegar muito longe. Não existe democracia possível nas relações em que um sujeito, dono do capital, tem o poder de tomar as decisões a partir da racionalidade meramente econômica do que é bom para os seus negócios. O quanto antes aqueles que desejam a educação libertadora assumirem o espaço público como locus de ação, tanto mais poderão viver de acordo com o seu projeto.

Como disse anteriormente, nas escolas Freire têm sido uma presença constante nos discursos, mas muito tímida nas práticas. Ultrapassar o campo das boas narrativas e intenções, desaguando em práticas permeadas pela realidade concreta como ponto de partida, pelo conteúdo significativo, pelo diálogo como princípio metodológico, pela gestão democrático-participativa paritária, pela avaliação como reflexão sobre o trabalho coletivo, pela autonomia como princípio regulador das relações interpessoais etc. ainda é um desafio para a esmagadora maioria das escolas públicas. As iniciativas nesse sentido encontram território favorável em municípios e estados com governos populares que assumem deliberadamente a perspectiva freireana como referencial de organização da política educacional.

### **Educação do Campo**

É preciso ressaltar o quanto a Educação do Campo, forjada no interior dos movimentos sociais camponeses, em especial no Movimento dos Sem Terra - MST, e que nos últimos anos vem conquistando cada vez mais espaço na agenda educacio-

nal, tem sido influenciada por Paulo Freire. Escolas de assentamentos rurais, de acampamentos, escolas itinerantes e também escolas agrícolas que se baseiam na chamada Pedagogia da Alternância são casos que precisam ser destacados como experiências consagradas e também promissoras de reinvenção do legado de Paulo Freire. Meus olhos se enchem de alegria quando eu tomo contato com essas experiências.

De qualquer forma, não é possível decretar que todos devem a partir de amanhã referenciar-se na *Pedagogia do oprimido*. Isso seria um contrassenso. Nós freireanos devemos apostar no diálogo e no convencimento, abrindo-nos inclusive para os argumentos que se opõem à nossa concepção. Precisamos ouvi-los e ponderar. Só podemos falar com os nossos interlocutores quando testemunhamos a eles a nossa abertura para escutá-los.

### **IHU On-Line – Em 2016, o movimento secundarista realizou uma série de mobilizações e ocupações em colégios<sup>4</sup>. A principal bandeira era melhorar as condições das escolas. Como compreender fenômeno com esses a partir do pensamento de Paulo Freire? E hoje, dois anos depois dessas grandes mobilizações, como o senhor observa os movimentos por melhorias no sistema educacional?**

**Valter Martins Giovedi** – Chamei aquele momento de “Primavera Estudantil”. Acompanhei de perto no Espírito Santo, já que os estudantes do Centro de Educação da UFES (onde leciono) aderiram às ocupações. Lembro-me de que no nosso estado todo, mais ou menos, 50 escolas foram ocupadas. Foi um momento muito bacana. Até hoje

<sup>4</sup> **IHU On-Line** publicou uma série de textos sobre as ocupações das escolas. Entre eles, *A ocupação de escolas é o filho mais legítimo de Junho de 2013. Entrevista especial com Pablo Ortellado*, disponível em <http://bit.ly/2svLxB6>; *A ocupação das escolas e a falta de habilidade do Judiciário*, disponível em <http://bit.ly/2NsXYdy>; e *Inspirado no Chile, manual orientou ocupação de escolas por alunos em SP*, disponível em <http://bit.ly/2Dlhi7U>. Leia mais em [ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias). (Nota da **IHU On-Line**)

guardo na minha memória o discurso feito pela estudante secundarista Ana Júlia na Assembleia Legislativa do Paraná<sup>5</sup>. Fantástico, inspirador.

Foi um daqueles momentos em que os nossos jovens nos lembraram de que não existe saída para os nossos problemas fora da organização coletiva e da mobilização. Eles se arriscaram por uma causa que estava acima dos meros interesses individualistas imediatos. Era uma causa da vida pública. Uma causa que dizia respeito a toda a nação. É como se dissessem: “você todos os dias nos induzem à competição para ver quem vai melhor no Exame Nacional do Ensino Médio - Enem, ou para ver quem vai se dar bem no mercado de trabalho, e nós demonstramos união por algo muito maior: a dignidade coletiva”.

Em alguns momentos de sua obra, Freire nos explica que, por mais que a educação bancária tente matar a criatividade, a esperança, o ímpeto transformador, o desejo de liberdade etc., ela nunca conseguirá breçar a história. Freire não cansou de afirmar que a nossa condição humana é de possibilidades e não de determinismos. Por mais que tente, a educação opressora nunca conseguirá respostas totalmente programadas dos seres humanos. Estamos condenados a criar a partir dos condicionamentos dentro dos quais nos situamos. Freire nos dizia que aí está a raiz da esperança. A esperança não é uma teimosia. É uma constatação: seres humanos são seres da esperança.

É nesse contexto que eu interpreto freireanamente a “Primavera Estudantil”. Experiências inéditas foram vividas por aqueles estudantes. Sei disso, pois visitei umas 10 escolas no período de ocupações no estado do Espírito Santo.

### **Legado do movimento e necessidade de melhoras no sistema**

<sup>5</sup> O sítio do IHU, na seção Notícias do Dia, publicou diversos textos sobre o tema. Entre eles *Ana Júlia e a palavra encarnada*, disponível em <http://bit.ly/2NrbnCy>; e *Ana Júlia e o emotivo discurso que explica os protestos nas escolas ocupadas*, disponível em <http://bit.ly/2Nqge6Y>. Leia mais em [ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias). (Nota da **IHU On-Line**)

Não sei medir o legado deste movimento. Já devem existir pesquisas nesse sentido.

Os nossos movimentos por melhoras no sistema educacional estão muito aquém do que seria necessário para que as políticas educacionais possam ser adequadas ao que necessitamos. As políticas geralmente erram na forma e no conteúdo. Geralmente são autoritárias, sem debate suficiente com os que por elas serão afetados. Geralmente são equivocadas, pois trazem propostas que sabemos que já nascem fracassadas antes mesmo de serem implantadas. Refiro-me aqui à Base Nacional Comum Curricular - BNCC<sup>6</sup>. Ninguém aprende o que se decreta que deve ser ensinado. Isso é besteira.

Freire nos ensinou que os sujeitos aprendem o que suas vidas vão demandando. Ou seja, a aprendizagem é um movimento que parte dos educandos e que os educadores problematizam, trazendo elementos desconhecidos dos educandos. Esse movimento não é espontaneísta (ou seja, é planejado), mas também não ocorre de modo artificial, programado por um sabido dentro de um gabinete. Ele ocorre entre os sujeitos concretos em situações concretas.

Os formuladores da BNCC imaginam que os alunos abstratos que eles têm na cabeça deles podem servir de base para saber todos os conteúdos e habilidades que os estudantes de todos os cantos do país devem aprender em cada etapa da Educação Básica. Ou seja, ou são ingênuos, ou arrogantes, ou estão de má-fé.

### **Por que não conseguimos resistir a essa violência?**

Estamos errando nos processos de formação e organização da categoria de professores. Sindicatos e professores universitários precisam

<sup>6</sup> **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**: é uma referência obrigatória para elaboração dos currículos escolares para o ensino infantil e ensino fundamental e médio. Leia mais sobre o tema na revista **IHU On-Line** número 516, intitulada *Base Nacional Comum Curricular – O futuro da educação brasileira*, disponível em [ihuonline.unisinos.br/edicao/516](http://ihuonline.unisinos.br/edicao/516). (Nota da **IHU On-Line**)

dialogar com as necessidades dos professores e dos futuros professores. Precisam fazer levantamento dos problemas e ansiedades que ambos mais sentem em relação à profissão que exercem. Esses problemas precisam ser pautados nos momentos de formação. Do contrário, professores e estudantes que se formam para serem professores não vão se identificar com as reflexões propostas. O protagonismo da categoria docente na construção das políticas municipais, estaduais e nacionais não ocorrerá de modo espontâneo. Ele pode ser estimulado, provocado, incentivado. As lideranças e os professores de Ensino Superior precisam ficar atentos para descobrir quais são os “temas geradores” que trarão os futuros e os atuais educadores e educadoras para as disputas no espaço público.

### **IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?**

**Valter Martins Giovedi** – Já estou vacinado contra a crença disseminada por muitos de que não há nada mais a ser feito. Aliás, caso alguém trabalhe na educação e já “jogou a toalha”, fatalmente entrará em um processo autodestrutivo contínuo. O que define a nossa profissão é a possibilidade de ver os estudantes falando algo que não diziam, propondo algo que não propunham, lendo algo que não leriam, reconhecendo algo que não reconheceriam sem a nossa intervenção.

Nossa profissão é uma das que mais favorece o sentimento otimista, pois, apesar de tudo que leio nos jornais, ouço de muitas pessoas, vejo no mundo etc., sei que amanhã vou me encontrar com meus alunos e alunas e com eles vou construir sentidos para os acontecimentos. Desses sentidos, alternativas vão aparecer. Eles vão falar de suas descobertas e vão me fascinar com aprendizados. Vários demonstrarão gratidão por aqueles encontros.

Em suma: quem atua nas bases, ou seja, quem atua na formação básica de seres humanos está em um lugar privilegiado para esperar. ■

# O caráter político – e incômodo – da *Pedagogia do oprimido*

Para Alexandre Saul, a atualidade desse e de outros escritos de Paulo Freire está em se colocar num movimento contra-hegemônico

João Vitor Santos

“**A** *Pedagogia do oprimido* enfatizou o inegável caráter político da educação, ou seja, o fato de que a prática educativa exigirá, sempre, em qualquer contexto no qual se realize, que se indague acerca dos valores que darão direção às opções sobre a formação humana.” A frase do professor Alexandre Saul resume a essência desse texto de Paulo Freire que, de certa forma, perpassa toda sua obra. É justamente isso que faz dessas perspectivas algo incômodo. “Perturba, em especial, grupos autoritários e outros, que intencionam colocar a educação a serviço da exploração capitalista e da dominação cultural”, completa. Para Saul, nisso também consiste a atualidade de todo o pensamento freireano.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o professor recupera a ideia de Freire de que “não há neutralidade na produção de conhecimentos, quer por meio da ciência, quer por meio de outras formas de interpretar e intervir no mundo”. “A obra de Paulo Freire nos convoca a refletir sobre as complexas relações en-

tre conhecimento, ideologia, classe social, cultura, pedagogia, subjetividade, intersubjetividade e as possibilidades históricas e dialéticas de manutenção ou superação do *status quo*”, acrescenta. “O pensamento de Paulo Freire teve sequência e segue vivo, desafiando seus interlocutores a criar novas perguntas e procurar repostas para questões que ele não teve tempo de responder, cabendo, pois, a nós, trazê-lo conosco e reinventar suas ideias na atualidade, com fidelidade aos seus princípios”, completa Saul, estimulando um dos princípios básicos de Freire: manter o pensamento em movimento e construção.

**Alexandre Saul** é doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, docente pesquisador da Universidade Católica de Santos - UniSantos, onde atua no Programa de Pós-Graduação. Faz parte do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UniSantos, Coordena a Cátedra Paulo Freire dessa Instituição e é membro da Rede Freireana de Pesquisadores.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Há 50 anos, Paulo Freire escrevia o ensaio em que tratou da “pedagogia do oprimido”. Como compreender a gênese dessa perspectiva freireana?**

**Alexandre Saul** – A *Pedagogia do oprimido* é, sem dúvida, a obra mais conhecida do professor Paulo Freire, na qual ele faz uma crítica original e radical à naturalização e à reprodução das desigualdades

e injustiças sociais em sociedades estratificadas, e propõe uma educação dialógica e problematizadora, superadora do que ele nomeou de educação-bancária, na qual os educandos são objetos e não sujeitos,

## “Não se está falando, portanto, de uma pedagogia para o oprimido, mas, sim, de uma pedagogia construída com e pelos explorados e despossuídos”

nos quais se depositam conteúdos. A educação dialógica é construída sob a ótica das vítimas da opressão, com participação autêntica e *co-laboração*, tendo como objetivo processos individuais e coletivos de libertação. Trata-se de uma obra gerada na e a partir da prática concreta de Freire, e de suas reflexões teóricas sobre ela, experienciadas em contextos de pobreza afetando parte significativa da população, marcados por governos populistas/autoritários, e de grande efervescência social e artístico-cultural, desde suas experiências com a alfabetização de adultos, no Nordeste brasileiro, no final dos anos 1950, até o seu trabalho como consultor da Unesco para o Ministério da Agricultura do Chile, durante o exílio forçado pelo golpe civil-militar, entre 1964-1969.

A necessidade de que os oprimidos possam se expressar, compreender as situações de desumanização a que estão submetidos como realidades históricas, e a de que se assumam como sujeitos da luta pela superação dessas situações, recuperando sua humanidade, constituem-se como desafios de ontem e de hoje, e estão na base da criação da *Pedagogia do oprimido*. Não se está falando, portanto, de uma pedagogia para o oprimido, mas, sim, de uma pedagogia construída com e pelos explorados e despossuídos, porque esses são os sujeitos da transformação que, ao libertarem-se, dialeticamente, libertam também os opressores. Transformar, para Paulo Freire, é atuar no sentido da construção de uma nova ordem social, mais justa e solidária, para todos.

**IHU On-Line – Como conceber a atualidade da *Pedagogia do oprimido* hoje, num tempo que somos atravessados pelas tecnologias e relações que se dão em “bolha”?**

**Alexandre Saul** – Em tempos em que se propugna a ideologia do individualismo, se exacerba a competitividade entre as pessoas, e cerceiam-se propostas plurais e críticas de pensamento, a *Pedagogia do oprimido* se apresenta com grande atualidade e vigor. Isso porque ela pode se constituir em um referencial analítico-propositivo para a construção de políticas e práticas de educação fortemente dialogais e potencializadoras de solidariedade, que propicia consistência à vida coletiva, de tolerância, que permite a unidade na diversidade, e de criticidade, que enseja um conhecimento antidogmático, que busca o real significado das situações existenciais dos sujeitos, e se põe como condição para ações transformadoras.

Em relação à utilização de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação - TDICs na educação, pode-se dizer que Paulo Freire, em seu tempo, esteve aberto a elas, reconhecendo-lhes o valor, desde que a tecnologia estivesse a serviço do desocultamento da realidade e do estímulo à curiosidade e autonomia dos educandos, não do apassivamento desses.

**IHU On-Line – No início da década de 1990, Paulo Freire punha em prática o paradigma da formação permanente dos**

**educadores. No que consistia essa sua proposta? De que forma essa proposta poderia inspirar os educadores de hoje, desestimulados pelos baixos salários e falta de estrutura nas escolas?**

**Alexandre Saul** – A formação de educadores está presente em várias obras de Paulo Freire, sobretudo nas seguintes produções: “Medo e Ousadia: o cotidiano do professor”, “Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar”, “A Educação na Cidade”, e “Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente”. A formação permanente freireana compreende o ser humano como devir, como projeto, exigindo que o educador assuma sua condição humana de inconclusão, que implica na busca incessante de “ser mais” e na possibilidade de estar sempre aprendendo/ensinando. Ela incide sobre as situações-limite vivenciadas pelos educadores e delas parte, buscando compreender suas razões, em um processo dialético e sistemático de ação-reflexão-ação, tido como exigência para se viver a relação teoria-prática e transformar a realidade.

A formação permanente é uma responsabilidade ética, política e profissional do educador, expressa na necessidade de que ele esteja em permanente formação e de que ele se prepare para uma ação docente dialógica e desveladora da realidade, que se distancie de um processo mecânico de transmissão de conhecimentos. Além disso, é uma das condições essenciais para a melhoria

da qualidade da educação, sendo a humanização e a construção de uma sociedade mais justa e solidária os marcos definidores do que se entende por qualidade da educação. Como prática social e historicamente situada, a formação permanente requer presença e participação do coletivo de docentes, e afirma a necessidade da luta pelas condições objetivas que viabilizam o trabalho do professor.

Vale dizer, ainda, que essa proposta de formação valoriza e respeita os educadores como sujeitos de conhecimento, capazes de avaliar criticamente as suas práticas e decidir sobre seus percursos formativos. A concepção de formação permanente freireana reage a propostas de formação que nascem da exclusiva compreensão de especialistas sobre as necessidades dos professores, que se utilizam de forma apriorística de elementos já consagrados do campo teórico da educação e que são impostas aos docentes por seus superiores. A formação permanente dos educadores, na gestão Paulo Freire, como Secretário de Educação do Governo de Luiza Erundina de Sousa (1989-1992), abrangeu múltiplas modalidades, sendo a principal delas os “grupos de formação”, nos quais se buscava garantir o princípio da ação-reflexão-ação. Essa proposta se diferenciava dos tradicionais “cursos de férias”, “cursos de 30 horas”, “treinamentos”, “capacitações”, “reciclagens” e outros que podem até receber avaliação positiva por parte dos educadores, no momento em que são realizados.

No entanto, a repercussão desses cursos na prática cotidiana é, por vezes, considerada insatisfatória, pelos próprios educadores, por serem avaliados por eles como “muito teóricos” e desvinculados das necessidades do dia a dia. Apostava-se na escola como um espaço coletivo de ensino-aprendizagem, na qual a formação se dirigia a todo o grupo de educadores, em oposição às formações nas quais os professores participam individualmente. Esperava-se que o educador pudesse experimentar, no grupo, o mesmo processo que era esperado que desenvolvesse

junto aos educandos, nas escolas. Ou seja, uma prática de análise e crítica da realidade, no transcurso de uma vivência da metodologia dialógica que permitisse a construção de conhecimentos com a compreensão de que o educador e o educando são sujeitos cognitivos, afetivos, sociais e políticos.

### **Sem otimismo ingênuo**

É preciso, contudo, recusar o otimismo ingênuo de que a formação de educadores é a alavanca para a transformação da escola, da educação e da sociedade, assim como o pessimismo mecanicista de que só se pode fazer alguma coisa depois de mudanças infraestruturais. Isso significa nem superestimar e nem subestimar a formação docente, assumindo-a como essencial ao desenvolvimento profissional dos educadores e à reflexão crítica sobre a opção de educação que sempre precisa ser feita e que informa e orienta a prática.

Conquistar e desenvolver novos modelos contra-hegemônicos de formação de educadores é um grande desafio que se coloca para práticos e pesquisadores desse campo de estudo. Claro que isso não se faz de um dia para outro, pois exige grande esforço político, teórico e metodológico. No entanto, com inspiração em Paulo Freire, é preciso buscar fazer, dentro de limites históricos, o que é possível ser feito hoje, para tornar o que ainda não pode ser feito mais possível.

### **IHU On-Line – Como compreender as resistências a teoria freireana na atualidade? O que essas posições revelam e como, a partir do próprio Freire, responder a essas críticas?**

**Alexandre Saul** – A proposta radicalmente democrática e crítica de Paulo Freire incomoda. Perturba, em especial, grupos autoritários e outros, que intencionam colocar a educação a serviço da exploração capitalista e da dominação cultural. Ao defender uma educação não doutri-

nária, com rigor científico, feita com seriedade e alegria, atravessada pela discussão crítica do acesso aos bens materiais de produção e reprodução da vida, da diversidade cultural, e, portanto, comprometida com a criação coletiva de uma sociedade mais justa e fraterna, Freire será sempre contestado por aqueles que rejeitam essa opção político-pedagógica.

Pior ainda é que muitas críticas desses grupos são feitas com desonestidade intelectual, ou seja, sem conhecimento do pensamento de Freire, ou falseando/distorcendo suas ideias, propositadamente. Por outro lado, algumas críticas à obra de Freire, tais como o uso de uma linguagem machista em seus primeiros escritos, partiram de grupos que tomaram seriamente seus escritos como objeto de análise e de prática, e, nesses casos, Paulo Freire esteve sempre aberto ao diálogo, incorporando sugestões e ampliando sua própria consciência em torno de diferentes aspectos da opressão, ao longo de sua vida.

De qualquer maneira, penso que, ao ler Freire, é preciso estar atento ao contexto de produção de suas obras e ao seu caráter histórico, e ter clareza de que o trabalho do autor recifense não está circunscrito ao livro *Pedagogia do oprimido*. O pensamento de Paulo Freire teve sequência e segue vivo, desafiando seus interlocutores a criar novas perguntas e procurar repostas para questões que ele não teve tempo de responder, cabendo, pois, a nós, trazê-lo conosco e reinventar suas ideias na atualidade, com fidelidade aos seus princípios.

### **IHU On-Line – Que transformações a “pedagogia do oprimido” trouxe para a área da Educação?**

**Alexandre Saul** – A *Pedagogia do oprimido* enfatizou o inegável caráter político da educação, ou seja, o fato de que a prática educativa exigirá, sempre, em qualquer contexto no qual se realize, que se indague acerca dos valores que darão direção

às opções sobre a formação humana. É por isso que se diz, com Paulo Freire, que não há neutralidade na produção de conhecimentos, quer por meio da ciência, quer por meio de outras formas de interpretar e intervir no mundo. Assim, no processo de educar e educar-se, os sujeitos estarão se perguntando: Por quê e para quê conhecer? Conhecimento para quem? A quem serve esse conhecimento?

As respostas a essas e outras questões explicitarão as escolhas éticas e estéticas dos sujeitos, seus interesses e sonhos, e desencadearão a necessidade de uma busca permanente por aproximar o discurso e a prática, com coerência. Freire, na *Pedagogia do oprimido*, posiciona-se a favor da necessidade do desenvolvimento de uma consciência crítica de si e da realidade, e da transformação de contextos sociais opressivos, ao lado dos excluídos, em uma luta esperançosa e coletiva por autonomia e emancipação. A obra de Paulo Freire nos convoca a refletir sobre as complexas relações entre conhecimento, ideologia, classe social, cultura, pedagogia, subjetividade, intersubjetividade e as possibilidades históricas e dialéticas de manutenção ou superação do *status quo*, a partir de um crivo ético-crítico de justiça social. Ainda,

Freire propõe o diálogo como um caminho democrático e humanizador de produção de conhecimentos, desvelamento da realidade e superação da contradição educador-educando, que se opõe a teorias do conhecimento e metodologias autoritárias e pouco criativas.

### IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

**Alexandre Saul** – Eu gostaria de propor aos leitores que conheçam a pesquisa realizada a partir da Cátedra Paulo Freire da PUC-SP, coordenada pela profa. Dra. Ana Maria Saul<sup>1</sup>, que partilhou a docência com Freire, por 17 anos, nessa Instituição. Essa pesquisa, apoiada pelo CNPq, já se encontra em sua 3ª edição e articula pesquisadores de 20 Programas de Pós-Graduação em Educação sediados em 11 estados brasileiros. Realizada a “várias mãos”, a pesquisa investiga a atualidade, a materialidade e a reinvenção do legado de Paulo Freire, em políticas públicas e práticas educativas,

<sup>1</sup> **Ana Maria Saul:** é graduada em Pedagogia, com Mestrado e Doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professora titular da PUC/SP desde 1970 e atualmente atua nos Programas de Pós-Graduação em Educação: Currículo e Educação: Formação de Formadores. Coordena a Cátedra Paulo Freire dessa instituição, onde desenvolve ensino e pesquisa. (Nota da **IHU On-Line**)

em diferentes contextos.

Informações sobre os resultados obtidos até o momento podem ser acessadas em dossiês temáticos, publicados na Revista e-Curriculum, do PPG Educação: Currículo da PUC-SP, e em outras produções dos pesquisadores envolvidos. Destaco, ainda, o importante papel que as Cátedras Paulo Freire e os Grupos de Pesquisa (presentemente são 40 GPs registrados no CNPq que têm Paulo Freire entre suas referências centrais) vêm desempenhando no desenvolvimento dessa e de outras investigações, sobre e a partir da práxis de Freire. No momento, no Brasil, estão instaladas nove Cátedras Paulo Freire.

Por fim, enfatizo que o pensamento de Paulo Freire, embora contra-hegemônico, segue ativo e em expansão, como é possível atestar em função da crescente produção científica e bibliográfica que tem nesse autor suporte analítico, epistemológico, metodológico e ético-político; do interesse que educadores de diferentes partes do mundo demonstram na pedagogia freireana, dado seu compromisso com a promoção de justiça social; e pelo fato de a trajetória de vida e trabalho de Paulo Freire serem fonte de inspiração para educadores progressistas, no século 21. ■

# ObservaSinós

OBSERVATÓRIO DA REALIDADE E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS  
DO VALE DO RIO DOS SINOS



ihu.unisinos.br

# Por uma filosofia rigorosa e distante de uma linguagem barroca

Patrick Wotling destaca que a produção filosófica de Nietzsche se expressa em um modo de escrever que foge dos tecnicismos e de um desejo de erudição retórica

Márcia Junges | Edição: Ricardo Machado | Tradução: Vanise Dresch

**A** tarefa filosófica por excelência, nos termos de Nietzsche, é a de erradicar a evolução patológica do que seria uma apreensão do mundo a partir do niilismo do pensamento engendrado pelo senso comum. O tensionamento desta perspectiva se dá, inicialmente, pela construção de um diagnóstico. Nesse contexto, o cristianismo, interpretado como alvo principal da crítica nietzschiana, é, no fundo, apenas um tipo de vetor moralizante dentro de um “ideal” ascético. “Para explicar em outras palavras, o cristianismo é apenas um elemento religioso e moral de um tipo de cultura mais ampla, mais vasta, o tipo ascético – sendo, portanto, uma cultura cujos valores defendem e privilegiam a existência de realidades suprassensíveis, exigem que a vida humana se organize a partir da busca desse suprassensível, evitando e neutralizando, assim, as condições da vida sensível que, por sua vez, é desvalorizada”, destaca Patrick Wotling, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Mais do que um provocador, Nietzsche desenvolve uma forma rigorosa de pensar filosoficamente, pautando-se por reflexão no mais das vezes minuciosa, precisa e coerente, expressa na retórica de seu texto. “A reforma do modo de pensar deve vir acompanhada por uma reforma completa do modo de usar a linguagem. Isso explica as armadilhas e as dificuldades constantes que a leitura do texto de Nietzsche apresenta. As dificuldades são ainda maiores porque Nietzsche parece escrever de maneira corrente, límpida, usando muito pouca terminologia técnica, contrariamente à maioria dos outros filósofos”, ressalta Wotling.

**Patrick Wotling** é professor na Université Paris-Sorbonne, Université de Reims Champagne-Ardenne. Fundador e diretor do Groupe international de recherche sur Nietzsche - GIRN, que realiza eventos anuais sobre o pensador.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Genealogia da Moral é uma espécie de aríete contra a moral cristã e a civilização ocidental. Nietzsche atinge seu objetivo com a crítica proposta?**

**Patrick Wotling** – *Genealogia da Moral* (São Paulo: Companhia das Letras, 1998) é um livro complexo no qual Nietzsche faz várias coisas

ao mesmo tempo. De um lado, ele mostra o problema que a moral traz exatamente para a filosofia, ou seja, o que deve ser investigado a respeito disso e qual metodologia a investigação filosófica deve seguir para tanto. É nesse contexto que se insere a ideia extremamente inovadora da genealogia, definida pelo parágrafo 6 do prefácio e aplicada nos três trata-

dos que constituem o corpo da obra. Ora, como mostra Nietzsche<sup>1</sup> de ma-

<sup>1</sup> **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *Genealogia da Moral* (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche, foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em

## “Afirmar que se tem o direito de ler a realidade como vontade de potência significa dizer que o real é integralmente constituído por esses processos inconscientes”

neira muito detalhada, os filósofos têm se enganado até hoje quanto a essa questão. Eles pensaram que o problema era fundamentar a moral, mas Nietzsche afirma que o verdadeiro problema da moral não está em sua fundamentação (empreitada ilusória pela sua natureza interpretativa), mas em seu valor ou, em outras palavras, em suas repercussões sobre o desenvolvimento e o estado da vida humana. Isso já fora claramente destacado no livro *V da Gaia Ciência* (São Paulo: Companhia das Letras, 2001).

Em seguida, é preciso aplicar essa metodologia de investigação para mostrar, a partir de uma investigação sobre o sentido e as origens produtoras das noções de “bem” e “mal”, na realidade, de “bom” e “mau/ruim”, que existem várias maneiras totalmente diferentes de elaborar uma moral, as quais foram de fato experimentadas pela humanidade em diferentes períodos de sua história. Nietzsche estuda os dois tipos observados com maior frequência na história das sociedades humanas: o tipo de moral que tem como valores fundamentais os

“bom” e o “ruim” baseados na autoglorificação e no *pathos* da distância (as sociedades dominadas por aristocracias militares em épocas muito antigas são um bom exemplo); e outro tipo que tem como par de valores fundamentais, ao contrário, o “bom” e o “mau”, em que prevalece um modo de afetividade agressiva, com o ódio e a vontade de vingança em relação aos fortes da primeira moral orientando a compreensão do bem e do mal (a moral veiculada pelo cristianismo). Por essa análise, Nietzsche mostra, em primeiro lugar, que a moral do cristianismo é apenas uma forma de moral entre outras e, em seguida, que ela possui origens produtoras (oriundas de certos afetos), não sendo, portanto, absoluta. Compreende-se por que o problema do fundamento desmorona.

Em outras palavras, “não existem fenômenos morais, mas somente uma interpretação moral dos fenômenos”, diz o parágrafo 108 de *Além do Bem e do Mal* (São Paulo: Companhia das Letras, 2001). A moral, portanto, não é um campo particular, autônomo, que possui seus próprios objetos (o bem, o mal, o agir bem, a responsabilidade, o dever...); sequer é um campo, mas antes uma maneira de interpretar – erroneamente – certos aspectos da vida humana que leva a considerar instâncias imaginárias como reais e autônomas: as morais são interpretações. E as possibilidades de elaborar essa interpretação são muito variadas. Para o filósofo, é um caso muito esclarecedor de ilusão interpretativa.

Em terceiro lugar, para finalizar a empreitada genealógica, trata-se de evidenciar o caráter nocivo, para o equilíbrio e a realização da vida humana, de certas formas de moral. É especialmente o caso das morais ascéticas que desvalorizam a vida sensível e desprezam o corpo, dentre as quais o cristianismo é um exemplo representativo. Nenhuma moral é “verdadeira”, nem intrinsecamente legítima. No entanto, no plano prático, algumas se mostram propícias à saúde, enquanto outras destroem o vivente, adoecendo-o. Trata-se, portanto, de um trabalho de relativização, de pluralização e, por fim, de crítica. O filósofo deve compreender, segundo Nietzsche, conforme o modelo do médico: não deve refutar teoricamente, mas erradicar uma evolução patológica. Isso começa por um diagnóstico.

**IHU On-Line – Além da moral, há uma crítica profunda à cultura tributária dessa matriz valorativa. Qual é a intenção de Nietzsche com essa desconstrução e qual é a novidade dessa proposta?**

**Patrick Wotling** – As coisas estão relacionadas, pois toda moral é, na verdade, um elemento particular de um conjunto muito mais vasto que Nietzsche chama tecnicamente de “cultura” (também se poderia dizer “civilização”, se Nietzsche não reservasse essa palavra para designar outra coisa). Ora, uma cultura, isto é, o conjunto das atividades próprias de uma comunidade humana (arte, saber, ciência, política, religião, mo-

<http://bit.ly/Hl7xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqQB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-5-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo professor Oswaldo Giacóia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

ral, economia etc.) não tem nada de arbitrário e está arraigada em valores particulares. Valores são preferências que fixam o modo de viver e, conseqüentemente, de pensar de um ser humano, isto é, condições de vida. Para explicar em outras palavras, o cristianismo é apenas um elemento religioso e moral de um tipo de cultura mais ampla, mais vasta, o tipo ascético – sendo, portanto, uma cultura cujos valores defendem e privilegiam a existência de realidades suprassensíveis, exigem que a vida humana se organize a partir da busca desse suprassensível, evitando e neutralizando, assim, as condições da vida sensível que, por sua vez, é desvalorizada.

A novidade fundamental da posição nietzschiana está justamente em mostrar que toda vida é fundada na posição de valores e que toda a atividade do vivente, inclusive o pretensão saber teórico desinteressado, é condicionada por essa axiologia. É, portanto, a análise dos valores, em particular, a apreciação de seus efeitos nocivos ou benéficos – o famoso “valor dos valores” do qual fala o prefácio de *Genealogia da Moral* – que se torna o cerne da empreitada filosófica, não mais a busca da verdade. E, uma vez lançada, a investigação leva à descoberta do fato de que os valores sobre os quais se baseou a cultura europeia, desde o platonismo, são, na verdade, valores de morte, valores que denigrem as próprias condições da vida orgânica e conduzem inevitavelmente ao desejo de deixar a vida.

**IHU On-Line – Qual é a importância do perspectivismo no empreendimento genealógico da moral? Nessa lógica, como se coloca a vontade de potência em relação ao perspectivismo?**

**Patrick Wotling** – O perspectivismo possui, em Nietzsche, um sentido técnico muito preciso e está diretamente ligado à problemática dos valores. Ele consiste em reconhecer o fato de que toda vida é posição de valores – valores que podem percorrer naturalmente um espectro

muito vasto – e de que esses valores condicionam todas as atividades do vivente, estabelecendo uma ordem de preferência no real e indicando, portanto, o que deve ser imperativamente buscado, o que deve ser evitado... Viver, encarnando sempre uma possibilidade específica de vida, consiste, assim, em ver e analisar a realidade a partir de um determinado ângulo, em função das preferências e repugnâncias fixadas pelos valores. Não há vida sem perspectiva. Logo, a pretensão de alcançar um ponto de vista absoluto é uma quimera, embora essa sempre tenha sido a ambição dos filósofos.

Convém acrescentar que, na vida e no agir dos indivíduos, as preferências fixadas pelos valores se traduzem praticamente em *regulações inconscientes* do corpo: pulsões ou instintos, segundo os termos que Nietzsche emprega geralmente. Essas pulsões e esses instintos que nos compelem cegamente a buscar as preferências são todas vontades de potências particulares. Mais exatamente, a vontade de potência nada mais é que essas pulsões inconscientes. Afirmar que se tem o direito de ler a realidade como vontade de potência significa dizer que o real é integralmente constituído por esses processos inconscientes em luta ou em colaboração mútua (e que, então, o “ser” é uma ficção). As pulsões *dominantes* no humano (por exemplo, a curiosidade, o amor, a benevolência, o ódio, o rancor...) caracterizam sua perspectiva, a maneira como ele será levado a interpretar a realidade.

**IHU On-Line – Qual é o nexo entre vitalismo e a psicologia da moral? Quais são as influências teóricas de Nietzsche na formulação de sua genealogia?**

**Patrick Wotling** – “Vitalismo” deve ser entendido aqui apenas como uma imagem. Nietzsche não é absolutamente vitalista no sentido literal do termo. Em contrapartida, o termo pode ser empregado para lembrar que toda análise de fenômenos humanos (a moral, por exemplo) deve partir da lógica da

vida como Nietzsche a mostrou, ou seja, deve levar em conta o fato de que o homem é um ser que interpreta. Como acabamos de lembrar, toda forma de vida repousa na posição de preferências inconscientes, de valores específicos. Tais valores se expressam em pulsões, instintos, afetos que são as regulações inconscientes que constituem o corpo. Em Nietzsche, é o estudo dessas pulsões que a psicologia designa. As morais são, conseqüentemente, o resultado da maneira pela qual um determinado tipo de corpo (uma determinada organização das pulsões) interpreta a realidade, com base nas preferências estabelecidas pelos valores. É por essa razão que Nietzsche declara que “as morais nada mais são que uma *linguagem figurada dos afetos*” (*Além do Bem e do Mal*, § 187) – uma moral não é um campo de objetos autônomos. Não existe bem em si mesmo; o que é sentido e interpretado como “bem” (ou “bom”) ou como “dever”, por exemplo, varia em função dos valores que comandam e organizam o vivente.

É exatamente com o mesmo sentimento de necessidade que um indivíduo em quem dominam o senso da hierarquia e distinções hierárquicas, tal qual o nobre das aristocracias militares, sentirá o “bom” como significando “de posição hierárquica” igual à sua, e que o indivíduo em que predominam a vontade de vingança e o rancor sentirá o “bom” como significando “não forte”, “humilde” e, portanto, “desinteressado”. Toda moral expressa necessidades fundamentais de uma forma de vida particular. Ser dominado por pulsões artísticas criadoras, por pulsões de tendência contemplativa, por pulsões guerreiras ou por pulsões ascéticas produzirá, em cada caso, um tipo de interpretação moral diferente, cada uma dessas morais pensando, além disso, ser a única legítima.

**IHU On-Line – Hegel e Kant são autores aos quais Nietzsche se contrapõe em diversas ocasiões ao longo de sua filosofia. Que pontos críticos a esses dois**

## autores podem ser percebidos na Genealogia?

**Patrick Wotling** – Na *Genealogia da Moral*, o alvo é principalmente Kant<sup>2</sup>. Já no prefácio desta obra, Nietzsche se refere a Kant usando um estilo paródico que retoma com ironia algumas das noções ou fórmulas mais célebres da filosofia transcendental: ele fala da “raiz comum” de seus pensamentos sobre a moral (§ 2), em seguida, do “meu *a priori*”, que ele designa como *a priori* “novo, imoral e imoralista, no mínimo”, e prossegue afirmando o seu “imperativo categórico tão antikantiano, infelizmente, tão enigmático...” (§ 3). Se, por um lado, Nietzsche se diverte claramente nessas páginas, por outro, a justificação da análise genealógica que ele realiza constitui uma recusa radical da abordagem kantiana. Não só não existe moral única, mas também a moralidade é, como se disse, uma linguagem do corpo, isto é, a manifestação de necessidades próprias de uma forma de vida, e certamente não a expressão de um comando incondicionado da razão. De maneira geral, na visão de Nietzsche, Kant é perfeitamente representativo da cegueira dos filósofos que sempre defenderam, à sua revelia, a moral dominante em sua cultura (no caso, a cristã) que os condicionava, e que imaginavam desvelá-la e lhe dar uma fundação objetiva. É por essa razão que Nietzsche declara mais adiante que “o sucesso de Kant é apenas um sucesso de teólogo”. De resto, não se deve esquecer que, na *Genealogia da Moral*, ele dirige um elogio aos pensadores britânicos,

2 **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século 19, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant, foi publicado o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuon02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 6-5-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <https://goo.gl/SIII5H>. (Nota da **IHU On-Line**)

utilitaristas e evolucionistas, Mill<sup>3</sup>, Spencer<sup>4</sup>, Darwin<sup>5</sup> – e não a Kant – por terem sido os únicos a dar um passo em direção a uma análise genealógica da moral, sem conseguirem ir adiante, infelizmente.

“O filósofo deve compreender, segundo Nietzsche, conforme o modelo do médico”

## IHU On-Line – Qual é a importância da categoria da moral aristocrática para uma revitalização da cultura e do espírito?

**Patrick Wotling** – Sua pergunta toca num problema muito complexo. Para responder corretamente, é melhor começar lembrando um ponto essencial da reflexão nietzschiana

3 **John Stuart Mill** (1806-1873): filósofo e economista inglês. Um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX, defensor do utilitarismo. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Herbert Spencer** (1820-1903): filósofo britânico, ficou conhecido por sua tentativa de elaborar um sistema filosófico baseado nas descobertas científicas de sua época, que pudesse ser aplicado a todos os assuntos. Foi o fundador da filosofia evolucionista. Em sua obra principal, *Um sistema de filosofia sintética* (1862-1896), aplicou a ideia da evolução à biologia, à psicologia, à sociologia e a outros campos do conhecimento. Em seu trabalho sobre biologia, Spencer traçou a evolução da vida desde sua forma menos reconhecível até o homem. Acreditava que a grande lei da natureza era a ação constante de forças que tendiam a mudar todas as formas do simples para o complexo. Spencer explicava que a mente do homem tinha se desenvolvido dessa mesma maneira, avançando das simples respostas automáticas dos animais inferiores aos processos de raciocínio do homem pensante. Escreveu também *A classificação das ciências* (1864) e *Os fatores da evolução orgânica* (1887). (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Charles Darwin** (Charles Robert Darwin, 1809-1882): naturalista britânico, proponente da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro *A Origem das Espécies*. Organizou suas principais ideias a partir de uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a professora Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a palestra obra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, de *Charles Darwin*, no evento Abrindo o Livro, do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Sobre o assunto, confira as edições 300 da **IHU On-Line**, de 13-7-2009, *Evolução e fé. Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/UsZlRr>, e 306, de 31-8-2009, intitulada *Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/1tABrFH>. De 9 a 12-9-2009, o IHU promoveu o IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. (Nota da **IHU On-Line**)

que os comentaristas costumam esquecer, lamentavelmente, porque esse esquecimento falseia toda a compreensão do trabalho efetuado por Nietzsche: no ideal de cultura – ou de organização da comunidade humana – que ele defende, Nietzsche se recusa a impor uma norma única, qualquer que seja o campo considerado, recusa-se, portanto, a impor uma moral única. Isso fica perfeitamente explícito nas análises apresentadas, sobretudo, em *Além do Bem e do Mal*. A primeira crítica que o filósofo pode dirigir ao platonismo, ou ao cristianismo, antes mesmo de passar à demonstração de seu caráter nocivo para a vida, é o fato de ter concebido um ideal *unívoco* do bem, logo, do homem bom (homem realizado?), e de ter desejado, de maneira inconscientemente fanática, impô-lo a todos como única norma aceitável. A unicidade é imediatamente traição da lógica da vida, que é sempre múltipla; e um gênero particular de vivente (o homem, por exemplo, mas isso vale para todos os viventes) só pode existir realmente sob a forma de tipos diferenciados simultaneamente presentes. Em se tratando do homem, o que Nietzsche descreve muitas vezes a partir dos termos “artista”, “homem contemplativo”, “padre”, “guerreiro”, “filósofo” representa tais tipos: configurações particulares com um sistema pulsional específico, organizado diferentemente daquele dos outros tipos e regulado por pulsões dominantes específicas (a pulsão de criação no caso do artista, a ação no caso do guerreiro etc.). Nenhum tipo é mais “verdadeiro”, mais autêntico ou mais legítimo que o outro. E não há nenhuma razão para desejar fazer de um deles a forma de vida obrigatória para toda a humanidade.

Consequentemente, a reforma axiológica que constitui a finalidade longínqua do filósofo médico não consiste certamente em querer impor, contra o ideal de moralidade cristã, uma moral de natureza aristocrática que entraria no tipo geral que Nietzsche designou, no parágrafo 260 de *Além do Bem e do Mal*, como a “moral dos senhores”. Para ser mais

sintético, não se trata absolutamente, para Nietzsche, de transformar a humanidade futura em uma humanidade de “senhores” ou de “aristocratas”. Mas também não se trata de deixar impor como única e exclusiva forma de humanidade aceitável o ideal gregário que, segundo ele, generaliza-se na cultura contemporânea. O ideal de cultura sadia a que visa o filósofo médico comportaria necessariamente vários tipos de moral, exatamente pela diversidade dos tipos de vida humana inevitável no seio de qualquer cultura. Nietzsche cita, às vezes, o sistema de castas da Índia bramânica como exemplo da consideração dessa diversidade.

Então, é primeiramente no sentido da restauração da diversidade tipológica inerente a qualquer vida que conta, em Nietzsche, a descoberta da existência de um tipo de moral “aristocrática” caracterizada por valores outros além daqueles da moral da abnegação, do ascetismo – da condenação do corpo e da desvalorização sistemática da vida sensível – e da utilidade, moral dominante na cultura europeia do século XIX. Eu falaria mais de uma reforma da cultura que de uma regeneração, pois este último termo parece supor um retorno a uma situação anterior que teria sido perdida. Ora, para Nietzsche, não se trata certamente de voltar a uma forma de cultura em que reinava de fato uma moral de tipo aristocrática, como nas sociedades dominadas por uma aristocracia militar da Grécia arcaica, por exemplo. O ponto central é o fato de que a evidência da existência real de uma forma de moral “dos senhores” permite quebrar a ilusão de que a moral ascética (cristã ou platônica) seja a moral em si e de que não existiria outra. Isso implica inevitavelmente o reconhecimento do perspectivismo, logo, de uma *maneira de pensar* e de apreciar totalmente nova, baseada na desqualificação da ideia de absoluto e, com ela, de norma única. Como diz Nietzsche às vezes, “o mundo se tornou mais uma vez infinito para nós”: o que se inicia então é a era da comparação, do perspectivismo, mas também da hierarquia.

### **IHU On-Line – Pode-se pensar essa revitalização aristocrática se aplicando a esferas como a política, por exemplo?**

**Patrick Wotling** – É numa reforma profunda da cultura que Nietzsche pensa nesse momento. Essa reforma terá (em longo prazo) as mesmas consequências, no plano político, de abertura, pluralização, perspectivismo, mas também hierarquização em termos de benefício ou dano para a realização da vida. Essa maneira de repensar a política – nessas condições, é preciso justamente redefinir de modo radical o seu verdadeiro campo – é tão inovadora que Nietzsche, como sabemos, imagina uma expressão nova para rebatizá-la: a *grande política*. A *grande política* não é aquela que imporia uma regulação de tipo aristocrático (aliás, nunca se deve esquecer que Nietzsche considera inelutável a progressão do movimento democrático), mas aquela que “quer que a fisiologia seja a rainha de todas as outras questões”, aquela que “quer criar um poder suficientemente forte para *eleva*r a Humanidade como um todo superior, [...] contra tudo o que há de degenerado e parasítico na vida – contra o que perverte, contamina, denigre, arruína [...]”.

A política, no sentido usual, a “politique politicienne” [política política], dir-se-ia em francês, aquela que gera as sociedades humanas a partir de escolhas ideológicas, parece-lhe, nessas condições, uma empreitada superficial, regional, míope. Superficial por não compreender que ela própria é determinada pelos valores que constituem o alicerce da cultura na qual se situa, sem exercer, portanto, nenhuma influência transformadora profunda. Regional porque é o destino da humanidade que interessa o filósofo médico e não a predominância passageira (política, econômica, militar, diplomática) deste ou daquele povo. Ora, esse destino repousa na escolha de valores propícios à intensificação da vida e na neutralização daqueles que, ao contrário, são nocivos, como mostrou ser o caso dos valores ascéticos impostos pelo platonismo há 2500

anos e retomados pelo cristianismo. Nunca se pode esquecer que Nietzsche não se considera um pensador da política no sentido corrente do termo: o verdadeiro determinismo para o homem, aquele sobre o qual o filósofo dever conseguir agir, é o dos valores e não aquele das ideias e opiniões, as quais não passam de seu epifenômeno. Prima, então, a questão da inversão de todos os valores em relação àquela das doutrinas políticas.

“Não só não existe moral única, mas também a moralidade é, como se disse, uma linguagem do corpo”

### **IHU On-Line – O senhor é autor de *Le vocabulaire de Nietzsche e Dictionnaire Nietzsche*. Qual é a importância de se elucidar com precisão as ideias e terminologias desse pensador?**

**Patrick Wotling** – Esta pergunta é a questão determinante em se tratando de Nietzsche. Ela toca no aspecto mais importante, mais difícil de entender: o rigor de sua reflexão. Nietzsche não é um filósofo como os outros. Ele modifica radicalmente a *própria maneira de pensar* em filosofia (não apenas as doutrinas habitualmente aceitas), e essa reformulação total da lógica da reflexão filosófica anda de mãos dadas com uma reforma também radical da maneira de se expressar: com a *constituição de uma “nova linguagem”*, como ele mesmo diz para descrever sua escrita. Nietzsche não pensa como os outros filósofos, mas também não escreve como eles.

Esse modo de pensar, pelo fato de se basear na detecção das deficiências que afetam a abordagem dos filósofos que o precederam, pretendendo saná-las, é de extremo rigor. Esse ponto é desconsiderado muitas vezes, porque a atenção é atraída por outros aspectos da originalidade do seu pensamento, mas Nietzsche é certamente o pensador *mais rigoroso* da tradição filosófica, aquele que constrói (ele constrói de fato e não é um pensador essencialmente crítico, como ele mesmo destacou várias vezes) uma reflexão com o máximo de minúcias, precisão e coerência. A ausência de rigor observada por ele e denunciada nos filósofos anteriores vem de uma falta de probidade intelectual (a desonestidade dos filósofos, inconsciente muitas vezes, é frequentemente evidenciada por Nietzsche), mas também da influência exercida pela linguagem. Nietzsche mostra, de fato, que a linguagem não é absolutamente instrumento neutro de expressão, que ela veicula e difunde sugestões que se tornam rapidamente verdadeiros preconceitos e que exercem uma profunda influência em nossa maneira de pensar e de apreender o mundo. Por isso, a reforma do modo de pensar deve vir acompanhada por uma reforma completa do modo de usar a linguagem. Isso explica as armadilhas e as dificuldades constantes que a leitura do texto de Nietzsche apresenta. As dificuldades são ainda maiores porque Nietzsche parece escrever de maneira corrente, límpida, usando muito pouca terminologia técnica, contrariamente à maioria dos outros filósofos.

Foi no intuito de fornecer ao leitor um instrumento que lhe permitisse aprofundar verdadeiramente o questionamento nietzschiano, isto é, entender e acompanhar o rigor com o qual se constrói o pensamento de Nietzsche, e para explicar detalhadamente como funciona sua nova linguagem, que realizei, com Céline Denat, o *Dictionnaire Nietzsche* (Paris: Bouquins, 2017), absolutamente único em seu gênero. Devido à dificuldade do seu modo de expressão, que o próprio Nietzsche reitera, ele

se sente obrigado a fornecer, por vezes, indicações preciosas, mas muito dispersas em sua obra, sobre a lógica que a estrutura. Baseando-nos exclusivamente no próprio texto nietzschiano, indicamos, no prefácio da nossa obra, em que aspectos e por que sua linguagem é específica e não pode ser decifrada adequadamente se nos contentarmos em lê-la de maneira direta, literal, referencial. Quisemos reunir então, em relação à questão do léxico, as principais notas nas quais Nietzsche indica como proceder para uma leitura do *modo como ele quer que o texto seja lido* ou, na sua própria expressão, para lê-lo bem. O *Dictionnaire Nietzsche* analisa também, sempre com base nessa atenção voltada para as especificidades do modo de expressão nietzschiano, cerca de cinquenta noções que têm papel fundamental na construção de sua investigação. Esforçamo-nos para descrever, sempre citando os textos essenciais, a maneira pela qual essas noções, totalmente diferentes daquelas que podemos encontrar em outras *corporas* filosóficas não explicáveis a partir delas, elaboram-se, às vezes se desenvolvem e se ramificam para gerar outras noções, a maneira pela qual se constroem por oposição a certas doutrinas clássicas da tradição filosófica e também – ponto essencial, como dissemos – por que razão são assim designadas.

Com muita frequência, de fato, as noções-chave de Nietzsche são apresentadas em perifrases (vontade de potência, bom europeu, inversão de todos os valores), em imagens, metáforas, citações, empréstimos a línguas estrangeiras (*amor fati, gaya scienza*, por exemplo) que obedecem a uma determinada estratégia de sugestão: a designação já indica algo sobre o conteúdo da noção. Constatamos também – esse ponto é capital – uma lógica de significação não por designação direta, mas por remissão e multiplicação, levando à construção de uma rede metafórica que é a própria trama da expressão de Nietzsche. Uma consequência disso é o fato de que ele nunca emprega um termo único para designar uma

coisa, mas sempre uma pluralidade de termos relacionados, cada um revelando um aspecto que faz parte da coisa evocada. Tivemos então que compilar e explicitar as principais referências às quais o termo definido remetia. Vejam que o trabalho que tivemos de realizar para compor essa obra é bem mais elaborado do que aquele previsto geralmente para um dicionário em que um vocábulo único remete a uma coisa única e a descreve. Ler Nietzsche verdadeiramente, esforçando-se para apreender tudo o que ele quis dizer, sem descuidar das nuances que nele são essenciais, é uma operação de decifração extremamente complexa.

### IHU On-Line – Como se dá o diálogo e o intercâmbio de saberes e o debate acerca do legado de Nietzsche no Groupe international de recherche sur Nietzsche - GIRN e outras associações de pesquisadores de diferentes nacionalidades?

**Patrick Wotling** – O *Groupe international de recherche sur Nietzsche*, fundado por mim e por Giuliano Campioni<sup>6</sup>, nasceu de uma cooperação franco-italiana duradoura sobre o filósofo. Trata-se de uma estrutura inédita, em muitos aspectos, que não tem os mesmos objetivos e não funciona da mesma forma que a maioria dos grupos de pesquisa filosófica. Apoiou-se na constatação da escassez ou mesmo da ausência de um verdadeiro diálogo *internacional* na pesquisa universitária sobre Nietzsche, ao passo que existiam, por outro lado, principalmente na Europa, tradições comentaristas muito fortes e prestigiosas, mas muito diferentes quanto à metodologia e às finalidades. Existiam certamente contatos regulares entre diferentes países, mas cada um tendia a permanecer isolado no seu próprio trabalho,

<sup>6</sup> **Giuliano Campioni** (1945): nascido em Pescia, na Itália. Graduado e doutor em Filosofia pela Universidade de Pisa. Lecionou na Universidade de Pisa e na Universidade de Lecce. Fundador e diretor do Centro Colli-Montinari de Estudos sobre Nietzsche e a Cultura Europeia. Cofundador, com Patrick Wotling, do Groupe international de recherches sur Nietzsche - GIRN. Fundador, com Sandro Barbera e Franco Volpi, da coleção Nietzscheiana (Pisa: Editions ETS). Foi assistente de Mazzino Montinari na edição das obras, notas e cartas de Nietzsche. (Nota da **IHU On-Line**)

dentro de sua tradição nacional. Pa-receu-nos então benéfico criar um espaço que oferecesse mais que a justaposição de linhas de pesquisa e que favorecesse fortemente a leitura mútua aprofundada, ou seja, o estudo sistemático dos trabalhos estrangeiros provenientes dos espaços onde está presente uma escola ativa de pesquisa nietzschiana. Queríamos então facilitar – quase provocar, eu diria – o diálogo entre especialistas em Nietzsche, entre tradições nacionais que, convencidas de seu prestígio, tendem a permanecer fechadas em si mesmas.

O segundo objetivo é produzir uma pesquisa do mais alto nível de qualidade científica sobre o pensamento de Nietzsche. E a cooperação internacional, pela precisão e pelo encontro da diversidade de ângulos de análise que ela promove, é estimulante e propícia a produzir semelhante resultado. A principal condição para a realização de tal projeto é o multilinguismo, como podem imaginar. Para ser membro do GIRN, é preciso aprender a ler nas línguas dos outros pesquisadores. É certamente uma árdua tarefa, pois o GIRN possui seis línguas de trabalho, dentre as quais o português. Em compensação, todo membro é livre para apresentar o seu trabalho na sua língua materna, como garantia da precisão científica das análises apresentadas. Um congresso anual reúne os membros do grupo e, entre outras coisas, é uma oportunidade de apresentar e discutir – sempre em várias línguas – conferências sobre uma questão ou uma obra escolhida. O último congresso foi em Nice, no mês de junho, e teve como tema os textos de 1888. Pisa, Madri, Paris, Basileia, Louvain são algumas das cidades que receberam os encontros anteriores. Uma sessão de cada congresso é dedicada à apresentação das obras publicadas pelos membros no ano anterior. O congresso é um momento solene, mas os membros do grupo mantêm conversas permanentes em função de seus temas de pesquisa do momento. O ganho desse compartilhamento de perspectivas e competências diferentes é considerável. O GIRN já publicou sete obras – todas

multilíngues, insisto – que reúnem os trabalhos realizados nesses congressos. O primeiro livro teve como tema *A Gaia Ciência*; depois vieram volumes dedicados ao *Crepúsculo dos Ídolos* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2017), a *Aurora* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2016), aos textos sobre Wagner<sup>7</sup>, aos primeiros textos sobre os gregos, ao *Humano demasiado humano*, etc. Penso que Nietzsche, promotor da ideia do “bom europeu” (que não é necessariamente europeu), teria apreciado essa maneira supranacional de proceder.

“Nietzsche é certamente o pensador mais rigoroso da tradição filosófica”

**IHU On-Line – Quais são as particularidades do debate acerca da Genealogia na tradição interpretativa francesa? Quais são os pontos de convergência e divergência principais com outras tradições como a alemã, a italiana e inclusive a anglo-saxã?**

**Patrick Wotling** – Foi principalmente na França que a tradição interpretativa foi marcada, durante muito tempo, pela pregnância da ideia de genealogia e pela obra de

1887 com esse título. Quanto à noção nietzschiana de genealogia, isso se deve a dois fenômenos. Seu prestígio contribuiu para manter a atenção voltada para o autor de *Assim falou Zaratustra* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2008) e para a originalidade de sua abordagem, mas também para orientar a compreensão, ocultando ao mesmo tempo, infelizmente, algumas de suas dimensões. De um lado, o comentário de Gilles Deleuze<sup>8</sup> trouxe para a França a ideia de que o pensamento de Nietzsche se identificava como o procedimento genealógico; de outro lado, Michel Foucault<sup>9</sup> apoiou-se largamente, em sua reflexão, em certos esquemas da investigação nietzschiana, mas o fez para repensá-los ou para transpor seu espírito para um campo de análise diferente. A noção de arqueologia, por exemplo, resulta diretamente da noção de genealogia, mas não pretende se identificar com ela, pois Foucault nunca quis retomar Nietzsche pura e simplesmente, por mais que se tenha inspirado nele.

Foi, sobretudo, o primeiro fator, a leitura deleuziana ligada a fortes opções interpretativas, que marcou o debate sobre a genealogia dentro dos comentários nietzschianos franceses. Em parte, porque Deleuze tende a interpretar a genealogia, que é um procedimento em dois tempos (busca das origens produtoras de um fenômeno, e depois apreciação do valor dessas origens produtoras em termos de valor benéfico ou nocivo para o desenvolvimento da vida – o objetivo da genealogia é justamente

8 **Gilles Deleuze** (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos e singularidades. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/iuhon119>; edição 203, de 6-11-2006, disponível em <https://goo.gl/C2rx2k>; edição 364, de 6-6-2011, intitulada *História da loucura* e o *discurso racional em debate*, disponível em <https://goo.gl/wjqFL3>; edição 343, *O (des)governo biopolítico da vida humana*, de 13-9-2010, disponível em <https://goo.gl/M95yPv>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <https://goo.gl/RX62qN>. Confira ainda a edição nº 13 dos **Cadernos IHU em formação**, disponível em <http://bit.ly/iuhem13>, *Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética*. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Richard Wagner** (1813-1883): compositor alemão, considerado como um dos expoentes do romantismo na música. Como compositor de óperas, criou um novo estilo, grandioso, cuja influência sobre a música foi forte a ponto de os músicos de seu tempo e posteriores serem classificados como wagnerianos ou não-wagnerianos. Escreveu o libretto de todas as suas óperas, inclusive o ciclo do Anel dos Nibelungos, onde reconstrói partes da antiga mitologia germânica. Para a encenação deste e doutros espetáculos grandiosos que concebeu, foi construído o teatro de ópera de Bayreuth. É interessante notar que D. Pedro II, impressionado com a obra de Wagner, cogitou construir no Brasil este teatro. Sua vida pessoal teve também aspectos espetaculares, como terminar o primeiro casamento e ter que mudar de país por seu relacionamento com a esposa de von Bülow (Cosima, filha de Liszt) que se tornaria sua segunda esposa. Vem daí seu parentesco com Liszt. (Nota da **IHU On-Line**)

axiológico), limitando-o ao primeiro tempo, o que reduz o modo de investigação axiológica elaborada por Nietzsche a um simples procedimento histórico. Além disso, porque Deleuze se apoia maciçamente, para sua interpretação, nos *Elementos para a genealogia da moral* (traduzindo com exatidão o título original), em detrimento da maior parte das outras obras de Nietzsche, com exceção de *Assim falou Zaratustra*.

Na França, *Elementos para a genealogia da moral* foi tratado de fato, durante muito tempo, como um resumo, uma síntese, para não dizer uma Bíblia, do pensamento nietzschiano. Além disso, privilegiava-se muito o primeiro tratado somente, mais propício a explorações ideológicas. Isso levava inevitavelmente a deformações na compreensão da abordagem global de Nietzsche e à criação de certos mitos. Esquecia-se

principalmente do que estava escrito com todas as letras na capa da obra: sua subordinação a *Além do Bem e do Mal*, texto do qual são retomados alguns resultados (apenas alguns) para dar uma descrição mais desenvolvida dos mesmos, como, por exemplo, os do parágrafo 260. Isolada da lógica geral da empreitada nietzschiana – a problemática da cultura – e lida de maneira um tanto simplificadora, a obra pode facilmente se prestar a uma posição maniqueísta (os fortes contra os fracos, o ativo contra o reativo, o aristocrata contra o plebeu, o guerreiro contra o padre etc.), ou seja, a uma forma de dualismo: um preconceito cuja recusa está justamente no fundamento da empreitada nietzschiana! A renovação profunda dos estudos nietzschianos na França, a partir do final da década de 1980, modificou completamente a situação, passou a impor que se considerasse o corpus

em sua totalidade e exigiu um esforço maior de rigor filosófico. Comparadas à França, a Itália e a Alemanha não foram expostas ao mesmo fascínio pela obra de 1887 e a abordaram com base em sua própria tradição, em ambos os casos, muito mais histórica e filológica. Por essa razão, foram muito mais as pesquisas de fontes e de eventuais influências que mobilizaram a atenção.

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Patrick Wotling** – Eu gostaria de salientar que meus comentários não são exaustivos, fornecem apenas algumas indicações – esclarecedoras, espero – sobre um pensamento muito sutil e complexo para poder ser resumido em poucas linhas. Gostaria também de agradecer pelo generoso convite. ■



 [medium.com/@\\_ihu](https://medium.com/@_ihu)

**Giorgio Agamben**

A força de um pensamento que percebeu o traço profano da racionalidade moderna

ihu.unisinos.br

# O ressentimento como artifício do ódio e da vingança

Scarlett Marton discute como um certo ressentimento levou à produção constante de sistemas de desigualdade capazes de frear, para não dizer impossibilitar, a democracia

Márcia Junges | Edição: Ricardo Machado

32

**C**ompreender o valor dos valores é tarefa sempre difícil de realizar, porque requer colocar sobre si um ponto de interrogação a respeito das próprias crenças, o que sempre foi um exercício de profunda dificuldade. De certa maneira Nietzsche propõe-se a isso em *Genealogia da Moral* para tentar entender como sentimentos morais dos indivíduos se constroem e se conservam sob determinadas circunstâncias. Para Scarlett Marton, renomada pesquisadora em Nietzsche no Brasil, o pensador alemão foi um psicólogo *avant la lettre*. “É o que ocorre na *Genealogia da Moral*. Ao psicólogo caberá, então, questionar o valor dos valores morais, examinando as ‘condições e circunstâncias de seu nascimento, de seu desenvolvimento, de sua modificação’. A ele caberá relacionar os valores com as avaliações de que procedem e investigar de que valor estas partiram para criá-los. Ora, é justamente à crítica dos valores que Nietzsche dedica a maior parte de seus escritos”, descreve Scarlett Marton em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Outro tema de profunda relevância em sua obra é a transformação que os valores morais sofrem a partir da interferência de um certo ressentimento baseado no ódio e na vingança. “Assim a transformação dos valores foi fruto do ressentimento de homens fracos,

que, não podendo lutar contra os mais fortes, deles tentaram vingar-se através desse artifício. Ódio e desejo de vingança seriam as palavras-chave para compreender o ressentimento. É a diferença que causa o ódio, ou melhor, é a recusa da diferença que o engendra”, explica. “E assim se transfere o princípio democrático de uma igualdade das capacidades, das responsabilidades, das oportunidades sociais, enfim, de uma igualdade da felicidade no sentido pleno do termo, para uma igualdade diante dos objetos que se adquire. Em poucas palavras, a igualdade formal de direitos converte-se em igualização consumidora”, complementa.

**Scarlett Marton** é uma das maiores intelectuais especialistas em Nietzsche no Brasil. Coordena o Grupo de Estudos Nietzsche - GEN, da Universidade de São Paulo - USP. Realizou mestrado em Filosofia na Université Paris I Sorbonne, e o doutorado e a livre-docência em Filosofia na USP. É autora de diversos livros, dos quais destacamos *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos* (UFMG, 2000), *Extravagâncias: Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche* (Discurso, 2001), *A irrecusável busca de sentido. Autobiografia intelectual* (Ateliê Editorial, 2004) e *Nietzsche, filósofo da suspeita* (Casa do Saber/Casa da Palavra, 2010).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Em que sentido genealogia, psicologia e história se imbricam no contexto de *Genealogia da Moral*?**

**Scarlett Marton** – Num dos primeiros textos em que trata da psicologia, Nietzsche chega a defini-la como ciência que investiga a origem e

a história dos sentimentos morais. À primeira vista, essa definição que ele apresenta em *Humano, demasiado Humano* parece muito próxima da

“É justamente à crítica dos valores que Nietzsche dedica a maior parte de seus escritos. Não é por acaso, pois, que, nos textos do último período da obra, insiste em autodenominar-se psicólogo”

que se encontra em Christian Wolff<sup>1</sup>. Para Wolff, contudo, a psicologia deveria deduzir-se dos princípios gerais colocados pela metafísica; os fenômenos morais não poderiam, portanto, comportar uma “origem” e muito menos uma “história”. Para Nietzsche, ao contrário, impõe-se justamente inscrevê-los num tempo e num espaço. Com isso, ele opera um corte em relação à metafísica: não se fundando na noção de alma humana, os sentimentos morais deixam de remeter a essências; eles surgem, modificam-se e, por vezes, desaparecem. Tendo uma origem e uma história, acham-se também relacionados com a organização social dos indivíduos, de tal forma que em diferentes sociedades existiriam diferentes morais.

Nas passagens em que trata especificamente da psicologia, Nietzsche ressalta a necessidade de romper com a metafísica no exame das questões morais e destaca o auxílio que a história pode prestar na reflexão sobre elas. O trabalho do historiador auxiliaria a explicar as “condições de existência” de determinados povos, apontando os motivos que os levaram a concebê-las de tal modo; ajudaria a esclarecer os costumes de grupos sociais diversos, assinalando os móveis que fizeram com que os instituísem; permitiria elucidar os sentimentos morais de indivíduos de várias épocas e lugares, mostrando as razões de emergirem e se conservarem.

Além de ser de grande valia para a tarefa que o psicólogo se propõe realizar, o trabalho do historiador traria elementos para solapar concepções metafísicas. Contribuiria para denunciar as normas de conduta que se apresentam como absolutamente necessárias, apontando o momento de sua produção; concorreria para atacar os juízos que se pretendem universalmente válidos, mostrando as circunstâncias de seu aparecimento; colaboraria, enfim, para desmascarar as generalizações indevidas, ressaltando a especificidade de cada caso. E seria sobretudo de extrema relevância na crítica das ideias filosóficas usadas como base para as reflexões morais.

Se inicialmente Nietzsche concebe a psicologia como o estudo da origem e história dos sentimentos morais, quando introduz a noção de valor, passa a identificá-la ao procedimento genealógico. É o que ocorre na *Genealogia da Moral*. Ao psicólogo caberá, então, questionar o valor dos valores morais, examinando as “condições e circunstâncias de seu nascimento, de seu desenvolvimento, de sua modificação”. A ele caberá relacionar os valores com as avaliações de que procedem e investigar de que valor estas partiram para criá-los. Ora, é justamente à crítica dos valores que Nietzsche dedica a maior parte de seus escritos. Não é por acaso, pois, que, nos textos do último período da obra, insiste em autodenominar-se psicólogo.

**safiar 130 anos após sua publicação?**

**Scarlett Marton** – Dentre as descobertas filosóficas dos últimos cento e trinta anos, há que se notar a do fenômeno do ressentimento. Foi Nietzsche quem diagnosticou com lucidez, por vez primeira, a maneira de pensar, agir e sentir dos ressentidos. Na *Genealogia da Moral*, ele bem mostra que, sobrepujando a aristocracia guerreira da Grécia dos tempos homéricos, os sacerdotes converteram a preeminência política em preeminência espiritual. Enquanto valor aristocrático, “bom” identificava-se a nobre, belo, feliz; tornando-se valor religioso, passa a equivaler a pobre, miserável, impotente, sofrendor, piedoso, necessitado, enfermo. Assim a transformação dos valores foi fruto do ressentimento de homens fracos, que, não podendo lutar contra os mais fortes, deles tentaram vingar-se através desse artifício. Ódio e desejo de vingança seriam as palavras-chave para compreender o ressentimento. É a diferença que causa o ódio, ou melhor, é a recusa da diferença que o engendra.

Numa sociedade como a nossa, é notável o papel que desempenha o fenômeno do ressentimento. Hoje, para fazer da felicidade o veículo do mito igualitário, passa-se a concebê-la como algo mensurável. E assim se transfere o princípio democrático de uma igualdade das capacidades, das responsabilidades, das oportunidades sociais, enfim, de uma igualdade da felicidade no sentido pleno do termo, para uma igualdade diante dos objetos que se adquire. Em pou-

<sup>1</sup> **Christian Wolff** (1679-1754): filósofo alemão que influenciou os pressupostos racionalistas de Immanuel Kant. Sua primeira obra, de 1710, chama-se *Anfangs-Gründe Aller Mathematischen Wissenschaften*. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line – O que essa obra tem a nos dizer e nos de-**

cas palavras, a igualdade formal de direitos converte-se em igualização consumidora.

Contudo, é apenas quando não significarem mais nada para uns poucos que os itens a que eles têm acesso serão o apanágio de todos. É por esse viés que se transfere a desigualdade; é através dele que se preserva a distância. Numa sociedade como a nossa, em que os bens que se adquire nada mais são do que *signos evidentes* do sucesso social, os que os possuem não estão dispostos a dividi-los. Precisamente porque querem se distinguir da maioria, não podem permitir que outros também venham a aceder ao patamar em que se encontram. Ressentidos, promovem o ódio e o desejo de vingança.

**IHU On-Line – Além disso, em quais autores Nietzsche estava interessado à época da redação da *Genealogia*? Pode-se notar uma influência destacada de quais pensadores nesse escrito?**

**Scarlett Marton** – Fino estrategista, Nietzsche não hesita com frequência em converter em aliados seus adversários, num primeiro momento; dando a entender que assume as posições que advogam, evidencia os pontos vulneráveis daqueles que, então, se dispõem a questionar; contesta, por fim, estes que, de início, tomara por cúmplices. Dependendo dos alvos de ataque que elege e dos interlocutores que escolhe, a uma mesma proposição confere um tom assertivo ou irônico, dubitativo ou jocoso. É preciso, pois, explorar não apenas *o que* ele diz, mas sobretudo *como* ele diz, a quem se endereça e contra quem se dirige.

No caso da *Genealogia da Moral*, na primeira parte da obra, Nietzsche marca distância em relação ao tratamento dado pelos utilitaristas e evolucionistas às questões morais. Contrapõe-se a Stuart Mill<sup>2</sup> e Herbert Spencer<sup>3</sup> e também se vol-

ta contra Paul Rée<sup>4</sup>, de quem fora amigo próximo de 1875 a 1882. Vale lembrar que acabou de ser publicado na coleção *Sendas & Veredas* a tradução do livro de Paul Rée intitulado *A Origem dos Sentimentos Morais*, que é de fundamental importância para a compreensão das posições que Nietzsche assume na *Genealogia da Moral*.

**IHU On-Line – Quais são os pontos de convergência fundamentais entre *Ecce Homo*, de Nietzsche, e *As Palavras*, de Sartre? A partir dessa aproximação, quais seriam as implicações filosóficas dos escritos autobiográficos de ambos os autores?**

**Scarlett Marton** – Os escritos autobiográficos constituem uma das minhas “pequenas obsessões”. Não foi por acaso que publiquei em 2004 meu livro intitulado *A irrecusável busca de sentido. Autobiografia intelectual*, em que faço um balanço das minhas “escolhas” durante o meu percurso.

São várias as questões que a relação entre vida e obra suscita. Uma delas diz respeito ao tempo próprio da autobiografia. Escrito necessariamente inconcluso, interrompido

sófico baseado nas descobertas científicas de sua época, que pudesse ser aplicado a todos os assuntos. Foi o fundador da filosofia evolucionista. Em sua obra principal, *Um sistema de filosofia sintética* (1862-1896), aplicou a ideia da evolução à biologia, à psicologia, à sociologia e a outros campos do conhecimento. Em seu trabalho sobre biologia, Spencer traçou a evolução da vida desde sua forma menos reconhecível até o homem. Acreditava que a grande lei da natureza era a ação constante de forças que tendiam a mudar todas as formas do simples para o complexo. Spencer explicava que a mente do homem tinha se desenvolvido dessa mesma maneira, avançando das simples respostas automáticas dos animais inferiores aos processos de raciocínio do homem pensante. Escreveu também *A classificação das ciências* (1864) e *Os fatores da evolução orgânica* (1887). (Nota da IHU On-Line)

**4 Paul Ludwig Carl Heinrich Rée ou Paul Rée** (1849-1901): foi um autor, médico e filósofo alemão. Foi amigo de Friedrich Nietzsche durante um determinado período. Teve um caso com Lou Salomé, que se tornou um triângulo amoroso juntamente com Friedrich Nietzsche. (Nota da IHU On-Line)

**5 Jean-Paul Sartre** (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo* como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da IHU On-Line)

ou prematuro, ele se abre ao futuro. Como nele apresentar a vida? Fatiá-la em momentos sucessivos, capítulos cronologicamente articulados de um folhetim? Ou, desrespeitando sequências lineares, trazê-la de uma só vez, com suas diferentes fases superpostas e, quiçá, fundidas? Como pôr em cena a obra? Enquanto parte de um inventário psicológico ou como objeto de um relato anônimo? E, num segundo nível de questões: ao rememorar episódios da própria história, em que medida não se reafirma a intimidade burguesa?

No século XVII, proliferaram biografias e mesmo autobiografias. O ideal da autobiografia tradicional consiste precisamente em realizar uma espécie de coincidência entre o sujeito que escreve e o objeto que é a sua vida; seu fim consistiria na unidade de sujeito e objeto numa realização final de autocompreensão. A meu ver, nem Sartre nem Nietzsche tomam essa via. Ao falar sobre o seu projeto de autobiografia em 1955, Sartre afirma que quer se definir em relação ao seu momento histórico recorrendo tanto a uma certa psicanálise quanto ao método marxista. Dado o legado de Marx<sup>6</sup> e Freud<sup>7</sup>,

**6 Karl Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século 20. A edição 41 dos *Cadernos IHU ideias*, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, a edição número 278 da revista *IHU On-Line*, de 20-10-2008, é intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <https://goo.gl/7aYkVZ>. A entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira, foi publicada na edição 327 da *IHU On-Line*, de 3-5-2010, disponível em <http://bit.ly/2p4vpGS>. A *IHU On-Line* preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central de *O Capital*, obra de Marx, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/449>. A revista *IHU On-Line*, edição 525, intitulada *Karl Marx, 200 anos - Entre o ambiente fabril e o mundo neural de redes e conexões*, em celebração aos 200 anos do nascimento do pensador está disponível em [ihuonline.unisinos.br/edicao/525](http://ihuonline.unisinos.br/edicao/525). (Nota da IHU On-Line)

**7 Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista nascido em Freiberg, Tchecoslováquia. É o fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Desenvolveu a ideia de que as pessoas são movidas pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século 19 e continuam ainda muito debatidos. A edição 179 da *IHU On-Line*, de 8-5-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 4-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <https://goo.gl/wL1FIU>. A edição 16 dos *Cadernos IHU em formação*

**2 John Stuart Mill** (1806-1873): filósofo e economista inglês. Um dos pensadores liberais mais influentes do século XIX, defensor do utilitarismo. (Nota da IHU On-Line)

**3 Herbert Spencer** (1820-1903): filósofo britânico, ficou conhecido por sua tentativa de elaborar um sistema filo-

torna-se evidente que não estamos em condições de controlar inteiramente nossas vidas; nossa autocompreensão acha-se determinada por forças econômicas e libidinais, que estão além do nosso controle. Nietzsche, por sua vez, entende que, enquanto sintoma de impulsos, afetos e estimativas de valor, todo escrito revela a condição fisiopsicológica do autor num determinado momento. Não é por acaso que, em sua autobiografia, antes de discorrer sobre seus escritos, ele trata da questão do entendimento deles. Se bom estilo é o que comunica tensões de impulsos, disposições de afetos, para comunicá-las, o autor precisa dispor de signos, mas também tem de encontrar leitores que vivenciem essas tensões, essas disposições.

Ao confrontar os escritos de Sartre e de Nietzsche que se apresentam ou são tidos como autobiográficos, pretendi mostrar que, em que pese o fato de os autores partirem de posições teóricas distintas, eles revelam notáveis pontos de convergência. Pois, ao se recusarem a conceber o sujeito enquanto identidade substancial e o tempo como sucessão contínua, fazem da autobiografia algo inteiramente diverso de um corpus de acidentes empíricos ou da narrativa linear de uma vida.

### **IHU On-Line – Outra de suas pesquisas acerca de Nietzsche examinou a condição feminina. Quais são as considerações principais que esse filósofo faz acerca das mulheres e como tais ideias foram apropriadas/recebidas pelo meio acadêmico?**

**Scarlett Marton** – Na verdade, no momento estou trabalhando na elaboração do meu décimo sétimo livro, que tem por objeto precisamente “Nietzsche e as mulheres”. Durante muito tempo, as considerações do filósofo a respeito da condição feminina foram tomadas com precaução, por causa da misoginia presente em

seus textos. Revelava-se muito mais prudente, ao que parece, ignorá-las. Dentre os poucos que levaram em conta seus comentários, houve quem buscou defender a ideia de que eles não estavam à altura dos seus talentos ou simplesmente não eram de interesse filosófico. Recentemente, vários escritos feministas se propuseram discutir as posições assumidas por Nietzsche a propósito das mulheres; eles se situam sobretudo no contexto dos estudos publicados em língua inglesa. Investigar as eventuais contribuições da filosofia nietzschiana para a teoria feminista e discutir como interpretar as observações do filósofo sobre o feminino, estas têm sido as vias adotadas.

É bem verdade que não é fácil a tarefa do comentador que se volta para as passagens em que Nietzsche trata das mulheres. Elas constituem uma pleitora que vai de clichês a complexas e refinadas análises da condição humana, de digressões esparsas a reflexões que provêm de serrada argumentação. No meu próximo livro, defendo a tese de que as considerações de Nietzsche sobre as mulheres não ocupam um lugar marginal em sua obra; elas não se reduzem a preferências pessoais e, menos ainda, a desvios eventuais. Bem ao contrário, inscrevem-se em sua empresa filosófica.

### **IHU On-Line – Poderia relatar a gênese do surgimento do GEN e suas atividades atuais?**

**Scarlett Marton** – Imbuída do espírito que ainda animava o Departamento de Filosofia da USP no final da década de 1980, espírito esse que tinha em alta conta a formação, concebi e implementei o GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. Acabava de defender a tese de doutorado. Inscrita num período histórico determinado, ela foi testemunha e cúmplice da situação efetiva dos estudos nietzschianos. No Brasil, o filósofo chegara à Universidade no final da década de 1960. Em suas investigações, professores a ele recorriam de forma esporádica; tomavam-no como objeto de curiosidades intelectuais avulsas. A Nietzsche ainda não estava intei-

ramente assegurado o acesso à cena acadêmica do país. Era preciso, pois, construir Nietzsche como objeto de conhecimento. Minha tese de doutorado, que veio a público com o título *Nietzsche - das forças cósmicas aos valores humanos*, visou justamente a contribuir para dar ao autor de *Zarathustra* a legitimidade filosófica de que entre nós ele ainda carecia. Ao menos, é assim que esse trabalho hoje se me aparece.

Em 1989, quando das primeiras reuniões do GEN, convidei alguns estudantes para iniciarem comigo o exame crítico de *Assim falava Zarathustra*. Nos dez primeiros encontros, fizemos uma análise estrutural e genética das dez seções do prólogo do livro. Lemos frase por frase, palavra por palavra; estivemos atentos aos conceitos presentes e às estratégias adotadas. Pesquisamos as possíveis referências à história da filosofia, à religião cristã, ao contexto cultural; trouxemos para as nossas conversas a versão luterana da Bíblia, os escritos de Goethe<sup>8</sup> e Wagner<sup>9</sup>, os poemas de Hölderlin<sup>10</sup> e Heine<sup>11</sup>. O tra-

8 **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, foi uma das mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século 18 e inícios do século 19. Juntamente com Schiller, liderou o movimento literário romântico alemão *Sutrum und Drang*. De suas obras, merecem destaque *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Richard Wagner** (1813-1883): compositor alemão, considerado amplamente como um dos expoentes do romantismo na música. Como compositor de óperas, criou um novo estilo, grandioso, cuja influência sobre a música foi forte a ponto de os músicos de seu tempo e posteriores serem classificados como wagnerianos ou não-wagnerianos. Escreveu o libretto de todas as suas óperas, inclusive o ciclo do Anel dos Nibelungos, onde reconstrói partes da antiga mitologia germânica. Para a encenação deste e doutros espetáculos grandiosos que concebeu, foi construído o teatro de ópera de Bayreuth. É interessante notar que D. Pedro II, impressionado com a obra de Wagner, cogitou construir no Brasil este teatro. Sua vida pessoal teve também aspectos espetaculares, como terminar o primeiro casamento e ter que mudar de país por seu relacionamento com a esposa de von Büllow (Cosima, filha de Liszt) que se tornaria sua segunda esposa. Vem daí seu parentesco com Liszt. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Johann Christian Friedrich Hölderlin** (1770-1843): poeta lírico e romancista alemão. Conseguiu sintetizar na sua obra o espírito da Grécia antiga, os pontos de vista românticos sobre a natureza e uma forma não ortodoxa de cristianismo, alinhando-se hoje entre os maiores poetas germânicos. Em 1788, iniciou seus estudos em Teologia na Universidade de Tübingen, como bolsista. Lá conheceu Hegel e Schelling, que mais tarde se tornariam seus amigos. Devido aos recursos limitados da família e de sua recusa em seguir uma carreira clerical, Hölderlin trabalhou como tutor para crianças de famílias ricas. Em 1796, foi professor particular de Jacó Gontard, um banqueiro de Frankfurt, cuja esposa, Susette, viria a ser seu grande amor. Susette serviu de inspiração para a composição de *Diotima*, protagonista de seu romance epistolar *Hyperion*. Sobre Hölderlin, a **IHU On-Line** publicou a edição número 475, em 19-10-2015, intitulada *Hölderlin. O trágico na noite da Modernidade*, disponível em <http://migre.me/slpn>. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Heinrich Heine** (**Christian Johann Heinrich Heine**)

tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da **IHU On-Line**)

balho se estendeu por mais quatro anos, um para cada uma das partes do livro.

Ao exame crítico de *Assim falava Zarathustra* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2008) se seguiu, em 1994, o de *Ecce homo* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2008) e, dois anos depois, o dos prefácios de 1886 reeditados pelo filósofo, quando da reedição de suas obras publicadas. Nas nossas reuniões semanais, além dos escritos de Nietzsche, discutíamos textos de comentadores e trabalhos dos integrantes de nosso grupo de pesquisa. Depois, passamos a receber colegas meus de outras universidades do país e, por fim, pesquisadores estrangeiros.

Hoje, O GEN é um grupo de pesquisa internacional, que reúne estudiosos brasileiros da filosofia nietzschiana e, mais recentemente, também pesquisadores europeus. Presente em todo o Brasil, do Ceará ao Rio Grande do Sul, continua a perseguir o propósito de fazer avançar as investigações acerca do pensamento nietzschiano e julga que, para tanto, é essencial promover a discussão acerca das mais variadas interpretações dos textos do filósofo. Empreendimento pioneiro na América do Sul, o GEN procura não apenas incentivar os estudos nietzschianos entre nós como dialogar com as diversas Nietzsche Societies internacionais<sup>12</sup>.

Quanto às suas atividades, o GEN continua atuando em três frentes distintas: a revista *Cadernos Niet-*

*zsche* (Qualis A1), que integra a base de dados Scielo; a coleção de livros *Sendas & Veredas*, com 25 títulos publicados; os *Encontros Nietzsche*, organizados nos meses de maio e setembro em parceria com diferentes instituições do país, sendo que acabou de acontecer a sua quadragésima segunda edição.<sup>13</sup>

### **IHU On-Line – Quais são as redes de diálogo e parceria estabelecidas pelo GEN com outras entidades de pesquisa sobre esse filósofo, como o Groupe International de Recherches sur Nietzsche - GIRN e o Centro Colli Montinari, por exemplo?**

**Scarlett Marton** – Na universidade brasileira, de modo geral, entende-se por internacionalização enviar nossos estudantes ao exterior, para estágios de doutorado ou pós-doutorado, e receber professores estrangeiros para dar conferências, participar de congressos, além de publicar os seus trabalhos entre nós. É evidente a desproporção nesse caso, pois não nos colocamos como parceiros, e sim como colonizados. A meu ver, internacionalização tem de ser uma via de mão dupla. Por isso mesmo, há cerca de vinte anos tenho fortalecido e consolidado parcerias intelectuais e acadêmicas com grupos de pesquisa internacionais. Além dos grupos que você mencionou, valeria a pena lembrar SEDEN (Sociedad Española de Estudios sobre Friedrich Nietzsche), *Stiftung Weimarer Klassik*, *Internationale Nietzscheforschungsgruppe Stuttgart*. Na condição de codiretora do GIRN e de membro do conselho científico do recém-criado Hyper-

Nietzsche, pude abrir espaço para que jovens pesquisadores brasileiros participem de publicações e congressos fora do Brasil, discutindo com colegas europeus em igualdade de condições. Mais ainda, tenho trabalhado para fazer que a língua portuguesa seja reconhecida como uma língua de comunicação científica tão legítima quanto o inglês, o francês, o italiano ou o alemão.

### **IHU On-Line – A partir do trabalho de pesquisa desenvolvido pelo GEN, quais são os grandes desafios na construção de uma tradição brasileira acerca da filosofia desse pensador?**

**Scarlett Marton** – Com a implementação do GEN, persegui o propósito primeiro de contribuir para formar estudantes que, por sua vez, se tornariam formadores. E formar implica, antes de tudo, fazer ver que, no trabalho de pesquisa, se deve sempre partir do *status questionis*, de modo a não arrombar portas abertas; significa mostrar que, tendo conhecimento da fortuna crítica, é nossa responsabilidade levar adiante o trabalho que já foi realizado. Para tanto, são necessárias ferramentas. Não é por acaso que os integrantes do GEN procuram trabalhar com edições criteriosas dos textos de Nietzsche e sempre avaliar a pertinência ou não das traduções propostas; procuram ainda manter-se a par dos avanços da *Nietzsche Forschung*. Mas, para a construção de uma tradição brasileira de pesquisa do pensamento nietzschiano, é preciso não se deixar levar por tendências ou modismos; não importar temáticas ou metodologias que pouco têm a ver com o que fazemos. É preciso ainda evitar soluções de facilidade. Afinal, não há como abrir mão da atitude de probidade intelectual. ■

(1797-1856): poeta romântico alemão, conhecido como "o último dos românticos". Boa parte de sua poesia lírica, especialmente a sua obra de juventude, foi musicada por vários compositores notáveis como Robert Schumann, Franz Schubert, Felix Mendelssohn, Brahms, Hugo Wolf, Richard Wagner e, já no século XX, por Hans Werner Henze e Lord Berners. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>12</sup> Para saber mais, pode-se acessar as páginas <https://gen-grupodeestudosnietzsche.net> e <https://www.facebook.com/grupodeestudosnietzsche>. (Nota da entrevistada)

<sup>13</sup> AS páginas podem ser acessadas em [www.cadernosnietzsche.unifesp.br](http://www.cadernosnietzsche.unifesp.br); [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_serial&pid=2316-8242&nrm=iso&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=2316-8242&nrm=iso&lng=pt); <https://www.facebook.com/search/top/?q=cadernos%20nietzsche>. (Nota da entrevistada).

## Leia mais

- **Buscando o critério de avaliação das avaliações.** Entrevista especial com Scarlett Marton, publicada na revista IHU On-Line, nº 127, de 13-12-2004, disponível em <http://bit.ly/2xgzsSE>.

# A moral modelada pela diversidade das escolhas imanentes

Luca Crescenzi ressalta que o pensamento trazido por Nietzsche a partir da Genealogia da Moral coloca em causa a noção dos conceitos universais e traz para o centro do debate as decisões historicamente verificáveis

Márcia Junges | Edição: Ricardo Machado | Tradução: Ramiro Mincato

**P**redominantemente debatido por suas posições teóricas, o pensamento de Nietzsche passa a ter maior relevância no pós-guerra por sua força metodológica, que passa a receber mais atenção. “A ideia de que à base dos juízos de valor não há pressupostos metafísicos, nenhuma grande ideia universal, mas apenas realidade e escolhas historicamente verificáveis e definíveis, que cabe ao filósofo o trabalho de reconstruí-los, trouxe à filosofia uma tarefa tão grande que ainda estamos longe de esgotar”, pontua Luca Crescenzi, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Ainda que seja radicalmente crítico a uma moral *a priori* baseada em pressupostos religiosos do cristianismo, especialmente, Nietzsche, segundo explica o entrevistado, insiste “em enfatizar o poder também salvífico que os ideais ascéticos tiveram para uma humanidade

de outra forma condenada, em grande parte, a uma existência de puro sofrimento e submissão”. Ir na contramão do ressentimento é seguir a favor de uma política que seja capaz de dar conta das mais variadas formas de vida. “Já acenei antes ao significado que a crítica da moral do ressentimento tinha para a crítica nietzschiana à ‘pequena’ política de Bismarck, e ao significado que pode ter hoje para um mundo amplamente ritmado por fenômenos de populismo, que encontra no ressentimento das massas uma das matrizes mais profundas”, alerta.

**Luca Crescenzi** é graduado em Filosofia e Letras pela Universidade de Roma, La Sapienza, onde realizou doutorado. Atualmente é professor titular e coordenador do doutorado em Literatura na Universidade de Trento, também na Itália.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Depois de 130 anos da publicação, quais são as proposições mais instigantes da Genealogia da Moral? Qual seu maior legado e quais pontos ainda precisam ser elucidados?**

**Luca Crescenzi –** A *Genealogia da Moral* (São Paulo: Companhia das Letras, 1998) é a obra em que, como sabemos, Nietzsche<sup>1</sup> concentra

uma análise histórica e crítica dos preconceitos morais em uma abor-

o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche, foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/HI7xvP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-5-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em <https://goo.gl/zuxC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpI>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>1</sup> **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca

psicológicos, fisiológicos, linguísticos, sociológicos e culturais, que ajudam a explicar seu “surgimento”, está à base de tanta cultura filosófica moderna. *A Arqueologia do Saber* (Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2008) de Foucault<sup>2</sup> ou a crítica dos indícios de Agamben<sup>3</sup>, ou até mesmo muitas ramificações dos estudos culturais atuais, seriam difíceis de imaginar sem levar em conta a história de *Genealogia da Moral*. A ideia de que à base dos juízos de valor não há pressupostos metafísicos, nenhuma grande ideia universal, mas apenas

realidade e escolhas historicamente verificáveis e definíveis, que cabe ao filósofo o trabalho de reconstruí-los, trouxe à filosofia uma tarefa tão grande que ainda estamos longe de esgotar. Pode-se dizer que toda a pesquisa histórica, filológica, sociológica e cultural adquiriu, depois de Nietzsche, um horizonte de interesses genealógicos que ainda não foi abandonado. Mas, naturalmente, um projeto tão vasto como a análise genealógica, não apenas dos juízos morais de valor, mas de todos os juízos de valor em geral, apresenta dificuldades que exigem ajustes contínuos no método de investigação.

Neste sentido, é interessante que a pesquisa volte continuamente a interrogar o texto de Nietzsche – e, particularmente, a obra-prima da obra-prima que é o prefácio –, para compreender melhor e diversamente os aspectos mais sutis. Também o mais recente livro sobre *Genealogia da Moral*, de Karsten M. Thiel, propõe uma leitura original e estimulante do método histórico-crítico nietzschiano, como uma historiografia sem passado (ou seja, feita de tal modo que não esquece o significado que o passado tem no presente), colocou em foco novas nuances do discurso nietzschiano. Além disso, em minha opinião, ainda não foi completamente compreendido o conteúdo político da *Genealogia da Moral* e do método de investigação de Nietzsche que, para dizer em uma palavra, tinha em mira as mitologias e as expressões culturais reacionárias da política alemã no final do século XIX (como o antissemitismo), mas conserva uma atualidade que no recente avanço do populismo mundial, com sua retórica simplista e o retorno de valores morais alarmantes, frequentemente associados a um declarado “ressentimento”, torna ainda mais evidente.

**IHU On-Line – Quais são as principais temáticas desta obra em discussão hoje nos círculos nietzschianos?**

**Luca Crescenzi** – É uma pergunta complexa porque, como todas as obras de Nietzsche, *A Genealogia*

*da Moral* está sendo estudada, com diferentes métodos, dependendo do país, das circunstâncias e das tradições, em todo o mundo. A crítica do igualitarismo de Nietzsche, por exemplo, é frequentemente mencionada nos estudos que procuram encontrar ligações entre a filosofia nietzschiana e a ideologia Nacional-Socialista (da qual, temo, ainda não nos libertamos), enquanto na Índia, a filosofia de Nietzsche é estudada precisamente por sua ética libertadora. Se nos limitarmos à investigação europeia e ocidental (dentro da qual há também muitas diferenças), diria que os principais impulsos para a releitura da *Genealogia* vieram dos estudos que investigaram a relação de Nietzsche com a tradição filosófica iluminista, com a cultura científica contemporânea, com o darwinismo e com a historiografia e a crítica positivistas. Eles nos permitiram contextualizar o pensamento nietzschiano, varrendo leituras simplificadoras e mostrando, por exemplo, como certas expressões aparentemente sugestivas e metafóricas introduzem no texto referências a precisos debates científicos e filosóficos contemporâneos. Neste contexto, também houve lugar para repensar a relação entre pensamento genealógico e historiografia a que me referi anteriormente, e desenvolveram-se estudos sobre a linguagem e o estilo da *Genealogia*. É claro que jogar luz, todas as vezes, no debate em relação ao qual Nietzsche toma implicitamente posição, com uma frase, uma imagem ou mesmo uma simples palavra, significa dar-lhe um novo peso e novo significado, no contexto de um livro, que é principalmente o resultado, como escreveu Andrea Orsucci<sup>4</sup>, de um paciente “trabalho de reminiscências incrustadas”.

**IHU On-Line – Qual é a relação entre vontade de poder e criação de novos valores a par-**

**4 Andrea Orsucci** (1953): é graduado em filosofia no Departamento de Filosofia da Universidade de Pisa, onde mais tarde foi pesquisador da Scuola Normale Superiore em Pisa. Desde 1998 professor de História da Filosofia Contemporânea na Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Cagliari. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/iuon119>; edição 203, de 6-11-2006, disponível em <https://goo.gl/C2rx2k>; edição 364, de 6-6-2011, intitulada '*História da loucura*' e o discurso racional em debate, disponível em <https://goo.gl/wjqFL3>; edição 343, *O (des)governo biopolítico da vida humana*, de 13-9-2010, disponível em <https://goo.gl/M95yPv>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <https://goo.gl/RX62qN>. Confira ainda a edição nº 13 dos **Cadernos IHU em formação**, disponível em <http://bit.ly/iuon13>, **Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética**. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Giorgio Agamben** (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do Collège International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo estadunidense. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias – A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 4-9-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em <http://bit.ly/jasson040907>. A edição 236 da **IHU On-Line**, de 17-9-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em <https://goo.gl/zZRChp>. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, disponível para acesso em <http://bit.ly/iuon81>. Em 30-6-16, o professor Castor Bartolomé Ruiz proferiu a conferência *Foucault e Agamben. Implicações Ético Políticas do Cristianismo*, que pode ser assistida em <http://bit.ly/29j12pl>. De 16-3-2016 a 22-6-2016, Ruiz ministrou a disciplina de Pós-Graduação em Filosofia e também validada como curso de extensão através do IHU intitulada *Implicações ético-políticas do cristianismo na filosofia de M. Foucault e G. Agamben. Governamentalidade, economia política, messianismo e democracia de massas*, que resultou na publicação da edição 241 dos **Cadernos IHU ideias**, intitulado *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno*, que pode ser acessada em <http://bit.ly/1Yy0757>. Em 23 e 24-5-2017, o IHU realizou o VI Colóquio Internacional IHU – Política, Economia, Teologia. Contribuições da obra de Giorgio Agamben, com base sobretudo na obra *O reino e a glória. Uma genealogia teológica da economia e do governo* (São Paulo: Boitempo, 2011. Tradução de: *Il regno e la gloria. Per una genealogia teologica dell'economia e del governo*. Publicado originalmente por Neri Pozza, 2007). Saiba mais em <http://bit.ly/2hcAore>. Em 2017 a revista **IHU On-Line** publicou a edição *Giorgio Agamben e a impossibilidade de salvação da modernidade e da política moderna*, nº 505, disponível em <http://bit.ly/2NXjQwT>. (Nota da **IHU On-Line**)

## tir da transvaloração, pelo que podemos ver nesta obra?

**Luca Crescenzi** – Esta pergunta pode ser respondida de muitas maneiras, mas permanecerá sempre uma equação, com muitas incógnitas, porque, nem o conceito de “vontade de poder”, nem o conceito de “transvaloração de valores”, podem ser definidos de maneira unívoca. Na *Genealogia da Moral*, ao contrário, Nietzsche fala da “vontade de poder” fazendo expressa referência ao livro sobre o tema que está escrevendo, e que, como se sabe, nunca terminou. Por sua vez, neste livro nunca concluído, Nietzsche deveria ter esclarecido o projeto da transvaloração de valores e o elo dessa transvaloração com a vontade de poder. Nós, naturalmente, com referências às muitas notas para a obra publicada entre os fragmentos póstumos, podemos ter uma ideia do que Nietzsche pretendia na *Genealogia da Moral*, mas, paradoxalmente, percebemos algo muito diferente do que encontramos no livro.

Simplificando ao máximo: na *Genealogia da Moral*, a vontade de poder deve ser interpretada como vontade de domínio e opressão, como vem expresso de forma exemplar no agir e na moral dos senhores e das “raças dominantes”. Neste sentido, a superação da dominante moral dos escravos pareceria indicar o caminho para uma transvaloração dos valores, no sentido de uma restituição do homem aos impulsos primitivos, subjugados ao longo da história da civilização. Mas, das notas póstumas se compreende bem que o horizonte da “vontade de poder” é muito mais amplo e coincide, usando uma definição sintética de Mazzino Montinari<sup>5</sup>, com a própria vida. A vontade de poder seria, portanto, dinâmica de desenvolvimento e potenciamento da vida, através do confronto e do contraste, e, por isso, o agir das ra-

ças dominantes não seria outra coisa senão uma das maneiras pelas quais a vontade de poder assume forma evidente. Então, transvaloração dos valores não ocorre por meio de uma simples superação da moral do ressentimento e dos seus valores, na direção de crueldade e felicidade primogênita dos “senhores”, mas deve, ao invés, acontecer por meio da reconquista no contexto da civilização de todos os instintos vitais, que a própria civilização, em seu percurso histórico, reprimiu. É, em outras palavras, uma transvaloração que ocorrerá em virtude daquele dionísio “sim à vida”, grande tema da última filosofia de Nietzsche.

“Depois da Segunda Guerra Mundial, foi a dimensão metodológica do trabalho que atraiu maior atenção”

**IHU On-Line – Qual é a importância dos conceitos “moral dos senhores” e “moral dos escravos” no contexto deste livro?**

**Luca Crescenzi** – São dois conceitos centrais do livro, a partir dos quais Nietzsche apresenta a formação genealógica de dois sistemas de valores contrapostos. É interessante lembrar o que Nietzsche diz no aforisma 260 do livro *Além do Bem e do Mal* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2005): “As diferenciações dos valores morais surgiram ou no meio de uma raça dominante, que em seu sentimento de bem-estar adquiria consciência da própria diferença com aquela dominada — ou em meio aos dominados, aos escravos, aos subordinados de todos os níveis”.

Esta é a contraposição que estrutura toda a *Genealogia da Moral*. Cada uma das ordens de valor moral é produzida no meio de um povo, de uma “raça”, ou de uma classe, com a finalidade de delimitar-se daquilo que se considera pior, desprezível ou vil e, ao mesmo tempo, impor-se sobre isso. Se, no entanto, é claro que a moral dos senhores tenha sido definida em relação à realidade de quem sofria uma condição inferior, muito mais complexo é, em vez disso, esclarecer como se formou a moral de quem, definindo em estado de minoridade, tenha considerado necessário distinguir-se de quem gozava de uma condição superior, conseguindo finalmente impor-se. Toda a terceira parte da *Genealogia* é dedicada à explicação desse segundo fenômeno.

**IHU On-Line – É correto dizer que há em Nietzsche uma conexão íntima entre vontade de poder e ideal ascético?**

**Luca Crescenzi** – Sempre dentro dos limites que o conceito de “vontade de poder” conhece na *Genealogia da Moral*, da qual falei antes, pode-se certamente individuar uma clara conexão entre vontade de poder e ideal ascético. Há, inclusive, conexão em dois sentidos: o ideal ascético é uma expressão, ao mesmo tempo, residual e radical da vontade de poder. Isto aparece claramente sobretudo no parágrafo 11 da terceira dissertação, quando Nietzsche analisa a figura do “padre ascético”, isto é, o representante e o propagandista do ideal ascético. Ele, observa Nietzsche, “é uma autocontradição”, e o é enquanto animado por um ressentimento sem paralelo, decorrente da “vontade de poder” que – conforme escreveu explicitamente na famosa fórmula – “quer dominar, não sobre algo da vida, mas a própria vida”. A ascese, deste modo, configura-se como empobrecimento e diminuição da vida em função do domínio sobre a própria vida. Se tomarmos de Montinari a definição da vontade de poder como a própria vida, a contradição

<sup>5</sup> **Mazzino Montinari** (1928-1986): scholar italiano de germanística, mundialmente reconhecido como um dos mais importantes estudiosos de Nietzsche. No final dos anos 1950, com Giorgio Colli, iniciou a edição crítica das obras de Nietzsche, publicada em italiano pela Adelphi, em francês pela Gallimard, e em alemão pela Walter de Gruyter. Em 1972, junto de outros pesquisadores, Montinari fundou o jornal internacional Nietzsche-Studien. (Nota da IHU On-Line)

é evidente: o padre ascético exerce a máxima vontade de poder (domínio sobre a inteira esfera da vida), através de rejeição e condenação do instinto vital, ou, para dizer de novo com Nietzsche, “ele tenta usar a força para obstruir as fontes da força”. Ele é, em resumo, como disse antes, expressão residual da vontade de poder, porque nele o instinto vital reduz-se ao mínimo e, ao mesmo tempo, é sua expressão radical, uma vez que aspira à dominação total.

“Uma transvaloração que ocorrerá em virtude daquele dionisíaco “sim à vida”, grande tema da última filosofia de Nietzsche”

**IHU On-Line – Em que sentido se pode dizer que *Genealogia da Moral* é uma das bases sobre as quais Nietzsche baseia a construção e o emergir de outras formas de vida, fora do parâmetro da moral tradicional?**

**Luca Crescenzi** – Na *Genealogia da Moral* em si, Nietzsche não formula o projeto de uma nova vida ou de novas possíveis formas de vida: seria muito ingênuo pensar que Nietzsche acredite na necessidade de voltar para o instinto de crueldade e opressão dos dominantes. Pelo contrário, insiste também em enfatizar o poder também salvífico que os ideais ascéticos tiveram para uma humanidade de outra forma condenada, em grande parte, a uma existência de puro sofrimento e submissão. Porém, é verdade que a *Genealogia*

lança luz sobre os nexos que conectam a crítica da moral nietzschiana à visão de uma existência livre da subordinação à autoridade de um deus, libertada da busca de verdades absolutas, restituída a uma naturalidade que o processo de civilização reprimiu completamente, em geral, a preconceitos da moral, da razão e da metafísica. Deste ponto de vista, as páginas sobre as estratégias que o padre ascético adota para “corromper a saúde da alma”, nos últimos parágrafos da terceira dissertação, são perfeitamente comparáveis com muitas páginas de Zarathustra.

**IHU On-Line – Em última análise, poderíamos dizer que a *Genealogia da Moral* problematiza a Modernidade como um tod, e funciona como uma ruptura?**

**Luca Crescenzi** – Certo, pode-se dizer, desde que identifiquemos Modernidade e decadência. O objeto da *Genealogia* é a crítica da moral enquanto baseada no empobrecimento dos instintos, no enfraquecimento da vida e da força vital, na negação do que é forte, saudável, belo, ativo. Estas são todas características da decadência, condição predominante na humanidade moderna, o estado que qualifica a modernidade. Além disso, Nietzsche não considera a *décadence* essencialmente como realidade histórica, mas como condição fisiológica e psicológica do homem que, no tipo moderno, mostra-se de maneira mais evidente. A *Genealogia* interpreta esta condição de enfraquecimento como efeito de um processo que tem raízes muito distantes, e se consolida no momento em que fraqueza, doença, sofrimento são afirmados como valores positivos ou, até mesmo, como fundamentos da moral. Neste sentido, a *Genealogia* não fornece receitas para superar a *décadence* (que, para Nietzsche, não é uma condição superável por um simples ato da vontade), mas é uma contribuição para a consciência a respeito da necessidade de mudar a escala com a qual se mede valor e antivalor.

**IHU On-Line – Por que é importante considerar *Além do Bem e do Mal* no contexto em que foi escrito, e da tentativa de esclarecimento de Nietzsche com *Genealogia da Moral*?**

**Luca Crescenzi** – O próprio Nietzsche, em *Ecce Homo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2008) e em algumas de suas cartas, declara que *Além do Bem e do Mal* e *Genealogia da Moral*, juntos ao *Crepúsculo dos ídolos* (São Paulo: Companhia das Letras, 2006), formam o início do trabalho de transvaloração de valores, ou seja, da filosofia do “não” à modernidade e seus ídolos – ciência, arte, política –, e são duas obras estreitamente relacionadas. Certamente isto é verdade e deve-se ter presente. Mas, na verdade, a *Genealogia da Moral* nasce no interior de uma reflexão unitária da qual brotam não só as duas obras de 1886-1887, mas também o quinto livro de *A Gaia Ciência* (São Paulo: Companhia das Letras, 2006), as introduções para as segundas edições das obras anteriores a 1886, algumas partes do *Zarathustra* e os cadernos de notas do biênio 1886-1887. Todos estes textos tratam problemas semelhantes e se complementam um ao outro, muitas vezes se sobrepondo, mas – é importante dizer – sem jamais se contradizer, ao contrário, enfrentando determinadas questões a partir de diferentes pontos de vista, também em resposta às solicitações derivadas das leituras feitas naqueles anos.

**IHU On-Line – Que questões fundamentais permeiam a ética e a política da *Genealogia*?**

**Luca Crescenzi** – Trata-se de uma questão muito ampla, sobre a qual, não por acaso, há muito tempo e, até hoje, há discussão muito viva. Eu diria que os dois centros de crítica moral de Nietzsche na *Genealogia* é, sem dúvida, a análise do ressentimento e a crítica dos ideais ascéticos como o fundamento dos valores morais sobre os quais a sociedade ocidental se constituiu. Mas a dedução de temas políticos destes pressu-

postos não é tão óbvia. Entre as diferentes leituras da filosofia política de Nietzsche, duas se contendem, há muitos anos, sobre o primado: aquela que atribui a Nietzsche visões profundamente iliberais (que a *Genealogia da Moral*, com sua crítica ao igualitarismo e sua visão aristocrática da soberania, parece confirmar), e aquela que considera Nietzsche, basicamente, como um pensador apolítico. Não entrarei nessa discussão, que apaixona especialmente os estudiosos anglo-americanos, e que, acredito, deveria ser mais aprofundada em direções também diferentes das indicadas. No entanto, já acenei antes ao significado que a crítica da moral do ressentimento tinha para a crítica nietzschiana à “pequena” política de Bismarck<sup>6</sup>, e ao significado que pode ter hoje para um mundo amplamente ritmado por fenômenos de populismo, que encontra no ressentimento das massas uma das matrizes mais profundas. Mais do que interrogar-se sobre motivos políticos detectáveis na obra de Nietzsche, não seria interessante perguntar-se

<sup>6</sup> **Otto von Bismarck [Otto Leopold Eduard von Bismarck-Schönhausen]** (1815-1898): quando primeiro-ministro do reino da Prússia (1862-1890), unificou a Alemanha, depois de uma série de guerras, tornando-se o primeiro chanceler (1871-1890) do Império Alemão. Tornou-se conhecido como o “Chanceler de Ferro”. A política de Bismarck pautou-se pelo nacionalismo e pelo militarismo. As guerras com a Dinamarca e depois com a França asseguraram a unificação da Alemanha em torno de um regime militarista. (Nota da **IHU On-Line**)

que categorias da crítica nietzschiana da moral seriam ferramentas de análise ainda atuais, ou talvez, sempre mais atuais?

“Pelo contrário, insiste também em enfatizar o poder também salvífico que os ideais ascéticos tiveram para uma humanidade de outra forma condenada”

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algo?**

**Luca Crescenzi** – Há um tema no início do prefácio da *Genealogia* que considero muito importante. Aparentemente trata-se de uma simples jogada retórica de Nietzsche, que se apresenta como “procurador do co-

nhecimento, isto é, como filósofo, e deste modo, por assim dizer, “assina” seu livro. Mas é uma assinatura singular e muito socrática, porque o filósofo se apresenta como alguém que “não se reconhece naquele que procura o conhecimento”. O filósofo é desconhecido por si mesmo, mas é desconhecido por si mesmo precisamente como filósofo e, portanto, é um caçador de conhecimento, privado da necessidade de responder a si mesmo sobre aquilo que descobre. Em outras palavras, não sente o dever de trazer à luz a “sua” verdade, pois não conhece seu próprio eu mais de quanto não conhece “a” verdade, podendo fazer experimentos, trazendo à luz verdades sempre novas e diferentes, mesmo que isso signifique negar pontos de vista previamente apoiados e defendidos por ele mesmo. Este é um tema importante do último Nietzsche, que põe em questão a natureza do filósofo e sua relação com a verdade “cambiante” da qual fala Zaratustra. Um tema aparentemente ausente da *Genealogia*, mas que, em vez disso, aparece exatamente no início do livro, como a mais necessária premissa para tudo o que se segue: porque mesmo a crítica mais aguda da moral não é mais uma estação daquela procura de conhecimento que os filósofos perseguem sem preocupação consigo mesmo. ■



ihu.unisinos.br

3º Ciclo de Estudos

**REVOLUÇÃO 4.0**

Impactos nos modos de produzir e viver

De 20 de agosto a 12 de novembro de 2018

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

# Homem, um animal político

Oswaldo Giacoia Junior sustenta que a autoconstituição humana ocorre, segundo a obra de Nietzsche, a partir da passagem da *physis* ao *nomos*, da natureza à cultura

Márcia Junges | Edição: Ricardo Machado

A modelagem moderna transformou o ser humano em “homem”, com compromissos com valores fundamentais da modernidade cultural e política. Trata-se, na verdade, de um longo processo que remete, antes mesmo da modernidade, a conformações morais que vão do platonismo ao cristianismo de acordo com as condições históricas. “O que se encontra em questão é a aventura de autoconstituição do homem como animal político, da passagem da *physis* ao *nomos*, da natureza à cultura: Como criar um animal que pode *fazer promessas*? Esta é, para Nietzsche, a tarefa paradoxal imposta pela natureza a si mesma, com relação ao homem – é o autêntico problema do homem, entendendo-se como genitivo tanto como objetivo quanto subjetivo”, coloca **Oswaldo Giacoia Junior**, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Portanto, o que parece haver no fundo, como imperativo político, é transformar o ser humano em homem domesticado. “Trata-se da tarefa tornar o ‘animal homem’, até certo ponto, necessário, regular, uniforme, igual entre iguais, constante, e, portanto, confiável, de criar uma praxeologia como pré-história da práxis humana: o autêntico trabalho do homem sobre si mesmo”, explica Giacoia. Nesse sentido, o ressentimento, como categoria sociológica, engendra um travamento da criati-

vidade política. “Pois o ressentimento é um aprisionamento do psiquismo no passado – sobretudo sob a forma da incapacidade de assimilar e transformar uma vivência traumática; com o travamento do esquecimento, o trauma sempre de novo retorna, impedindo a abertura da consciência para novos estados, novas vivências”, destaca.

**Oswaldo Giacoia Junior** é graduado em Direito pela Universidade de São Paulo - USP e em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, onde também realizou mestrado e doutorado. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Livre de Berlim, Universidade de Viena e Universidade de Lecce, Itália, e livre docência pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, onde leciona no Departamento de Filosofia. Especialista em Nietzsche, é autor de diversas obras, das quais destacamos *Nietzsche versus Kant: Um Debate a respeito de Liberdade, Autonomia e Dever* (Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012) e *Heidegger Urgente. Introdução a um Novo Pensar* (São Paulo: Três Estrelas, 2013).

Recentemente, Giacoia lançou o livro *Agamben por uma Ética da Vergonha e do Resto* (São Paulo: N-1 Edições, 2018).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – A que o senhor se refere quando menciona acerca de um certo parênteses em *Genealogia da Moral*?**

**Oswaldo Giacoia Junior** – Refiro-me ao § 27 da terceira dissertação de *Para a Genealogia da Moral*. No início deste parágrafo,

Nietzsche<sup>1</sup> se propõe a deixar de lado

<sup>1</sup> **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvalora-

## “O que se encontra em questão é a aventura de autoconstituição do homem como animal político”

as ‘curiosidades e complexidades’ do espírito moderno, para retornar ao problema cardinal da terceira dissertação (“nosso problema”, tal como aparece no texto): o problema da *significação* do ideal ascético, numa perspectiva que dispensa as considerações sobre o “ontem e o hoje”. É nesse parágrafo que Nietzsche conclui sua interpretação do significado dos ideais ascéticos para a humanidade – e convém notar que no texto o plural é substituído pelo singular, para indicar que não se trata apenas dos ideais ascéticos (pobreza, obediência e castidade), mas do *ideal em geral*, cuja essência é a ascese, e, por consequência, o niilismo. No parágrafo seguinte (§ 28), o ideal ascético (e o nada que lhe é inerente) vai aparecer como o *único sentido* que foi oferecido ao homem, em face do sofrimento e da morte como condições da vida. O homem só pode suportar o sofrimento e a morte – radicadas essencialmente em sua finitude – a

partir da abertura para ele de uma dimensão de sentido: A falta de sentido da dor, não a própria dor, é a maldição que se estende sobre a vida humana, e da qual o ideal ascético vem proporcionar alívio e promessa de redenção. É nesse contexto que vem à luz, segundo a interpretação de Nietzsche, a imbricação essencial entre a ciência e o ideal ascético, no qual ele descreve a culminância catastrófica do ideal enquanto tal – particularmente o ideal de verdade como valor absoluto.

“O que me interessa deixar aqui indicado é isto: também na esfera mais espiritual o ideal ascético continua encontrando, no momento, apenas um tipo de inimigo verdadeiro capaz de prejudicá-lo: os comediantes\* desse ideal – porque despertam desconfiança. Em toda outra parte onde o espírito esteja em ação, com força e rigor, e sem falseamentos, ele dispensa por completo o ideal – a expressão popular para essa abstinência é ‘ateísmo’: excetuada a sua vontade de verdade. Mas essa vontade, esse resto de ideal, é, se me acreditam, esse ideal mesmo em sua formulação mais estrita e mais espiritual, esotérico ao fim e ao cabo, despojado de todo acréscimo, e assim não tanto resto quanto âmago (Kern). O ateísmo incondicional e reto (–e somente seu ar é o que respiramos, nós, os homens mais espirituais dessa época!) não está, portanto, em oposição a esse ideal, como parece à primeira vista; é, isto sim, uma das últimas fases do seu desenvolvimento, uma de suas formas finais e consequências internas – é a apavorante catástrofe” de

uma educação para a verdade que dura dois milênios, que por fim se proíbe a mentira de crer em Deus.” [Nietzsche, F. *Genealogia da Moral*. III, 27. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 146s.].

Trata-se, como se percebe nas entrelinhas do texto acima citado, das fases do desenvolvimento do niilismo – e uma das provas disso é a alusão feita no início do § 27 à ‘história do niilismo europeu’, de que cuidaria o anunciado livro *A Vontade de Poder. Ensaio de Transvaloração de Todos os Valores*.

Ora, justamente no meio deste estratégico § 27, Nietzsche introduz um longo parêntese, para indicar uma analogia estrutural – ou mesmo uma invariância – na lógica do desenvolvimento da cultura ocidental e naquela da cultura oriental, identidade que vem à luz nos desdobramentos históricos do hinduísmo (a filosofia Sankhya e Buda) e do Cristianismo (os destinos da veracidade e moralidade cristãs), conduzindo à idêntica catástrofe, ou seja, à autossupressão (*Selbstaufhebung*) do ideal.

“(O mesmo desenvolvimento na Índia, em completa independência e por isso com algum valor de prova; o mesmo ideal levando ao mesmo fim; o ponto decisivo alcançado cinco séculos antes do calendário europeu, com Buda; mais precisamente, com a filosofia Sankhya, em seguida popularizada por Buda e transformada em religião.)” [Nietzsche, F. *Genealogia da Moral*. III, 27. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 147].

ção dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche, foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-5-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo professor Oswaldo Giacóia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzalpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

Trata-se de um parêntese decisivo, pois indica um elemento fundamental na teoria da cultura de Nietzsche: o valor de prova da interpretação que distingue no niilismo a lógica da decadência cultural encontra-se na repetição das mesmas fases de desenvolvimento, em completa independência dos dois termos da comparação. Até mesmo porque o desdobramento catastrófico na Índia atinge seu ponto culminante cinco séculos antes do calendário europeu, ou seja, cristão. Ora, esta interpretação lança luz sobre a designação por Nietzsche da Terra como um ‘astro ascético’, bem como sobre a concepção do filosofar como reminiscência e reconhecimento, sobre a importância decisiva da repetição. As filosofias ‘possíveis’ são um retorno a uma primeira morada perfeita da alma, um ‘atavismo de primeira ordem’: “O curioso ar de família de todo filosofar indiano, grego e alemão tem uma explicação simples: Onde há parentesco linguístico é inevitável que, graças à comum filosofia da gramática – quero dizer, graças ao domínio e direção inconsciente das mesmas funções gramaticais – tudo esteja disposto para uma evolução e uma sequência similares dos sistemas filosóficos”. [Nietzsche, *F. Além do Bem e do Mal*. § 20. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 24s.]

Estes elementos demonstram a importância do conteúdo deste curioso parêntese.

**IHU On-Line – Pode-se dizer que, além da crítica à moral judaico-cristã, essa obra contém igualmente uma crítica à modernidade política?**

**Oswaldo Giacoia Junior** – Não se trata nesse livro, de modo algum, apenas de uma crítica à moral judaico-cristã, mas de toda uma teoria do processo civilizatório e da hominização, pois o livro trata tanto da origem da oposição de valores Bem e Mal, como também do surgimento da consciência moral e, com ela e por ela, das noções de responsabilidade e liberdade – a saber, de todos os

atributos que formam a humanidade do humano.

A crítica da modernidade política constitui um elemento desse imenso conjunto. A genealogia de Nietzsche traz à luz os vínculos e compromissos entre os valores fundamentais da modernidade cultural e política – como, por exemplo, a racionalidade lógica (vontade de verdade e cientificidade), o altruísmo, a moral da compaixão, o utilitarismo, mas também os ideais políticos de igualdade, liberdade e fraternidade como referências axiológicas de orientação para o pensamento e a ação – e suas condições históricas de proveniência: o platonismo e o Cristianismo. Este aspecto vem claramente à luz na crítica do social-darwinismo, da democracia, do socialismo e do anarquismo, tal como esta se articula em *Para a Genealogia da Moral*. Aquilo de que se trata no livro, como já tentei esclarecer em ocasiões anteriores, é de uma combinação entre a gênese desses valores e o valor dessa gênese.

**IHU On-Line – Em que sentido Nietzsche aponta na Genealogia para uma gênese do processo civilizatório?**

**Oswaldo Giacoia Junior** – Boa parte da segunda dissertação de *Para a Genealogia da Moral* é dedicada à reconstituição genealógica dos sentimentos de dever, responsabilidade, culpa, moralidade, autonomia e das faculdades psíquicas que a eles correspondem, como a consciência, a memória, a vontade, o entendimento, a razão. O livro desenvolve uma hipótese a respeito da pré-história da humanidade – de acordo com uma noção de temporalidade *sui generis*, para a qual a pré-história, mesmo compreendida como o mais longo período da existência humana, está sempre presente, ou sempre pode retornar (GM. II, 9) – como os primórdios do processo de eticidade do costume, da moralidade humana: a pergunta-guia da segunda dissertação de *Para a Genealogia da Moral* é uma resposta direta à pergunta que me foi formulada: o que se encontra em questão

é a aventura de autoconstituição do homem como animal político, da passagem da *physis* ao *nomos*, da natureza à cultura: Como criar um animal que pode *fazer promessas*? Esta é, para Nietzsche, a tarefa paradoxal imposta pela natureza a si mesma, com relação ao homem – é o autêntico problema do homem, entendendo-se como genitivo tanto como objetivo quanto subjetivo. Trata-se da tarefa tornar o ‘animal homem’, até certo ponto, necessário, regular, uniforme, igual entre iguais, constante, e, portanto, confiável, de criar uma praxeologia como pré-história da práxis humana: o autêntico trabalho do homem sobre si mesmo.

**IHU On-Line – Qual é a importância do perspectivismo e da transvaloração no surgimento de outros valores originando uma moral que supere aquela de matriz judaico-cristã?**

**Oswaldo Giacoia Junior** – Entendo o perspectivismo como uma espécie de teoria do conhecimento nietzschiano. A capacidade de multiplicar perspectivas é o correspondente nietzschiano da noção tradicional de objetividade. Quanto à questão da superação, ela será tratada no conjunto das respostas.

**IHU On-Line – Qual é a importância das categorias da memória e do ressentimento na moral que Nietzsche quer superar?**

**Oswaldo Giacoia Junior** – O processo de humanização pressupõe um jogo complexo e inesgotável em sua profundidade entre memória e esquecimento. Para compreender a dificuldade da tarefa de criar no homem uma memória da vontade – condição primordial do processo de civilização – é necessário ter presente que o esquecimento não é, para Nietzsche, uma mera força inercial, mas uma força inibidora ativa, positiva, em última instância responsável pela saúde psíquica. O ressentimento constitui justamente uma disfunção dessa capacidade

plástica de assimilação e poder de transformação dependente do esquecimento, sem o qual não pode haver ordem psíquica, já que, sem assimilação e metabolismo, não resta espaço para o novo. E com isso, não pode haver também ordem, tranquilidade, felicidade, esperança, perspectiva de futuro, nem sequer propriamente presente. Pois o ressentimento é um aprisionamento do psiquismo no passado – sobretudo sob a forma da incapacidade de assimilar e transformar uma vivência traumática; com o travamento do esquecimento, o trauma sempre de novo retorna, impedindo a abertura da consciência para novos estados, novas vivências. O ressentimento é causa de um mal-estar paradoxal, porque origina-se num sofrimento que busca desafogar-se imputando sua origem, sob a forma da culpa, a um causador, também ele capaz de sofrer. A imputação da culpa é a vingança, um sentimento hostil voltado contra o causador da dor, mas também uma potente descarga internalizada de afetos tônicos (destrutividade), com a qual se pretende narcotizar a dor congênita, da qual o sofredor não se pode livrar, porque ele acaba por se confundir com sua própria existência. Desse modo, a culpa e a vingança oferecem ao sofredor uma perspectiva de sentido para o sofrimento *que ele é*. Com isso, mesmo ao preço de uma vida danificada, a dor pode ser vivida e justificada.

### **IHU On-Line – Que chaves de leitura para uma genealogia do Direito surgem em *Genealogia da Moral*?**

**Oswaldo Giacoia Junior** – Para a *Genealogia da Moral* reconstitui a pré-história da eticidade humana a partir de categorias que são econômico-jurídicas que são estruturantes do direito das obrigações: sobretudo troca, escambo, compra e venda, débito e crédito, a partir das quais Nietzsche faz a arqueogenealogia tanto da religião como do direito penal. Trata-se de uma maneira original de compreender o universo do Direito, de acordo com a qual este não deriva de uma moralidade ínsita à

natureza do homem. Pelo contrário, são os sentimentos, conceitos e faculdades morais que emergem e são configurados a partir de categorias econômico-jurídicas. Para Nietzsche, não conhecemos nenhum grau mais arcaico da sociabilidade e da civilização do que o domínio das relações de troca entre comprador e vendedor, credor e devedor, ou seja, do direito obrigacional. Daí deriva, por exemplo, todo direito penal, o conceito de castigo/pena como retribuição do mal (dano) e suas variantes.

### **IHU On-Line – Nos últimos anos o senhor tem se dedicado a estudar intersecções entre as filosofias de Nietzsche e Agamben. Como analisa a posição de Agamben acerca da impossibilidade do eterno retorno se concretizar frente ao evento Auschwitz?**

**Oswaldo Giacoia Junior** – Penso que se pode caracterizá-la também em relação a Nietzsche. Agamben<sup>2</sup>

2 Giorgio Agamben (1942): filósofo italiano. É professor da Facoltà di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo estadunidense. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias – A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 4-9-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em <http://bit.ly/jasson040907>. A edição 236 da IHU On-Line, de 17-9-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em <https://goo.gl/zZRChp>. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, disponível para acesso em <http://bit.ly/ihuon81>. Em 30-6-16, o professor Castor Bartolomé Ruiz proferiu a conferência *Foucault e Agamben. Implicações Ético Políticas do Cristianismo*, que pode ser assistida em <http://bit.ly/29j12pl>. De 16-3-2016 a 22-6-2016, Ruiz ministrou a disciplina de Pós-Graduação em Filosofia e também validada como curso de extensão através do IHU intitulada *Implicações ético-políticas do cristianismo na filosofia de M. Foucault e G. Agamben. Governamentalidade, economia política, messianismo e democracia de massas*, que resultou na publicação da edição 241 dos Cadernos IHU ideias, intitulado *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno*, que pode ser acessada em <http://bit.ly/1Yy07S7>. Em 23 e 24-5-2017, o IHU realizou o VI Colóquio Internacional IHU – Política, Economia, Teologia. Contribuições da obra de Giorgio Agamben, com base sobretudo na obra *O reino e a glória. Uma genealogia teológica da economia e do governo* (São Paulo: Boitempo, 2011. Tradução de: *Il regno e la gloria. Per una genealogia teologica dell'economia e del governo*. Publicado ori-

afirma que, depois de Auschwitz, o problema ético mudou radicalmente, e que a ética nietzschiana do *amor fati* [que abre o século XX] não dá conta do que ocorre conosco no presente: pois não se trata mais de vencer o espírito de vingança para assumir o passado, para querer que este retorne eternamente. Também não de manter firme, por meio do ressentimento, aquilo que não se pode humanamente tolerar, até o ponto de exigir a *suspensão do tempo* e do esquecimento, que com ele advém, como medida moral para tornar indelével as marcas daquilo que aconteceu no passado. Em nossos dias, num mundo onde a exceção tornou-se a regra, impõe-se, para Agamben o seguinte diagnóstico: “Doravante, estamos diante de um ser além da aceitação e da recusa, do eterno passado e do eterno presente – um evento que eternamente retorna, mas que, justamente por isso, é absolutamente, eternamente inassumível. Além do bem e do mal não está a inocência do devir, mas uma vergonha não somente sem culpa, mas, por assim dizer, sem tempo.” [Agamben, G. *Qualche resta di Auschwitz (Homo Sacer III)*. Torino: BollatiBoringhieri, 1998, p. 94]. E, no entanto, é esta vergonha que nos coloca face a face com o nosso próprio tempo, com o que há nele de essencial: o tempo da indiferenciação, no qual confundem-se o contemporâneo e o arcaico.

### **IHU On-Line – Tomando em consideração o intento de Nietzsche de propor uma moral transvalorada, pode-se dizer em alguma medida que ele também reivindicava o aparecimento de formas de vida mais autênticas e afirmativas?**

**Oswaldo Giacoia Junior** – Com apoio na filosofia de Nietzsche, abandonamos as ilusões a respeito das relações entre violência, poder e direito. Relações de poder existem sempre,

ginalmente por Neri Pozza, 2007). Saiba mais em <http://bit.ly/2hCAore>. Em 2017 a revista IHU On-Line publicou a edição *Giorgio Agamben e a impossibilidade de salvação da modernidade e da política moderna*, nº 505, disponível em <http://bit.ly/2NXJQwT>. (Nota da IHU On-Line)

mesmo e sobretudo lá onde se firmam contratos, que não são mais do que dispositivos jurídicos para assegurar, sempre provisoriamente, equilíbrios de forças em oposição e aliança. Direitos fundamentais não existem, em Nietzsche, como categorias supra-históricas, senão como instrumentos de realização de liberdades políticas conquistadas e sempre ameaçadas por desequilíbrios e reversões. A esse respeito, Nietzsche escreve: “Só quando os defensores da ordem futura contrapõem-se na luta aos defensores da ordem antiga, e ambas as potências acham-se iguais ou semelhantes, então é que contratos são possíveis, e sobre a base de contratos surge posteriormente uma justiça. – Não existem direitos do homem (*Menschenrechte*)”.<sup>3</sup> No universo nietzschiano nem consenso nem contrato exercem qualquer papel transcendental.

Se novos caminhos para a política em nossas sociedades podem ser pensados, mesmo no horizonte de um niilismo extremo, como o que atravessamos hoje, então eles poderiam ser divisados numa reconfiguração dos quadros categoriais de nosso pensamento político, que o emancipasse da hegemonia tradicional da forma jurídica, particularmente da figura do Estado e seus aparelhos, da justiça pensada a partir da soberania estatal. A concepção nietzschiana de direito se contrói na contracorrente tanto do jusnaturalismo clássico quanto do utilitarismo anglo-saxônico, das diferentes correntes modernas do positivismo jurídico e das teorias procedimentais da justiça. O viés eminentemente crítico que constitui sua característica principal, sua aguda compreensão da importância e a enorme complexidade da problemática do poder no mundo contemporâneo aproxima Nietzsche consideravelmente de algumas importantes teorias jusfilosóficas contemporâneas, que se esforçam por pensar as relações entre direito e democracia para além do paradigma do consenso.

<sup>3</sup>Fragmento Inédito nr. 15 [1], do outono de 1877. In: Nietzsche, F. *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe (KSA). Ed. G. Colli und M. Montinari. Berlin, New York, München: de Gruyter, DTV, 1980, Band 8, s. 481. (Nota do entrevistado)

Em relação a isso, penso que as posições de Agamben a respeito de uma profanação do direito, a respeito da necessidade de abolição da forma direito remetem, de forma expressa ou implícita, à filosofia política de Nietzsche – embora não se possa minimizar sua vinculação a Marx<sup>4</sup> e Walter Benjamin<sup>5</sup>. Pois o messianismo de Agamben está essencialmente fundado na necessidade de superação da forma direito, da relação instrumental entre meios e fins, e, sobretudo, no conceito, para ele cardinal, de violência pura – um conceito que tanto abole a soberania da lei pelo pleroma da graça, quanto instaura, no tempo do agora, um novo horizonte para a justiça. A crítica da violência, bem como a noção de uma violência pura, derivados da obra de Walter Benjamin, constituem para Agamben um operador-chave na interpretação da filosofia da história. Trata-se de uma arqueogenealogia do ‘monopólio estatal da força, da dialética vigente entre uma violência instituidora e uma violência asseguradora e aplicadora do direito; entre poder constituinte originário e poder constituinte derivado, cuja matriz teórica está plasmada no contrato social

<sup>4</sup> **Karl Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século 20. A edição 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173lFhO>. Também sobre o autor, a edição número 278 da revista **IHU On-Line**, de 20-10-2008, é intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <https://goo.gl/7aYkVZ>. A entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira, foi publicada na edição 327 da **IHU On-Line**, de 3-5-2010, disponível em <http://bit.ly/2p4vpGS>. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central de *O Capital*, obra de Marx, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/449>. A revista **IHU On-Line**, edição 525, intitulada *Karl Marx, 200 anos - Entre o ambiente fabril e o mundo neural de redes e conexões*, em celebração aos 200 anos do nascimento do pensador está disponível em [ihuonline.unisinos.br/edicao/525](http://ihuonline.unisinos.br/edicao/525). (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>5</sup> **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem. Conhecedor profundo da língua e cultura francesas, traduziu para o alemão importantes obras como *Quadros parisienses*, de Charles Baudelaire, e *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagônicas do idealismo alemão, do materialismo dialético e do misticismo judaico, constitui um contributo original para a teoria estética. Entre as suas obras mais conhecidas, estão *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* (1936), *Teses sobre o conceito de história* (1940) e a monumental e inacabada *Paris, capital do século XIX*, enquanto *A tarefa do tradutor* constitui referência incontornável dos estudos literários. Sobre Benjamin, confira a entrevista *Walter Benjamin e o império do instante*, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à **IHU On-Line** nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da **IHU On-Line**)

jusnaturalista. É na ruptura da alternância cíclica dos polos dessa dialética entre uma força que institui o direito e um poder que o aplica e mantém vigente – uma modalidade de repetição que se aproxima da necessidade mítica do Destino – que se abre, também para Agamben, a possibilidade de uma superação do ‘estado de exceção’, da violência soberana exercida como decisão soberana sobre a vida e a morte dos *hominí sacer*.

**IHU On-Line – Nietzsche propõe a transvaloração dos valores para superar a decadência de uma moral que se quer unívoca. Agamben lança a ideia da profanação como contradispositivo para restaurar ao uso comum aquilo que havia sido separado pelo sacrifício. Em que sentido é possível pensar esses dois expedientes como a origem para uma outra política?**

**Oswaldo Giacoia Junior** – Penso que, em Nietzsche, um vetor importante pode ser encontrado no conceito de sublimação. Por exemplo, uma violência sublimada, capaz de renunciar completamente à crueldade dos castigos, e, com isso, ser capaz de uma autêntica realização da justiça, cuja vigência e legitimação colocam-se para além da esfera da vingança, do direito e da lei: esse é um dos principais *insights* da autossuperação nietzschiana da justiça. “Cabe evocar, nesse contexto, que os termos *Erlösung*, *erlösen*, *Erlöser* remetem ao radical *lös* (no grego antigo *luein*, livrar ou desatar como o faz Dionísios, o *lusos*, que desata os laços na ordem sexual ou familiar), indica a dissolução, o desfecho, a resolução ou solução de um problema, por exemplo por seu desaparecimento bem-vindo.”<sup>6</sup>

Em 16.11.2013, em Atenas, a convite da sociedade Nicos Poulantzas, Giorgio Agamben proferiu uma conferência em Atenas na qual referia-se à necessidade de pensar o fim da democracia precisamente no lugar onde

<sup>6</sup> Gagnebin, J-M. *Teologia e Messianismo no Pensamento de W. Benjamin*. In: Estudos Avançados 13 (37). São Paulo: Cebrap, 1999, p. 198. (Nota do entrevistado)

esta nasceu, já que o paradigma do Estado contemporâneo não apenas não é mais democrático, como também não pode mais ser considerado político, no sentido originariamente grego desse termo. “A hipótese que gostaria de aqui sugerir é que, submetendo-se ao signo da segurança, o estado moderno abandonou o domínio da política e entrou numa terra de ninguém, cuja geografia e fronteiras são ainda desconhecidas. O Estado securitário, cujo nome parece referir uma ausência de cuidados (*securus* de *sine cura*) deverá, pelo contrário, preocupar-nos sobre os perigos que representa para a democracia, porque nele se tornou impossível a vida política, e democracia significa precisamente a possibilidade de uma vida política. Mas gostaria de concluir – ou simplesmente de parar a minha palestra (na filosofia, como na arte, não há conclusão possível, há apenas a possibilidade de abandonar o trabalho) com algo que, tanto quanto posso verificar, é talvez o mais urgente dos problemas políticos. Se o Estado que temos perante nós é o estado securitário que descrevi, temos de repensar novamente as estratégias tradicionais dos conflitos políticos. O que devemos fazer, que estratégia devemos seguir?”<sup>7</sup> Estas são perguntas que o pensamento de Nietzsche pode

<sup>7</sup><http://5dias.wordpress.com/2014/02/11/por-uma-teoria-do-poder-destituente-de-giorgio-agamben/> Consultado em 15.01.2015. (Nota do entrevistado)

nos ajudar a formular e, quem sabe, também a tentar responder.

### **IHU On-Line – Percebe alguma convergência entre o diagnóstico do presente realizado por Agamben e aquele do niilismo, feito por Nietzsche? Como esses pensadores nos ajudam a compreender o tempo em que vivemos?**

**Oswaldo Giacoia Junior** – A este respeito, e mesmo porque já me estendi em demasia, concluo com uma citação do próprio Agamben, na qual a referência a uma terminologia proveniente da filosofia de Nietzsche deixa perceber tanto esta convergência quanto a contribuição desses autores para a compreensão dos problemas cruciais de nosso tempo: Se, conforme nossas análises precedentes, vemos na impossibilidade de distinguir a lei e a vida o caráter essencial do estado de exceção, então a confrontar-se estão aqui duas diversas interpretações deste estado: de um lado aquela (e a posição de Scholem<sup>8</sup>) que nele vê uma vigência sem significado, um manter-se da pura forma da lei além do seu conteúdo; do outro, o gesto benjaminiano, para o qual o estado de exceção

<sup>8</sup> **Gershom Scholem** (1897-1982): pesquisador da mística judaica e se estabeleceu no estudo da Cabala em Jerusalém. É autor de *Die jüdische Mystik in ihren Hauptströmungen* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000) e *Zur Kabbala und ihrer Symbolik* (Frankfurt am Main: Suhrkamp 1998). (Nota da **IHU On-Line**)

transmutado em regra assinala a consumação da lei e o seu tornar-se indiscernível da vida que devia regular. A um niilismo imperfeito, que deixa subsistir indefinidamente o nada na forma de uma vigência sem significado, se opõe o niilismo messiânico de Benjamin, que nulifica até o nada e não deixa valer a forma da lei para além do seu conteúdo”. [ Agamben, G. *Homo Sacer I. O Poder Soberano e a Vida Nua*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, p. 61]. É possível perceber no texto de Agamben o eco da história do niilismo europeu, tal como reconstituída por Nietzsche. Trata-se, em ambos os casos, de uma superação da forma da lei por um resto da própria lei. Sugeri essa figura na resposta à primeira questão que me foi proposta. Que Nietzsche desconhecisse a origem do problema do ‘resto’ no messianismo judaico-cristão, em particular na tradição que remonta aos profetas do Antigo Testamento é uma hipótese bastante improvável.

### **IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Oswaldo Giacoia Junior** – Apenas expressar minha profunda gratidão pela oportunidade e privilégio que me foram conferidos por esta entrevista. ■

## Leia mais

- **O que resta de Auschwitz e os paradoxos da biopolítica em nosso tempo.** Entrevista especial com Oswaldo Giacoia Junior, publicada nas Notícias do Dia, de 21-8-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2OyVir1>.
- **Independência do pensamento: prerrogativa máxima da filosofia.** Entrevista especial com Oswaldo Giacoia Junior publicada na revista IHU On-Line, nº 379, de 7-11-2011, disponível em <http://bit.ly/vv9gH4>.
- **Perfil Oswaldo Giacoia.** Matéria publicada revista IHU On-Line, nº 345, de 27-9-2010, disponível em <http://migre.me/62jTC>.
- **Superar a condição humana, uma fantasia antiga.** Entrevista especial com Oswaldo Giacoia Junior publicada na revista IHU On-Line, nº 344, de 21-9-2010, disponível em <http://migre.me/62JuniorT>.
- **Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência.** Entrevista especial com Oswaldo Giacoia Junior publicada na revista IHU On-Line, nº 330, de 24-5-2010, disponível em <http://bit.ly/a20L4m>.
- **Sobre técnica e humanismo.** Artigo de Oswaldo Giacoia Junior publicado no Cadernos IHU Ideias, nº 20, de 21-7-2004, disponível em <http://bit.ly/2xAVS0q>.

# Por uma leitura rigorosa dos conceitos de Nietzsche

Werner Stegmaier, pesquisador alemão, aborda aspectos teóricos da literatura nietzschiana buscando as minúcias de seus conceitos

Márcia Junges | Edição: Ricardo Machado | Tradução: Walter O. Schlupp

Pensar questões morais a partir das obras de Nietzsche requer deslocar o olhar do senso comum no qual haveria a possibilidade de uma sociedade sem a existência de uma “moral”. “Sua intenção [de Nietzsche] era apontar para possíveis origens imorais de determinada moral, isto é, esclarecer, no intuito de desbaratar o farisaísmo dessa moral. Trata-se da moral que até hoje continua dominando a nós e os traços básicos do nosso pensamento, justamente no Ocidente esclarecido”, esclarece **Werner Stegmaier** em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**. “Ele queria elevar a moral acima daquela que aposta na igualdade e na reciprocidade e para tanto apela para a razão”, complementa.

Quanto ao niilismo, outro termo recorrente ao se discutir a obra do pensador alemão, Stegmaier ressalta que Nietzsche não o refutava em sua totalidade, mas em uma certa tendência.

“Mesmo o niilismo ele não pretendia ‘superar’ como tal, como muitas vezes se diz com base em Martin Heidegger, mas apenas uma forma específica do niilismo que ele enxergava na forma de moral existente então (e até hoje). O niilismo original e primeiro, o fato de que os valores supremos não estão com nada, ele considerava um ‘estado normal’, como ele anotou para si próprio”, postula o entrevistado.

**Werner Stegmaier** é professor emérito da Ernst-Moritz-Arndt-Universität Greifswald, Alemanha. Entre seus livros publicados, destacamos *Nietzsches ‘Genealogie der Moral’* (1994) e *Europa im Geisterkrieg. Studien zu Nietzsche* (Open Book Publishers, 2018). É coeditor e diretor de redação do periódico *Nietzsche-Studien Internationales Jahrbuch für die Nietzsche-Forschung* (Walter de Gruyter).

**Confira a entrevista.**

48

**IHU On-Line – O senhor é autor do clássico *Nietzsche, ‘Genealogie der Moral’*. *Werkin-terpretation* (1994). Tomando em consideração sua pesquisa, em que sentido *Genealogia da Moral* é uma elucidação de uma elucidação?**

**Werner Stegmaier –** O Esclarecimento, tal como o conhecemos e como ele atingiu seu clímax no trabalho de Immanuel Kant<sup>1</sup>, atri-

buiu às pessoas uma razão a qual todas poderiam utilizar por igual,

grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século 19, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant, foi publicado o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Immanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/iheu02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 6-5-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <https://goo.gl/SIII5H>. (Nota da **IHU On-Line**)

independentemente de suas condições individuais e sociais. Com a sua obra Nietzsche<sup>2</sup> questionou essa

<sup>2</sup> **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche, foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqQB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de*

<sup>1</sup> **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um

“O niilismo original e primeiro, o fato de que os valores supremos não estão com nada, ele considerava um ‘estado normal’, como ele anotou para si próprio”

premissa, particularmente em sua *Genealogia da Moral*. O sociólogo Niklas Luhmann<sup>3</sup>, que tinha muitas posições filosóficas fundamentais em comum com Nietzsche, mesmo sem se referir muito explicitamente a ele, falou de uma “clarificação do Esclarecimento”. É também um esclarecimento, o esclarecimento do Esclarecimento no tocante a uma premissa que deixou de ser sustentável. Nietzsche pensava “razão”, conceito que ele usou com frequência, de maneira diferente, isto é, como “razoabilidade” diversificada e dinâmica, que combina virtudes da orientação humana, como circunspeção, antecipação, visão do todo, apercepção, cautela, deferência, compreensão empática e esperança confiante, que podem se desenvolver diferentemente na orientação de cada indivíduo.

### IHU On-Line – Dentro de um contexto mais amplo da

*Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-5-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Niklas Luhmann** (1927-1998): estudou direito em Friburgo, onde se doutorou em 1949. Em 1960, viajou aos Estados Unidos e estudou sociologia na Universidade de Harvard. Em 1964, publicou *Funktionen und Folgen formaler Organisation* (Duncker & Humblot, Berlim) e ingressou na Universidade de Münster, em Dortmund, onde doutorou-se em Sociologia Política. Em 1968, se estabeleceu em Bielefeld, em cuja universidade permaneceu o resto de sua carreira como catedrático. Recebeu o prêmio Hegel em 1988. Em língua portuguesa, foram publicadas obras como *Legitimação pelo procedimento* (Brasília: Ed. Univ. de Brasília, 1980), *Sociologia do Direito* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985), *A Improbabilidade da Comunicação* (Lisboa: Vega, 1992). (Nota da **IHU On-Line**)

### filosofia de Nietzsche, como se pode compreender o lugar ocupado pela obra *Genealogia da Moral*?

**Werner Stegmaier** – Existe amplo consenso na pesquisa de Nietzsche de que com a *Genealogia da Moral* sua obra assumiu um caráter intensamente polêmico; ele a chamou expressamente de “libelo”, em seu subtítulo. Ela fora diretamente precedida pelo muito ponderado e equilibrado Livro V da *Gaia Ciência* (São Paulo: Companhia das Letras, 2001), que na minha opinião contém os mais maduros e serenos aforismos de Nietzsche; ali os famosos ensinamentos do seu Zarathustra acerca do Super-homem e do eterno retorno das coisas já saíram de cena. Para o libelo Nietzsche voltou a adotar o formato de tratado, o qual ele havia usado em suas primeiras obras, *O Nascimento da Tragédia* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2007) e *Considerações Extemporâneas*; entretanto ele evitou uma reflexão contínua e coerente (portanto uma espécie de “sistema”, que ele rejeitava), subdividindo a *Genealogia* em três tratados, em cada um dos quais ele fazia um novo começo.

Os escritos seguintes, *Crepúsculo dos Ídolos* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2017), *O Caso Wagner* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2016) e *O Anticristo* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2016), acen-tuam ainda mais o caráter de libelo. Em termos de conteúdo, Nietzsche deu maior desenvolvimento a seu modo histórico de fazer filosofia, o qual ele tinha iniciado com *Huma-*

*no, Demasiado Humano* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2008), ampliando essa abordagem para um grande projeto geral da história do Ocidente, incluindo a história da filosofia, ali transformando a moral em seu pano de fundo e tema principal. Ele ali acabou encontrando, no meio do tratado intermediário da *Genealogia da Moral* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2009), sua formulação filosófica sobre seu conceito de conceito, o conceito da forma fluida e do sentido fluido, que na perspectiva de hoje talvez possa ser considerado sua principal contribuição para a filosofia. Em *Ecce Homo* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2008), genealogia do seu próprio pensamento (“Por que eu seria tão sábio?”, “Por que eu seria tão inteligente?” ...), ele deu início à sua “campanha contra a moral”, a saber, em seu livro de 55 aforismos *Aurora* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2016).

Em termos comparativos, Nietzsche então só ainda aplicou um tratamento relativamente breve à *Genealogia da Moral*, enfatizando principalmente “expressividade, intenção e arte da surpresa”, ou seja, sua forma literária. Nem ali, nem no resumo dos três tratados aparece o termo “moral”; ao invés, três vezes o termo “psicologia”, naquele sentido da sua frase de *Além do Bem e do Mal* n° 23: “Pois psicologia agora voltou a ser o caminho para os problemas fundamentais”. Como assim “voltou a ser”? Ela tal veio a ser plenamente apenas na *Genealogia da Moral*; também a psicologia de Nietzsche é uma espécie de genealogia

(ao lado do seu filosofar histórico), sendo que o aforismo nº 23 de *Além do Bem e do Mal* pode ser lido como escrito programático [da sua psicologia ou genealogia], incluindo a formulação “ousado viajante e aventureiro”, para “cuja apercepção se abre a um mundo *mais profundo*”.

**IHU On-Line – Seria adequado afirmar que o intento de Nietzsche com esse escrito é superar não a moral em si, mas um determinado tipo de moral, expresso pelos valores judaico-cristãos?**

**Werner Stegmaier** – Nietzsche certamente não quis superar “a moral” – nenhuma sociedade consegue subsistir sem moral. Sua intenção era apontar para possíveis origens imorais de determinada moral, isto é, esclarecer, no intuito de desbaratar o farisaísmo dessa moral. Trata-se da moral que até hoje continua dominando a nós e os traços básicos do nosso pensamento, justamente no Ocidente esclarecido. Nietzsche desempenhou seu esclarecimento, conforme ele escreve pouco antes da *Genealogia da Moral*, em seu prefácio para a nova edição de *Aurora*, “por uma questão de moralidade”, ele queria elevar a moral acima daquela que aposta na igualdade e na reciprocidade e para tanto apela para a razão. Na *Genealogia da Moral*, com sua polêmica contraposição entre moral dos escravos e moral dos senhores, isto não se manifesta com tanta evidência. Isto porque Nietzsche já havia tratado detalhadamente do seu novo conceito de moral, de uma moral “nobre”, em *Além do Bem e do Mal* e no livro V da *Gaia Ciência*. Mesmo o niilismo ele não pretendia “superar” como tal, como muitas vezes se diz com base em Martin Heidegger<sup>4</sup>, mas apenas uma forma especí-

fica do niilismo que ele enxergava na forma de moral existente então (e até hoje). O niilismo original e primeiro, o fato de que os valores supremos não estão com nada, ele considerava um “estado normal”, como ele anotou para si próprio.

**IHU On-Line – Nessa outra moral, qual é a importância da valorização do tipo nobre, daquele que diz Sim, em lugar dos espíritos de gravidade e ressentidos, negadores da vida?**

**Werner Stegmaier** – A pessoa do tipo nobre e afirmativo é para Nietzsche o tipo “distinto” [*vornehm*], aquela pessoa que não só na moral mas em toda a sua postura de vida consegue renunciar à igualdade e reciprocidade como ela se manifesta na chamada “regra de ouro”; ao invés, sem ficar dependendo do reconhecimento de outras pessoas, ela estabelece para si própria padrões que podem vir a ser sinais, mas não normas para outras pessoas; na *Genealogia da Moral* ele definiu o tipo distinto como “indivíduo soberano” ou “autônomo, supramoral”. Seu “outro ideal” ele formulara no final do livro V de *A Gaia Ciência*, aforismo 382.

**IHU On-Line – Quais são as particularidades do debate acerca da Genealogia nas tradições interpretativas francesa, alemã e italiana? Quais são os pontos de convergência e divergência principais?**

**Werner Stegmaier** – Toda e todo pesquisador/a de Nietzsche fará seus próprios destaques. Por isso, justamente no espírito de Nietzsche, é preciso evitar generalizações levianas, principalmente no tocante a países. Talvez se possa dizer o seguinte: a pesquisa italiana mais recente sobre Nietzsche projetou-se especialmente por sua pesquisa das fontes de Nietzsche. Já na pesquisa

francesa enfatizou-se muito a questão da corporalidade em Nietzsche. Porém ambos os aspectos também estão presentes na pesquisa de língua alemã sobre o filósofo. De particular importância para mim próprio foi aquele conceito de conceito ao qual Nietzsche chegou na *Genealogia da Moral*, com as concomitantes reorientações filosóficas profundas que ali se manifestam, mas naturalmente não só nela. Na pesquisa estadunidense sobre Nietzsche a *Genealogia da Moral* ultimamente tem sido lida como libelo contra Darwin<sup>5</sup> e sua pretensa justificativa da moral como vantagem evolucionária; mas ali ela também foi lida como paródia. Essas certamente não terão sido as últimas leituras. A *Genealogia da Moral* é inspiradora como poucos outros textos filosóficos, embora ela apenas em termos seja um texto propriamente filosófico. Dificilmente se há de polemizar tanto sobre uma obra como sobre esse libelo.

**IHU On-Line – Além disso, qual é a importância de se ler não apenas a Genealogia, mas toda a obra de Nietzsche, à luz de seus fragmentos póstumos organizados na KSA?**

**Werner Stegmaier** – Não se trata de “fragmentos”, mas de “notas” [*Notate*], isto é, mais do que meras “anotações”, porém menos do que textos elaborados. Como revela a nova edição do legado póstumo (1885-1889) numa transcrição diferenciada, que vem sendo publicada desde 2001 sob a direção de Marie-Luise Haase com a designação KGW IX (9ª Seção da Edição Crítica Completa das obras de Nietzsche),

4 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/iHuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/iHuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** nº 12, **Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica**, que pode ser acessado em <http://bit.ly/iHuon12>, e a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche*

*que não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos *Filosofias da diferença*, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Charles Darwin** (Charles Robert Darwin, 1809-1882): naturalista britânico, proponente da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro *A Origem das Espécies*. Organizou suas principais ideias a partir de uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a professora Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a palestra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida, de Charles Darwin*, no evento Abrindo o Livro, do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Sobre o assunto, confira as edições 300 da **IHU On-Line**, de 13-7-2009, *Evolução e fé. Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/UsZlRr>, e 306, de 31-8-2009, intitulada *Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/1tABrH>. De 9 a 12-9-2009, o IHU promoveu o IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. (Nota da **IHU On-Line**)

geralmente nem se trata de “textos” que possam ser lidos de forma contínua, mas como *works in progress*, os quais Nietzsche continuou desenvolvendo o tempo todo até transformá-los em textos das suas obras publicadas, textos esses que ele nunca adotava simplesmente do jeito que estavam. No quanto se pode reconhecer no legado póstumo, trata-se, portanto, de passos gradativos do pensamento de Nietzsche que podem ajudar na interpretação das obras que vieram a ser publicadas. Em última análise, porém, decisivos são sempre os escritos que Nietzsche publicou ou liberou para publicação; eles é que dele receberam aquela forma a partir da qual ele queria que fossem atendidos, por exemplo a forma do libelo no caso da *Genealogia da Moral*.

Porém muita coisa no legado póstumo também é interessante, até mesmo muito interessante justamente por nem ter sido publicada por Nietzsche; as razões para tanto podem ser diversas: talvez ele achasse que as ideias anotadas não estivessem maduras para publicação, talvez também porque ele considerava os leitores não maduros o suficiente para elas, algo que ele dá a entender em várias ocasiões. Continuamos sem uma visão geral daquilo que consta apenas no legado póstumo e não publicado por Nietzsche, seja lá por quais razões, porém continua sendo utilizado indiscriminadamente como texto para interpretações. A distinção clara das diversas formas de Nietzsche pensar e escrever é, entretanto, padrão metodológico imprescindível da pesquisa sobre Nietzsche. No caso da *Genealogia da Moral*, entretanto, como dissemos, dela nada mais consta no legado póstumo.

**IHU On-Line – Nietzsche queria leitores que pensassem por si mesmos. A partir dessa premissa, em que sentido a *Genealogia* promove uma reversão de uma mentalidade de rebanho para outra, caracterizada pela**

### **autonomia e pela afirmação da vida e de seu transbordamento?**

**Werner Stegmaier** – Se muitos aderirem ao mesmo pensamento, neste caso ao pensamento nietzschiano da distinção, pode-se falar novamente de um rebanho, só que será um rebanho diferente daquele que ele critica, porque se trata de um rebanho, a bem dizer, de pastores que conduzem a outros, ou, como hoje dizemos, podem orientar outros. E Nietzsche desde o começo salientou que esses pastores sempre estão em concorrência mútua, ao passo que animais gregários comuns justamente procuram evitar a concorrência, por exemplo adotando a moral vigente.

### **IHU On-Line – Qual é a importância da ideia de potência em *Genealogia da Moral*? Qual é a relação da potência com a questão da superação, do nexotensional, agonístico, em vez da aniquilação do espírito?**

**Werner Stegmaier** – A noção de poder em Nietzsche é a noção da vontade de poder, ou mais precisamente, como se pode depreender principalmente em *Além do Bem e do Mal* n° 36 (diferentemente das etapas prévias no legado póstumo e na suposta obra principal compilada a posteriori *A Vontade de Poder*), **das vontades** de poder, no plural. Ali ele não está pensando em poderes existentes, políticos e religiosos, por exemplo, e sim na concepção filosófica da realidade geral enquanto constante disputa entre aquilo que ele chama de “vontade para o poder” com outras “vontades de poder”, disputa essa em que cada uma delas arrisca sua existência o tempo todo. Nesse sentido a realidade não está em algo genérico idealizado que existisse por si mesmo, na forma atribuída às ideias de Platão<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista *IHU On-Line*, de 4-9-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da revista *IHU On-Line*, de 25-5-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://bit.ly/2j0YCw8>. (Nota da *IHU On-Line*)

ou à razão em Kant, mas trata-se justamente de uma crítica radical dessa qualidade genérica.

Uma vontade para o poder não tem sustentação em algo genérico, não obedece a lei alguma, conforme Nietzsche descreve em *Além do Bem e do Mal* n° 22, e sim, segundo Nietzsche, ela nem tem outra opção senão superar a outras, caso não queira sucumbir ela própria ou ser incorporada pela outra, justamente “porque *faltam* absolutamente as leis, e todo e qualquer poder sempre tira sua última consequência a cada momento”. Com isso ele ao mesmo tempo acolhe filosoficamente a ideia de evolução de Darwin. Na incessante disputa daquilo que Nietzsche entende por vontade para o poder, o tempo todo espírito pode estar sendo “aniquilado”, porém mais ainda, segundo Nietzsche, o espírito será intensificado por estar-se expondo incessantemente ao risco. Entretanto ele também pode cansar-se e sucumbir, como expressou no aforismo n° 359 do livro V da *Gaia Cidadã* – assim preparando o teorema do ressentimento, o qual depois desempenha tão importante papel na *Genealogia da Moral*.

### **IHU On-Line – Como analisa a crítica ao Cristianismo e seu “ódio criador do ideal”, contida na seção 8 da Primeira Dissertação?**

**Werner Stegmaier** – Essa seção analisei detalhadamente na minha interpretação da obra *Genealogia da Moral* e não preciso repetir aqui. Apenas quero salientar novamente que, na parte intermediária de *O Anticristo*, Nietzsche mais uma vez redescobriu o “tipo Jesus”, e isso talvez com maior profundidade do que jamais tenha ocorrido na história do cristianismo. Parece que ele próprio se surpreendeu bastante com isso. Seja como for, antes já, em *Além do Bem e do Mal* n° 60 e depois, na própria *Genealogia da Moral*, seção 22 da segunda dissertação, foi por esse tipo que ele mais se sentiu arrebatado. ■

# O que deseja em nós sem nós mesmos

Paul Valadier analisa como a moral opera nas profundezas de nosso ser, longe, às vezes, de nossa própria consciência, transformando a vida em um ideal ascético

Márcia Junges | Edição: Ricardo Machado | Tradução: Vanise Dresch

Nascido em berço luterano, com pai e avô tendo sido pastores, Nietzsche cresceu em um ambiente de valorização da interioridade austera da moral de si. “A *Primeira Dissertação* [da *Genealogia da Moral*] propõe uma ‘genealogia’ da vontade moral, aquela que é marcada pelo cristianismo, mas, de modo mais generalizado, tal genealogia tem a pretensão de valer para toda e qualquer vida moral. A genealogia quer “descer” ao sombrio laboratório onde se elaboram as decisões morais, sondando as profundezas daquilo que, hoje, chamaríamos de inconsciente: aquilo que deseja em nós sem nós, sem a nossa vontade explícita e clara, um fundo inacessível, mas poderoso”, explica Paul Valadier em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Uma figura do pensamento importante na obra nietzschiana é a do “padre ascético”, que designa todos aqueles que atribuem ao sofrimento humano uma causa absolutamente pessoal, em que o indivíduo é responsável exclusivo pelo próprio sofrimento em permanente dívida. “O valor contemporâneo das análises abordadas aqui sucintamente está no fato de que o padre ascético é múltiplo: propõe um ideal ascético qualquer um que propuser um sentido

para aquilo que não tem sentido, uma orientação positiva para aquilo que, à primeira vista, permanece indecifrável”, pondera Valadier. “Poderíamos dizer que as ideologias modernas, tais como o marxismo-leninismo, constituem ideais ascéticos; eles explicam a necessidade de saber sofrer ou até mesmo de se sacrificar totalmente para fazer advir um ‘futuro radioso’ e afirmam que o sofrimento do militante engendra(rá) uma sociedade da qual a injustiça será banida. O inconveniente de tais ideais está no fato de que a solução libertária nunca vem”, complementa.

**Paul Valadier**, jesuíta, é professor emérito de filosofia moral e política nas Faculdades Jesuítas de Paris (Centre Sèvres). É licenciado em Filosofia pela Sorbonne, mestre e doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Lyon. Foi redator da revista *Études* e é autor de uma vasta bibliografia. Escreveu, entre outros, *Nietzsche et la critique du christianisme* (Paris: Cerf, 1974); *Essais sur la modernité, Nietzsche, l'athée de rigueur* (Paris: DDB, 1989); *La part des choses. Compromis et intransigence* (Paris: Lethielleux – Groupe DDB, 2010); e *Elogio da consciência* (São Leopoldo: Unisinos, 2001).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Qual é o cristianismo ao qual Nietzsche se refere em sua crítica realizada em *Genealogia da Moral*?**

**Paul Valadier** – Não devemos esquecer que Nietzsche nasceu numa

família de pastores protestantes; seu pai e seus dois avôs eram pastores. É um peso carregar essa hereditariedade! Seu cristianismo de inspiração luterana era marcado pelo pietismo, isto é, por uma religião que valori-

zava muito a interioridade (orações, recolhimento) e que também exigia uma estrita disciplina de vida. Essa religião austera, então, foi logo varrida no estudante de Bonn por volta do ano de 1864, tanto pela leitura

## “A Primeira Dissertação propõe uma ‘genealogia’ da vontade moral, aquela que é marcada pelo cristianismo, mas de modo mais generalizado”

da obra de Schopenhauer<sup>1</sup> quanto pelo contato com uma teologia liberal já marcada pela desmistificação das Escrituras. Basta ler a *Primeira Consideração Intempestiva*, texto dedicado a David Strauss<sup>2</sup>, um dos teólogos marcantes da época, para constatar o quanto o jovem Nietzsche se mostra severo com esse cristianismo. É o mesmo que ele tem em mente quando escreve *Genealogia da Moral* (São Paulo: Companhia das Letras, 1998). O que ele conhece, portanto, é uma religião pietista que a crítica exegética liberal moderna desafia.

**IHU On-Line – Em que sentido a Primeira Dissertação da Genealogia da Moral propõe uma psicologia do cristianismo? O que ela expressa?**

**Paul Valadier** – O leitor da *Genealogia* deve levar em conta o subtítulo do livro: trata-se de uma obra polêmica (*Eine Streitschrift*). Ela dá continuidade a *Assim falou Zaratustra* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2008), que, segundo *Ecce Homo* (São Paulo: Companhia de Bolso,

2008) – livro tardio no qual Nietzsche relê sua obra –, é julgado excessivamente entusiasta, positivo e “ensolarado”. Ele deseja então corrigir esse ímpeto com duas obras críticas: *Além do Bem e do Mal* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2005), e *Genealogia da Moral (Zur Genealogie der Moral)*, que deveria ser traduzido por *Contribuição a uma Genealogia da Moral*). Assim, esses dois livros devem “completar e explicitar” *Zaratustra*. Ora, a crítica pressupõe a afirmação e o “dizer sim” que é a primeira grande obra, *Assim falou Zaratustra*. Esse ponto é essencial para não vermos em nosso texto apenas o aspecto intensamente crítico e negativo. Mas o subtítulo indica também uma vasta ambição: Nietzsche pretende mobilizar muitos pesquisadores para lançar uma longa investigação sobre as morais em geral; essa investigação nunca se realizará, mas sua amplitude mostra que não se trata apenas do cristianismo.

A *Primeira Dissertação* propõe uma “genealogia” da vontade moral, aquela que é marcada pelo cristianismo, mas, de modo mais generalizado, tal genealogia tem a pretensão de valer para toda e qualquer vida moral. A genealogia quer “descer” ao sombrio laboratório onde se elaboram as decisões morais, sondando as profundezas daquilo que, hoje, chamaríamos de inconsciente: aquilo que deseja em nós sem nós, sem a nossa vontade explícita e clara, um fundo inacessível, mas poderoso. O cristianismo é visado porque, aos olhos do filósofo, moldou a moral dominante, aquela que se infunde na maioria dos europeus. “Precisa-

mos de uma crítica de nossos valores morais. É o valor desses valores que precisamos começar a questionar” (Prefácio, § 6). Mas Nietzsche propõe um trabalho de análise válida para qualquer moral. Ele lança uma temível pergunta: e se o que tomamos geralmente como sendo o bem fosse o mal, e inversamente? Não estaríamos colocando o valor do bom acima daquele do “mau”? E se essa falta de lucidez fosse “às expensas do futuro” da humanidade (*ibidem*)?

**IHU On-Line – A partir dessa constatação, qual é o nexo entre essa psicologia do cristianismo e o ressentimento?**

**Paul Valadier** – Há um nexo explícito entre as análises do ressentimento da *Primeira Dissertação* (§ 10) e o cristianismo, posto que “a insurreição dos escravos na moral começa com o ressentimento” e porque o cristianismo paulino<sup>3</sup> valoriza os

1 **Arthur Schopenhauer** (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo. Ele entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **David Friedrich Strauss** (1808-1874): foi um teólogo e exegeta alemão. Discípulo de Hegel, tornou-se muito conhecido após a publicação, em 1835, da obra *Vida de Jesus*, que causou escândalo nos meios religiosos da Alemanha. Para Strauss, o sucesso do cristianismo explicava-se por um “mito de Jesus”, que teria sido forjado pela mentalidade judaica dos tempos apostólicos, e que não poderia ser sustentada pela ciência moderna – perspectiva depois adotada por Ernest Renan na sua *Vida de Jesus*. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Paulo de Tarso** (3-66 d.C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à perseguição dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que foi ele quem verdadeiramente transformou o cristianismo em uma nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A **IHU On-Line** 175, de 10-4-2006, dedicou sua capa ao tema *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>, assim como a edição 286, de 22-12-2008, *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, dispo-

“desvalidos” da época como sendo os eleitos de Deus e destina-se primordialmente aos escravos do Império Romano. Os escravos não cessam de ruminar sua fraqueza, sua impotência, porque pensam poder se vingar dos “nobres”, dos fortes, não eleitos, se não na terra, pelo menos aos olhos de Deus. Deleitam-se, pois, com sua impotência porque, em longo prazo, ela pode favorecer uma inversão destrutiva para os nobres. Até mesmo no momento presente, pois os escravos tentarão desvalorizar a nobreza do nobre, dando-lhe vergonha de sua (falsa) superioridade. Nesse sentido, o ressentimento é “criador” porque vai destruir o nobre a partir do seu interior, mostrando-lhe que ele não é tão nobre quanto pensa, nem tão forte quanto alega. Procura dividi-lo dele mesmo, em suma, transformá-lo em escravo, reduzi-lo ao que ele mesmo é, um ser dividido, incapaz de dizer francamente sim ao que ele é.

54

Insisto, esse cristianismo é o que triunfou com São Paulo, o grande adversário de Nietzsche. Mas sua religião não tem nada a ver com a mensagem de Jesus que é o puro “dizer sim” a si mesmo (presença de Deus em cada um), ao outro (perdoar, não julgar) e à vida (despreocupação com o dia seguinte), generalizadamente sim à vida, pois Jesus nunca desejou sua morte. Nesse aspecto, Nietzsche admira Jesus, mas pensa que Paulo deformou a mensagem dele, introduzindo justamente a morte (a cruz) na vida, impondo à salvação uma condição: arrepende-se, confessar sua fraqueza ou seu pecado, assumir-se fraco e impotente, logo, escravo.

### **IHU On-Line – Como podemos compreender a relação entre consciência e crueldade dentro das proposições da Segunda Dissertação?**

nível em <https://goo.gl/bKZcM0>. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos **Cadernos IHU em formação**, Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade, disponível em <http://bit.ly/ihuem32>, e a edição 55 dos **Cadernos Teologia Pública**, São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I, disponível em <http://bit.ly/ihuteo55>. (Nota da **IHU On-Line**)

**Paul Valadier** – A *Segunda Dissertação* não deixou de interessar os antropólogos, como Pierre Clastres<sup>4</sup>. De fato, Nietzsche tenta chegar a uma espécie de nascimento da humanidade mergulhando numa pré-história mais ou menos imaginada por ele (intuída com genialidade, pois ele não é especialista em pré-história!). Longe do idílio rousseauista do contrato social a partir de indivíduos independentes e soberanos, Nietzsche propõe considerar “o animal homem” preso em um contrato coercivo para o devedor. Qual sociedade tradicional não se vê ela mesma “em dívida” com seus ancestrais, com os deuses ou com o passado, numa dívida insolvente? Esse contrato implica em castigos, represálias, sacrifícios de todo tipo, porque é impossível estar à altura das exigências da dívida, que implica também na tortura para fazer sentir fisicamente a rudeza do compromisso e da promessa (impossível de cumprir). Aqui também, Nietzsche não poupa o seu leitor, pois, em sua visão, essas rudes disciplinas que chegam ao ponto de derramar sangue são a condição histórica para que o indivíduo soberano nasça para si mesmo, para que forje uma vontade e cultive sua memória. Entre “credor” e “devedor”, a relação contratual implica no “castigo”, não porque estaria em jogo uma responsabilidade, logo, uma culpa, mas por puro exercício de uma obrigação que encontramos nas “primeiras formas de compra, venda, escambo e comércio” (§ 4). O sofrimento, de certa forma, é uma compensação à dívida, a uma dívida infinita.

Por certo, ao longo dos tempos, essa crueldade exercida vai “espiritualizar-se”, “divinizar-se” (§ 6),

tomando então formas sutis de sofrimentos infligidos à pessoa, como tantos “prelúdios” ao próprio homem. Desta crueldade do contrato vai surgir o “homem soberano”, isto é, a “consciência” (*Gewissen*), logo, a consciência moral (§ 2). Essas páginas alucinantes proclamam de fato: “não há festa sem crueldade, eis o ensinamento da mais antiga e da mais longa história do homem; e até mesmo o castigo como *festividade*” (§ 6 *in fine*). Evidentemente, o cristão (paulino), para quem o sofrimento da Cruz é a condição da salvação, entra plenamente nessa história. Até mesmo a divindade se compraz em contemplar o infortúnio dos homens, como “espectadora cruel”, imagem essa que, aliás, está “presente em nossa humanização europeia! Basta consultar, acerca disso, Calvino<sup>5</sup> e Lutero<sup>6</sup>” (§ 7). Porque o Deus cristão vê tudo, não tem pudor, sendo totalmente incompreensível para os gregos antigos, cujos deuses tinham pouco a ver com os assuntos humanos... Pouco a ver com o voyeurismo, portanto!

### **IHU On-Line – Ainda no âmbito da Segunda Dissertação, qual é a contribuição de Nietzsche para a compreensão do conceito de *Schuld* como culpa e dívida, concomitantemente?**

**Paul Valadier** – Com a *Terceira Dissertação*, aparece um personagem, à primeira vista, enigmático que é o “padre asceta”, expressão nova na obra de Nietzsche. Quem é ele? São designados assim todos aqueles que propõem “um ideal ascético” capaz de dar sentido ao sofrimento humano, à tortura de uma

<sup>4</sup> **Pierre Clastres** (1934-1977): foi um antropólogo e etnógrafo francês da segunda metade do século XX. Clastres é conhecido sobretudo por seus trabalhos de antropologia política, por sua suposta vinculação ao anarquismo e por sua pesquisa sobre os índios Guayaki do Paraguai. Filósofo de formação, interessou-se pela antropologia e especificamente pela América do Sul sob a influência de Claude Lévi-Strauss e de Alfred Métraux. Foi diretor de pesquisa no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS, Paris) e membro do Laboratoire d'Anthropologie Sociale do Collège de France. Realizou pesquisas de campo na América do Sul entre os índios Guayaki, Guarani e Yanomami. Publicou *Crônica dos índios Guayaki, A sociedade contra o Estado, A fala sagrada - mitos e cantos sagrados dos índios Guarani*. Sua morte prematura, em um acidente de carro em 1977, interrompeu a conclusão de textos que mais tarde seriam reunidos no livro *Arqueologia da violência - ensaios de antropologia política*. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>5</sup> **João Calvino** (1509-1564): teólogo cristão francês, teve uma influência muito grande durante a Reforma Protestante e que continua até hoje. Portanto, a forma de Protestantismo que ele ensinou e viveu é conhecida por alguns pelo nome Calvinismo, embora o próprio Calvino tivesse repudiado contundentemente este apelido. Esta variante do Protestantismo viria a ser bem-sucedida em países como a Suíça (país de origem), Países Baixos, África do Sul (entre os africanos), Inglaterra, Escócia e Estados Unidos. Leia, também, a edição 316 da **IHU On-Line** intitulada *Calvino - 1509-1564. Teólogo, reformador e humanista*, disponível em <http://bit.ly/1oBlRpn>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>6</sup> **Martinho Lutero** (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutenberg em 1453. (Nota da **IHU On-Line**)

vida sempre em dívida. A quem tenta compreender em vão por que sua vida é sofrimento permanente, o conselho do padre asceta consiste em explicar que o indivíduo é culpado pelo seu próprio sofrimento, que ele não tem de buscar a falta de sentido de sua vida numa causa ilusória (§ 15). Como ele é o pecador, é normal e perfeitamente razoável que sofra. Nesse sentido, o padre ascético tem um papel positivo, uma vez que permite ao fraco conduzir sua vida. O remédio oferecido por esse médico da alma pode então se apresentar como uma salvação, mas, na realidade, esse tratamento não faz senão agravar o mal, na medida em que consiste em colocar a vida contra ela mesma, em aumentar ainda mais o peso de consciência do pecador. O tratamento enclausura o indivíduo em si mesmo, sem possibilidade de emancipar-se do ideal ascético. O ressentimento é, portanto, “desviado” (*ibidem*) para o próprio culpado: “como uma galinha em torno da qual se traçaria um círculo” (§ 21), pois “do paciente se faria um pecador”.

O valor contemporâneo das análises abordadas aqui sucintamente está no fato de que o padre ascético é múltiplo: propõe um ideal ascético qualquer um que propuser um sentido para aquilo que não tem sentido, uma orientação positiva para aquilo que, à primeira vista, permanece indecifrável. Poderíamos dizer que as ideologias modernas, tais como o marxismo-leninismo, constituem ideais ascéticos; eles explicam a necessidade de saber sofrer ou até mesmo de se sacrificar totalmente para fazer advir um “futuro radioso” e afirmam que o sofrimento do militante engendra(rá) uma sociedade da qual a injustiça será banida. O inconveniente de tais ideais está no fato de que a solução libertária nunca vem, perdurando o sacrifício pessoal, a luta, portanto, o ascetismo da disciplina partidária, e também o sistema de coerções totalitárias, considerado necessário para o advento sempre adiado do ideal. Nesse sentido, um ideal assim mata, é portador de morte, sendo, portanto, niilista.

Mas o que dissemos a respeito do leninismo poderia ser dito da “reli-

gião do progresso” (anunciada por alguém como Renan), que justifica os sacrifícios das gerações atuais em benefício de um avanço certo da humanidade rumo ao bem e à paz. Uma saída das trevas para alcançar a luz!

“Nesse sentido,  
um ideal  
assim mata,  
é portador de  
morte, sendo,  
portanto,  
niilista”

**IHU On-Line – Ao se referir ao ideal ascético na *Terceira Dissertação*, Nietzsche problematiza o âmago do cristianismo. Quais são os pontos que consideramos adequados, e quais não estão de acordo com aquilo que o Cristianismo propõe em sua essência?**

**Paul Valadier** – O ideal ascético, como Nietzsche o concebe, está certamente presente em certas tradições espirituais que insistem na abnegação, no arrependimento, na culpa perante Deus. Certas correntes dominantes entre os evangélicos seguem exatamente essa linha, insistindo firmemente no pecado e na ira de Deus ou jogando com o medo para converter. Mas não podemos reduzir a essência do cristianismo a essas deformações perversas.

**IHU On-Line – Para Nietzsche, enquanto o aristocrata possui confiança em si próprio, o homem rancoroso não é leal nem mesmo a si próprio. Qual é a atualidade desse diagnóstico em um tempo como o nosso, no qual o niilismo parece se aprofundar cada vez mais?**

**Paul Valadier** – A diferença entre nobreza (*Vornehmheit*, em alemão,

que deveria ser traduzido por “distinção”) e servidão me parece muito atual. Nossas sociedades democráticas são marcadas, de fato, pelo gregarismo, pelo conformismo, pelo politicamente correto e pelo temor de “distinguir-se” pela coragem, pela virtude ou pela autoafirmação. Essas sociedades nivelam, recusando-se a admitir as diferenças que são constitutivas da vida humana. Há um igualitarismo temível, por exemplo, entre os sexos ou os “gêneros”, que acaba por exaurir as forças criadoras e leva a uma monotonia da existência, segundo o princípio relativista do “tudo se equivale”, “todas as coisas têm o mesmo sentido”, todas as atitudes morais são legítimas e nenhuma hierarquia entre as condutas e os comportamentos é admitida. Assim, tudo pode ser justificado, até mesmo o pior, infelizmente. Nesse sentido, as análises nietzschianas, embora excessivas por vezes, podem fornecer uma chave para a compreensão das inclinações niilistas de nossas sociedades contemporâneas.

**IHU On-Line – Em *O Anticristo*, escrito um ano após *Genealogia da Moral*, Nietzsche formula com ainda mais contundência a sua crítica e veredito ao cristianismo. Qual é a contribuição desse posicionamento para a compreensão das estruturas político-sociais da Modernidade?**

**Paul Valadier** – *O Anticristo* é uma obra quase póstuma, porque Nietzsche, tomado pela loucura, não pôde fazer uma última revisão. Esse livro é marcado pelos excessos do autor, por suas afirmações chocantes muitas vezes injustificadas, pela violência de juízos arbitrários que não resistem a uma abordagem mais objetiva ou serena do cristianismo, como exigem as ciências religiosas atuais, a exegese em particular. Portanto, é preciso abordar esse livro com reservas, até mesmo com certa desconfiança. Encontramos um Nietzsche à beira da loucura nessa obra, já marcada por uma escrita febril, fragmentada, apressada. ■

## Leia mais

- **Investidas contra o Deus moral obsessivo.** Entrevista com Paul Valadier, publicada na Revista IHU On-Line, nº 127, de 13-12-2004, disponível em <http://bit.ly/2xgzsSE>.
- **O futuro da autonomia, política e niilismo.** Entrevista com Paul Valadier, publicada na Revista IHU On-Line, nº 220, de 21-5-2007, disponível em <http://bit.ly/2PMiPVB>.
- **“A esquerda francesa está perdida”.** Entrevista com Paul Valadier, publicada nas Notícias do Dia do IHU, de 27-5-2007, disponível em <http://bit.ly/2xk8vO0>.
- **Narrar Deus no horizonte do niilismo: a reviviscência do divino.** Entrevista com Paul Valadier, publicada na Revista IHU On-Line nº 303, de 10-8-2009, disponível em <http://bit.ly/2OzN0iM>.
- **O desejo e a espontaneidade capciosa.** Entrevista com Paul Valadier, publicada na Revista IHU On-Line nº 303, de 10-8-2009, disponível em <http://bit.ly/2NINTi9>.
- **A intransigência e os limites do compromisso.** Entrevista com Paul Valadier, publicada na Revista IHU On-Line nº 354, de 20-10-2010, disponível em <http://bit.ly/2MHJst7>.
- **A filosofia precisa de mais audácia.** Entrevista com Paul Valadier, publicada na Revista IHU On-Line nº 379, de 7-11-2011, disponível em <http://bit.ly/2piiLSg>.
- **“A Igreja Católica só terá credibilidade se admitir em seu seio o pluralismo”.** Entrevista com Paul Valadier, publicada na Revista IHU On-Line nº 403, de 24-9-2012, disponível em <http://bit.ly/2xsziab>.
- **O fecundo jogo de interrogações mútuas entre fé e razão.** Entrevista com Paul Valadier, publicada na Revista IHU On-Line nº 405, de 22-10-2012, disponível em <http://bit.ly/2NjMcBS>.
- **“Heteronomia e autonomia são indivisíveis”.** Entrevista especial com Paul Valadier, publicada nas Notícias do Dia do IHU, de 5-5-2013, disponível em <http://bit.ly/2MFjsOY>.
- **‘Profecia de um mundo novo’. A misericórdia e seu alcance social e político.** Entrevista especial com Paul Valadier, publicada nas Notícias do Dia do IHU, de 30-5-2016, disponível em <http://bit.ly/2ph8juf>.

EAD Ciclo de Filmes e Debates

# CRISE DO CAPITALISMO DEZ ANOS DEPOIS

Período:  
03/09 a 23/11 de 2018

Ministrante:  
Prof. MS. Gilberto Faggion - Unisinos

Local:  
Plataforma Moodle | 3 horas semanais



age.com

IHU

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS

UNISINOS

ihu.unisinos.br

# Escritos de Nietzsche são desafio para a inteligência, não alimento para presunção

Maria Cristina Fornari destaca que o autor gosta de surpreender, às vezes de confundir, de espalhar indícios

Márcia Junges | Edição: Vitor Necchi | Tradução: Ramiro Mincato

A professora Maria Cristina Fornari é especialista em Nietzsche e atua em diversos grupos e instituições voltados ao filósofo alemão. Essa condição permitiu que, nesta entrevista, ela abordasse diversos aspectos da obra e do pensamento dele. A começar pelo seu livro *Genealogia da Moral*, no qual ele implementa uma “genealogia” de valores e conceitos morais, “especialmente quando aplicado à moral cristã e àquela judaica que constitui seu tronco original”.

Para Nietzsche, a moral platônico-cristã, além de estabelecer uma “verdade” única, incontrovertida e absoluta, também fornece as ferramentas para superá-la. Em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Fornari afirma que “um dos valores defendidos pela moral é, de fato, a veracidade: a mesma que, traduzida e sublimada na consciência científica e na honestidade intelectual, em sentido geral, nos obriga a lançar luz sobre a própria moral, mas acima de tudo sobre o significado da vontade de verdade”.

Fornari entende que “a doutrina da vontade de poder foi mal compreendida, de muitas maneiras, e é ainda objeto de discussões e controvérsias”. Ressalva, no entanto, que os estudos de Müller-Lauter “contribuíram significativamente, esclareceram que Nietzsche não se refere a um conceito unitário e metafísico (análogo, digamos, à vontade de viver de Schopenhauer) mas, pensa sim, no ‘quântico’ de poder, no jogo imparável dos pontos de força de que tudo é feito, como sugerido

pelos estudos científicos de seu tempo”.

Para se aprofundar em Nietzsche, Fornari convida para uma “leitura lenta” e “filologicamente circunspecta” da obra dele, “sem deixar-se engodar por ideologias ou falsos mitos”. Para ela, o filósofo alemão “é um pensador complexo, que permite diferentes níveis de abordagem: pode-se simplesmente apreciar sua prosa, aguda e fulminante; pode-se tentar interpretá-lo, também à luz das anotações póstumas e das suas leituras; pode-se, se suficientemente experto, penetrar nas tramas de seus textos, sempre construídos com grande cuidado e fineza arquitetônica”. Por fim, ela destaca: “Não nos esqueçamos de que Nietzsche gosta de nos surpreender, às vezes de nos confundir, de espalhar indícios: seus escritos são um desafio para nossa inteligência, não um alimento para nossa presunção”.

**Maria Cristina Fornari** é graduada em Filosofia pela Universidade de Pisa e doutora pela Universidade de Pisa. Leciona na Universidade de Salento, Itália. Trabalhou com Giuliano Campioni na *Opere e dell’Epistolario di Nietzsche*. Uma das fundadoras do Centro Colli-Montinari de Estudos sobre Nietzsche e a Cultura Europeia. Integra a equipe “Nietzsche et son temps”, o comitê científico e a secretaria científica da Associação HyperNietzsche, do Gruppo Internazionale di Ricerche su Nietzsche - GIRN e o Seminário Permanente Nietzscheano - SPN.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Em que sentido a *Genealogia da Moral* (São Paulo: Companhia das Letras, 1998) é uma espécie de decla-**

**ração de guerra contra a moral judaico-cristã?**

**Maria Cristina Fornari –** Como o título indica expressamen-

te, Nietzsche<sup>1</sup> implementa uma

<sup>1</sup> **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno.

“genealogia” de valores e conceitos morais neste livro, especialmente quando aplicado à moral cristã e àquela judaica que constitui seu tronco original. Investigar a “genealogia” de um conceito ou de um valor significa, para Nietzsche, não tanto voltar à “origem” (*Ursprung*), mas estar ciente de que sua história se entrelaça com muitos aspectos diferentes da história “humana, demasiado humana” e que sua origem (*Herkunft*) pode ser encontrada também lá onde não se espera. Neste sentido, Nietzsche mostra, por exemplo, como à base do bem e do mal, da culpa, da má consciência e similares, existem verdadeiros atos de violência, relações de força nascidos em terreno extramoral (por exemplo, entre devedor e credor), reivindicações de domínio (não menos importante, “a revolta dos escravos na moral” ditada pelo *ressentiment*), que se sublimam e se transformam ao longo da história. Nietzsche acredita que trazendo à luz as origens nefastas do Cristianismo, e mostrando sua verdadeira face, infligir-lhe-á um golpe mortal e permitirá, finalmente, dizer uma palavra definitiva sobre sua origem e sua natureza.

**IHU On-Line – Qual é o propósito de Nietzsche ao lançar esta ofensiva à moral estabelecida no Ocidente? O que há em seu horizonte em termos mais amplos, considerando seus es-**

no. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche, foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-5-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzalpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

**critos publicados e também os fragmentos?**

**Maria Cristina Fornari** – Nietzsche faz um fino diagnóstico do próprio tempo, do qual fotografou a decadência e a perda da força criativa com grande lucidez. A moral ocidental platônico-cristã, com sua tabela de valores orientada para a igualdade, a benevolência, a uniformidade das necessidades e desejos (“não faça aos outros o que não gostaria que te fizessem”: mas ninguém é, em termos de valor, equivalente ao seu semelhante), é, de acordo com Nietzsche, o maior, se não o único responsável por este estado de enfraquecimento, que já não permite ao homem contar com grandes indivíduos, nem permite projetos de longo prazo. O tipo humano derivado é “areia” e “ferro de madeira”, um terreno sobre o qual é difícil construir algo estável e duradouro. E só porque Nietzsche – ao contrário daqueles que o acusam de anti-humanismo –, na minha opinião, é “apaixonado pelo humano”, visa a corrigir, se não reverter, essa situação, e devolver ao homem a consciência do seu valor e das suas possibilidades. O projeto da **transvaloração de todos os valores** (o que acabará por coincidir, na sua versão final, com o Anticristo), que Nietzsche confia firmemente como ponto culminante de sua filosofia, nos convida a experimentar novas perspectivas a partir das quais poderiam surgir, de acordo com ele, novas categorias axiológicas.

**IHU On-Line – Como entender a autossupressão da moralidade contida neste escrito?**

**Maria Cristina Fornari** – Segundo Nietzsche, a moral platônico-cristã, além de estabelecer uma “verdade” única, incontroversa e absoluta (*ab-soluta*, isto é, livre de qualquer obrigação e necessidade de exame), também nos fornece as ferramentas para superá-la. Um dos valores defendidos pela moral é, de fato, a veracidade: a mesma que, traduzida e sublimada na consciência científica e na honestidade intelectual, em sentido geral, nos

obriga a lançar luz sobre a própria moral, mas acima de tudo sobre o *significado* da vontade de verdade. Por que “queremos a verdade”? Talvez porque, decadentes, precisamos de certezas, pontos fixos, valores preestabelecidos e imutáveis, que nos salvem do terror de um mundo inimaginável e em perene devir? A progressiva consciência da real natureza da vontade de verdade conduz ao seu desmascaramento como *necessidade*: o que equivale a suprimi-la enquanto impulso moral. Eis, portanto, a veracidade cristã, levada às suas extremas consequências, volta-se sobre si mesma, e a moral, paradoxalmente, morre por si mesma de “moralidade”.

“Nietzsche faz um fino diagnóstico do próprio tempo, do qual fotografou a decadência e a perda da força criativa com grande lucidez”

**IHU On-Line – Qual é o contramovimento da moral tradicional contida na *Genealogia da Moral* e qual é o aspecto construtivo da transvaloração dos valores? Quais são os pontos de tensão entre esses dois conceitos?**

**Maria Cristina Fornari** – A Transvaloração é realmente concebida por Nietzsche como um projeto construtivo. Uma vez liberado o campo dos valores antigos e fora do perigo de nihilismo passivo, o que nos levaria à inatividade, trata-se

de colocar-se em atitude criativa em relação à existência, experimentando novas formas de vida e novas possibilidades. Um exemplo é o eterno retorno – basicamente, uma espécie de transvalutação do nosso modo de conceber o tempo – que Nietzsche acredita seja um pensamento capaz de “reconfigurar” nossos impulsos e, assim, transformar-nos eticamente, mas também, poderíamos dizer, “fisiologicamente”. O nosso é, de fato, para Nietzsche, um sistema psicofísico, em que o clássico dualismo mente-corpo não tem razão de existir: nossa tabela de valores tem condições de agir em nossa fisiologia, bem como uma fisiologia “saudável” produz naturalmente valores “bons” (no sentido, é claro, de renovados em relação aos rótulos da moral tradicional). Perto da moral platônico-cristã está, de fato, a equação socrática “virtude = felicidade”: Nietzsche inverte os termos do problema, argumentando que, lá onde se é feliz, ou seja, em nossa plenitude fisiológica, não se pode senão ser necessariamente virtuoso. Podemos entender também estes como exemplos de transvalutação possível somente depois que a moral platônico-judaico-cristã desmascarou seus próprios dispositivos, e um novo espaço de possibilidades se abriu.

### **IHU On-Line – Em que aspectos Além do bem e do mal pode ser considerado um prelúdio para a obra *Genealogia da Moral*?**

**Maria Cristina Fornari – Além do bem e do mal** (São Paulo: Companhia das Letras, 2005) era originalmente a continuação de *Humano, demasiado humano* (São Paulo: Companhia das Letras, 2008), importante obra de 1878. Nietzsche logo mudou de ideia e publicou-a como obra em si, que ele pretendia de fato como um prelúdio e quase um esclarecimento da *Genealogia*. Na minha opinião, a chave de leitura está no primeiro aforisma de *Além*, que não tem título e é uma introdu-

ção à primeira seção: aqui Nietzsche acena, quase que distraidamente, ao método genealógico (a questão do valor da verdade e não de sua origem), marcando assim distância com a obra de 1878, e lançando uma ponte em direção à *Genealogia*. É interessante notar como o segundo aforisma retoma o conteúdo de *Humano, demasiado humano* e como as seções se assemelham: o primeiro aforisma, no entanto, explica como mudou radicalmente a perspectiva da investigação.

### **IHU On-Line – Questões sobre o biologismo/naturalismo moral continuam sendo centrais para a pesquisa acadêmica de Nietzsche. Como entender corretamente o pensamento nietzschiano em relação à doutrina da vontade de poder?**

**Maria Cristina Fornari –** A doutrina da vontade de poder foi mal compreendida, de muitas maneiras, e é ainda objeto de discussões e controvérsias. O certo é que os estudos de Müller-Lauter<sup>2</sup> contribuíram significativamente, esclareceram que Nietzsche não se refere a um conceito unitário e metafísico (análogo, digamos, à vontade de viver de Schopenhauer<sup>3</sup>) mas, pensa sim, no “quântico” de poder, no jogo imparável dos pontos de força de que tudo é feito, como sugerido pelos estudos científicos de seu tempo. Assim, para entender a vontade de poder (assim como qualquer outro filosofema significativo), em primeiro lugar, nunca devemos esquecer o contexto histórico-científico do qual ele parte.

<sup>2</sup> **Wolfgang Müller-Lauter** (1924-2001): filósofo nascido em Weimar (Alemanha), foi um dos mais importantes intelectuais alemães do século 20. Desenvolveu fecundo trabalho acerca dos problemas filosóficos do homem contemporâneo. Em 1971, publicou *Nietzsche – sua filosofia dos contrários e os contrários de sua filosofia*. Em 1972, fundou os Nietzsche Studien, que visava a constituir um fórum internacional de debates a respeito das questões suscitadas pela filosofia nietzschiana e se tornou mais prestigiosa publicação acadêmica sobre a filosofia nietzschiana. Organizador da edição das “Obras Completas de Nietzsche”, inaugurou uma nova vertente interpretativa do seu pensamento. (Nota do IHU On-Line)

<sup>3</sup> **Arthur Schopenhauer** (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo. Ele entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota do IHU On-Line)

Nietzsche era um grande conhecedor do seu tempo e um ávido leitor: suas fontes de leitura frequentemente nos ajudam a compreender em que direção seu pensamento se movia, e a evitar mal-entendidos perigosos. Voltando à vontade de poder, esta é a base do mundo orgânico, bem como do inorgânico: na verdade, de acordo com uma fórmula conhecida, “o mundo é vontade de poder e nada mais!”. Nietzsche quer dizer, na minha opinião, que neste mundo tudo se move em base a relações de força que se *assemelham estruturadas*, são como relações de dominação e submissão: da atração dos corpos físicos às organizações sociais, da aquisição do que é estranho para nós (seja o inimigo, uma fatia de pão ou uma página de filosofia!) ao conflito entre valores, até a mais ínfima parte de vida naquela formação plúrima, que por conveniência e convenções chamamos de “corpo”. Tudo é animado por *Wille zur Macht* (vontade de poder), na realidade, “vontade” de chegar ao poder [*zur*], de explicar a própria força: isto é tão necessário, como a uma lâmpada não se pode impedir de emanar luz ou a uma mola comprimida, de saltar. O que devemos ter em mente é que essas relações entre forças estão destinadas a desfazer-se continuamente: toda formação de domínio é sempre temporâneo, e deixará necessariamente espaço a outras. Pode-se dizer que o mundo estruturado em base à atividade de *Wille zur Macht* é tudo, menos despótico!

### **IHU On-Line – A senhora é co-fundadora e membro do Centro Interuniversitário Colli-Montinari de Estudos sobre Nietzsche e a Cultura Europeia. Quais as principais atividades desta organização, como funcionam e quais são as previsões para os próximos anos?**

**Maria Cristina Fornari –** O Centro Colli-Montinari de Estudos sobre Nietzsche e a Cultura Europeia nasceu, há alguns anos, por iniciati-

va de Giuliano Campioni<sup>4</sup>, aluno de Mazzino Montinari<sup>5</sup> e estudioso de Nietzsche de renome internacional, e reúne uma série de estudiosos de diferentes países que se reconhecem no espírito de leitura histórico-crítica inaugurado por Montinari, e que, na Itália, fez escola. O centro organiza e promove publicações, conferências, seminários, mas especialmente mantém o Seminário Permanente Nietzscheano - SPN, ativo desde 2005 e constituído por um grupo de jovens especialistas que trabalham em conjunto, de forma estável e contínua, na perspectiva de compartilhar e de integrar suas respectivas linhas de pesquisa, como verdadeiro trabalho de *equipe*. O SPN reúne-se uma vez por ano para discutir um tema escolhido de comum acordo e já atrai inúmeros alunos e estudantes de doutorado que desejam participar do trabalho de grupo, e que frequentemente pedem para fazer parte.

### IHU On-Line – Entre suas produções, há o trabalho com Giuliano Campioni sobre as *Obras* e o *Epistolário* nietzschiano. Quais foram os resultados desse esforço conjunto?

**Maria Cristina Fornari** – Colaborar na edição italiana das *Obras* e do *Epistolário* de Nietzsche, juntamente com Giuliano Campioni, foi uma grande honra para mim, assim como formidável exercício. O domínio histórico-filológico de Campioni é imenso, e dele se pode – e se deve! – aprender muito. O trabalho no último volume das cartas de Nietzsche (1885-1889), em

<sup>4</sup> **Giuliano Campioni** (1945): nascido em Pescia, na Itália. Graduado e doutor em Filosofia pela Universidade de Pisa. Lecionou na Universidade de Pisa e na Universidade de Lecce. Fundador e diretor do Centro Colli-Montinari de Estudos sobre Nietzsche e a Cultura Europeia. Co-fundador, com Patrick Wotling, do Groupe International de Recherches sur Nietzsche (GIRN). Fundador, com Sandro Barbera e Franco Volpi, da coleção Nietzscheana (Pisa: Editions ETS). Foi assistente de Mazzino Montinari na edição das obras, notas e cartas de Nietzsche. (Nota da **IHU On-Line**)  
<sup>5</sup> **Mazzino Montinari** (1928-1986): scholar italiano de germanística, mundialmente reconhecido como um dos mais importantes estudiosos de Nietzsche. No final dos anos 1950, com Giorgio Colli, iniciou a edição crítica das obras de Nietzsche, publicada em italiano pela Adelphi, em francês pela Gallimard, e em alemão pela Walter de Gruyter. Em 1972, junto de outros pesquisadores, Montinari fundou o jornal internacional Nietzsche-Studien. (Nota da **IHU On-Line**)

particular, foi emocionante: são os anos em que Nietzsche sente o peso da solidão, mas também está animado de forte desejo de ação na contemporaneidade. Pensa uma nova edição de obras anteriores (dando vida, entre outras coisas, ao quinto, maravilhoso livro de *A Gaia Ciência*), revê a estratégia editorial com o propósito de reacender o interesse em torno de seu “filho predileto” Zarathustra, em vista do lançamento do *Transvaloração*, que sente como uma tarefa fatal destinada a mudar o curso da história; abandona o projeto da obra intitulada *A Vontade de Poder* para nos apresentar suas últimas fulminantes publicações, *Crepúsculo dos ídolos* (São Paulo: Companhia das Letras, 2006), *O Anticristo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007) e aquela autobiografia *sui generis* que é o *Ecce homo* (São Paulo: Companhia das Letras, 1995). Estas cartas, além de mostrar-nos Nietzsche no desdobrar-se de suas atividades e de sua vida diária – que o aparato crítico de mais de 300 páginas rende vivas e cheias de particulares –, leva-nos até o colapso final, aos chamados “bilhetes da loucura”, nos quais Nietzsche está deflagrado em sua subjetividade e se perde para o mundo, sobrecarregado com “todos os nomes da história”.

### IHU On-Line – As viagens à Itália deixaram marcas profundas na vida e no trabalho de Nietzsche. Por que particularmente o sul italiano lhe foi tão impactante? O que mudou em sua filosofia depois do contato com a energia solar deste país?

**Maria Cristina Fornari** – Para um alemão do século XIX, acostumado ao *Grand Tour* e às viagens de formação de memória goethiana, mas não só, a Itália é o Sul por antonomásia. Não era necessário chegar até Nápoles ou até a Sicília, como foi para Goethe<sup>6</sup>: a costa da

Ligúria já podia representar uma nova experiência de bem-estar e vigor. O Sul de Nietzsche – que também foi para Sorrento e, ainda hoje, inexplicavelmente, para Messina – era, na verdade, predominantemente Genova, mas também Turim, com seus percursos arcados e sua luz; ou Nice, que elegeu como seu “bairro de inverno”, enquanto preferia passar seus verões em Sils-Maria, em Engadine, “no ar puro das alturas”, onde ele diz que foi alcançado pela intuição do Eterno Retorno. Sul é também a música de George Bizet<sup>7</sup> (especialmente *Carmen*, que ouviu várias vezes no teatro, cada vez com renovado entusiasmo), em oposição ao cansativo acordos de Wagner<sup>8</sup>.

mais importantes figuras da literatura alemã e do Romantismo europeu, nos finais do século 18 e inícios do século 19. Juntamente com Schiller, liderou o movimento literário romântico alemão Schlegel e Drang. De suas obras, merecem destaque *Fausto* e *Os sofrimentos do jovem Werther*. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>7</sup> **Georges Bizet** (1838-1875): compositor francês, principalmente de óperas. Numa curta carreira devido à sua prematura morte, ele atingiu poucos sucessos antes do seu trabalho final, *Carmen*, que viria a se tornar uma das mais populares e frequentemente interpretadas óperas no repertório operístico. Durante uma brilhante carreira como estudante no Conservatório de Paris, Bizet venceu muitas competições, incluindo o prestigiado Prix de Roma em 1857. Foi reconhecido como um excelente pianista, embora tenha optado por não aproveitar essa habilidade e raramente tocava em público. Retornando a Paris, após quase três anos na Itália, descobriu que os principais teatros de ópera parisiense preferiam o repertório clássico, estabelecido pelas obras recém-compostas. Suas composições orquestrais e para piano foram igualmente ignoradas, como resultado, sua carreira paralisou e ele ganhava a vida organizando e transcrevendo a música dos outros. Começou muitos projetos teatrais durante a década de 1860, a maioria das quais foram abandonadas. Duas óperas suas dominaram os palcos – *Les pêcheurs de perles* e *La jolie fille de Perth* – foram sucessos imediatos. Após a Guerra Franco-Prussiana de 1870 até 1871, quando Bizet serviu na Guarda Nacional, teve pequenos sucessos com a ópera em um ato *Djamileh* e uma suíte orquestral derivada de sua música incidental tornou-se instantaneamente popular, *L'Arlesienne*. A produção da última ópera de Bizet, *Carmen*, foi adiada por temor de que seus temas de traição e assassinato ofenderiam o público. Após a estreia em 3 de março de 1875, Bizet foi convencido de que o trabalho foi falho, ele morreu de ataque cardíaco três meses depois, sem saber de que se tornaria um sucesso espetacular e duradouro. Após sua morte, suas obras, com exceção de *Carmen*, foram negligenciadas. Manuscritos foram doados ou perdidos, e versões de seus trabalhos eram frequentemente revisadas e adaptadas por outras mãos. Após anos de negligência, seus trabalhos começaram a ser interpretados com mais frequência no século XX. Mais tarde, comentários aclamando o compositor como brilhante e gênio começaram a surgir, dizendo que a morte prematura foi uma perda significativa para o teatro musical francês.

<sup>8</sup> **Richard Wagner** (1813-1883): compositor alemão, considerado como um dos expoentes do romantismo na música. Como compositor de óperas, criou um novo estilo, grandioso, cuja influência sobre a música foi forte a ponto de os músicos de seu tempo e posteriores serem classificados como wagnerianos ou não-wagnerianos. Escreveu o libretto de todas as suas óperas, inclusive o ciclo do *Anel dos Nibelungos*, onde reconstrói partes da antiga mitologia germânica. Para a encenação deste e doutros espetáculos grandiosos que concebeu, foi construído o teatro de ópera de Bayreuth. É interessante notar que D. Pedro II, impressionado com a obra de Wagner, cogitou construir no Brasil este teatro. Sua vida pessoal teve também aspectos espetaculares, como terminar o primeiro casamento e ter que mudar de país por seu relacionamento com a esposa de von Bülow (Cosima, filha de Liszt) que se tornaria

<sup>6</sup> **Johann Wolfgang von Goethe** (1749-1832): escritor alemão, cientista e filósofo. Como escritor, foi uma das

Em geral, quando Nietzsche pensa no Sul, pensa em uma energia intacta, não corrompida pela moral, totalmente expandida em suas paixões, como foi para o amado Stendhal<sup>9</sup>: o Sul, sobretudo italiano, tornou-se um *topos*, uma cifra da saúde, sobre o qual orientar o desenvolvimento da humanidade

sua segunda esposa. Vem daí seu parentesco com Liszt. (Nota da **IHU On-Line**)

**9 Stendhal** [Henri-Marie Beyle] (1783-1842): escritor francês reputado pela fineza na análise dos sentimentos de seus personagens e por seu estilo deliberadamente seco. Em 1830 aparece sua primeira obra-prima, *O Vermelho e o Negro*, uma crônica analítica da sociedade francesa na época da Restauração, na qual Stendhal representou as ambições da sua época e as contradições da emergente sociedade de classes, destacando sobretudo a análise psicológica dos personagens e o estilo direto e objetivo da narração. Em 1839, publicou *A Cartuxa de Parma*, muito mais novelesca do que a sua obra anterior, que escreveu em apenas dois meses e que por sua espontaneidade constitui uma confissão poética extraordinariamente sincera, ainda que só tivesse recebido o elogio de Honoré de Balzac. Ambas são novelas de aprendizagem e partilham rasgos românticos e realistas; nelas aparece um novo tipo de herói, tipicamente moderno, caracterizado pelo seu isolamento da sociedade e o seu confronto com as suas convenções e ideais, no que muito possivelmente se reflete em parte a personalidade do próprio Stendhal. Outra importante obra de Stendhal é *Napoleão*, na qual o escritor narra momentos importantes da vida do grande general Bonaparte. Como o próprio Stendhal descreve no início deste livro, havia na época (1837) uma carência de registros referentes ao período da carreira militar de Napoleão, sobretudo a sua atuação nas várias batalhas na Itália. Dessa forma, e também porque Stendhal era um admirador incondicional do corso, a obra prioriza a emergência de Bonaparte no cenário militar, entre os anos de 1796 e 1797 nas batalhas italianas. Declarou, certa vez, que não considerava morrer na rua algo indigno e, curiosamente, faleceu de um ataque de apoplexia, na rua, sem concluir a sua última obra, *Lamiel*, que foi publicada muito depois da sua morte. O reconhecimento da obra de Stendhal, como ele mesmo previu, só se iniciou cerca de cinquenta anos após sua morte, ocorrida em 1842, na cidade de Paris. (Nota da **IHU On-Line**)

porvir. As instâncias de autossuperação da civilização ocidental platônico-cristã (da qual falávamos há pouco) parecem, às vezes, confiadas por Nietzsche à figura dos “bons europeus”, que, na verdade, assumem um caráter supranacional, segundo uma bela nota de 1885 (4 [71]), que nos explica, que para sermos homens espiritualmente fortes, para reconquistar “a resposta do poder da alma”, é preciso progressivamente libertar-se do nacionalismo e tornar-se “gradualmente mais amplos e mais supranacionais, mais europeus, mais supraeuropeus, mais orientais, e, finalmente, mais gregos”. A chave para compreender esta nota está no valor da saúde, que Nietzsche atribui ao sincretismo cultural, próprio da greicidade, mas também do mundo árabe (Nietzsche teria desejado ir à Tunísia para conhecer mais de perto os muçulmanos, o que nunca se realizou) ou da cultura provençal, que Nietzsche evoca, como explica Giuliano Campioni, no título de *A Gaia Ciência* (São Paulo: Companhia das Letras, 2001). Vigor físico, saúde espiritual, valorização e incorporação da diversidade: o Sul é a encarnação de todos esses elementos, que fornecem matéria de reflexão para o

que se vive também hoje, especialmente na Europa.

### **IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?**

**Maria Cristina Fornari** – Gostaria apenas de convidar para uma “leitura lenta” e filologicamente circunspecta de Nietzsche, sem deixar-se engodar por ideologias ou falsos mitos. Nietzsche é um pensador complexo, que permite diferentes níveis de abordagem: pode-se simplesmente apreciar sua prosa, aguda e fulminante; pode-se tentar interpretá-lo, também à luz das anotações póstumas e das suas leituras; pode-se, se suficientemente experto, penetrar nas tramas de seus textos, sempre construídos com grande cuidado e fineza arquitetônica. Mas, de qualquer modo, devemos ter sempre presente sua recomendação de “lê-lo bem”, de ir a fundo, sem parar no *dito*, muitas vezes astutamente simples e, portanto, facilmente mal compreendido. Não nos esqueçamos de que Nietzsche gosta de nos surpreender, às vezes de nos confundir, de espalhar indícios: seus escritos são um desafio para nossa inteligência, não um alimento para nossa presunção. ■

Ouse pensar  
o que ninguém pensou.  
**ihu.unisinos.br**

# A navalha da consciência na carne do tempo

Antonio Edmilson Paschoal sustenta que o projeto moral nietzschiano busca resgatar no sujeito a autoconsciência como forma de superar o ideal ascético da culpa em nome da potência de vida

Márcia Junges | Edição: Ricardo Machado

O processo que transforma alteridades em diferenças, isto é, a versão domesticada do outro, pode ser explicado pelo mesmo fenômeno que homogeniza a potência humana de invenção de si e de novas formas de vida, sobretudo as resistentes ao *status quo*. Produzir rupturas significa “colocar a faca na carne de seu tempo”, mostrando que a mesma moral que prega o rebanho pacificado, que promete retirar do homem o perigo que ele poderia representar, retiraria dele também aquilo que é nobre nele, tornando-o patético e um motivo de desprezo”, pondera Antonio Edmilson Paschoal, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Se há sofrimento, o homem e tão somente ele próprio é o responsável, como se a ele não houvesse a agência de uma série de forças políticas, sociais e religiosas. Nesse sentido, Nietzsche abre um debate que coloca em cena a possibilidade de superação do “ideal ascético, vinculado à figura do sacerdote ascético que produz no homem que sofre uma espécie de letargia, um efeito hipnótico que faria com que esse homem pudesse suportar o sofrimento

sem, de fato, atentar para as suas causas”, sugere.

Uma das contribuições de relevo do pensador alemão que encontra ressonância em nossas sociedades do século XXI é pensar a noção de justiça a partir de outro lugar. “Outro benefício é considerar possibilidades de se pensar a justiça, diria, “para além do ressentimento”, ou seja, não apenas como punição, o que seria próprio da justiça entendida como vingança, mas de se tomar a justiça, assim como a moral, como meio para constituir formas mais elevadas de vida. A justiça como meio e não como um fim”, ressalta.

**Antonio Edmilson Paschoal** é graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC-PR, mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP e doutor em Filosofia pela Universidade de Campinas - Unicamp, com pesquisa desenvolvida na Freie Universität-Berlin. Além disso, realizou estágios pós-doutorais na Universität Leipzig e na Ernst Moritz Arndt Universität Greifswald.

**Confira a entrevista.**

62

**IHU On-Line – Tomando em consideração *Genealogia da Moral*, qual é o nexó entre sujeito, má consciência e ressentimento?**

**Antonio Edmilson Paschoal** – Vou responder as perguntas sempre em termos muito amplos e ge-

néricos, pois precisaria de tempo e muito material em mãos para dar o tratamento preciso que cada questão merece. Sendo assim, sobre essa primeira questão, devo dizer o seguinte.

Em linhas gerais, podemos dizer que na *Genealogia da Moral* em seu conjunto temos uma dura crítica de

Nietzsche<sup>1</sup> à noção de sujeito. Por

<sup>1</sup> **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, nihilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche, foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da

“Em linhas gerais, seria possível afirmar que, no âmbito da Genealogia, o conceito de sujeito aparece ligado à ideia de culpa em todo o seu alcance, tanto econômico, quanto moral e religioso”

exemplo, na Primeira Dissertação é evidente a sua contraposição à ideia de um sujeito livre e responsável. De um agente que seria anterior à ação e responderia por ela, como se observa na seção 13, quando ele afirma que um “sujeito” atuante é uma ficção e arremata dizendo que “a ação é tudo!”. Uma contraposição que, na Segunda Dissertação, ganha contornos de uma crítica à ideia de “culpa”, visto que a noção de culpa está associada diretamente àquela ideia de sujeito.

Por sua vez, observar o nexo dessa crítica ao sujeito com os conceitos de má consciência e de ressentimento exige considerar alguns aspectos preliminares desses conceitos. Provisoriamente, podemos concordar que o ressentimento seria uma sede de vingança, uma reação de alguém que sofreu um dano contra o seu agressor. Contra essa pessoa, que na opinião daquele homem que sofre é a causa do seu sofrimento, ele volta todo o ódio e o rancor produzido por aquela desdita. Porém, na medida em que a sua fraqueza o impede de reagir de fato, ele termina por voltar aquele rancor que não é descarrega-

do sobre o seu agressor para o seu mundo interior, que se torna, assim, um palco de sentimentos hostis.

A má consciência, por sua vez, também traz consigo a ideia de doença, mas seria uma doença que teria acometido o homem no seu processo de sociabilização. Uma doença que não surge em função da introdução do homem no âmbito da sociedade e da paz, quando o homem não pode mais descarregar sua violência para fora, contra seus inimigos externos, e a volta contra si próprio, produzindo a interiorização do homem e ampliando seu mundo interior. Nesse ponto, cabe observar que Nietzsche se refere inicialmente (em GM II 16) à má consciência como a uma doença, ou uma fatalidade da qual o homem não poderia escapar no seu processo civilizatório. Uma doença entendida como se fosse possível pensar a gravidez como uma doença. Uma doença que permitiria, assim, o futuro do homem e tornaria o homem um animal interessante.

O conceito de má consciência, contudo, sofre alterações no texto de Nietzsche justamente quando é assimilado pela interpretação religiosa do sofrimento, no âmbito da qual não é mais tomado como uma fatalidade, mas é associado à ideia de culpa. No interior da interpretação religiosa, o sofrimento correspondente à má consciência diria respeito ao fato de o homem ter pecado. O homem sofre porque pecou. De fato, temos aqui uma aproximação entre má consciência e ressentimento, pois o homem àquele homem que procura um culpado pelo seu

sofrimento (problema do ressentimento), o sacerdote apontará como culpado ele mesmo. É contra ele mesmo que ele deverá voltar sua sede de vingança, porque ele, o próprio sofredor, enquanto pecador, seria o culpado pelo seu sofrimento. E o remédio proposto pelo sacerdote, a ascese, seria uma espécie de vingança do homem contra si mesmo. Um modo de pensar que Nietzsche segue entendendo como uma doença, mas não mais como a gravidez seria uma doença, mas a loucura.

Assim, em linhas gerais, seria possível afirmar que, no âmbito da *Genealogia*, o conceito de sujeito aparece ligado à ideia de culpa em todo o seu alcance, tanto econômico, quanto moral e religioso, num campo em que se coaduna com as noções de má consciência e de ressentimento.

Toda essa loucura, contudo, não seria a única forma de pensar o tema do sujeito nesse livro. Há outras alternativas. Como é o caso da ideia de um sujeito tomado como produto, seja como caráter, seja como subjetividade, em todo caso, como um resultado da moral, ou de uma determinada moral que produz tipos humanos em termos gerais e homens, subjetividades em termos concretos.

**IHU On-Line – Em que aspectos se pode falar em uma superação do ressentimento na filosofia de Nietzsche? Como isso se delinea na *Genealogia*?**

**Antonio Edmilson Paschoal**  
– A superação do ressentimento é

**IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/Hl7xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-5-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

um tema caro a um grande amigo, o professor Oswaldo Giacoia Junior, que se ocupou em várias ocasiões da ideia da superação e da autossuperação em Nietzsche. Faço aqui uma singela homenagem ao professor Oswaldo, embora não poderia citar diretamente os seus textos nessa nossa conversa que é, a rigor, informal.

Na *Genealogia da Moral* a ideia de uma superação do ressentimento aparece ao menos em dois momentos. Na segunda dissertação, como uma autossuperação da justiça entendida como vingança e na terceira dissertação, como uma superação daquela ideia de pecado associada ao ideal ascético que mencionamos na resposta da questão anterior.

No primeiro caso, a ideia de ressentimento a ser superada é aquela que vincula a justiça ao ressentimento e que é feita, segundo Nietzsche, em especial por Eugen Dühring<sup>2</sup>, que ao afirmar que a justiça equivaleria à própria sede de vingança, colocaria no mesmo patamar, como sinônimos, a justiça e a vingança. O que equivaleria, nas palavras de Nietzsche, a sacralizar a vingança ao conferir a ela o nome de justiça. Justamente essa ideia de justiça, predominante na modernidade, que tem seu início com a proposição básica de que tudo tem um preço e tudo deve ser pago, teria seu fim não por uma espécie de retrocesso a estágios anteriores ao de sua emergência, mas ao ser levada às suas últimas consequências. O que ocorreria com o crescimento do poder da comunidade e da consciência desse poder. Assim, grande o suficiente para não se preocupar com seus parasitas, essa sociedade que a tudo cobra-

va, num tal estágio poderia se dar o mais extremo luxo de “deixar passar os insolventes”, o que receberia, nos termos de Nietzsche, o nome de *graça* ou de autossuperação da justiça, particularmente da justiça saída do subsolo do ressentimento.

A segunda ideia de superação do ressentimento aparece de forma mais sutil no texto. Trata-se do debate aberto pelo filósofo sobre as possibilidades de superação do ideal ascético, vinculado à figura do sacerdote ascético que produz no homem que sofre uma espécie de letargia, um efeito hipnótico que faria com que esse homem pudesse suportar o sofrimento sem, de fato, atentar para as suas causas. A superação, no caso, não seria por meio da ciência ou de outras formas de enfrentamento do ideal ascético que afirmariam o seu ideal da verdade a todo custo e estariam, assim, alinhadas ao ideal ascético, mas por meio dos “comediantes do ideal ascético”. Tais comediantes, como no caso anterior, não corresponderiam a uma negação daquilo que suprimem, mas eles mesmos seriam sinal de um estágio de desenvolvimento dessa moral e busca da verdade no qual o próprio ideal de verdade e moralidade teria sido levado às suas últimas consequências, ao ponto de se poder concluir que também a velha moral “é coisa de comédia”, como afirma o filósofo ainda no prefácio da *Genealogia*.

#### **IHU On-Line – Quais são as contribuições fundamentais que Nietzsche oferece à filosofia quando propõe essa análise?**

**Antonio Edmilson Paschoal** – A crítica de Nietzsche à moral dificilmente poderia ser tomada de forma a permitir, por exemplo, a confecção de um conjunto de normas de valor universal. Dificilmente se poderia também fundamentar uma teoria da justiça a partir da filosofia de Nietzsche. E isso não ocorre por uma espécie de deficiência do seu pensamento, mas do fato mesmo de que ele não oferece ou defende uma moral que poderia ser popularizada, ou regras que poderiam se tornar uni-

versalmente válidas ou algo assim. A grande contribuição de Nietzsche nesse campo, no qual parece que somos condenados a viver com regras e normas comuns, é justamente a desconfiança que produz frente a esse tipo de normatização que leva a uma uniformização e massificação do homem. E é assim que ele atua. Esse é o seu caráter propositivo. Não por afirmar um conjunto de regras de valor universal, mas por avaliar a moral, por colocar em dúvida sua utilidade ou desvantagem em especial para a elevação do indivíduo.

Sua contribuição consiste, assim, em colocar “a faca na carne de seu tempo”, mostrando que a mesma moral que prega o rebanho pacificado, que promete retirar do homem o perigo que ele poderia representar, retiraria dele também aquilo que é nobre nele, tornando-o patético e um motivo de desprezo. Nesse sentido, poderíamos dizer que, ao se tornar possível resumir esse homem a um número, a um dado estatístico, a própria miséria à qual ele é reduzido não parece mais algo *inaceitável*. Como deveria ser. Creio que essa é uma das contribuições de Nietzsche nesse debate. Outra seria, num sentido oposto, a ideia de tomar a moral como meio para o fortalecimento do indivíduo e para o cultivo de si como obra de arte.

#### **IHU On-Line – Em que medida suas conclusões em *Genealogia da Moral* compõem o panorama geral de seu diagnóstico acerca do niilismo?**

**Antonio Edmilson Paschoal** – O tema do niilismo é hoje um dos mais controversos na filosofia de Nietzsche. Isso porque a maioria dos textos que normalmente se utilizou para tratar dele encontram-se entre os fragmentos póstumos e anotações do filósofo. Um campo de estudos cercado de incertezas, em especial após o lançamento do volume IX das “Obras completas de Nietzsche” (KGW-IX), em que as anotações do filósofo aparecem de fato, como anotações e não como texto, como normalmente se acostumou a tomar

<sup>2</sup> **Karl Eugen Dühring** (1833-1921): foi um filósofo e economista alemão. Ensinou filosofia na Universidade de Berlim (1864 a 1867). Partidário do ateísmo, combateu a concepção judaico-cristã e, antes de Nietzsche, interpretou o cristianismo como expressão de um ressentimento dos fracos. Em economia política, foi discípulo de List e Carey, cujas ideias expôs com um notável espírito científico. Adversário do socialismo marxista, esforçou-se sempre por fazer sobressair a importância dos fatores morais e pessoais na economia. Julgava-se um perseguido (por ter valores distintos dos judaico-cristãos tidos como “ocidentais”, mas que na verdade surgiram no Oriente) e incompreendido, por estar muito à frente do seu tempo. Sua obra contém críticas e polémicas contra a cultura oficial alemã de sua época. Diversas de suas teses antissemitas foram retomadas pelos teóricos do nazismo. (Nota da **IHU On-Line**)

essas anotações. Diante desse quadro, quando nos afastamos da ideia defendida por Heidegger<sup>3</sup>, de que as principais teses do filósofo encontravam-se em seus apontamentos pessoais, ganha relevo o texto da *Genealogia da Moral* para o estudo do tema, pois esse é um dos escritos de Nietzsche em que o niilismo aparece de forma mais marcante, em se tratando da obra publicada, especialmente na terceira dissertação. Nele encontramos, por exemplo, a ideia do niilismo como um desdobramento da vontade de verdade, como é tematizado, por exemplo, nas seções 27 e 28 do livro, fechando, de certo modo, a argumentação da dissertação e vinculando o tema a tudo aquilo que foi tratado como ideal ascético. Creio que, desse ponto de vista, esse ainda é um tema que se encontra em grande parte em aberto hoje.

### IHU On-Line – Em que sentido a vontade de poder é uma proposição moral?

**Antonio Edmilson Paschoal** – A vontade de poder pode ser entendida como uma proposição moral na medida em que consideramos a possibilidade de pensar a moral não como uma norma válida para todos, mas para um indivíduo, no sentido que mencionamos acima, ao respondermos a terceira pergunta da entrevista. Desse modo, pensada em termos individuais, uma norma, uma moral pode ser entendida como uma forma de afirmação da vida, do poder, de cultivo de si, uma vontade de poder que se refina. O contrário, porém, não pode ser desconsiderado, pois também uma moral de rebanho

é produto de uma vontade de poder. Contudo, uma vontade de poder que tem a autodiminuição do homem como regra.

### IHU On-Line – Quais são os pontos de correlação entre a genealogia e a vontade de poder em *Genealogia da Moral*?

**Antonio Edmilson Paschoal** – Eu começo a responder essa questão lembrando que a primeira formulação de Nietzsche da doutrina da vontade de poder, que encontramos em *Assim falou Zarathustra* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2018), diz respeito apenas à vida: “onde encontrarei vida, encontrarei vontade de poder”. Mais adiante, e em especial em *Além do Bem e do Mal* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2005), constatamos uma ampliação do conceito, que passa a compreender não apenas o campo do que é orgânico, mas também do que é inorgânico. Desse modo, podemos dizer que o conceito se expande quando o filósofo afirma que “O mundo é vontade de poder!”, no aforismo 36 de *Além do Bem e do Mal*. Lembro contudo, que também em *Além do Bem e do Mal*, no aforismo 22, ele já introduzira a possibilidade de também o discurso ser apenas vontade de poder e nada além disso, o que é reiterado de forma veemente na seção 12 da segunda dissertação da *Genealogia da Moral*. Ali, especialmente ligada à ideia de interpretação como imposição de significados, a vontade de poder pode ser associada ao próprio discurso que fala o mundo. Mais ainda, ela permite inferir que o discurso do genealogista é parte do mundo – entendido como vontade de poder. Desse modo, diferente de alguém que olha o mundo de fora, o genealogista se coloca nele como parte interessada, com um discurso que não é neutro, mas que o interpreta, que se apodera do passado, por exemplo, a partir de certos interesses de poder. Creio que esse é o ganho que se tem na *Genealogia* quando pensada em associação à ideia de vontade de poder. Esse também é o motivo pelo qual se torna um tema interessante

a genealogia de si, pois ela corresponde justamente à necessidade de mapear e identificar esse ponto, o do autor que fala, nos jogos de poder.

### IHU On-Line – No que tange à ética e filosofia política, como as ideias de Nietzsche sobre uma moral revitalizada, aristocrática e que transcende o ressentimento podem abrir novos espaços para a ação no nosso tempo?

**Antonio Edmilson Paschoal** – Nietzsche é um filósofo muito profícuo para os debates contemporâneos, em especial numa época em que se acentua justamente o desaparecimento do indivíduo e o aumento das técnicas de massificação e de produção de sujeitos, no sentido em que o termo remete a sujeitado, subjugado massificado e pacificado, ao mesmo tempo. Nesse contexto, o seu interesse por colocar em relevo o indivíduo é de extrema importância. Não como uma valorização do indivíduo do individualismo moderno, dos interesses individuais que dariam a sustentação a uma economia de mercado, mas do indivíduo enquanto obra de arte, enquanto uma peculiaridade que precisa ser preservada e cultivada. Esse é o primeiro ganho da leitura de Nietzsche.

Outro benefício é considerar possibilidades de se pensar a justiça, diria, “para além do ressentimento”, ou seja, não apenas como punição, o que seria próprio da justiça entendida como vingança, mas de se tomar a justiça, assim como a moral, como meio para constituir formas mais elevadas de vida. A justiça como meio e não como um fim. Nesse sentido, tendo em vista que uma justiça em si não existe, caberia a pergunta, que concepção de justiça elevaria o tipo homem às alturas, e que concepção produziria o homem desprezível? A justiça como meio, ao modo como eu entendo, foi tomada, por exemplo, por Nelson Mandela<sup>4</sup> e Desmond

3 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>, e a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Nelson Mandela** (1918-2013): advogado, líder rebelde e ex-presidente da África do Sul de 1994 a 1999. Considerado como o mais importante líder da África Negra, vencedor do Prêmio Nobel da Paz de 1993 e pai da moderna nação sul-africana, onde é normalmente referido como Madiba (nome do seu clã) ou Tata (Pai). Nascido

Tutu<sup>5</sup>, na condução do processo de superação do Apartheid<sup>6</sup>, na África

numa família de nobreza tribal, numa pequena aldeia do interior onde possivelmente viria a ocupar cargo de chefia, recusou esse destino aos 23 anos ao seguir para a capital, Joanesburgo, e iniciar sua atuação política. Passando do interior rural para uma vida rebelde na faculdade, transformou-se em jovem advogado na capital e líder da resistência não violenta da juventude, acabando como réu em um julgamento por traição. Mandela passou 27 anos na prisão. Depois de uma campanha internacional, foi libertado em 1990, quando recrudescia a guerra civil em seu país. Considerado pela maioria das pessoas um guerreiro em luta pela liberdade, era tido pelo governo sul-africano um terrorista. Em 1990, recebeu o Prêmio Lênin da Paz, recebido em 2002. (Nota da **IHU On-Line**)

**5 Desmond Tutu** (1931): Bispo anglicano sul-africano. Trabalhou como professor secundário e, em 1960, ordenou-se sacerdote anglicano. Após estudar teologia por cinco anos na Inglaterra, foi nomeado deão da catedral de Santa Maria, em Johannesburgo, sendo o primeiro negro a ter tal nomeação. Sagrado bispo, dirige a diocese de Lesoto de 1976 a 1978, ano em que se torna secretário-geral do Conselho das Igrejas da África do Sul. Sua proposta para a sociedade sul-africana inclui direitos civis iguais para todos; abolição das leis que limitam a circulação dos negros; um sistema educacional comum; e o fim das deportações forçadas de negros. Sua firme posição anti-apartheid – a política oficial de segregação racial – lhe vale, em 1984, o Prêmio Nobel da Paz. (Nota da **IHU On-Line**)

**6 Apartheid**: (palavra em africâner que significa “separação”) foi um regime de segregação racial adotado de 1948 a 1994 pelos sucessivos governos do Partido Nacional na

do Sul. A justiça, no caso, não tinha um olhar para o passado, para a culpa e a punição, mesmo que isso não pudesse, em absoluto, ser retirado do horizonte naquele momento. Mas o foco principal era o futuro. A pergunta era pelo tipo de sociedade que resultaria do que era, então, chama-

do de justiça. Algo próximo da ideia de graça pensada por Nietzsche, que só seria possível por uma sociedade poderosa, ou, como se teve naquele caso, com pessoas com poder suficiente para colocar o futuro do homem acima da sede de vingança. O que não significa, infelizmente, que aquele futuro se cumpriu. Ao menos a curto prazo.

África do Sul, no qual os direitos da maioria dos habitantes foram cerceados pelo governo formado pela minoria branca. A segregação racial na África do Sul teve início ainda no período colonial, mas o apartheid foi introduzido como política oficial após as eleições gerais de 1948. A nova legislação dividia os habitantes em grupos raciais (“negros”, “brancos”, “de cor”, e “indianos”), segregando as áreas residenciais, muitas vezes através de remoções forçadas. Também havia segregação na saúde, educação e outros serviços públicos, fornecendo aos negros serviços inferiores aos dos brancos. O apartheid trouxe violência e um significativo movimento de resistência interna, bem como um longo embargo comercial contra a África do Sul. Reformas no regime durante a década de 1980 não conseguiram conter a crescente oposição, e em 1990, o presidente Frederik Willem de Klerk iniciou negociações para acabar com o apartheid, o que culminou com a realização de eleições multirraciais e democráticas em 1994, que foram vencidas pelo Congresso Nacional Africano, sob a liderança de Nelson Mandela. (Nota da **IHU On-Line**)

do de justiça. Algo próximo da ideia de graça pensada por Nietzsche, que só seria possível por uma sociedade poderosa, ou, como se teve naquele caso, com pessoas com poder suficiente para colocar o futuro do homem acima da sede de vingança. O que não significa, infelizmente, que aquele futuro se cumpriu. Ao menos a curto prazo.

**IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

**Antonio Edmilson Paschoal** – Gostaria apenas de agradecer a oportunidade da conversa e espero que tenha sido boa. Não como respostas, mas como possibilidades de fazer das perguntas possibilidades de debates. ■



Ciclo de debates

# Desigualdades

*no contexto econômico brasileiro*

UNISINOS SÃO LEOPOLDO

**27 de agosto a 07 de novembro de 2018**

**CONFERENCISTAS CONFIRMADOS:**

Prof. Dr. Pedro Herculano de Souza – IPEA – Brasília – DF

Prof. Dr. Carlos Paiva – FEE – RS e FACCAT – RS

Prof. Dr. Christian Laval – Université Paris Nanterre – França

Prof. Dr. Marcelo Medeiros – IPEA – Brasília – DF e UnB

**ihu.unisinos.br**

# Filosofia de Nietzsche influenciou muitas gerações de intelectuais brasileiros

Luís Rubira destaca que ideias do filósofo alemão cedo despertaram interesse no país, já no início do século 20, marcando a produção intelectual anarquista

Márcia Junges | Edição: Vitor Necchi

O professor Luís Rubira, ao tratar das considerações da Segunda Dissertação de Nietzsche, destaca que o esquecimento é uma “força ativa”, uma “forma de saúde forte”, e “que o esquecimento era o elemento que o permitia estar inteiramente no presente, no instante”. No entanto, “para viver em comunidade, desenvolveu-se uma força contrária, a da memória”.

Para exemplificar esta questão, Rubira cita os “eventos traumáticos que ocorrem com uma determinada pessoa (dor, luto, morte etc.): a lembrança permanente do evento faz com que se reviva o acontecimento. Só o esquecimento é capaz de restituir o presente, e com isto a possibilidade do novo, da alegria de viver”.

Ao aproximar o filósofo alemão a Michel Foucault, afirmar que, sem a existência da *Genealogia*, não haveria o desenvolvimento de *Vigiar e Punir*: “As obras, portanto, interligam-se, mas suas perspectivas de interpretação dos acontecimentos possuem, cada qual, sua própria singularidade”.

Rubira integra o Grupo de Estudos Nietzsche, que atua no desenvolvimento de pesquisas, publicações e eventos acerca do pensamento do filósofo alemão. Ao tratar da recepção do pensamento de Nietzsche no Brasil, lembra

que Scarlett Marton, no final de seu livro *Das forças cósmicas aos valores humanos*, de 1990, destacou que as ideias do filósofo alemão cedo despertaram interesse no Brasil, já no início do século 20, marcando a produção intelectual anarquista.

Entre 1935 e 1945, “vários intelectuais europeus haviam saído em defesa do filósofo, de modo a desvincular seu pensamento do nazismo e do fascismo. E no Brasil, quando Nietzsche chegava ao auge da difamação, Antonio Candido tomou sua defesa. “É uma área de pesquisa que ainda dará muitos frutos e que mostra, sobretudo, a forte influência da filosofia de Nietzsche tanto em nossa cultura quanto entre muitas gerações de intelectuais brasileiros”, avalia Rubira.

**Luís Rubira** é graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel, mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo, com estágio pós-doutoral em Filosofia pela Université de Reims Champagne-Ardenne. É professor da UFPel, membro do Grupo de Estudos Nietzsche - GEN e do Groupe international de recherches sur Nietzsche - GIRN.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Como se entrelaçam consciência, moral e dor em *Genealogia da Moral*?**

**Luís Rubira** – Antes de responder a complexa questão, gostaria de

aportar alguns elementos introdutórios. Começamos por um comentário que o filósofo faz de *Para a genealogia da moral (Zur Genealogie der Moral)* um ano depois de publicá-la.

Ao enviar uma carta para a amiga Meta von Salis<sup>1</sup> no dia 22 de ago-

<sup>1</sup> **Meta von Salis** (1855-1929): feminista e historiadora suíça, correspondente regular de Friedrich Nietzsche. (Nota da IHU On-Line)

to de 1888 (ou seja, na véspera de abandonar o projeto da obra *A vontade de potência* e inaugurar a tarefa da Transvaloração, cujo “primeiro livro”, *O Anticristo* [Companhia das Letras, 2016], seria redigido durante o mês de setembro de 1888), Nietzsche<sup>2</sup> observa que com sua *Genealogia* (Companhia das Letras, 1998) abordou “Problemas extremamente difíceis para os quais ainda não havia uma linguagem, uma terminologia”. Um destes problemas diz respeito ao modo como surgiu no animal-homem (*Menschen-Thiere*) a consciência. Como defenderá de modo sintético na obra que concluirá em novembro de 1888: “A consciência não é como se creê, ‘a voz de Deus no homem’ – é o instinto de crueldade que se volta para trás, quando já não pode se descarregar para fora” (*Ecce Homo*, “Para a Genealogia da Moral”). Esta tese sustenta-se no fato de que na segunda dissertação da *Genealogia*, Nietzsche retoma reflexões que já fizera alguns anos antes nas seções 9, 14 e 16 de *Aurora* sobre a moralidade do costume (*Sittlichkeit der Sitte*) e dá a elas um novo desenvolvimento e uma maior explicitação com base em seu conceito de vontade de potência. Como sabemos, no momento em que redige a *Genealogia* ele já pensa a vontade de potência a partir de sua teoria das forças: sendo assim, tanto no domínio orgânico, quanto no inorgânico, cada for-

ça busca efetivar a sua potência, tal como bem sintetizado por Scarlett Marton<sup>3</sup>: “Querendo vir-a-ser mais forte, a força esbarra em outras que a ela resistem; é inevitável a luta – por mais potência” (“Vontade de potência”. In: GEN [Org.]. *Dicionário Nietzsche*, p. 423-425).

Ora, quando busca refletir sobre a formação dos primeiros núcleos de domínio e convivência do animal-homem no longo período de sua pré-história, Nietzsche intenta mostrar que, nos dominadores, o “instinto de liberdade (na minha linguagem: a vontade de potência)” (*Para a Genealogia da Moral*, II, 18) acaba exercendo-se como um instinto de crueldade sobre os dominados e que estes, por sua vez, impossibilitados de exercerem o seu instinto de liberdade (e, portanto, incapazes de exercerem seu instinto de crueldade sobre o dominador) acabam por inverter sobre si mesmos a direção de seu instinto de liberdade, que se desafia em seu interior como instinto de crueldade. É isto que explica que o “instinto de crueldade” se volte “para trás”, ou seja, para o interior do animal-homem, instinto este que será o responsável, ao longo de milênios, pela lenta criação da consciência. Mas como se dá o fenômeno? Segundo Nietzsche, neste período da pré-história, os dominados são animais-homens que possuem uma inteligência voltada apenas para o instante, para o presente e, sendo assim, são a encarnação do próprio esquecimento. Mas, no caso de um animal-homem que foi dominado, o esquecimento de algo que ele não pode fazer no interior de uma comunidade implica em que o dominador exerça o seu poder de modo cada vez mais cruel ou violento. Manuseando códigos antigos de diversos povos e culturas nos quais observa a “dureza das leis penais”,

o filósofo desenvolve a reflexão de que, para viver em comunidade, o instinto do dominado acaba por visar na formação da *mnemônica* (uma primeira forma de memória, na qual o que é retido são imagens que estão associadas à dor) uma ferramenta para evitar o esquecimento e, por conseguinte, evitar o instinto de crueldade dos dominadores.

É neste ponto, portanto, que entra o entrelaçamento entre a memória e a dor, algo que permitirá a criação da consciência, possibilitará a moralidade do costume, a formação da moral e, ao final de longos milênios, também a existência de “indivíduos autônomos supramorais” (Nietzsche mesmo observa, na segunda seção da segunda dissertação da *Genealogia*, que “autônomo” e “moral” se excluem). Em síntese, a inovação que o filósofo faz na segunda dissertação é basicamente mostrar como foi um sistema de crueldade exercido sobre os dominados que gravou “a ferro e fogo” em suas memórias aquilo que eles não podiam fazer para poder viver no interior de uma comunidade. Mas, se com o auxílio da *mnemônica* o instinto desenvolveu no animal-homem a capacidade de não poder livrar-se de uma impressão recebida (no caso, por exemplo, do castigo violento e cruel que sofre aquele que comete um assassinato ou um roubo, por exemplo), este mesmo instinto possibilitou, através do desenvolvimento da memória, que o animal-homem chegasse também à capacidade de não querer mais livrar-se de uma impressão recebida, de fazer promessas, de empenhar a palavra e cumpri-la. Em outras palavras: a capacidade de querer algo e “prosseguir-querendo o já querido”, ação que cria uma “memória da vontade”, fazendo com que a vontade humana consiga não ser prisioneira do instante, mas capaz de prometer algo e assim comprometer-se em cumprir com sua promessa no futuro. Por meio da capacidade de prometer e cumprir a promessa o homem torna-se, inclusive, senhor de seu próprio destino, e com isto consegue, em muitos casos, até mesmo evitar a dor.

2 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche, foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/HI7xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-5-2010, leia a entrevista Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Scarlett Marton (1951): é uma das maiores intelectuais especialistas em Nietzsche no Brasil. Coordena o Grupo de Estudos Nietzsche - GEN, da Universidade de São Paulo - USP. Realizou mestrado em Filosofia na Université Paris I Sorbonne, e o doutorado e a livre-docência em Filosofia na USP. É autora de diversos livros, dos quais destacamos Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos (UFMG, 2000), *Extravagâncias: Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche* (Discurso, 2001), *A irrecusável busca de sentido. Autobiografia intelectual* (Ateliê Editorial, 2004) e *Nietzsche, filósofo da suspeita* (Casa do Saber/Casa da Palavra, 2010). (Nota da **IHU On-Line**)

**IHU On-Line – A partir das considerações da Segunda Dissertação, em que sentido a capacidade de esquecer é uma manifestação de saúde e funciona como um contramovimento à memória?**

**Luís Rubira** – Já desde as primeiras seções da Segunda Dissertação, Nietzsche diz que o esquecimento é uma “força ativa”, uma “forma de saúde forte”. Diz também que o animal-homem era a própria “encarnação do esquecimento”, ou seja, que o esquecimento era o elemento que o permitia estar inteiramente no presente, no instante. Ora, como vimos, para viver em comunidade, desenvolveu-se uma força contrária, a da memória. Quando se é dominado por algo ou alguém o “instante” precisa ser suspenso, pois a vontade (que até então exercia-se livremente) deve submeter-se a uma outra vontade mais forte, que estabelece os “termos” do “acordo”, o qual deve ser lembrado e cumprido, de modo a ser evitado o castigo.

A memória, portanto, exerce uma função capital tanto para a vida em comunidade quanto para o indivíduo autônomo que se compromete com algo. Todavia, lembrar de tudo permanentemente, estar permanentemente à mercê das impressões recebidas e gravadas na memória, é estar ausente do presente, não conseguir vivenciar o instante. Por esta razão, Nietzsche diz que para que a consciência esteja no presente, é necessário a força ativa do esquecimento, que o esquecimento é capaz de “fechar temporariamente as portas e janelas da consciência”. Ou ainda: que o esquecimento é “uma espécie de guardião da porta, de zelador da ordem psíquica” (*Para a Genealogia da Moral*, II, 1). Se o leitor quiser um exemplo de como isto funciona, basta pensar nos eventos traumáticos que ocorrem com uma determinada pessoa (dor, luto, morte etc.): a lembrança permanente do evento faz com que se reviva o acontecimento. Só o esquecimento é capaz de restituir o presente, e com isto a possibilidade do novo, da alegria de viver.

**IHU On-Line – É correto aduzir que Foucault levou essas ideias em consideração, sobretudo em *Vigiar e Punir*? Por quê?**

**Luís Rubira** – Vania Dutra de Azeredo<sup>4</sup> mostrou há alguns anos no artigo “A metodologia de Foucault no trato dos textos de Nietzsche” (*Cadernos Nietzsche*, vol. 1, n. 35, São Paulo, Dez. 2014) que Foucault apropriou-se de Nietzsche para levar a termo as suas próprias concepções filosóficas. Neste sentido, na medida em que Nietzsche em *Para a Genealogia da Moral* desferiu uma crítica contra todas as tentativas realizadas para tentar compreender a proveniência da moral, em particular as hipóteses dos ingleses, e estabeleceu um método de investigação, a saber, a consulta ao “cinza” dos arquivos, da “coisa documentada” (*Para a Genealogia da Moral*, Prólogo, 7), é possível dizer que, sem a existência da *Genealogia* de Nietzsche não haveria o desenvolvimento de *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault<sup>5</sup>. As obras, portanto, interligam-se, mas suas perspectivas de interpretação dos acontecimentos possuem, cada qual, sua própria singularidade.

**IHU On-Line – Ainda no âmbito da Segunda Dissertação,**

<sup>4</sup> **Vania Dutra de Azeredo**: doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo - USP, mestra e graduada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Fez estágio pós-doutoral na École Normale Supérieure, em Paris. Coordena a Coleção Nietzsche em Perspectiva (Editora Humanitas). É autora dos livros *Nietzsche e a dissolução da moral* (Discurso Editorial, 2000; 2003), *Nietzsche e a aurora de uma nova ética* (Editora Humanitas, 2008) e *Nietzsche e a condição pós-moderna* (Editora Humanitas, 2013). Organizou os livros *Encontros Nietzsche* (Unijuí, 2003), *Caminhos percorridos e terras incógnitas* (Unijuí, 2004), *Falando do Nietzsche* (Unijuí, 2005), *Nietzsche: filosofia e educação* (Unijuí, 2008) e *Nietzsche e a interpretação* (Unijuí, Ivo da Silva, 2012). Pertence ao GT Nietzsche da Anpof; é membro do GIRN (Grupo Internacional de Pesquisa Nietzsche) e do GEN (Grupo de Estudos Nietzsche-USP). (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>5</sup> **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 6-11-2006, disponível em <https://goo.gl/C2rx2k>; edição 364, de 6-6-2011, intitulada *História da loucura* e o discurso racional em debate, disponível em <https://goo.gl/wjqFL3>; edição 343, O *(des)governo biopolítico da vida humana*, de 13-9-2010, disponível em <https://goo.gl/M95yPv>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <https://goo.gl/RX62qN>. Confira ainda a edição nº 13 dos **Cadernos IHU em formação**, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, *Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética*. (Nota da **IHU On-Line**)

**qual é a contribuição de Nietzsche para a compreensão do conceito de *Schuld* como culpa e dívida, concomitantemente? Qual é a atualidade dessa ideia?**

**Luís Rubira** – Para responder à questão, apporto inicialmente uma contribuição de João Evangelista Tude de Melo Neto<sup>6</sup> dada no *Dicionário Nietzsche*: “Na língua alemã, o termo *Schuld* comporta duas acepções. A primeira diz respeito à noção de débito e pode ser traduzida para o português por ‘dívida’. Já a segunda acepção expressa um conceito moral que é designado por nossa palavra ‘culpa’. Tomando como premissa a tese de que a acepção da palavra ‘culpa’ é um desdobramento histórico da noção de ‘dívida’, Nietzsche vai tentar explicar a origem genealógica da ‘culpa’ a partir de uma primitiva relação contratual entre credor e devedor” (“Culpa”. In: GEN [Org.]. *Dicionário Nietzsche*, 2016, p. 169). De fato, na segunda dissertação de *Para a Genealogia da Moral*, o filósofo sustenta que o conceito de culpa provém do conceito de dívida. A tese não chega a ser nova, pois já em *O andarilho e sua sombra* Nietzsche formulava a hipótese de que a moralidade tem a sua gênese nas relações comerciais entre os homens. É difícil sintetizar em poucas linhas como se operou esta passagem (que inclusive é explicada também na primeira dissertação da *Genealogia*), mas, caso o leitor tenha interesse, remeto a um estudo que fiz sobre o modo como o homem, a partir do momento em que descobriu “a medida e o medir, a balança e o pesar”, acabou internalizando um procedimento que dizia respeito às relações comerciais, internalização que cria o modo como medimos valores, ou seja, como avaliamos moralmente (a este respeito ver *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração*. São Paulo: Editora Barcarola/Discurso Editorial, capítulo II).

<sup>6</sup> **João Evangelista Tude de Melo Neto**: doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo – USP, mestre e graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Sua tese tentou esclarecer a relação entre a transvaloração dos valores, a doutrina nietzschiana do eterno retorno e a concepção nietzschiana de trágico. Realiza atividades no Grupo de Estudos Nietzsche (GEN). Integra, ainda, o GIRN (Grupo Internacional de Pesquisas Nietzscheennes). Leciona na Universidade Católica de Pernambuco. (Nota da **IHU On-Line**)

Enfim, é possível dizer que, com base na reflexão nietzschiana, o modo como internalizamos a dívida/culpa (*Schuld*), bem como a maneira como avaliamos e valoramos, sobrepondo e emitindo juízos de valor em cada situação com que nos deparamos, é algo que ocorre em cada situação de nossa vida em sociedade e está presente até hoje, em cada momento de nosso dia a dia.

### **IHU On-Line – Qual é o papel do eterno retorno em *Genealogia da Moral*? Como ele se apresenta?**

**Luís Rubira** – A hipótese cosmológica do eterno retorno do mesmo surge no final da segunda dissertação da *Genealogia* de modo figurado. A ideia inicial de Nietzsche era concluir a *Genealogia* com este segundo capítulo, projeto que acaba por mudar depois, quando então ele escreve uma terceira dissertação intitulada “Que significam os ideais ascéticos?”. De todo o modo, quando pensamos que esta segunda dissertação foi pensada como uma abordagem da “psicologia da consciência” para mostrar o caminho percorrido desde a proveniência da moral até o desemboçar no niilismo, então faz sentido que a penúltima seção remeta ao eterno retorno do mesmo: afinal, é por meio desta hipótese cosmológica que Nietzsche concebe uma nova medida de valor para todos os valores. Como dissemos, surge de modo figurado por meio da referência ao “meio-dia”. Já em 1881, após ter o pensamento do eterno retorno do mesmo, Nietzsche registrou em seu caderno de anotações o seguinte: “há sempre uma hora, em que primeiro para um, depois para muitos, depois para todos, emerge o mais poderoso dos pensamentos, o pensamento do eterno retorno de todas as coisas [*ewigen Wiederkunft aller Dinge*]: – é cada vez, para a humanidade, a hora do *meio-dia* [*Mittags*].” (*Fragmentos póstumos*, 11(148) – Primavera – outono de 1881. Trad.: Rubens Rodrigues Torres

Filho). Esta figura do “meio-dia” volta a aparecer diversas vezes em *Assim falava Zaratustra*, obra cuja concepção fundamental é o pensamento do eterno retorno do mesmo. A associação entre a imagem do “meio-dia” e o pensamento do eterno retorno do mesmo é tal que Nietzsche chegou a pensar em intitular seu *Zaratustra* como: “*Meio-dia e eternidade. Assim falava Zaratustra*.” (*Fragmentos póstumos*, 4(39) – Novembro de 1882 – fevereiro de 1883). Não deixa também de ser significativo que após surgir esta imagem do “meio-dia” na penúltima seção da *Genealogia*, na última seção, de número 25, Nietzsche remeta seu leitor à obra *Assim falava Zaratustra*.

“Nietzsche diz que para que a consciência esteja no presente, é necessário a força ativa do esquecimento”

**IHU On-Line – É correto afirmar que em *Genealogia da Moral*, a criação de novos valores e uma moral revigorada são uma espécie de preparação para o grande projeto de transvaloração dos valores, núcleo central de seu pensamento? Por quê?**

**Luís Rubira** – É no final da terceira dissertação da *Genealogia*, ou seja, após mostrar que o ideal ascético (para Nietzsche: o ideal de *décadence*) teria sido o único a vigorar durante os últimos dois milênios, “porque foi até agora o único ideal, porque não tinha concorrentes” (*Ecce Homo*, “Para a *Genealogia da Moral*”), que o filósofo anuncia pu-

blicamente que está escrevendo uma obra destinada à transvaloração: “*A vontade de potência. Tentativa de uma transvaloração de todos os valores*”. O título desta obra, na verdade, aparece pela primeira vez em suas anotações compreendidas entre o outono de 1885 e o outono de 1886. Todavia, o primeiro título que Nietzsche havia pensado para a transvaloração lhe ocorrera em 1884: “O eterno retorno: tentativa de transvaloração de todos os valores” (*Fragmentos Póstumos*, XI, 26(259) – Verão – outono de 1884). Dito isto, sim: é correto afirmar que a *Genealogia* prepara, de certo modo, não somente o projeto, mas também a tarefa da transvaloração. Esta tarefa, a meu ver, é levada a termo com *O Anticristo* e os *Ditirambos de Dioniso*, mas para bem compreendê-la é necessário levar em conta toda a produção de Nietzsche realizada entre agosto e dezembro de 1888. Algo que inclui as obras *Crepúsculo dos ídolos* (Companhia das Letras, 2006), *Nietzsche contra Wagner* (Companhia das Letras, 1999) e *Ecce Homo* (Companhia das Letras, 1995), mas também as anotações do filósofo em seus cadernos e ainda sua correspondência.

**IHU On-Line – Qual é a importância do amor *fati* nesse processo de destruição dos valores decadentes para a construção de outros, que rompem com o modelo niilista cristão?**

**Luís Rubira** – O amor *fati*, como Nietzsche esclarece em *Ecce Homo*, é a “fórmula para a grandeza do homem” e significa: “não querer nada de outro modo, nem para diante, nem para trás, nem em toda a eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo (...) mas amá-lo...” (*Ecce Homo*, “Por que sou tão inteligente”, §10. Trad.: Rubens Rodrigues Torres Filho). Amar aquilo que é necessário nas coisas, o que nos acontece, sem querer que algo seja diferente seja em relação ao futuro ou ao passado, mesmo dian-

te da possibilidade de repetição cíclica de todos os acontecimentos (o eterno retorno do mesmo) é algo contrário ao modo como, desde Platão<sup>7</sup> (que procurou resolver a equação entre a filosofia de Parmênides<sup>8</sup> e a de Heráclito<sup>9</sup> criando uma relação entre o mundo do Ser – o mundo das ideias – e o mundo do vir-a-ser, o mundo sensível), se compreendeu a “realidade”, o “mundo das aparências”, em outras palavras, o mundo mesmo no qual vivemos e existimos. Sobre tudo para Nietzsche, o Cristianismo levou ao extremo a desvalorização deste mundo “temporal” e “perecível” em detrimento de outro, do “verdadeiro” mundo, “atemporal” e “imperecível”. A consequência desta desvalorização do mundo “imaneente” em detrimento do “transcendente”, segundo o filósofo, teria conduzido, lentamente e por diversos caminhos, ao surgimento do niilismo. Em breves palavras: o *amor fati* é o núcleo afirmativo da filosofia nietzschiana, um ato de querer que tudo seja tal como é, uma certeza de que “se todas as coisas são um *fatum*, *eu* também sou um *fatum* para todas as coisas” (*Fragments Postumos*, 29(13) – Outono de 1884 – fim de 1885), de que o destino tanto nos determina quanto nós determinamos o destino. Este modo de compreensão interdita os valores decadentes e é a perspectiva afirmativa para que não sucumbamos ante a desvalori-

zação de todos os valores, ou seja, o avanço do niilismo.

“Em breves palavras: o amor fati é o núcleo afirmativo da filosofia nietzschiana”

### IHU On-Line – Como analisa a recepção moral e política de Nietzsche no Brasil?

**Luís Rubira** – A recepção da filosofia de Nietzsche no Brasil é uma das linhas de pesquisa que o Grupo de Estudos Nietzsche inaugurou em 2014. Membro do GEN, Geraldo Pereira Dias<sup>10</sup> publicou nos *Cadernos Nietzsche* n. 35, de dezembro de 2014, uma série de artigos de jornal que apareceram na imprensa brasileira sobre Nietzsche entre o final do século XIX e o início do XX, a começar pelo texto “Um filósofo”, de Leopoldo de Freitas<sup>11</sup>, editado num jornal do Rio de Janeiro chamado *O Paiz*, texto este que apareceu em 16/10/1899. Poucos depois, Geraldo Dias também publicou nos *Cadernos Nietzsche* um texto ainda mais antigo, de autoria de Julio Erasmo chamado “Neo-cinismo”, editado também no Rio de Janeiro na *Gazeta de Notícias* em 20/5/1893. As pesquisas levaram também à descoberta de que a abordagem mais antiga de Nietzsche no Brasil, até agora conhecida entre nós, é de autoria de Tobias Barreto<sup>12</sup>, na Escola do Recife, em 1876.

Quando digo que o Grupo Nietzsche inaugurou a pesquisa, é preciso, no entanto, ponderar o seguinte: na verdade quem estimulou o primeiro impulso para a investigação foi Scarlett Marton, que no final de seu livro *Das forças cósmicas aos valores humanos*, publicado em 1990, dissera que “no Brasil, muito cedo suas ideias despertaram interesse; já no início do século deixavam marcas na produção intelectual anarquista”, e que se entre 1935 e 1945 vários intelectuais europeus haviam saído em defesa do filósofo, de modo a desvincular seu pensamento do nazismo e do fascismo, quando no Brasil Nietzsche “chegava ao auge da difamação Antonio Candido<sup>13</sup> tomou sua defesa”, algo que teria ocorrido em 1946. De outra parte, é preciso lembrar que estudiosos como Ernani Chaves<sup>14</sup> (com seu artigo “Nietzsche e ra-

Foi o fundador do condoreirismo brasileiro e patrono da cadeira 38 da Academia Brasileira de Letras. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>13</sup> **Antonio Candido de Mello e Souza** (1918-2017): nascido no Rio de Janeiro, na infância sua família mudou-se para Poços de Caldas, em Minas Gerais. Escritor, ensaísta, sociólogo e professor universitário, era expoente da crítica literária brasileira e um dos maiores intelectuais da história do Brasil. Professor emérito da Universidade de São Paulo - USP e da Universidade Estadual Paulista - Unesp. Lecionou na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH da USP por 50 anos (1942 a 1992). Candido foi um dos principais pensadores ligados aos estudos sobre a formação do Brasil, inaugurados nos anos 1930 e 1940 por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Ingressou na Faculdade de Direito e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 1939, tendo abandonado a primeira no quinto ano e se formado em Ciências Sociais em 1942. Em 1945, obteve o título de livre-docente com a tese *Introdução ao Método Crítico de Silvio Romero* e, em 1954, o grau de doutor em Ciências Sociais com a tese *Parceiros do Rio Bonito*. Na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, recebeu o título de doutor honoris causa. Aposentou-se na USP em 1978, mas manteve-se como professor do curso de pós-graduação até 1992, ano em que orientou a última tese. Foi crítico da revista *Clima* (1941-4), juntamente com intelectuais como o crítico de cinema Paulo Emilio Salles Gomes, a ensaísta Gilda de Mello e Souza e o neurocientista Antonio Branco Lefèvre. Acadêmica, a revista estabeleceu novos caminhos para a crítica paulistana. Candido também trabalhou como crítico dos jornais *Folha da Manhã* (1943-5) e *Diário de São Paulo* (1945-7). Em 1956, idealizou o *Suplemento Literário*, caderno de crítica que circulava no jornal *O Estado de S. Paulo* até 1966. Na vida política, participou da luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de Resistência. Em 1980, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores - PT. Em 1959, lançou sua obra mais influente, *Formação da Literatura Brasileira*. Outros títulos importantes que lançou são *Literatura e sociedade* (1965), *Educação pela noite e outros ensaios* (1987) e *O romantismo no Brasil* (2002). Sobre Candido, conferir as entrevistas “A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar”, concedida por Flávio Aguiar à **IHU On-Line** n.º 278, de 20-10-2008, disponível em <https://goo.gl/qa95Jy>, e “Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea”, concedida por Célia Pedrosa à **IHU On-Line** n.º 283, de 24-11-2008, disponível em <https://goo.gl/92rizw>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>14</sup> **Ernani Pinheiro Chaves**: graduado em Administração pela Universidade Federal do Pará, mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Federal do Pará. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Técnica de Berlim e na Bauhaus-Uni-

<sup>7</sup> **Platão** (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pteX8f>. Leia, também, a edição 294 da Revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em <http://bit.ly/2j0Ycw8>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>8</sup> **Parmênides de Eléia** (530 a. C.–460 a. C.): filósofo pré-socrático, fundador da escola eleática. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>9</sup> **Heráclito de Éfeso** (540 a. C.–470 a. C.): filósofo pré-socrático, considerado o pai da dialética. Problematisa a questão do devir (mudança). Recebeu a alcunha de “Obscuro” principalmente em razão da obra a ele atribuída por Diógenes Laércio, *Sobre a Natureza*, em estilo obscuro, próximo ao das sentenças oraculares. Na vulgata filosófica, Heráclito é o pensador do “tudo flui” (panta rei) e do fogo, que seria o elemento do qual deriva tudo o que nos circunda. De seus escritos restaram poucos fragmentos (encontrados em obras posteriores), os quais geraram grande número de obras explicativas. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>10</sup> **Geraldo Pereira Dias**: doutorando, mestre e graduado em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo - Unifesp. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>11</sup> **Leopoldo de Freitas** (1865-1940): formado em direito, foi um importante jurista, autor de ensaios, jornalista, professor, historiador e membro do Instituto Histórico e Geográfico. Autor de obras como *Literatura Nacional* (1919) e *Romantismo Brasileiro* (1904). (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>12</sup> **Tobias Barreto de Menezes** (1839-1889): filósofo, poeta, crítico e jurista brasileiro e fervoroso integrante da Escola do Recife, um movimento filosófico de grande força calcado no monismo e evolucionismo europeu.

izes do Brasil”, *Revista Cult*, agosto de 2000), Carmen Lucia Figueiredo (“Uma corda sobre o abismo: diálogo entre Lima Barreto e Nietzsche”, revista *Alea*, v. 6, n. 1, em janeiro-junho 2004), Ivan Mello (“A antropofagia oswaldiana como filosofia trágica”, *Cadernos Nietzsche* n. 23, em 2007), Ivo da Silva Junior (“Notas sobre a recepção de Nietzsche no Brasil. Lebrun e os operadores teóricos”, *Cadernos Nietzsche* n. 30, em 2012) e António Vinicius Lomeu Teixeira Barroso (“Um Nietzsche à brasileira: intelectuais receptores do pensamento nietzschiano no Brasil (1900-1940)”, *Revista de Teoria da História* n. 9 em Julho de 2013), foram contribuições importantes para que o GEN inaugurasse esta frente de investigação sobre a recepção de Nietzsche no Brasil.

De minha parte, iniciei a pesquisa em janeiro de 2014 quando um estudante que fazia mestrado sob minha orientação na UFPel, Fabiano Pinto, havia descoberto uma série de artigos de jornal sobre Nietzsche na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, e resolvemos investigar o material, o que resultou na publicação nos *Cadernos Nietzsche* n. 37 de Outubro de 2016 do ensaio “Nietzsche no Brasil (1933-1943): Da ascensão do nacional-socialismo ao Grande Reich Alemão”, no qual analisei mais de cinquenta artigos de jornal publicados em território nacional entre 1933 e 1943. Cabe ainda lembrar que Scarlett Marton orientou a dissertação de mestrado de Tiago Pantuzzi, defendida na USP em 2016 sob o título *A primeira recepção de Nietzsche no Brasil: a Escola do Recife*. Atualmente Geraldo Dias está em fase

de conclusão de sua tese de doutorado em São Paulo, sob a orientação de Ivo da Silva Junior, intitulada “Renovação e conservadorismo: a recepção da filosofia de Nietzsche na formação cultural da inteligência brasileira entre 1893 e 1945”, e eu mesmo tenho um orientando de mestrado na UFPel, Rafael Silveira, que investiga a influência de Nietzsche no pensamento de Mário Ferreira dos Santos. Enfim, é uma área de pesquisa que ainda dará muitos frutos e que mostra, sobretudo, a forte influência da filosofia de Nietzsche tanto em nossa cultura quanto entre muitas gerações de intelectuais brasileiros.

**IHU On-Line – Quais são os principais desafios de se traduzir fontes primárias de Nietzsche como Roux, Vogt e Caspari? Em que sentido essas traduções ajudam a situar as influências teóricas de Nietzsche e compreender os desdobramentos de suas ideias?**

**Luís Rubira** – Diria que são dois os desafios: primeiramente a tradução, que exige um trabalho lento, mas para o qual cada membro do GEN está preparado, pois entre nós dominamos vários idiomas; em segundo, o trabalho de contextualização da obra, tanto em relação ao seu autor quanto da influência que exerceu sobre Nietzsche. Recentemente Clademir Araldi<sup>15</sup> e André Ita-

parica<sup>16</sup> traduziram e publicaram *A origem dos sentimentos morais*, de Paul Rée<sup>17</sup> e estamos trabalhando em diversas outras fontes primárias que Nietzsche utilizou e que devem ser publicadas na sequência. Trata-se também de outra frente de pesquisa inaugurada pelo Grupo de Estudos Nietzsche nos últimos anos e que, certamente, irá contribuir muito para renovadas investigações sobre o filósofo alemão em nosso país.

**IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?**

**Luís Rubira** – Sim, gostaria de convidar os leitores para visitar a nova versão da página do Grupo de Estudos Nietzsche, recém inaugurada: <https://gen-grupodeestudosnietzsche.net>. Ali é possível acompanhar as atividades de nosso grupo, em suas três frentes: *Cadernos Nietzsche*, *Encontros Nietzsche* e as publicações da *Coleção Sentidas & Veredas*. Por fim, é importante dizer que Clademir Araldi e eu coordenamos um Grupo de Estudos sobre Nietzsche na UFPel desde 2009, tendo diversos orientandos de mestrado e doutorado, e estamos abertos ao diálogo com todos aqueles que possuem interesse em conhecer um pouco mais sobre o pensamento de Nietzsche. ■

lamento. Nietzsche e a filosofia dos extremos (São Paulo: Discurso Editorial, 2004). Atualmente, leciona na Universidade Federal de Pelotas - UFPel, onde é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia. (Nota da IHU On-Line)

16 André Itaparica: graduado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, mestre e doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo – USP. Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB e professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Membro do Grupo de Estudos Nietzsche (GEN) e do HyperNietzsche. (Nota da IHU On-Line)

17 Paul Ludwig Carl Heinrich Rée ou Paul Rée (1849-1901): autor, médico e filósofo alemão. Foi amigo de Friedrich Nietzsche durante um determinado período. Teve um caso com Lou Salomé, que se tornou um triângulo amoroso juntamente com Nietzsche. (Nota da IHU On-Line)

versität, de Weimar, na Alemanha. Membro da Nietzsche-Gesellschaft (Naumburg/Alemanha). É um dos editores da revista Estudos Nietzsche. (Nota da IHU On-Line)



As lutas pelo (des)controle biopolítico da Revolução 4.0 e seus impactos

Prof. Dr. Henrique Antoun – UFRJ

12 de novembro (segunda-feira) | 19h30min às 22h

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

ihu.unisinos.br

# O genealogista contra a moral de cartilha

Clademir Araldi analisa como Nietzsche, ao construir sua Genealogia da Moral, coloca em causa um tipo de moralidade que esgota a humanidade e leva ao niilismo radical

Márcia Junges | Edição: Ricardo Machado

Muito longe de uma visão simplista de Nietzsche como um sujeito melancólico, que tem entre suas alcunhas a de “pensador solitário”, sua obra tem como eixo um desejo vitalício, expresso em suas posições filosóficas. “O genealogista Nietzsche não possui uma postura neutra: ele se engaja para fomentar valores afirmativos da vida, e exige de seus leitores engajamento efetivo (e também disposição afetiva) para superar a moral cristã e propor novas maneiras de sentir, de pensar e de valorar”, pondera Clademir Araldi, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Combativo em relação ao niilismo, que é outra leitura enviesada do autor, no fundo ele buscava novas configurações para a existência humana muito além da moral de cartilha. “A moral desenvolveu-se ao longo da nossa história através de três formas de niilismo: o ressentimento, a má consciência e o ideal ascético. O niilismo é o modo próprio como Nietzsche interpreta a história da moral: quanto mais a moral determina os modos de vida do ser humano mais o niilismo se radicaliza, tornando o ser humano mais doente”, explica. “O niilismo é a doença do homem moral. Suas gêneses estão no judaísmo

(uma rebelião dos escravos na moral, que teve êxito), no platonismo (desvalorização do mundo sensível) e no cristianismo (platonismo para o povo, o desenvolvimento do movimento de negação da vida pulsional por meio de valores antinaturais)”, complementa.

**Clademir Araldi** é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição, com aperfeiçoamento em Filosofia pela Universidade Técnica de Berlim, Alemanha. cursou mestrado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, com a tese *O niilismo na moral. Investigação sobre a crítica da moral em Nietzsche*, e doutorado na Universidade de São Paulo - USP, com a tese *A radicalização do niilismo na obra de Nietzsche: acerca da posição de um novo sentido de criação e de aniquilamento*. Realizou estágio pós-doutoral na Universidade Técnica de Berlim. É autor de *Niilismo, criação, aniquilamento. Nietzsche e a filosofia dos extremos* (São Paulo: Discurso Editorial, 2004). Atualmente, leciona na Universidade Federal de Pelotas - UFPel, onde é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Como se pode entender o contramovimento à tradição moral articulado em *Genealogia da Moral*?**

**Clademir Araldi** – Ainda quando era adolescente, Nietzsche<sup>1</sup> já fez

nhecido por seus conceitos além-do-homem, transvalorização dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche, foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietz-*

*che*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-5-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em <https://>

1 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, co-

seus primeiros ensaios para criticar e superar a moral. A obra *Genealogia da Moral* (São Paulo: Companhia das Letras, 1998) – doravante mencionada como *Genealogia* – é a culminância de sua longa caminhada crítica, de exploração do “grandioso país da moral”. No início dessa trajetória, Nietzsche estava um tanto incerto e vacilante em relação ao problema do mal moral. Ele ainda colocava a origem do mal em Deus, para além do mundo natural. Mas foi um ponto de partida imoral, bem afastado da filosofia moral moderna, em especial do imperativo categórico kantiano.

Com os estudos de história, de psicologia e de fisiologia, o pensador Nietzsche desenvolveu um projeto radical de naturalização da moral. *Humano, demasiado humano*, de 1878, é a primeira expressão vigorosa desse movimento de contraposição à moral da tradição cristã e filosófica ocidental. No tempo em que descrevia a origem dos sentimentos e preconceitos morais presentes em nossa cultura, o jovem professor da Basileia enveredou pela vida de filósofo errante. Já em *Humano* Nietzsche delineou a “dupla pré-história” dos valores de bem e mal: nos domínios dos nobres antigos, e no grande domínio da moral dos escravos. Tem início o filosofar histórico, o aprimoramento das observações psicológicas, a partir das leituras dos moralistas franceses e do confronto com o filósofo pessimista Schopenhauer<sup>2</sup>. A maior pedra, ou problema, que ele encontrou em seu caminho de pensador solitário foi a moral. E como esse filósofo-genealogista levou a sério o problema da moral! Ou melhor, das muitas morais que efetivamente existiram e moldaram a vida dos indivíduos e grupos humanos. Para essa tarefa enorme, o discurso conti-

nuo, na forma do tratado, a articulação de três temas principais em três dissertações foi o melhor método escolhido para dar conta dessa investigação genealógica e naturalista da moral.

O objetivo é bem claro e marcante, como consta no § 7 do Prólogo de 1887 da *Genealogia*: “O objetivo é percorrer a imensa, longínqua e recôndita região da moral – da moral que realmente houve, que realmente se viveu – com novas perguntas, com novos olhos”. Sem querer negar o impacto que as obras mais afirmativas (*Assim falou Zaratustra* [São Paulo: Companhia de Bolso, 2018] e *O nascimento da tragédia* [São Paulo: Companhia de Bolso, 2007]) tiveram na vida e no pensamento nietzschiano, a *Genealogia* é a obra em que mais se expressa o impacto crítico da vertente corrosiva e desconstrutiva de sua obra. Foi então que se abriu para ele uma perspectiva inusitada e colossal, foi então que “uma nova possibilidade dele se apodera como uma vertigem, toda espécie de desconfiança, suspeita e temor salta adiante, cambaleia a crença na moral, em toda moral”. Assim se expressa o genealogista Nietzsche no Prólogo da *Genealogia*.

Enfim, com a *Genealogia* Nietzsche pretende levar adiante a tarefa que ele se propôs em *Para além de bem e mal* (São Paulo: Companhia de Bolso, 2005), de elaborar uma “história natural da moral”, de modo a romper com os projetos de fundamentação da filosofia moral, e também com as normas da tradição religiosa e cultural do Ocidente. *Genealogia da Moral* tornou-se mais do que “um escrito polêmico”, mais do que um complemento e esclarecimento à obra *Para além de bem e mal*. A “genealogia da moral” foi o método que Nietzsche desenvolveu mais longamente para descrever o surgimento e o longo desenvolvimento dos valores morais. Foi o método de que ele se serviu como ferramenta de grande valia para criticar os valores morais que se sedimentaram em nossa cultura e em nossa existência contemporânea. O método genealógico, no entanto, não se detém na radicaliza-

ção da crítica à moral por suas consequências nihilistas. O genealogista Nietzsche não possui uma postura neutra: ele se engaja para fomentar valores afirmativos da vida, e exige de seus leitores engajamento efetivo (e também disposição afetiva) para superar a moral cristã e propor novas maneiras de sentir, de pensar e de valorar. Ou seja, a meta está na construção de novas formas de vida para além da moral. É um desafio voltado ao indivíduo, limitado e moldado ainda pela vida em comunidade: o de ser criador de si mesmo. Esse é o projeto afirmativo básico de naturalização da moral e de modos humanos de viver que move a *Genealogia*.

**IHU On-Line – Em termos estilísticos, essa é uma das únicas obras de Nietzsche que não se vale do estilo aforismático, mas sim de três dissertações que se entrecruzam. Há alguma razão especial para isso?**

**Clademir Araldi** – *Humano, demasiado humano* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000), *Aurora* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000) e *A gaia ciência* (São Paulo: Companhia das Letras, 2001) são obras em que Nietzsche tratou o problema da moral de modo preponderantemente aforismático. Nesses anos de filosofia do espírito livre já foram estabelecidos os principais focos de sua crítica à moral: a crítica ao altruísmo, ao ascetismo na moral, à renúncia de si, à negação da natureza, da história e dos instintos vitais. Nesses ensaios pré-genealógicos, o filósofo solitário e andarilho já esboça a origem da *eticidade do costume* (*die Sittlichkeit der Sitte*), que moldou o caráter da humanidade ao longo de muitos milênios. Embora se dedique a analisar a procedência do sentimento de compaixão, da justiça, do castigo e do altruísmo, Nietzsche não tem ainda uma noção de valor construída de modo metódico e com relevância para a ética filosófica. Na *Genealogia* ele opera com uma noção de valor bem elaborada, de modo a poder investigar o

goo.gl/zuXC4n. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/Hzalp1>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Arthur Schopenhauer (1788-1860): filósofo alemão. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação*, embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1815) seja o mais conhecido. Friedrich Nietzsche foi grandemente influenciado por Schopenhauer, que introduziu o budismo e a filosofia indiana na metafísica alemã. Schopenhauer, entretanto, ficou conhecido por seu pessimismo. Ele entendia o budismo como uma confirmação dessa visão. (Nota da IHU On-Line)

“valor dos valores”, principalmente na moral cristã. O método genealógico seria o método mais apropriado para dar conta dessa exigência: “*Necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão – para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram [...] um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado*” (*Genealogia da Moral*, Prólogo, § 6). Assim, as três dissertações se entrecruzam em seu propósito crítico, de desmascarar a moral judaico-cristã, assim como os seus desdobramentos modernos na política, na ciência e na cultura, e por seu foco criativo, de propiciar uma transvaloração de todos os valores. Depois de criticar a moral por suas consequências niilistas nefastas, o filósofo solitário quer abrir novamente o caminho para atingir configurações mais elevadas do tipo homem.

Por fim, gostaria de apontar que Nietzsche utilizou vários estilos em suas obras (vários modos de escrita aforismática, poemas em prosa, cartas, sentenças, ditirambos, tratados, ensaios...). Enquanto em *Bem e mal* os aforismos são intercalados com discursos contínuos, na *Genealogia* as três dissertações estão encadeadas através de textos construídos com maior extensão, procurando salientar o tom da polêmica e da tarefa terapêutica (da transvaloração), em conexão com o teor argumentativo e descritivo da abordagem genealógica dos valores.

### **IHU On-Line – É possível apontar um fio condutor entre as três dissertações?**

**Clademir Araldi** – Sim, considero que há um fio condutor bem definido, que perpassa e articula as três dissertações da *Genealogia*: a investigação da moral enquanto movimento de posição, desenvolvimento e autodestruição de valores hostis à vida. Julgo que essa obra é importante, ao mostrar a implicação existente entre religião, moral

e niilismo. Ou seja, a moral desenvolveu-se ao longo da nossa história através de três formas de niilismo: o ressentimento, a má consciência e o ideal ascético. O niilismo é o modo próprio como Nietzsche *interpreta* a história da moral: quanto mais a moral determina os modos de vida do ser humano mais o niilismo se radicaliza, tornando o ser humano mais doente. O niilismo é a doença do homem moral. Suas gêneses estão no judaísmo (uma rebelião dos escravos na moral, que teve êxito), no platonismo (desvalorização do mundo sensível) e no cristianismo (platonismo para o povo, o desenvolvimento do movimento de negação da vida pulsional por meio de valores antinaturais).

Assim, com a *Genealogia* Nietzsche quer realizar a anamnese e o diagnóstico da doença do homem moral, mostrando como opera o mecanismo psicológico do ressentimento, como surgiu o castigo e a consciência moral (consciência da culpa, as duas formas de má consciência). Depois de analisar a procedência dos valores morais bom e mau, bom e ruim ao longo da história, as consequências do trabalho da má consciência no corpo da humanidade, a tarefa consistiria em prognosticar as formas futuras do niilismo, o *sentido do ideal ascético*, a partir das ações e prescrições desse estranho “médico”, que foi o padre ascético, ao rebanho doente. Por isso, Nietzsche une a tarefa crítica com a tarefa criativa em seu projeto de genealogia e de naturalização da moral. Não é um trabalho meramente erudito, mas é um “escrito polêmico”, no intuito de interferir na dinâmica do mundo moderno, abalando suas crenças valorativas.

### **IHU On-Line – Em termos de conteúdo, por que essa obra causou impacto à época de sua publicação? Pode-se dizer que hoje ela é melhor compreendida?**

**Clademir Araldi** – A *Genealogia* de Nietzsche causou impacto no final do século XIX e, principalmente, no século XX, pelo tom

crítico, provocativo e polêmico em relação aos valores que são centrais em nossa cultura e em nossas formas concretas de vida. Os ataques à moral cristã, a seu ascetismo, a seu caráter patológico, a seu ascetismo negador da vida, ao cristianismo como moral e em suas secularizações modernas são elaborados com vigor psicológico e argumentativo, de modo a envolver o leitor nos problemas abordados na genealogia dos valores morais. Entendo que a obra causou impacto também porque abordava um tema que era muito angustiante à época: a crise dos valores, o temor de derrocada das bases religiosas e morais da cultura ocidental, em suma, o problema do niilismo. Nietzsche se insere nesse debate com o diagnóstico sombrio da história do niilismo, propondo uma receita de superação também radical: o estabelecimento de novos valores e de formas de vida para além da velha moral.

Sem dúvida, atualmente temos melhores interpretações e análises da *Genealogia* do que no início do século XX. Isso se deve ao trabalho filológico e crítico acerca dos textos nietzschianos, publicados e póstumos, bem como ao interesse de comentar e analisar criticamente a *Genealogia* a partir das fontes que Nietzsche utilizou, de seu método e de seus propósitos. Temos uma tradição rigorosa de interpretações, exegeses e discussões sobre a genealogia que se consolidou nas últimas décadas. Entretanto, não se pode dizer que temos *hoje* uma interpretação canônica e definitiva da *Genealogia*. Até porque cada época acaba retomando a obra de *uma certa* perspectiva, a partir de problemas e de horizontes próprios de cada investigador. O problema do niilismo, principalmente, reaparece em nosso horizonte de início de século, numa perspectiva quiçá ainda mais sombria, com a crescente destruição do mundo humano, com auxílio da tecnociência. São as novas metamorfoses do niilismo na era digital, que já foram

antevistas por Heidegger<sup>3</sup>, a partir do diagnóstico nietzschiano.

Chamo a atenção para o caráter incompleto da *Genealogia*. Nietzsche fez projetos para escrever a quarta, quinta e sexta dissertação... Isso não é novidade para um autor que fez tantos projetos de obras, que pretendeu retomar várias obras! Quando trata do problema do ideal ascético, no final da *Genealogia*, o Solitário Filósofo menciona que desenvolveria mais essas análises no texto “A história do niilismo europeu”, que faria parte de uma grande obra em preparação: *A vontade de poder. Ensaio de uma transvaloração de todos os valores*. Apesar dos inúmeros projetos, formulações, retomadas, essa obra nunca foi concluída, sendo abandonada no final de agosto de 1888. Apesar disso, nos últimos dois anos de vida consciente, Nietzsche desenvolveu bastante suas críticas ao caráter ascético e niilista da moral cristã. É verdade que a *Genealogia* não causou o impacto esperado por Nietzsche. Por isso, em 1888 ele escreve *O Anticristo* (São Paulo: Companhia das Letras, 2007), em tom ainda mais polêmico e agressivo. Penso que hoje entendemos melhor as implicações das investigações genealógicas da moral no interior da obra de Nietzsche e como esforço de ir além da crise de valores do extenuado século desse inquieto filósofo alemão. Conseguimos distinguir melhor entre o que Nietzsche herdou dos problemas, angústias e ilusões do século XIX, e suas construções originais, que têm valor filosófico mais duradouro.

3 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/iuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/iuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/iuon12>, e a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da **IHU On-Line**)

Não há respostas definitivas ou satisfatórias para seus questionamentos radicais, como por exemplo: o niilismo como grave doença da vontade é a lógica intrínseca da longa história da moral que, por fim, levará à autodestruição do homem moral e de seu mundo? Somente um imoralista pode radicalizar e superar o movimento niilista da moral dos escravos? Ou é preciso um movimento autorreferencial, de assumir em si as consequências dos valores morais cristãos, para poder ultrapassá-los a partir de si mesmos? A arte enquanto boa vontade para a aparência – enquanto santificação da mentira e das ilusões – é o único antídoto ao niilismo? Essas questões, dentre outras, geraram respostas e perspectivas muito promissoras em relação à *Genealogia*.

#### **IHU On-Line – No que tange à metodologia, *Genealogia da Moral* influenciou largamente Foucault. Como analisa essa herança nietzschiana nos escritos desse filósofo?**

**Clademir Araldi** – Entendo que essa herança é mais marcante nos escritos de Foucault<sup>4</sup> da década de 1970. É quando Foucault assume as contribuições do método genealógico de Nietzsche, como ferramentas que ele aplica para analisar vários temas e problemas da sociedade ocidental dos últimos séculos: o poder disciplinar, o internamento, as relações de poder na fábrica, na escola, na família, a repressão, o sistema prisional. Essa herança está muito bem expressa no escrito *Nietzsche, a genealogia, a história*. Foucault, desse modo, é um continuador da

4 **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/iuon119>; edição 203, de 6-11-2006, disponível em <https://goo.gl/C2rx2k>; edição 364, de 6-6-2011, intitulada *‘História da loucura’ e o discurso racional em debate*, disponível em <https://goo.gl/wjqFL3>; edição 343, *O (des)governo biopolítico da vida humana*, de 13-9-2010, disponível em <https://goo.gl/M95yPv>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <https://goo.gl/RX62qN>. Confira ainda a edição nº 13 dos **Cadernos IHU em formação**, disponível em <http://bit.ly/iuon13>, *Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética*. (Nota da **IHU On-Line**)

genealogia nietzschiana. Enquanto Nietzsche é um tanto especulativo em relação a alguns aspectos da genealogia, como por exemplo, acerca da procedência dos valores cristãos desde o ressentimento, Foucault possui análises genealógicas mais detalhadas e empíricas. Entretanto, o chamado Foucault ético, dos anos 1980, possui uma relação mais distante e indireta com a genealogia nietzschiana. Justamente quando constrói os projetos da ética do cuidado de si e da estética da existência, Foucault retorna ao mundo antigo com preocupações bem diferentes das de Nietzsche. Basta compararmos as análises do cuidado de si de Foucault no cinismo, no estoicismo e no epicurismo antigos com as de Nietzsche. Apesar disso, o pensador francês sempre reconheceu essa herança genealógica de Nietzsche, mesmo quando propõe uma genealogia das artes de viver, e quando propõe uma nova leitura da história da filosofia a partir da coragem da verdade dos cínicos e da estetização da existência. Apesar de serem diferentes, as perspectivas que se abrem a partir da abordagem genealógica dos dois autores são estéticas.

#### **IHU On-Line – Qual é a importância de Paul Rée nas ideias desenvolvidas em *Genealogia da Moral*?**

**Clademir Araldi** – Paul Rée<sup>5</sup> foi um autor e amigo muito importante na vida de Nietzsche. Rée e Nietzsche tiveram uma profícua amizade filosófica nos anos de 1876 a 1882. Nos anos de 1876 e 1877, principalmente, o intercâmbio filosófico foi mais intenso, e resultou na obra *Humano, demasiado humano* (1878) e na obra *A origem dos sentimentos morais* (1877). Ambos os autores foram influenciados, com diferentes intensidades, pela filosofia pessimista schopenhaueriana, pelos moralistas franceses e pelo naturalismo de

5 **Paul Ludwig Carl Heinrich Rée** (1849-1901): foi um autor, médico e filósofo alemão. Foi amigo de Friedrich Nietzsche durante um determinado período. Teve um caso com Lou Salomé, que se tornou um triângulo amoroso juntamente com Friedrich Nietzsche. (Nota da **IHU On-Line**)

Darwin. Eles recusam a explicação anistórica de Schopenhauer para a moral, buscando construir, cada um com preocupações próprias, projetos de naturalização da moral. O que há de comum nos projetos naturalistas de Rée e de Nietzsche nesses anos é a valorização da observação psicológica (dos moralistas franceses), os estudos de história natural, de fisiologia, de etnologia, de antropologia cultural, da medicina e das demais ciências naturais. A *Genealogia* é o momento em que Nietzsche rompe radicalmente com o autor de *A origem dos sentimentos morais*, quando critica o pretensão caráter superficial e errôneo das genealogias de Paul Rée, principalmente em relação ao altruísmo e à compaixão.

Mesmo que em comparação com Rée Nietzsche tenha se tornado um autor com maior relevância na filosofia contemporânea, é importante reconhecer a forte influência do judeu-pomerano para a filosofia de Nietzsche. A *Genealogia da Moral* é também um acerto de contas com Rée: “O primeiro impulso para divulgar algumas das minhas hipóteses sobre a procedência da moral me foi dado por um livrinho claro, limpo e sagaz – e maroto –, no qual uma espécie contrária e perversa de hipótese genealógica, sua espécie propriamente inglesa, pela primeira vez me apareceu nitidamente, e que por isso me atraiu – com aquela força de atração que possui tudo o que é oposto e antípoda. O título do livrinho era *A origem dos sentimentos morais*, seu autor, o dr. Paul Rée; o ano de seu aparecimento, 1877” (*Genealogia da Moral*, Prólogo, § 4). Essa avaliação de Nietzsche é um tanto parcial, pois nos anos de 1876 e 1877 ele partilhava com Rée mais “hipóteses genealógicas” do que ele admite em 1877. O confronto com Paul Rée foi importante para consolidar os estudos de Nietzsche sobre o valor da moral da compaixão e para investigar o valor “natural” do egoísmo.

**IHU On-Line – Dentro do contexto dos desenvolvimentos da**

**ciência e da filosofia no século XIX, como se pode explicar a dificuldade de estabelecer conexões entre a naturalização da moral e a genealogia da moral nietzschiana?**

**Clademir Araldi** – Nietzsche buscou apoio nas ciências, principalmente na fisiologia, na medicina, na história e na psicologia nascente, para naturalizar a moral. Assim, essas ciências seriam imprescindíveis para naturalizar a genealogia da moral nietzschiana. O projeto nietzschiano de naturalização da moral tem sua elaboração mais consistente justamente com o método e com a obra da *Genealogia da Moral*. São muitas as dificuldades com que Nietzsche se deparou para construir um projeto naturalista em relação à moral. Em primeiro lugar, os resultados ainda pouco animadores das ciências na época em que o Solitário Pensador escreveu, por exemplo, da biologia, da psicologia, da fisiologia e da antropologia. Vivia-se, contudo, na expectativa de grandes avanços nas ciências naturais, que triunfam na cultura da segunda metade do século XIX. A teoria da seleção natural de Darwin<sup>6</sup> foi o grande avanço naturalista desse século, que causou profundo impacto na filosofia, principalmente na ética. Nietzsche concorda com Darwin que nossos valores morais provêm de nosso passado animal natural. Entretanto, Nietzsche quer propor uma abordagem naturalista em contraposição à de Darwin, como alternativa à luta pela sobrevivência e ao impulso de autoconservação. Tanto a genealogia quanto o naturalismo de Nietzsche dependem de sua concepção

<sup>6</sup> **Charles Darwin** (Charles Robert Darwin, 1809-1882): naturalista britânico, proponente da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro *A Origem das Espécies*. Organizou suas principais ideias a partir de uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a professora Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a palestra obra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida, de Charles Darwin*, no evento Abrindo o Livro, do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Sobre o assunto, confira as edições 300 da **IHU On-Line**, de 13-7-2009, *Evolução e fé. Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/UsZlrR>, e 306, de 31-8-2009, intitulada *Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/1tABrFH>. De 9 a 12-9-2009, o IHU promoveu o IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. (Nota da **IHU On-Line**)

de vontade de poder, que é o critério utilizado por ele para criticar os valores morais e para criar novos valores. Apesar das dificuldades de fornecer uma base empírica para a vontade de poder, para a luta sem fim dos impulsos no mundo, a busca por construir uma fisiopsicologia mostra bem o caráter naturalista da genealogia: a união da fisiologia com a psicologia a partir dos métodos das ciências naturais. A genealogia e a naturalização da moral mostram bem esse esforço para articular as tarefas críticas e afirmativas do pensamento maduro de Nietzsche.

**IHU On-Line – Nesse sentido, como podemos entender o registro da fisiologia e da fisiopsicologia em seus escritos, que reside por trás dos preconceitos morais?**

**Clademir Araldi** – Desde a obra *Aurora* Nietzsche entende que os processos fisiológicos são as causas efetivas para nossos valores e juízos morais. Por isso, a fisiologia será muito importante para a genealogia da moral, para investigar o valor dos valores. Ao contrário das especulações metafísicas e idealistas, Nietzsche quer investigar as verdadeiras causas fisiológicas que estão na base de nossos valores e preconceitos morais. Se Nietzsche tivesse desenvolvido a fisiopsicologia dos impulsos humanos por um viés mais empírico (com base na fisiologia e psicologia da época) ele teria se livrado de muitas implicações ontológicas, substantivas. Mesmo que estabeleça o caráter plural das vontades de poder, que lutam para ampliar seu domínio e para hierarquizar os impulsos, a vontade de poder tem a pretensão de definir o que é a “essência” do mundo, a saber, que ela é a natureza primária dos impulsos humanos e cósmicos. Nenhum biólogo importante se esforçou para provar que a vontade de poder é o impulso básico dos seres orgânicos! O autor da *Genealogia* não conseguiu unir de modo satisfatório a psicologia com a fisiologia. Mas esses ensaios para superar a dicotomia corpo-alma, para

propor a noção de uma unificação fisiopsicológica são muito relevantes. A fisiopsicologia é um caminho promissor, pouco desenvolvido por Nietzsche, que permite ir além da concepção de uma subjetividade separada do corpo, em direção a uma análise mais acurada da motivação real de nossas ações, bem como do que determina nossos valores, nossos juízos e nossos modos de vida.

### **IHU On-Line – Por que o naturalismo em Nietzsche possui uma preocupação sobretudo de cunho ético? A partir disso se poderia pensar em uma superação do niilismo?**

**Clademir Araldi** – Sim, o naturalismo de Nietzsche tem como foco os valores morais. Aliado ao procedimento genealógico, o naturalismo tem um cunho basicamente ético, à medida que pode fornecer as condições fisiopsicológicas para novas formas de agir e de viver. Entretanto, o projeto ético nietzschiano difere radicalmente da filosofia moral racionalista e prescritivista moderna, bem como da compreensão de ética e de natureza humana de Hume<sup>7</sup>. A criação de novos valores e de formas éticas de existir possui um cunho artístico. Assim, a tarefa dos Filósofos do Futuro é de propor novos valores não morais, que expressem seus estados criativos e sua constituição pulsional. As raízes desse naturalismo ético estão na *Filosofia do Espírito Livre*, principalmente na arte de viver esboçada em *A gaia ciência*, nos ensaios de estilizar o caráter. A partir de *Para além de bem e mal*, Nietzsche reforça a preocupação em moldar o futuro do homem como a tarefa mais urgente para o naturalismo ético, em face das ameaças do niilismo, da desvalorização dos valores morais. Com isso, há um vínculo forte do natura-

lismo com os poderes artísticos humanos. Depois de remover as camadas das falsas interpretações morais e religiosas da natureza, o naturalista com pretensões éticas Nietzsche pretende retroverter o homem à natureza. A naturalização do homem e da moral, contudo, pode ser realizada somente com meios estéticos.

Além de crítico-genealogista, que colocou em questão o valor de todas as morais, Nietzsche é sobretudo o pensador com um projeto singular de *naturalismo* de cunho ético-estético que, no limite, extrapola o âmbito da moral. Entretanto, é problemático o modo como ele transpõe conceitos dos domínios da biologia e da estética para o domínio da ética. Mais incompleto ainda é o ensaio de fundir a ética com a estética. O sentido ético-estético afirmativo do naturalismo nietzschiano é projetado para um tempo futuro, ao caráter próprio dos novos valores naturalistas, que seriam criados a partir de novas configurações fisiopsicológicas dos Filósofos do futuro. Nesse sentido, é preciso coragem para assumir as tarefas preliminares de crítica dos valores, para poder abrir espaço para novas formas de valoração. O novo tipo de homem, com sua “grande saúde” ou, no mínimo, com modos mais saudáveis de vida, é quem estaria em condições de superar o niilismo. Lembremos que o niilismo teria adoecido o corpo inteiro da humanidade moderna, em certo sentido o próprio Nietzsche, que se considerava “o mais moderno entre os modernos”.

### **IHU On-Line – Quais os pontos de contato entre a naturalização da moral e a arte em Nietzsche? Em que medida a arte preenche o espaço da criação pelos filósofos do futuro?**

**Clademir Araldi** – Não há em Nietzsche um naturalismo moral, em sentido forte, como supõem algumas abordagens naturalistas contemporâneas de Nietzsche, como a de Brian Leiter<sup>8</sup>. Isso porque a na-

turalização dos valores morais pode ser efetivada somente com meios artísticos. Nietzsche não faz uma distinção relevante entre ética e estética em seu projeto de naturalização, nem justifica como ocorreria a identificação da ética com a estética. A partir de 1887, ele propõe a Fisiologia da arte, segundo a qual a arte e todas as criações artísticas possuem pressupostos fisiológicos, determinantes para o agir e para a formação do caráter. Penso que os projetos da “fisiologia da arte”, da “vontade de poder enquanto arte” permitem uma conexão promissora entre a naturalização da moral e a arte. Aplicado à arte, o método *genealógico naturalista* está a serviço das tarefas criativas do Filósofo Nietzsche.

Como vimos acima, são os Filósofos do futuro os tipos de homem com condições para criar novos valores e novas formas de vida ético-estéticas. As experiências éticas e valorativas dos nobres do passado podem ser instrutivas para essas novas formas de vida. Mas a nobreza do futuro criaria novos valores a partir das novas condições de vida, que emergem da crise dos valores morais. Nietzsche é um antirrealista em relação ao valor, porque não podemos prever ou determinar com justeza quais serão esses ‘novos valores’. O niilismo moral tem consequências relativistas, pois, após a ruína dos valores morais e da interpretação moral do mundo, parece que nada mais possui valor. A filosofia perspectivista dos valores de Nietzsche tem o desafio de mostrar que não recai também no relativismo e no solipsismo. São enormes os desafios de Nietzsche para mostrar que a transvaloração dos valores não é apenas uma tarefa individualista, de indivíduos singulares que querem libertar-se da tradição e superar a si mesmos.

### **IHU On-Line – Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?**

de Jurisprudência na Faculdade de Direito da Universidade de Chicago e fundador e Diretor do Centro de Direito, Filosofia e Valores Humanos de Chicago. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>8</sup> Brian Leiter (1963): é um filósofo americano e professor

<sup>7</sup> David Hume (1711-1776): filósofo e historiador escocês, que com Adam Smith e Thomas Reid, é uma das figuras mais importantes do chamado Iluminismo escocês. É visto, por vezes, como o terceiro e o mais radical dos chamados empiristas britânicos. A filosofia de Hume é famosa pelo seu profundo ceticismo. Entre suas obras, merece destaque o Tratado da natureza humana. Sobre ele, leia a **IHU On-Line** número 369, de 15-8-2011, intitulada *David Hume e os limites da razão*, disponível para download em <http://bit.ly/ihuon369> (Nota da **IHU On-Line**)

**Clademir Araldi** – Gostaria de concluir dizendo que temos interpretações muito boas da *Genealogia da Moral* de Nietzsche no Brasil. Refiro-me aos trabalhos de Scarlett Marton, de Antonio Edmilson Pas-

choal, de Vânia Dutra de Azeredo e de Oswaldo Giacoia Junior, que contribuíram muito para compreender bem as implicações e as pretensões da abordagem genealógica nietzschiana dos valores morais. ■

## Referência

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral. Uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

## Leia mais

– **Hölderlin e Nietzsche e o trágico como denominador comum**. Entrevista com Clademir Araldi, publicada na revista IHU On-Line, nº 475, de 19-10-2015, disponível em <http://bit.ly/2CLLAjS>.

– **O niilismo como doença da vontade humana**. Entrevista com Clademir Araldi, publicada na revista IHU On-Line, nº 354, de 20-12-2010, disponível em <http://bit.ly/2NA8fUu>.

## Cadernos Teologia Pública

Cadernos Teologia Pública divulga artigos que apresentam a contribuição da teologia com os debates que se desenvolvem na esfera pública da sociedade e na universidade, com abertura ao diálogo com as ciências, com a cultura e com as religiões.

Publicações disponíveis em: [ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)

# Filosofia da suspeita

Ernani Chaves faz uma análise de como a filosofia nietzschiana, especialmente a partir de *Genealogia da Moral*, produz novas formas de investigação

Márcia Junges | Edição: Ricardo Machado

**P**ensar as apropriações da filosofia de Nietzsche – de Foucault aos contemporâneos – em termos de certo ou errado tende não somente ao equívoco, mas também à improdutividade. Nesse sentido, tomá-lo como filósofo da suspeita abre um caminho muito mais amplo de investigação e releituras. “É muito lícito supor que, quem chama a si mesmo dessa maneira, é o próprio Nietzsche e não qualquer outra pessoa, como ele sugere. Além disso, toma a suspeita pelo fato de que a linguagem humana não remete a qualquer transparência em relação ao mundo e às coisas, como Nietzsche já havia mostrado no seu famoso texto de 1873, ‘Verdade e mentira no sentido extra-moral’”, coloca Ernani Chaves, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Na leitura de Roberto Esposito sobre Nietzsche há o reconhecimento de que o autor de *Genealogia da Moral* tinha uma visão da biopolítica que não se reduzia à sua dimensão negativa, mas que por outro lado não está livre, também, de controvérsias. “A concepção nietzschiana de vida torna possível

pensarmos na biopolítica não apenas de modo crítico (como ele julga encontrar em Foucault), mas também uma biopolítica afirmativa. Para isso, Esposito precisou fazer uma interpretação muito geral do conceito nietzschiano de vida. Entretanto, Esposito afirma que em Nietzsche também podemos encontrar uma concepção de vida que pode ser facilmente apropriada pelo nazismo”, descreve.

**Ernani Chaves** é professor da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Pará - UFPA, onde é professor permanente do PPG em Filosofia, do PPG em Antropologia e colaborador no PPG em Psicologia. Realizou estágio de pós-doutorado na Universidade Técnica de Berlim e na Bauhaus-Universität, de Weimar, na Alemanha. Foi pesquisador visitante na Universidade Técnica de Berlim. Autor de *No limiar do moderno: estudos sobre Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin* (Umarizal: Paka-Tatu, 2003) e *Michel Foucault e a verdade cínica* (Campinas: Editora Phi, 2016).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Passados 130 anos de sua publicação, qual é a atualidade de *Genealogia da Moral*?**

**Ernani Chaves** – *Genealogia da Moral* (São Paulo: Companhia das Letras, 1998) é, certamente, um dos livros de Nietzsche<sup>1</sup> que mais con-

no. Entre suas obras, figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche, foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/HI7xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias

servam o vigor e a radicalidade, tão necessários em uma época como a nossa. Sua leitura, por exemplo, foi

de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosóficos da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-5-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>1</sup> **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retor-

# “De todo modo, poderíamos assinalar aqui que os desdobramentos operados por Agamben nos levam numa direção bem diferente da de Foucault e da de Nietzsche”

fundamental e inspiradora de vários pressupostos da chamada Teoria Crítica. Horkheimer<sup>2</sup> chegou a dizer que, nesse livro, “a constituição psíquica da burguesia foi revelada”. Atravessado pelas modulações do conceito de ‘ressentimento’, que já aparece desde a Primeira Dissertação e abrangendo todos os domínios clássicos da Filosofia, o teórico, o prático e o poético, esse livro realiza, ao utilizar um método específico, a genealogia, uma das análises mais contundentes de nossa cultura. Se pensarmos que a “atualidade” não é uma “novidade”, na medida em que toda obra está inscrita no seu tempo, mesmo que seu autor pretenda uma “extemporaneidade” – dimensão da qual o próprio Nietzsche tinha inteira consciência – então este livro continua atual uma vez que nos incita, permanentemente, a questionar nosso presente.

Antonio Edmilson Paschoal, professor da UFPR, em seu livro sobre Nietzsche e o ressentimento, mostra, com muita clareza, o quanto as discussões dessa obra podem nos ajudar a compreender, numa outra perspectiva, o modo como, por exemplo, a África do Sul conduziu as discussões acerca do “apartheid”.

2 **Max Horkheimer** (1895-1973): filósofo e sociólogo alemão, conhecido especialmente como fundador e principal pensador da Escola de Frankfurt e da teoria crítica. Aproximou-se “obliquamente” do marxismo no final dos anos 1930, mas segundo testemunhos da época raramente citava os nomes de Marx ou de Lukács em discussões. Apenas com a emergência do nazismo, Horkheimer se aproxima de fato de uma perspectiva crítica e revolucionária que o fará escrever, já diretor do Instituto para Pesquisas Sociais, o ensaio-manifesto, Teoria Tradicional e Teoria Crítica (1937). Suas formulações, sobretudo aquelas acerca da razão Instrumental, junto com as teorias de Theodor Adorno e Herbert Marcuse, compõem o núcleo fundamental daquilo que se conhece como Escola de Frankfurt. (Nota da **IHU On-Line**)

Jeanne Marie Gagnebin<sup>3</sup>, por sua vez, associando as questões da memória e do esquecimento que aparecem na Segunda Dissertação às reflexões sobre o mesmo tema em Walter Benjamin<sup>4</sup>, mostra o quanto a contribuição de Nietzsche é absolutamente indispensável para compreendermos as políticas da memória, e no caso do Brasil, da ausência de memória, referidas às ditaduras latino-americanas.

## IHU On-Line – Em que aspectos a genealogia de Nietzsche influenciou aquela realizada por Foucault e, posteriormente, aquela empreendida por Agamben?

**Ernani Chaves** – É bem mais fácil, embora não seja simples, entender um pouco melhor hoje em que sentido Foucault<sup>5</sup> se utilizou da ge-

3 **Jeanne Marie Gagnebin de Bons** (Lausanne, 1949): é uma professora, filósofa e escritora suíça, residente no Brasil desde 1978. Especialista na obra de Walter Benjamin, é autora ou coautora de vários livros; escreveu inúmeros artigos e organizou diversas coletâneas de textos. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Walter Benjamin** (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem. Conhecedor profundo da língua e cultura francesas, traduziu para o alemão importantes obras como *Quadros parisienses*, de Charles Baudelaire, e *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagônicas do idealismo alemão, do materialismo dialético e do misticismo judaico, constitui um contributo original para a teoria estética. Entre as suas obras mais conhecidas, estão *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* (1936), *Teses sobre o conceito de história* (1940) e a monumental e inacabada *Paris, capital do século XIX*, enquanto *A tarefa do tradutor* constitui referência incontestável dos estudos literários. Sobre Benjamin, confira a entrevista *Walter Benjamin e o império do instante*, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à **IHU On-Line** nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Michel Foucault** (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a *História da Loucura* até a *História da sexualidade* (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Fou-

cault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a **IHU On-Line** dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 6-11-2006, disponível em <https://goo.gl/C2rx2k>; edição 364, de 6-6-2011, intitulada *História da loucura* e o *discurso racional em debate*, disponível em <https://goo.gl/wjqFL3>; edição 343, *O (des)governo biopolítico da vida humana*, de 13-9-2010, disponível em <https://goo.gl/M95yPv>, e edição 344, *Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate*, disponível em <https://goo.gl/RX62qN>. Confira ainda a edição nº 13 dos **Cadernos IHU em formação**, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, *Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética*. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Giorgio Agamben** (1942): filósofo italiano. É professor da Faculdade de Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Università di Macerata, Università di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo estadunidense. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias – A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 4-9-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em <http://bit.ly/jasson040907>. A edição 236 da **IHU On-Line**, de 17-9-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em <https://goo.gl/zRChp>. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, disponível para acesso em <http://bit.ly/ihuon81>. Em 30-6-2016, o professor Castor Bartolomé Ruiz preferiu a conferência *Foucault e Agamben. Implicações Ético Políticas do Cristianismo*, que pode ser assistida em <http://bit.ly/29j12pl>. De 16-3-2016 a 22-6-2016, Ruiz ministrou a disciplina de Pós-Graduação em Filosofia e também validada como curso de extensão através do IHU intitulada *Implicações ético-políticas do cristianismo na filosofia de M. Foucault e G. Agamben. Governamentalidade, economia política, messianismo e democracia de massas*, que resultou na publicação da edição 241 dos **Cadernos IHU ideias**, intitulada *O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno*, que pode ser acessada em <http://bit.ly/1Yy07S7>. Em 23 e 24-5-2017, o IHU realizou o VI Colóquio Internacional IHU – Política, Economia, Teologia. Contribuições da obra de Giorgio Agamben, com base sobretudo na obra *O reino e a glória. Uma genealogia teológica da economia e do governo* (São Paulo: Boitempo, 2011). Tradução de: *Il regno e la gloria. Per una genealogia teologica dell'economia e del governo*. Publicado originalmente por Neri Pozza, 2007). Saiba mais em <http://bit.ly/2hCAore>. Em 2017 a revista **IHU On-Line** publicou a edição *Giorgio Agamben e a impossibilidade de salvação da modernidade e da política moderna*, nº 505, disponível em <http://bit.ly/2NXjQwT>. (Nota da **IHU On-Line**)

xou alguns textos sobre Nietzsche e, algumas vezes, em especial a partir de *Vigiar e punir* (Petrópolis: Vozes, 2014) designou seu próprio método como genealógico. Não me parece muito produtivo, mais uma vez, tentar mostrar a justeza ou não da interpretação de Foucault. Não que isso não seja importante, mas principalmente porque Foucault é Foucault, e não Nietzsche. Em vez de falar de “equivocos”, o que não nos ajuda muito, prefiro falar em “distâncias”, justamente porque esse termo implica duas coisas: em primeiro lugar, a de “proximidade”, ou seja, para ganhar “distância”, é ou foi preciso estar “próximo”, ser “próximo”; em segundo lugar, entretanto, não se trata de qualquer “distância”, mas de uma “distância crítica”, no sentido de que o intérprete de hoje sabe que o seu tempo já não é mais o do texto que está interpretando.

Essas questões, nas quais está em jogo a temporalidade – a do texto, mas também a do autor e a do leitor – são colocadas pelo próprio Nietzsche, logo no começo do *Caso Wagner* (São Paulo: Companhia das Letras, 2016). O que interessou, em especial a Foucault na *démarche* nietzschiana foi a afirmação da história, da historicidade, vista de uma perspectiva anti-historicista. Ao questionar o valor de uma busca da “origem” (sei o quanto alguns intérpretes consideravam abusiva a interpretação de Foucault segundo a qual em Nietzsche encontramos uma “recusa das origens”, mas eu tenho a impressão que essa é uma leitura muito rápida e em alguns aspectos igualmente equivocada), Nietzsche teria inscrito na história as mais elevadas ideias que a metafísica havia cuidadosamente construído, em especial as ideias de verdade, de razão, de sujeito. Para Foucault, Nietzsche tornou possível que ele se lançasse ao desafio de empreender uma história da verdade, tomando como referência “objetos” sem dignidade epistemológica e política. Concebidas como “genealogias” (combinadas, por

exemplo, com o modelo francês da história das ciências, eis uma diferença importante entre Foucault e Nietzsche), as histórias da loucura, da medicina, do crime, da sexualidade, poderiam nos revelar o “valor dos valores” que esses objetos acabam por encarnar, valores esses que são, fundamentalmente, ético-políticos. Outra diferença importante: Foucault recupera o aspecto político do pensamento de Nietzsche, que a interpretação nazista havia tornado suspeito e que a recepção nietzschiana do pós-guerra, seja na França, seja na Alemanha, cuidou, de algum modo, de ‘recalcar’. Assim, a genealogia foucaultiana pode desenvolver o que Foucault julgava encontrar em ação na “Genealogia da moral”, qual seja, a concepção do poder como “relação”, e não como propriedade ou ainda como tendo o Estado como local privilegiado do seu exercício.

Quanto a Agamben, penso que uma relação importante com a genealogia nietzschiana pode ser feita pela mediação do pensamento de Walter Benjamin, tão caro a ele. A concepção benjaminiana de história deve bastante a Nietzsche. Talvez seja por isso – não conheço Agamben suficiente para fazer qualquer afirmação nesse sentido – que Agamben possa, aqui e ali, referir ao seu próprio trabalho como genealogia. De todo modo, poderíamos assinalar aqui que os desdobramentos operados por Agamben nos levam numa direção bem diferente da de Foucault e da de Nietzsche, na medida em que ele explora um viés muito especial, que é o dos fundamentos teológicos de nossa cultura. Nesse aspecto, o trabalho de Agamben não é só um exercício impressionante de erudição, mas de revelação igualmente extraordinária, das implicações teológicas das grandes ideias de nossa cultura. Ressalto, para evitar mal-entendidos, que distingo teologia e religião, embora entre ambas exista, é óbvio, um liame muito forte. Para mim, a teologia é um discurso tão importante

quanto o da ciência e o da filosofia e, nessa perspectiva, não opera exclusivamente no registro da fé, como é o caso da religião. De todo modo, essa ligação subterrânea entre Foucault, Benjamin e Agamben encontra, no seu nascedouro, algumas propostas de análise desenvolvidas por Nietzsche.

“É muito lícito supor que, quem chama a si mesmo dessa maneira [filósofo da suspeita], é o próprio Nietzsche”

**IHU On-Line – Ao lado de Marx e Freud, Nietzsche é considerado um dos mestres da suspeita. O que isso quer dizer?**

**Ernani Chaves** – Em primeiro lugar, quem primeiro “suspeita” disso é o próprio Nietzsche. Usando uma estratégia retórica bastante comum nos seus textos, ele escreve logo na seção 1, do “Prefácio” de 1886, ao primeiro livro de *Humano, demasiado humano* (São Paulo: Companhia das Letras, 2000): “Man hat meine Schriften eine Schule der Verdachts genannt” (“Chamaram meus escritos uma escola da suspeita”). É muito lícito supor que, quem chama a si mesmo dessa maneira, é o próprio Nietzsche e não qualquer outra pessoa, como ele sugere. Além disso, toma a suspeita pelo fato de que a linguagem humana não remete a qualquer transparência em relação ao mundo e às coisas, como Nietzsche já havia mostrado no seu famoso texto de 1873, “Verdade e mentira no sentido extra-moral”. As-

sim, quando Foucault, na sua fala no Colóquio Nietzsche de Royauumont, em julho de 1964, se refere ao fato de que em Nietzsche, Freud<sup>7</sup> e Marx<sup>8</sup> algo de novo acontece no que se refere às técnicas de interpretação e que isso pode ser reunido em dois tipos de suspeito, me parece que Foucault está levando adiante uma proposição que já se encontra em Nietzsche e que ele estende aos outros dois, a Freud e a Marx. Entretanto, ele não os denomina, em nenhum momento, de “mestres da suspeita”.

Em segundo, essa denominação não é atribuída por qualquer desvario pós-moderno. Ao contrário: ela se encontra formulada em 1965, no grande livro de Paul Ricouer<sup>9</sup> sobre Freud, justamente para sinalizar os profundos e radicais deslocamentos operados por Nietzsche, Freud e Marx no interior do pensamento e da cultura ocidentais. Os valores mais altos, as ideias mais importan-

tes e mais caras a nós sofreram uma crítica decisiva por parte desses autores, de tal modo que a questão da interpretação não pode mais ser a mesma, depois dos diversos tipos de “inversão” de modelos paradigmáticos da metafísica e do idealismo, que os três produziram. Como ficamos sabendo pelo próprio Ricouer, embora seu livro tenha sido publicado apenas em 1965, ele se constitui de conferências proferidas alguns anos antes na Universidade de Yale, nos Estados Unidos. Assim, sem que tivessem nenhum contato, Foucault e Ricouer estavam pensando na mesma direção.

Em terceiro lugar, uma interpretação análoga se encontra em um texto de Louis Althusser<sup>10</sup>, “Freud e Marx”, de 1965, alinhado a Lacan<sup>11</sup>

e para livrar Freud de qualquer revisionismo, Althusser acrescenta o nome de Nietzsche ao lado de Marx e Freud, chamando-os de “filhos bastardos do século XIX”. Os movimentos são semelhantes aos de Foucault e Ricouer.

É importante notar que o pano de fundo comum dessa associação entre Nietzsche, Freud e Marx é a crítica que Foucault, Ricouer e Althusser dirigem à fenomenologia existencial de Sartre. Se a fenomenologia francesa do pós-guerra se constitui sob o signo dos três “Hs” – Hegel<sup>12</sup>, Husserl<sup>13</sup> e Heidegger<sup>14</sup> – a oposição a ela se dá agora por “NFM” – Nietzsche, Freud e Marx.

Em suma, como se diz no jargão popular, “o buraco é mais embaixo”, ou seja, a associação entre Nietzsche, Freud e Marx – já feita anteriormente por Benjamin, Adorno<sup>15</sup>

7 **Sigmund Freud** (1856-1939): neurologista nascido em Freiberg, Tchecoslováquia. É o fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Desenvolveu a ideia de que as pessoas são movidas pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século 19 e continuam ainda muito debatidos. A edição 179 da **IHU On-Line**, de 8-5-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título *Sigmund Freud. Mestre da suspeita*, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 4-12-2006, tem como tema de capa *Freud e a religião*, disponível em <https://goo.gl/wL1FIU>. A edição 16 dos **Cadernos IHU em formação** tem como título *Quer entender a modernidade? Freud explica*, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Karl Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século 20. A edição 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173FhO>. Também sobre o autor, a edição número 278 da revista **IHU On-Line**, de 20-10-2008, é intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <https://goo.gl/7aYkWZ>. A entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira, foi publicada na edição 327 da **IHU On-Line**, de 3-5-2010, disponível em <http://bit.ly/2p4vpGS>. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central de *O Capital*, obra de Marx, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/449>. A revista **IHU On-Line**, edição 525, intitulada *Karl Marx, 200 anos - Entre o ambiente fabril e o mundo neural de redes e conexões*, em celebração aos 200 anos do nascimento do pensador, está disponível em [ihuonline.unisinos.br/edicao/525](http://ihuonline.unisinos.br/edicao/525). (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Paul Ricouer** (1913-2005): foi um dos grandes filósofos e pensadores franceses do período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. No pós-guerra foi acadêmico na Universidade da Sorbonne. Passou também pelas universidades de Louvain (Bélgica) e Yale (EUA), onde elaborou uma importante obra de filosofia política. Paul Ricouer participou de debates sobre linguística, psicanálise, o estruturalismo e a hermenêutica, com um interesse particular pelos textos sagrados do cristianismo. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Louis Althusser** (1918-1990): filósofo marxista francês nascido na Argélia. Aluno brilhante, foi aceito na prestigiada École Normale Supérieure (ENS) em Paris, mas não pôde frequentar a escola, pois estava convocado para a Segunda Guerra Mundial. Acabou aprisionado na Alemanha. Permaneceu no campo até o final da guerra, ao contrário dos demais soldados, que fugiram para lutar – motivo pelo qual Althusser se puniu mais tarde. Após a guerra, Althusser pôde frequentar a ENS. Entretanto, sua saúde mental e psicológica estava severamente abalada, tendo, inclusive, recebido terapia de eletrochoques em 1947. A partir de então, Althusser sofreu de enfermidades periódicas durante o resto de sua vida. A ENS foi compreensiva à sua condição, permitindo que ele residisse em seu próprio quarto na enfermaria, onde viveu por décadas, a não ser em períodos de internação hospitalar. Marxista, filiou-se ao Partido Comunista Francês em 1948. No mesmo ano, tornou-se professor da ENS. Em 1946, Althusser conheceu Hélène Rytman, uma revolucionária de origem judaico-lituana oito anos mais velha. Ela foi sua companheira até 16 de novembro de 1980, quando morreu estrangulada pelo próprio Althusser, num surto psicótico. As exatas circunstâncias do ocorrido não são conhecidas – uns afirmam ter se tratado de um acidente; outros dizem que foi um ato deliberado. Althusser afirmou não se lembrar claramente do fato, alegando que, enquanto massageava o pescoço da mulher, descobriu que a tinha matado. A justiça considerou-o inimputável no momento dos acontecimentos e, em conformidade com a legislação francesa, foi declarado incapaz e incoercido em 1981. Cinco anos mais tarde, em seu livro *L'avenir dure longtemps* [O futuro dura muito tempo], Althusser refletiu sobre o fato, pretendendo reivindicar uma espécie de responsabilidade por seus atos quando do assassinato, o que gerou uma polêmica entre seus correligionários e detratores, sobre tal responsabilidade ser filosófica ou real. Althusser não foi preso, mas foi internado no Hospital Psiquiátrico Sainte-Anne, onde permaneceu até 1983. Após esta data, ele se mudou para o norte de Paris, onde viveu de forma reclusa, vendo poucas pessoas e não mais trabalhando, a não ser em sua autobiografia. Louis Althusser morreu de ataque cardíaco em 22 de outubro de 1990, aos 72 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Jacques Lacan** (1901-1981): psicanalista francês. Realizou uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor. Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas ainda assim constitui apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confira a edição 267 da revista **IHU On-Line**, de 4-8-2008, intitulada *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*, disponível em <http://bit.ly/ihuon267>. Sobre Lacan, confira as seguintes edições da revista **IHU On-Line**, produzidas tendo em vista o *Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer "não cedas de teu desejo"? [ne cède pas sur ton désir?]*, realizado em 14 e 15 de agosto de 2009: edição 298, de 22-6-2009, intitulada *Desejo e violência*, disponível em <https://bit.ly/2HMLQAW>, e edição 303, de 10-8-2009, intitulada *A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer "não cedas de teu desejo"?* (Nota da **IHU On-Line**)

*desejo"?*, disponível em <https://bit.ly/2KApkzk>. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Georg Wilhelm Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-4-2007, disponível em <https://goo.gl/m0FJnp>, intitulada *Fenomenologia do espírito, de (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 9-6-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <https://goo.gl/D94swr>; *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <https://goo.gl/62UATd> e *Hegel. Lógica e Metafísica*, edição 482, disponível em <https://goo.gl/ldAkV>. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Edmund Husserl** (1859-1938): Edmund Gustav Albrecht Husserl, matemático e filósofo alemão, conhecido como o fundador da fenomenologia, nasceu em uma família judaica numa pequena localidade da Morávia (região da atual República Tcheca). Husserl apresenta como ideia fundamental de seu *antipsicologismo* a “intencionalidade da consciência”, desenvolvendo conceitos como os da *intuição eidética* e *epoché*. Influenciou, entre outros, os alemães Edith Stein, Eugen Fink e Martin Heidegger e os franceses Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Michel Henry e Jacques Derrida. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, **Cadernos IHU em formação** nº 12, *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>, e a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biológico radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biológico de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos Filosofias da diferença, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Theodor Adorno** (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de ideias em filosofia e sociologia conhecido como Escola de Frankfurt.

e Horkheimer – na França do pós-guerra tem um sentido muito singular e se refere, antes de mais nada, a uma questão “paroquial”.

Meu propósito com isso é chamar atenção para o fato de que sem a inserção dessas questões na moldura histórica, nos embates políticos que animaram a Europa do pós-guerra, sua compreensão resta incompleta e insuficiente. Mas muita água ainda vai rolar sob essa ponte, uma vez que no próximo ano, 2019, as aulas de Foucault sobre Nietzsche, na Universidade de Lille, em 1954-1955, serão finalmente publicadas.

**IHU On-Line – Qual é a importância do legado nietzschiano no debate acerca da biopolítica hoje? E quais são os desafios de se pensar a biopolítica tendo a obra filosófica de Nietzsche no horizonte?**

**Ernani Chaves** – Foi Roberto Esposito<sup>16</sup>, o filósofo italiano, que em seu livro *Bios: filosofia e biopolítica*

(Lisboa: Editora 70, 2010) colocou em primeiro plano o papel de Nietzsche no debate sobre a questão da biopolítica. Partindo do famoso último capítulo do volume 1 da *História da sexualidade* (São Paulo: Graal, 2009), de Foucault, Esposito dá prosseguimento ao debate iniciado por Giorgio Agamben, mais de 10 anos depois (o volume 1 do “Homo sacer” é de 1993). Ambos discutem os limites da proposição de Foucault e ambos concordam que a separação entre ordem da soberania e ordem da biopolítica que Foucault postula, é equivocada.

Entretanto, é a inserção de Nietzsche no debate que separa Esposito de Agamben. E essa inserção, absolutamente central e necessária segundo ele, é porque em Nietzsche encontramos não só o acabamento, mas também o ultrapassado do círculo imunitário criado pela filosofia política dos séculos XVII e XVIII. É sempre para “imunizar” os súditos, que o soberano tem o direito de matar. Ora, diz Esposito, com Nietzsche esse tipo de modelo é implodido e, ao mesmo tempo, a concepção nietzschiana de vida torna possível pensarmos na biopolítica não apenas de modo crítico (como ele julga encontrar em Foucault), mas também uma biopolítica afirmativa. Para isso, Esposito precisou fazer uma interpretação muito geral do conceito nietz-

chiano de vida. Entretanto, Esposito afirma que em Nietzsche também podemos encontrar uma concepção de vida que pode ser facilmente apropriada pelo nazismo.

Para além de Esposito e a partir dele, encontramos os trabalhos de Vanessa Lemm. Se, na continuidade de Esposito, Lemm também atribui a Nietzsche um papel decisivo nessa discussão, ela vai se contrapor a Esposito no que se refere ao diagnóstico da possível apropriação da concepção de vida em Nietzsche pelo nazismo, fazendo, em diversos trabalhos e mais especialmente em sua tese de doutorado *A Filosofia do animal em Nietzsche* (2009), ao propor uma interpretação das relações entre cultura e civilização em Nietzsche.

O importante, ao meu ver, é que para ambos é possível pensar uma biopolítica afirmativa. O objetivo de minha intervenção, repito, é apresentar essa questão, tomando como horizonte a discussão sobre a questão das “raças” na “Genealogia”. Uma discussão absolutamente necessária, uma vez que Foucault afirmou que todo Estado é racista e que o ponto máximo de toda biopolítica é redefinir o racismo como sendo um racismo de estado, o racismo como modo de vida. É absolutamente terrível. A questão é: qual o papel de Nietzsche nessa questão?

Sobre Adorno, confira a entrevista concedida pelo filósofo Bruno Pucci à edição 386 da revista **IHU On-Line**, intitulada *Ser autônomo não é apenas saber dominar bem as tecnologias*, disponível em <https://bit.ly/215xMSv>. A conversa foi motivada pela palestra *Theodor Adorno e a fríeza burguesa em tempos de tecnologias digitais*, proferida por Pucci dentro da programação do *Ciclo Filosofias da Inter-subjetividade*. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>16</sup> **Roberto Esposito**: filósofo italiano, especialista em filosofia moral e política. De sua vasta produção bibliográfica, citamos *Pensiero vivente. Origine e attualità della filosofia italiana* (2010), *Bios. Biopolítica e filosofia* (2008), *L'origine della politica. Hannah Arendt o Simone Weil?* (1996). (Nota da **IHU On-Line**)

# UNISINOS LAB

Se você é aluno de graduação da Unisinos, o IHU disponibiliza 10 vagas gratuitas para o Simpósio através da plataforma Unisinos LAB.

Confira a relação dos nossos eventos em [ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos) e matricule-se pela plataforma do LAB.

# O intelectual cosmopolita globalizado é um *outsider*

Ivan Domingues analisa a história da filosofia no Brasil e traça um perfil do que a ciência produziu no país no último século

Patricia Fachin

O intelectual cosmopolita globalizado “é antes de tudo um *outsider*”, diz o filósofo Ivan Domingues à **IHU On-Line**. Jean-Paul Sartre, com seu “grande engajamento político”, ou Immanuel Kant, “que nunca saiu de sua cidade natal, Königsberg, e tinha uma carreira de professor totalmente consagrada à universidade de sua cidade”, são dois exemplos opostos que ilustram que o intelectual cosmopolita globalizado não necessariamente está vinculado a “um modelo específico de universidade”, embora a universidade siga “sendo importante como plataforma de ação e de pensamento para a maioria da intelectualidade”, argumenta. O intelectual cosmopolita globalizado, resume, “é o ideal da experiência intelectual e, portanto, o máximo que podemos almejar e ser atingido”.

Na noite do dia 21-8-2018, Ivan Domingues esteve na Unisinos ministrando a Aula Inaugural das Escolas Unisinos, cujo tema foi “O intelectual cosmopolita globalizado: para qual universidade?” Na entrevista a seguir, concedida por e-mail, o filósofo reflete sobre os desafios postos às universidades brasileiras e também apresenta um panorama do desenvolvimento da *intelligentsia* brasileira, tema de seu livro *Filosofia no Brasil: Legados & perspectivas. Ensaios Metafilosóficos* (São Paulo: Unesp, 2017).

Domingues também comenta o papel da *intelligentsia* brasileira na atual conjuntura política do país e lamenta a falta de uma “discussão substantiva” acerca dos problemas a serem enfrentados. “Entendo que esta aliança entre a cegueira intelec-

tual, protagonizada pela ideologia, e o taylorismo acadêmico, levando à vitória do pensamento técnico, é o maior dos males da *intelligentsia* brasileira neste momento tão infeliz e ingrato de nossa história”, conclui.

Ivan Domingues é graduado e mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG e doutor em Filosofia pela Université de Paris I. Atualmente é professor titular da UFMG. Além de experiência no ensino e na pesquisa, Ivan Domingues acumulou experiência administrativa ao longo de sua carreira, tendo sido fundador do Doutorado em Filosofia da UFMG, um dos fundadores e ex-diretor do Instituto de Estudos Avançados - IEAT/UFMG, assessor do Reitor da UFMG – Gestão 2010-2014, coordenador da Área de Filosofia da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes e membro de Comitê Assessor de Filosofia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Atualmente é o coordenador do Núcleo de Estudos do Pensamento Contemporâneo - NEPC da FAFICH-UFMG, um grupo interdisciplinar de pesquisa que desenvolve o projeto Biotecnologias e o Futuro da Humanidade, apoiado pela Fapemig, com ênfase no impacto das bioengenharias sobre a questão antropológica e suas implicações éticas, políticas e jurídicas.

A entrevista foi originalmente publicada nas Notícias do Dia de 22-08-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2zsnFIH>.

**Confira a entrevista.**

“Seguimos desconfiados de nós mesmos e falta uma agenda positiva em C&T, à qual poderíamos acrescentar um novo C, de cultura, ou um H, de humanidades”

**IHU On-Line - Pode nos dar um panorama geral dos cinco tipos de intelectuais que fazem parte da história da intelectualidade brasileira, conforme apresentado no seu livro, a saber, o intelectual orgânico da igreja ou o jesuíta, na época da colônia; o diletante estrangeirado remanescente do direito, no período Império e da República Velha; o scholar; o filósofo intelectual público; e o intelectual globalizado? Como, por que e em que contexto eles surgem e quais são alguns arquétipos que representam esses diferentes intelectuais?**

**Ivan Domingues** - Antes, eu vou começar pela proposta do livro, lançado na Unisinos em agosto do ano passado, cujo título é *Filosofia no Brasil – Legados e perspectivas* (Ed. Unesp, 2017) e cujo desafio consistiu em articular dois eixos argumentativos com o propósito de pensar a *intelligentsia* filosófica brasileira. Por um lado, o eixo da história intelectual, tomando como foco a história da corporação filosófica nacional, e não exatamente a história da filosofia ou das ideias filosóficas, ao seguir as pegadas do historiador francês Sirinelli<sup>1</sup> e entender seus aportes e métodos, então restritos à história e à França, no meu caso à filosofia e ao Brasil. Por outro lado, o eixo da metafilosofia, ou a filosofia da filosofia, ao perguntar pela natureza da filosofia e da práxis filosófica ao longo

de nossa história: como Sirinelli no tocante à história intelectual, o ponto de arranque da metafilosofia foi Williamson, de Oxford, que pensa a sua metafilosofia com as armas e as bagagens da filosofia analítica e fica restrito à filosofia anglo-saxã nas décadas recentes; no meu caso, com as armas e as bagagens da história da filosofia, bem como da história intelectual, tendo como foco o Brasil e um horizonte de 500 anos ou quase.

Ao longo dessas incursões, a noção de *intelligentsia* que eu tomei de empréstimo de Mannheim<sup>2</sup> se revelou decisiva: tanto ao incorporar elementos da sociologia das corporações e da história intelectual, quanto ao se abrir e proporcionar a inclusão nas análises efetuadas de elementos relativos aos *ethei* das corporações intelectuais, deixando-nos nas vizinhanças da psicologia moral e ao mesmo tempo nos exigindo ir além dela: especificamente, rumo à ética filosófica e sua aplicação à história da cultura.

Contudo, mais do que ninguém, quem me proporcionou as ferramentas analíticas para pensar todo esse conjunto e fazer o trânsito para o Brasil e à filosofia nacional foi Max Weber<sup>3</sup> e seu método dos tipos ide-

ais, autorizando sua extensão tanto ao *ethos* e, por extensão, aos *ethei* da intelectualidade, devido à diversidade histórica dos agrupamentos dos intelectuais bem pensantes, quanto à história das corporações e das *intelligentsia* elas mesmas.

### Cinco modelos da intelectualidade nacional

Foi assim, ao examinar a matéria história em sua diversidade com a ajuda do ferramental da metodologia weberiana, que cheguei aos cinco modelos ou tipos ideais da intelectualidade filosófica nacional ao longo de seus quinhentos anos, a saber:

[i] o intelectual orgânico da igreja, ou o clérigo jesuíta, definido seu tipo ideal, entre outros traços, pelo apostolado intelectual e tendo como cristalização histórica em filosofia Francisco de Faria, que atuava no Colégio da Companhia de Jesus no Rio de Janeiro, e Bento da Fonseca, no Colégio do Maranhão;

[ii] o intelectual estrangeirado egresso do direito, definido pelo transoceanismo, como no caso de Joaquim Nabuco<sup>4</sup>, que dizia que vi-

*espírito do capitalismo* (São Paulo: Companhia das Letras) é uma das suas mais conhecidas e importantes obras. A **IHU On-Line** dedicou-lhe a sua edição 101, de 17-5-2004, intitulada *Max Weber. A ética protestante e o espírito do capitalismo 100 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/ihuon101>. Sobre Max Weber, o IHU publicou o **Cadernos IHU em formação** nº 3, de 2005, chamado *Max Weber – o espírito do capitalismo*, disponível em <http://bit.ly/ihuem03>. (Nota da **IHU On-Line**)

**4 Joaquim Nabuco** [Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo] (1849-1910): político, diplomata, historiador, jurista, orador e jornalista brasileiro formado pela Faculdade de Direito do Recife. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Na data de seu nascimento, 19 de agosto, comemora-se o Dia Nacional do Historiador. Foi um dos grandes diplomatas do Império do Brasil (1822-1889), além de orador, poeta e memorialista. Opôs-se de maneira veemente à escravidão, contra a qual lutou tanto

**1 Jean-François Sirinelli** (1949): historiador francês especialista em história política e cultural do século XX. (Nota da **IHU On-Line**)

**2 Karl Mannheim** (1893-1947): sociólogo judeu nascido na Hungria. Iniciou seus estudos de filosofia e sociologia em Budapeste participando de um grupo de estudos coordenado por Georg Lukács. Estudou também em Berlim, onde ouviu as preleções de Georg Simmel, e Paris. Em Heidelberg, onde Mannheim foi aluno do sociólogo Alfred Weber, irmão de Max Weber, tornou-se *privatdozent* a partir de 1926. Foi professor extraordinário de sociologia em Frankfurt a partir de 1930. Em 1933, com a ascensão do nazismo Mannheim deixou a Alemanha para tornar-se professor da London School of Economics, na Inglaterra. (Nota da **IHU On-Line**)

**3 Max Weber** (1864-1920): sociólogo alemão, considerado um dos fundadores da Sociologia. *Ética protestante e o*

via no Brasil e atuava no parlamento com o coração na pátria e a cabeça na Europa, e tendo como instânciação em filosofia Tobias Barreto<sup>5</sup>, que não era um anglófilo como Nabuco, mas um germanófilo;

[iii] o intelectual de *métier* ou o *scholar*, definido pelo virtuosismo (trata-se de um virtuose das letras, em analogia com o virtuose da música e de outros ofícios), e a ultraespecialização do conhecimento nas vertentes mais condizentes com a divisão capitalista do trabalho e, por extensão, do conhecimento (divisão em áreas e especialidades), tendo como exemplos em filosofia os *normaliens* que fundaram a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH da USP e a legião dos especialistas disciplinares nacionais que saíram do Sistema Nacional de Pós-Graduação - SNPG da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes e se espalharam por todo o país;

[iv] o intelectual público engajado na política, cujo *ethos* entre outros traços de caráter é definido pelo virtuosismo cívico (virtude cívica), na esteira do intelectual republicano francês, com Zola<sup>6</sup> e Sartre<sup>7</sup> na linha de frente, e tendo em nossos meios filosóficos como exemplos emblemá-

ticos Padre Vaz<sup>8</sup>, Giannotti<sup>9</sup> e Marilena Chaui<sup>10</sup>;

[v] e, por fim, o intelectual cosmopolita globalizado, ou simplesmente o pensador, como eu mostro no livro, tendo como *ethos* o cosmopolitismo e a desterritorialização – um e outra como *pendant* da atopia da filosofia e do pensamento –, podendo ser citados como exemplos Kant<sup>11</sup> na Alemanha ou Des-

cartes<sup>12</sup> na França e o qual não tem ainda representantes no Brasil em filosofia, havendo porém em outros campos da atividade intelectual, como no caso da literatura, com os exemplos de Machado de Assis<sup>13</sup> e Guimarães Rosa<sup>14</sup>.

## IHU On-Line - Qual é o perfil do intelectual brasileiro neste momento, na sua avaliação? Ele é predominantemente um intelectual globalizado ou ainda tem características de períodos anteriores, e pode ser

isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendera a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A **IHU On-Line** número 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível em <http://bit.ly/ihun93>. Também sobre Kant, foi publicado o **Cadernos IHU em formação** número 2, intitulado *Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista **IHU On-Line**, de 6-5-2013, intitulada *A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios*, disponível em <https://goo.gl/SIII5H>. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **René Descartes** (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e da matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentaristas, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (spontaneamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos 17 e 18 na Europa. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Machado de Assis** [Joaquim Maria Machado de Assis] (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Dam Casmurro*, *Quincas Borba* e vários livros de contos. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Fundador da Academia Brasileira de Letras. Sobre o escritor, há duas edições da **IHU On-Line**: 262, de 16-6-2008, intitulada *Machado de Assis: um conhecedor da alma humana*, disponível em <http://bit.ly/ihun262>, e 275, de 29-9-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <https://bit.ly/2oHHiQt>. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **João Guimarães Rosa** (1908-1967): escritor, médico e diplomata nascido em Cordisburgo, Minas Gerais. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las em um realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os em um discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, destacam-se *Sagarana* (1946), *Corpo de baile* (1956), *Grande sertão: veredas* (1956) – considerada uma das principais obras da literatura brasileira –, *Primeiras estórias* (1962) e *Tutameia* (1967). A edição 178 da **IHU On-Line**, de 2-5-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título *Sertão é do tamanho do mundo. 50 anos da obra de João Guimarães Rosa*, disponível em <https://goo.gl/LXRCAU>. Confira ainda a edição 275 da **IHU On-Line**, de 29-9-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em <http://bit.ly/mB-ZOCe>. A revista publicou também em sua edição 503, de 24-4-2017, a entrevista com Kathrin Rosenfield intitulada *Leitura de Guimarães Rosa ensina a viver sentindo e dando sentido à vida*, disponível em <https://bit.ly/2wRB1WQ>. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Henrique Cláudio de Lima Vaz** (1921-2002): filósofo e padre jesuíta, autor de importante obra filosófica. A revista *Síntese*, n. 102, jan.-ab. 2005, p. 5-24, publica o artigo *Um Depoimento sobre o Padre Vaz*, de Paulo Eduardo Arantes, professor do Departamento de Filosofia da USP, que merece ser lido e consultado com atenção. A **IHU On-Line** número 19, de 27-5-2002, disponível em <http://bit.ly/ihun19>, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra de Lima Vaz, com o título *Sábio, humanista e cristão*. Sobre ele também pode ser consultado na **IHU On-Line** nº 140, de 9-5-2005, um artigo em que comenta a obra de Teilhard de Chardin, disponível em <http://bit.ly/ihun140>. A edição 142, de 23-5-2005, publicou a editoria *Memória em homenagem à Lima Vaz*, disponível para download em <http://bit.ly/ihun142>. Confira ainda a entrevista *Vaz: intérprete de uma civilização arreligiosa*, com Marcelo Fernandes de Aquino, na edição 186, de 26-6-2006, disponível em <http://bit.ly/ihun186>, e *A filosofia da natureza*, com Armando Lopes de Oliveira, na edição 187, de 3-7-2006, disponível em <http://bit.ly/ihun187>. Veja também os artigos intitulados *O comunitarismo cristão e a refundação de uma ética transcendental*, na edição 185, de 19-6-2006, disponível em <http://bit.ly/ihun185>, e *Um diálogo cristão com o marxismo crítico. A contribuição de Henrique de Lima Vaz*, na edição 189, de 31-7-2006, disponível em <http://bit.ly/ihun189>, ambos de autoria do Prof. Dr. Juares Guimarães. Inspirada no pensamento de Lima Vaz, a **IHU On-Line** 197, de 25-9-2006, trouxe como tema de capa *A política em tempos de nihilismo ético*, disponível para download em <http://bit.ly/ihun197a>. Padre Vaz e o diálogo com a modernidade foi o tema abordado por Marcelo Perine em uma conferência em 22-5-2007, no Simpósio Internacional *O futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos?* Leia, também, a edição 374 da **IHU On-Line** sobre o legado filosófico vaziano, de 26-9-2011, em <http://bit.ly/ihun374>. O **Cadernos IHU** em sua 42ª edição também teve um tema dedicado ao pensador, intitulado *Ética e Intersubjetividade: a filosofia do agir humano segundo Lima Vaz*, de autoria de Antonio Marcos Alves da Silva. Acesse pelo link <http://bit.ly/cadihu42>. A revista **IHU On-Line** publicou recentemente a edição *A memória do Ser em plena civilização científico-tecnológica. Antropologia Filosófica* de H.C. de Lima Vaz, 25 anos depois, disponível em <http://bit.ly/2efu2M7>. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **José Arthur Gianotti** (1930): professor titular aposentado da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Junto com Bento Prado Jr., foi sucessor de João Cruz Costa e Lívio Teixeira no departamento de Filosofia da USP. Ajudou a montar o CEBRAP, um centro de estudos sociais no qual se encontraram, dentre outros, Fernando Henrique Cardoso e José Serra. Com o abrandamento da ditadura, Giannotti reassumiu seu cargo na USP (em 1979, com a lei de anistia). Destacou-se como um conhecedor respeitado do pensamento de Karl Marx. Escreveu uma série de livros, em alguns dos quais discute o marxismo. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Marilena de Souza Chaui** (1941): professora de filosofia, historiadora de filosofia brasileira e membro do Partido dos Trabalhadores. Além de extensa produção acadêmica, Marilena também publicou livros paradidáticos de Filosofia, voltados sobretudo para o público jovem ou não especializado. Seu livro *O que é Ideologia* (Ed. Brasiliense, Coleção Primeiros Passos), foi selecionado pelo Ministério da Educação e Cultura como livro didático obrigatório na rede pública de ensino, tornando-se desta forma um best-seller com mais de cem mil exemplares vendidos. Foi secretária Municipal de Cultura de São Paulo, de 1989 a 1992, durante a administração de Luiza Erundina. Continua ligada ao PT. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Immanuel Kant** (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século 19, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon),

por meio de suas atividades políticas e quanto de seus escritos. Fez campanha contra a escravidão na Câmara dos Deputados em 1878 e fundou a Sociedade Anti-Escravidão Brasileira, sendo responsável, em grande parte, pela Abolição em 1888. (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Tobias Barreto de Meneses** (1839-1889): foi filósofo, poeta, crítico e jurista brasileiro e fervoroso integrante da Escola do Recife, um movimento filosófico de grande força calcado no monismo e evolucionismo europeu. Foi o fundador do condoreirismo brasileiro e patrono da cadeira 38 da Academia Brasileira de Letras. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Émile Zola** (1840-1902): escritor francês. Criou o movimento literário chamado Naturalismo, segundo o qual se aplicava à descrição dos fatos humanos e sociais o rigor científico. Além de romancista foi também jornalista. Escreveu *O ventre de Paris* (1873); *A taberna* (1877); *Naná* (1880); *Germinal* (1885). (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Jean-Paul Sartre** (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primeiro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo* como a doutrina na qual, para o homem, "a existência precede a essência". Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da **IHU On-Line**)

## considerado um *scholar* ou um intelectual público?

**Ivan Domingues** - Conforme eu mostrei largamente no livro, especialmente no 6º Passo, o nosso período se caracteriza pela clara hegemonia do *scholar*, ou o especialista disciplinar, que instaurou um novo mandarinato entre nós.

## IHU On-Line - O senhor já declarou em alguns momentos que o intelectual *scholar* se tornou técnico, e essa formação técnica teve como consequência a derrota do pensamento criativo e a vitória do pensamento técnico. Pode nos explicar essa ideia? Qual é a origem disso? Como seria possível manter a tecnicidade juntamente com o pensamento criativo? O que falta ao intelectual brasileiro nesse sentido?

**Ivan Domingues** - “That’s a great question”, como dizem os anglofônicos, e a resposta não caberia numa entrevista. Duas são as ordens de considerações, uma nos levando a Heidegger<sup>15</sup>, a outra nos exigindo ir além, dele e da filosofia. A Heidegger e sua frase mais conhecida, ao dizer que a lógica e a ciência não pensam, nem a filosofia técnica e profissional, poderíamos acrescentar e pelos mesmos motivos, formulação que nos faz pensar em Kant, ao distinguir o pensar e o conhecer.

A Heidegger uma segunda vez e sua filosofia da técnica, mais diretamente a sua obra seminal *Ser e tempo*, ao longo da qual ele trata de distinguir *Zuhanden* e o *Vorhanden* ao se refe-

rir à técnica e ao pensar técnico, dizendo que o primeiro recobre aquilo que está à mão e está disponível ou em uso, ao passo que o segundo designa algo que está diante de nós ou está lançado, à distância e ante nossos olhos: ao voltar a Heidegger, tanto ao ensaio *A essência da técnica* quanto à obra *Ser e tempo*, eu levei em conta, e com a ajuda de outros estudiosos versados na língua alemã, que Heidegger nestas incursões explorou com maestria e sagacidade a raiz “hand” que nucleia os dois vocábulos, que significa “mão”, como aliás em inglês, autorizando-nos a enquadrar a técnica como categoria do artesanato e dos ofícios manuais – coisa que todo mundo sabe, é intuitivo e não choca ninguém, nem mesmo a ideia de relação instrumental que a acompanha. Contudo, Heidegger quer mais ao pensar a essência da técnica, a qual ele pensa em paralelo à essência da arte, ao voltar à *techne* grega que recobria tanto as belas artes ou as artes liberais quanto as artes úteis ou mecânicas, e dirá que até mesmo a filosofia e o pensamento são uma espécie de artesanato, ou “handwerk”, em alemão.

De minha parte, não sendo eu heideggeriano e não podendo ficar só com ele, frente à necessidade de adicionar à escala artesanal da técnica do *ancien régime* a megaescala da Big Science e da grande indústria moderna, fui levado, ao pensar a *intelligentsia* como tipo ideal a Weber, a tomar um outro caminho, mas fazendo um outro uso dessas distinções e expansões, à minha maneira e com outros propósitos. A um tempo desconfiado dos excessos metafísicos do filósofo e, também, dos excessos pedagógicos de Piaget ao pensar a criança criativa, e desde a tenra idade.

Ora, ao passar para o plano do conhecimento e da atividade intelectual, logo eu me dei conta de que a criação que o intelectual endeusa e fetichiza é coisa rara e não se trata de um bem em si ou intrínseco: em regra ela é acompanhada de uma grande entropia ao se ver associada à destruição pura e simples, senão à obsolescência programada, com a

ameaça atual de a pressão pelo emprego em larga escala de robôs acarretar a própria obsolescência dos humanos, como alerta um pesquisador do MIT [Instituto de Tecnologia de Massachusetts]. Também aqui vige a fórmula de Edmund Burke<sup>16</sup>, segundo a qual se ninguém faz nada e não pratica o bem, o mal infesta e arrasta tudo. Por isso, todo o cuidado é pouco e ética deve vir junto com a técnica desde o início, ainda que não se saiba como e em meio de uma sensação de grande impotência, conforme já tive a oportunidade de mostrar em vários estudos.

Voltando à questão da criação, cujo âmbito de fato é mais vasto do que a pedagogia e a epistemologia piagetianas, bem como vai além da filosofia da técnica heideggeriana com seu empenho metafísico, foi pensando nessas coisas que eu propus em artigo que escrevi com César Sá Barreto em 2012, depois de ruminar por minha conta e risco o papel evolucionário da *mimesis* ou imitação na natureza e no mundo humano, um diagrama composto por três eixos ortogonais, com o propósito de acomodar todo o escopo ou conjunto do conhecimento, ou seja: o primeiro correspondendo à imitação ou reprodução do conhecimento, o segundo à incrementação ou crescimento do conhecimento e o terceiro à criação ou invenção do conhecimento.

A ideia, na ocasião, assim como em estudo publicado em 2013 com o título “A universidade e o mundo contemporâneo”, era situar a universidade brasileira nos três eixos e

15 **Martin Heidegger** (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, Cadernos IHU em Formação nº 12, *Martin Heidegger: A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>, e a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista *IHU On-Line*, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos *Filosofias da diferença*, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: *O (des)governo biopolítico da vida humana*. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Edmund Burke** (1729-1797): filósofo, político e advogado irlandês. Escreveu o tratado de estética *A Philosophical Inquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and Beautiful* (Investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do Sublime e do Belo), publicado em 1757. O livro atraiu a atenção de autores como Denis Diderot e Immanuel Kant. Iniciou a carreira política em 1761, como primeiro-secretário particular do governador da Irlanda. Em 1765, foi nomeado secretário do primeiro-ministro britânico. Seria depois eleito para a Câmara dos Comuns, onde tornou-se conhecido por suas posições economicamente liberais e politicamente libertárias. Mostrava-se favorável ao atendimento das reivindicações das colônias americanas e à liberdade de comércio, era contra a perseguição aos católicos no Reino Unido e denunciou as injustiças praticadas pelos ingleses na Índia. Criticou os excessos cometidos pela Revolução Francesa na obra *Reflexões sobre a revolução na França*, de 1790 – Burke considerava a revolução um marco da ignorância e da brutalidade, tendo em vista o terror colocado em marcha pelos revolucionários. No século XIX Burke inspirou tanto conservadores quanto liberais. Subsequentemente, no século XX, Burke foi amplamente reconhecido como o fundador do conservadorismo moderno. (Nota da **IHU On-Line**)

evidenciar qual é a nossa realidade e a perspectiva futura, levando-me a concluir o tópico dizendo o seguinte: “(...) na maioria delas prevalece o eixo da *mimesis* ou da imitação: este é o caso das universidades de ensino; mas há também aquelas em que o eixo da incrementação é significativo: este é o caso das universidades públicas de pesquisa (e poderíamos acrescentar o caso de algumas PUCs e correlatas), cujos pesquisadores desenvolvem pesquisa incremental e o tempo todo põem uma linha a mais no Lattes; em contraste, são pouco ou nada expressivas aquelas universidades em que os pesquisadores criam efetivamente conhecimento novo, e menos ainda conhecimento novo relevante, capaz de credenciá-lo para o prêmio Nobel. Esta é a realidade, a dura realidade, o resto é ilusão e fantasia” (in: Paula, J. A. de [org.]. Fórum de estudos contemporâneos. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 2013, p. 121; o diagrama está na p. 122). Ora, abstração feita da universidade e seus modelos, entendo que os três eixos recobrem todo o conjunto do conhecimento e a este título trata-se de um tripé epistemológico, mais do que pedagógico ou coisa parecida.

**IHU On-Line - O título da sua palestra na Unisinos é “O intelectual cosmopolita globalizado: para qual universidade?” Na sua avaliação, para qual universidade está se formando esse intelectual cosmopolita globalizado?**

**Ivan Domingues** - Ao longo do livro eu desvinculo o intelectual cosmopolita globalizado da Universidade ou, talvez melhor dizendo, de um modelo específico de universidade. Um exemplo de um intelectual que reuniu numa só pessoa as credenciais de intelectual público com grande engajamento político e de intelectual cosmopolita com raio de ação estendido a todo globo é Sartre, tendo inclusive colocado a Guerra de Vietnam em sua agenda de ativista, e como

aliás Bertrand Russell<sup>17</sup>. Numa direção oposta, antes mesmo da era da globalização, um excelente exemplo de intelectual cosmopolita no campo da filosofia é Kant, que nunca saiu de sua cidade natal, Königsberg, e tinha uma carreira de professor totalmente consagrada à universidade de sua cidade, carreira que aliás, no tocante ao ensino, extrapolava a filosofia.

Minha suspeita é que se, passado tanto tempo, Kant tornou-se o filósofo globalizado que hoje ele é, integrando, nos quatro cantos do globo, a lista dos 10 filósofos canônicos, não foi graças à plataforma global de uma universidade, como a dele, que nunca foi globalizada. Neste sentido, o intelectual cosmopolita globalizado, cujo outro nome é o pensador, outra terminologia que eu emprego no livro, é antes de tudo um *outsider*.

Contudo, a universidade segue sendo importante como plataforma de ação e de pensamento para a maioria da intelectualidade, mas não a única e exclusiva, havendo outras. Um ponto a ser considerado ainda é o possível vínculo entre o pensador ou o intelectual cosmopolita globalizado e a chamada universidade globalizada, que os norte-americanos chamam de universidade de excelência de classe mundial. Na conferência que proferir na Unisinos, por ocasião desta minha nova visita, vou mostrar que o vínculo é antes com o *scholar*, que venceu por toda parte e se globalizou.

**IHU On-Line - Considerando a história da intelectualidade brasileira, apresentada em seu livro, quais diria que são hoje os principais desafios e perspectivas postos ao intelectual cosmopolita globalizado no atual momento da história brasileira?**

<sup>17</sup> **Bertrand Arthur William Russell** (1872-1970): um dos mais influentes matemáticos, filósofos e lógicos que viveram no século XX. Político liberal, ativista e um popularizador da filosofia, Russell foi respeitado por inúmeras pessoas como uma espécie de profeta da vida racional e da criatividade. (Nota da **IHU On-Line**)

**Ivan Domingues** - Penso que o intelectual cosmopolita globalizado é o ideal da experiência intelectual e, portanto, o máximo que podemos almejar e ser atingido. O outro nome desta figura intelectual é o pensador e este em princípio pode surgir em qualquer canto do globo, não apenas nas grandes universidades mundiais e no interior dos países centrais. O grande desafio que se coloca para nós, hoje, num momento tão ingrato de nossa história, com o governo federal maltratando as universidades, públicas e privadas, é nos prepararmos para a agenda da globalização do conhecimento e vencermos os *gaps* históricos, como fez a Coreia desde os anos 60, quando era mais pobre que o Brasil de então, e como vem fazendo a China hoje, com o propósito de instalar suas universidades no seletivo grupo das *top 10* e trazer para o país os primeiros laureados com o Nobel em ciência. O Brasil não vem fazendo nada disso, donde o meu pessimismo.

Eu, em minhas atividades, continuo fingindo que estou na Suécia, senão eu não suportaria. No meu entendimento, como eu mostro no livro, o país conseguiu vencer *gaps* importantes ao longo de sua já longa história de 500 anos, colocando suas universidades e outras instituições científicas, como o Instituto de Matemática Pura e Aplicada - Impa, senão em pé de igualdade, ao menos com boas condições de competitividade no plano mundial. Contudo, seguimos desconfiados de nós mesmos e falta uma agenda positiva em C&T, à qual poderíamos acrescentar um novo C, de cultura, ou um H, de humanidades, levando à implantação de políticas públicas em C&T&H ou C&T&C.

Como não a temos, continuamos com o complexo de vira-latas e conforme viu o diretor do Scielo, ao comentar a constatação de colegas dos países centrais segundo a qual brasileiro não cita brasileiro, e o resultado é um verdadeiro autoextermínio, acréscimo meu e como venho comentando em diferentes ocasiões. No fundo, a velha máxima de Kant e do iluminismo tem ainda grande

atualidade e poderá nos servir de guia, elevando a nossa autoestima: *Sapere aude*, ousar pensar por nós mesmos e vencer a nossa minoridade intelectual – ontem por causa de nossa condição de colônia; hoje por causa de nós mesmos, livres e independentes, mas com a cabeça ainda colonizada.

### **IHU On-Line - Em que aspectos o intelectual globalizado brasileiro se aproxima e se diferencia do intelectual globalizado de outras partes do mundo?**

**Ivan Domingues** - No mundo globalizado como o de hoje, no sentido de McLuhan<sup>18</sup>, ao falar da aldeia global, com as TICs [Tecnologias de Informação e Comunicação] no centro de tudo e de nossas vidas, tornando-nos todos conectados e desterritorializados, vivendo num ambiente de um grande presente temporal, em tempo real, como se diz, em princípio tudo se aproxima de tudo e haverá uma agenda global e compartilhada. Porém, o espaço da globalização não é geométrico, mas geopolítico, como mostro no meu livro *Filosofia no Brasil*, havendo centros, pontos e arestas que contam e pesam mais do que outros na balança do poder mundial, de modo que não podemos ser ingênuos, baixar a guarda e entregar tudo.

Quem faz a globalização, como todo mundo sabe, é os Estados Unidos, sobrepondo a agenda local à global, e o resultado é o que todos conhecem. Por outro lado, no mundo globalizado sempre haverá espaço para a agenda nacional e as cores locais, de modo que devemos nos preparar para uma e outra situação. Ao pensar nessas coisas, lembro-me de Machado de Assis, Guimarães Rosa e Leon Tolstói<sup>19</sup>, que viviam nos cafundós

do mundo, ou de lá vieram, e no entanto, em meio a seus regionalismos e paroquialismos, fizeram uma literatura universal e cosmopolita.

### **IHU On-Line - Há quem avalie que o Brasil carece, hoje, de intelectuais públicos, especialmente de um intelectual público que ajude a pensar o atual momento político, econômico e social do país. Concorda com esse tipo de análise? Ainda nesse sentido, como avalia a atuação dos intelectuais brasileiros no atual momento político brasileiro? Eles têm contribuído para a discussão acerca dos rumos do país?**

**Ivan Domingues** - Sim, é verdade, mas esta carência de intelectuais públicos está longe de ser uma exclusividade brasileira. Assim como não é uma exclusividade a falta do pensador universal associado à agenda do intelectual cosmopolita globalizado. Tudo isso é normal e faz parte dos altos e baixos dos países e das culturas em diferentes momentos de sua história. Ontem a França e a Alemanha eram cheias deles; hoje, não mais. Contudo essa situação de normalidade não deve nos desarmar ou nos deixar acomodados. Pensem em Atenas e o que se seguiu depois da idade de ouro, conhecida como o milagre grego, entre os séculos III e V a.C.: depois do ápice foi a decadência, e não houve mais volta nem novo apogeu. Não muito diferente foi o caso de Florença e dos renascentistas italianos, nos quais Gramsci<sup>20</sup> viu os espécimes dos primeiros intelectuais cosmopolitas. Por isso, todo o cuidado é pouco, e

podemos estar perdendo de vez o bonde da história. E pior: como notou Lévi-Strauss<sup>21</sup>, podemos estar em plena decadência, antes mesmo de termos chegado ao apogeu.

Sobre a atuação do intelectual brasileiro na atualidade, marcado pela grande polarização política, como todo mundo sente e sabe, venho acompanhando as discussões – ou, antes, a falta de discussão substantiva acerca de nossos problemas e urgências – com grande preocupação e desalento.

Por um lado, noto o fenômeno de cegueira intelectual, devido à ideologia, associado a um certo petismo e mais ainda ao lulismo que hegemonizaram as esquerdas nas últimas décadas, com suas pautas neodesenvolvimentistas bem como neopopulistas que remeteram as discussões acerca do pacto da federação, das alternativas ao neoliberalismo e das urgências estratégicas do país, dominado pela pauta das commodities e do deus mercado, para as calendas. Bem entendido, ao acrescentar-lhes o afixo “neo”, para evidenciar a novidade como agenda supostamente de esquerda, com o PT hegemônico nas esquerdas, e o lulismo hegemônico e o petismo e, por conseguinte, a esquerda brasileira, resultando num sistema de crenças tão avassalador quanto acrítico. Por seu turno, com respeito ao intelectual dito de direita, sabidamente tivemos muitos deles no passado recente, como Gilberto Freyre, que como poucos conseguiu pensar o país; só que hoje não encontramos mais esta estirpe neste lado do espectro político, e a situação é um deserto só: nenhum intelectual desta filiação está

18 **Marshall McLuhan** (1911-1980): sociólogo canadense. Fez, em suas obras, uma crítica global da cultura, apontando o fim da era do livro, com o domínio da comunicação audiovisual. Seus principais livros são *A galáxia de Gutenberg* (1962) e *O meio é a mensagem* (1967). Confira a edição 357 da **IHU On-Line**, de 11-4-2011, intitulada *100 anos de McLuhan: um teórico de vanguarda*, disponível em <http://bit.ly/oZJlrh>. (Nota da **IHU On-Line**)

19 **Liev Tolstói** (1828-1910): escritor russo de grande influência na literatura e na política do seu país. Teve uma importante influência no desenvolvimento do pensamento anarquista, concretamente, considera-se que era um cristão libertário. Suas obras mais famosas são *Guerra e*

*Paz*, de 1865, onde ele descreve dezenas de diferentes personagens durante a invasão napoleônica de 1812; e *Anna Karenina*, de 1875, que traz a história de uma mulher presa nas convenções sociais e um proprietário de terras (reflexo do próprio Tolstói) que tenta melhorar a vida de seus servos. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Antonio Gramsci** (1891-1937): filósofo marxista, jornalista, crítico literário e político italiano. Escreveu sobre teoria política, sociologia, antropologia e linguística. Com Togliatti, criou o jornal *L'Ordine Nuovo*, em 1919. Secretário do Partido Comunista Italiano (1924), foi preso em 1926 e libertado em 1937, dias antes de falecer. Nos seus *Cadernos do cárcere*, substituiu o conceito da ditadura do proletariado pela “hegemonia” do proletariado, dando ênfase à direção intelectual e moral em detrimento do domínio do Estado. Sobre esse pensador, confira a edição 231 da **IHU On-Line**, de 13-8-2007, intitulada *Gramsci, 70 anos depois*, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/231>. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Claude Lévi-Strauss** (1908-2009): antropólogo belga que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na linguística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para a antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente às tradições humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro *As estruturas elementares do parentesco* (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para lecionar Sociologia na USP. Interessado em etnologia, realizou pesquisas em aldeias indígenas do Mato Grosso. As experiências foram sistematizadas no livro *Tristes Trópicos* (São Paulo: Companhia das Letras), publicado originalmente em 1955 e considerado uma das mais importantes obras do século 20. (Nota da **IHU On-Line**)

pensando ou preocupado em pensar o Brasil; porém, está de olho nas curvas das commodities.

Por outro, noto o esvaziamento da formação humanista em nossos meios intelectuais, digo o esvaziamento do legado das velhas humanidades em que se deve ver a origem da *intelligentsia* moderna, proporcionando a vitória do especialista disciplinar ou do novo *scholar* ultraespecializado, fruto da fusão do erudito das humanidades e do *expert* das ciências duras, e ficando o intelectual das ciências humanas sob sua tutela e com sua agenda, em meio a um produtivismo avassalador, cujo outro nome é taylorismo acadêmico, e desde logo sem tempo para pensar e questionar nada. O resultado é o suicídio do intelecto e o fim do pensamento, com o virtual desaparecimento da figura do pensador em nossos meios, e a prova é que – da economia à sociologia, passando pela política, até chegar à história – não temos mais pensadores do Brasil. Nem, com maior razão ainda, a filosofia, que, rigorosamente, nunca os teve.

Entendo que esta aliança entre a cegueira intelectual, protagonizada pela ideologia, e o taylorismo acadêmico, levando à vitória do pensamento técnico, é o maior dos males da *intelligentsia* brasileira neste momento tão infeliz e ingrato de nossa história.

**IHU On-Line - Nas universidades há várias divergências entre os pesquisadores sobre o modelo de produção acadêmico e o que alguns chamam de 'homo lattes'. Como o senhor avalia o atual modelo de produção instituído nas universidades brasileiras? Em que aspectos esse modelo favorece ou não o desenvolvimento do intelectual cosmopolita globalizado? Seria o caso de se propor algum modelo alternativo? Se sim, qual seria?**

**Ivan Domingues** - Ao longo do livro, eu mostro que na verdade o modelo que comandou as ações no

campo do ensino e da pesquisa, ao considerarmos o ensino superior e as melhores universidades, foi protagonizado pela Capes e o SNPG, secundado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq e o sistema PQ, e cujo resultado foi a fusão do Homo Qualis (Capes) e do Homo Lattes (CNPq): ou seja, resultado que não é outro senão a formação do *scholar* brasileiro ou do *scholar* autóctone, forjado no campo das ciências duras e depois aclimatado nas ciências humanas e sociais.

Na minha avaliação, o advento desse *scholar* meio americanizado, que ficou no lugar do virtuose francês que teve um papel de grande relevo na fundação da FFLCH da USP, significou um ganho real na história do ensino superior do país, acarretando o fim da improvisação e do autodidatismo, a exemplo do que já se passara no primeiro mundo desde o início da era moderna, tendo o Brasil chegado bastante tarde ao concerto das nações com universidades completas e o ciclo completo do ensino, do bacharelado ao doutorado.

Contudo, este processo foi acompanhado de um efeito negativo, fazendo lembrar o paradoxo das consequências de Max Weber: ninguém queria e ninguém o procurou de caso pensado, o certo é que a conformação do *scholar* e sua instalação no centro do sistema superior brasileiro acarretou, como aliás nos países centrais, a instauração de um verdadeiro mandarinado, com o novo *scholar* ficando no lugar do velho catedrático do *ancien régime*, levando ao taylorismo acadêmico e ao lema do *publish or perish*, com todas as consequências que nós conhecemos.

A saída, se é que há, não nos levaria a postular a criação de um novo modelo de universidade. Na minha opinião o modelo já existe e já foi historicamente experimentado, antes de ter sido desvirtuado e piorado, no contexto da universidade de massa, da mercantilização do conhecimento e da chamada ciência "pós-normal", ao retomar pelo avesso a conhecida

expressão de Thomas Kuhn<sup>22</sup>: trata-se do modelo humboldtiano, fundado sobre a aliança entre o ensino e a pesquisa, modelo esse implantado em Berlim, em 1810, como já comentado, seguido por Harvard, Oxford, Cambridge e outras grandes universidades do mundo, e que, no entanto, até hoje ficou longe de nossas terras: daí restar a esperança de, quem sabe um dia, ele ser transferido para essa zona do hemisfério e aclimatar em nossos meios, fazendo por aqui o serviço que já fez, antes de seu desvio recente rumo à taylorização do conhecimento, na parte de cima do Equador, com sua alta excelência e seus nobelizados.

**IHU On-Line - Em vários países do mundo os recursos para as humanidades estão diminuindo e muitas universidades estão fechando os departamentos de humanidades. Por que esse fenômeno tem acontecido? É possível estimar quais devem ser as consequências disso? Como os departamentos de humanidades poderiam responder a esse fenômeno?**

**Ivan Domingues** - Venho acompanhando isso com grande inquietação. A universidade nasceu na idade média colocando no centro de suas atividades três faculdades, a saber: Teologia, Medicina e Direito. Este foi o caso da Universidade de Bolonha, a primeira da série e que começou com sua escola de direito famosa. A de Paris durante muito tempo ficou com as Faculdades de Teologia e Letras/Filosofia, a ela se acomodando mais tarde as Faculdades de Medicina e de Direito, tendo esta sido refundada por Luís XIV<sup>23</sup> com o nome de Faculté de Décret, devido ao seu vínculo com o rei e o parlamento, às voltas com o direito

<sup>22</sup> **Thomas Kuhn** (1922-1996): físico norte-americano, cujo trabalho incidiu sobre história e filosofia da ciência, tornando-se um marco importante no estudo do processo que leva ao desenvolvimento científico. Sua obra mais conhecida é *A estrutura das revoluções científicas*. (São Paulo: Perspectiva, 2003). (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>23</sup> **Luís XIV de Bourbon**: (1638-1715, Versalhes), conhecido como "Rei-Sol", foi o maior monarca absolutista da França de 1643 a 1715. A ele é atribuída a famosa frase: "L'État c'est moi" (O Estado sou eu), apesar de grande parte dos historiadores achar que isso é apenas um mito. Construiu o luxuoso palácio de Versalhes, em Versalhes, perto de Paris, onde faleceu. (Nota da **IHU On-Line**)

civil e penal, e não mais com o direito canônico, que ficou sob a alçada da igreja e do papa.

Não muito diferente foram os casos das duas sumidades inglesas, Oxford e Cambridge, ambas eclesásticas na origem e mais tarde laicizadas, e ainda a de Salamanca e de Coimbra, com Salamanca e suas três faculdades servindo de modelo para as novas universidades hispânicas das Américas, como as do Peru e do México. Some-se a estas o exemplo de Harvard com todo o seu prestígio e, como as grandes da Europa, com a Faculdade de Letras/Filosofia no seu *heartcore* e até hoje, com muito prestígio, e como aliás a Faculdade de Direito.

Por fim, há o exemplo da Universidade de Berlim, por obra dos dois irmãos Humboldt que reinventaram a universidade moderna, com o duplo propósito de aliar o ensino e a pesquisa, bem como as humanidades e as ciências. Por isso, com todo esse histórico e com todo esse prestígio acumulado e adensado durante os séculos, tendo o homem no centro de tudo, com a dupla credencial de fonte e ápice na escala dos valores, é difícil entender e aceitar como e por que tudo isso aconteceu, com as humanidades combatidas e em fim de linha.

### **Desprestígio das humanidades**

Você pergunta por que isso aconteceu? Eu não sei a resposta, talvez porque não haja uma só resposta, mas mais de uma e todo um processo. Suspeito que em grande parte essa situação, com as humanidades desprestigiadas e os departamentos de humanas sendo fechados, tem tudo a ver, além da própria humanidade desbussolada, com a mercantilização do conhecimento e a conversão das ideias e dos frutos do conhecimento em *goods*, acarretando aquilo que eu venho chamando de taylorização do conhecimento, conforme comentei antes: ou seja, a taylorização e a vitória do pensamento técnico com tudo que elas implicam, como o ranqueamento da produção e das performances, em busca do lucro certo e

de vantagens competitivas, e por conseguinte deixando as humanidades de lado, pela simples razão que elas não geram riquezas nem tecnologias, e não as geram porque elas não conseguem transformar as ideias em ferramentas e em “goods”.

Porém, haveria bem maior do que o conhecimento como bem da humanidade e patrimônio infungível da civilização, tendo como fim e origem a própria humanidade, da qual tudo provém e para a qual tudo volta e converge, e com mais razão ainda o conhecimento em todas as suas esferas, e não apenas as áreas técnicas? Talvez, à beira do abismo, um dia reconhecamos mais uma vez tudo isso e será a vez de um novo recomeço...

**IHU On-Line - O senhor já declarou que resiste a pensar em uma filosofia brasileira, porque filosofia, afinal de contas, é uma atividade universal. O que explica, na sua avaliação, esse desejo expresso por alguns pesquisadores de se criar o que chamam de “filosofia brasileira” ou ainda uma “filosofia latino-americana”?**

**Ivan Domingues** - Ao longo do livro eu discuto extensamente, no 1º Passo, a pertinência de se falar em “filosofia brasileira”, ao examinar o sentido profundo da polaridade filosofia no/do Brasil, juntamente com a questão do “nacional” e das tradições filosóficas nacionais, como as tradições francesa, inglesa e alemã. O leitor interessado nesta matéria poderá consultar diretamente o livro, ao longo do qual encontrará argumentos para justificar a ideia de uma filosofia brasileira, na acepção de filosofia feita no Brasil, como aliás a noção de literatura brasileira ou sociologia brasileira, e mesmo química brasileira, por exemplo no tocante à mineralogia.

Tudo isso faz sentido, e mais ainda, para além das ocorrências numa dada circunscrição geográfica, ao considerarmos as institui-

ções, as escolas de pensamento e as corporações dos filósofos, em sua maioria professores, às quais estão associadas as ideias de produção e difusão da filosofia, bem como de outros campos disciplinares, inclusive a matemática, a biologia e a física. Por outro lado, ao considerarmos que a humanidade é uma só, ainda que seja em sua unidade sumamente diversa e desigual, em termos de indivíduos e etnias, e junto com ela o pensamento e o intelecto, faz todo o sentido falar de uma filosofia universal e de uma matemática universal, como produtos e expressão do pensamento, ele mesmo universal e o mesmo desde a noite dos tempos. Onde o paradoxo: se é verdade que a filosofia, a ciência e o pensamento não têm pátria e transcendem os estados-nações, não é menos verdadeiro que o filósofo, o cientista e o pensador, sim. Compreende-se, então, que ao longo do livro eu tenha procurado levar até o fim a tensão entre as partículas do/no ao pensar as questões do nacional e da filosofia nacional, mostrando por exemplo que a expressão “filosofia brasileira” não tem pertinência no Brasil colônia e passa a ter sentido no período pós-independência no tocante ao intelectual público politicamente engajado, cuja ação pressupõe o estado-nação e o espaço público da *polis*.

**IHU On-Line - Notícias recentes têm demonstrado o seguinte quadro entre estudantes de pós-graduação no Brasil: de um lado, uma parcela dos estudantes sofre de ansiedade e depressão e, de outro, eles mencionam a falta de perspectiva após a conclusão dos cursos de doutorado. Como o senhor avalia esse fenômeno? Quais são as principais dificuldades de inserção de recém-doutores nas universidades?**

**Ivan Domingues** - Esta situação me faz lembrar a resposta dada por Lévi-Strauss a uma pergunta que um jornalista lhe fez quando ele beirava os cem anos de idade e a humanida-

de avançava para o novo milênio: indagado pelos grandes problemas da humanidade na hora atual, ele respondeu: o problema é que tem gente demais, e nada pode ser feito, com os humanos beirando sete bilhões de habitantes. Poderíamos então dizer, ao fazer a analogia, que esse é o nosso problema atual, o problema do ensino superior brasileiro: antes não tínhamos doutores e estávamos em busca deles, mantendo as portas das universidades abertas; hoje temos doutores sobrando e as portas estão sendo fechadas. Tudo isso é muito triste e, para piorar as coisas, instalamos em nossas universidades um sistema cruel, comandado pela correria da produção a qualquer custo e os ditames do *publish or perish*, somando-se-lhes o tafetismo que vem tirando as federais, de modo que ninguém tem tempo para nada, os colegas transformam-se em rivais, e mesmo em inimigos, e o estudante seja em estorvo, seja em detalhe da maquinaria.

Porém, mais do que a questão antropológica ou da grandeza da população estudantil em nossas universidades, o que está por trás desta situação tão sofrida e de grande desalento são as estruturas, as amarras e os gargalos de

um Estado patrimonialístico, e isto desde os tempos coloniais, com sua escala minguada e elitista, um país que funciona para 10% da população, barra a metade dos estudantes antes mesmo de concluir o ensino médio e os deixa fora das universidades, resultando num verdadeiro gargalo. Entendo que a prioridade das prioridades hoje é deixar o *ancien régime* para trás, e junto com ele o patrimonialismo e os privilégios, instalar o ensino de tempo integral desde a escola elementar até o ensino superior: então, descobriremos que lá onde há diversidade há riqueza e é da mudança de escala das atividades que o mais poderá sair do menos e a qualidade da quantidade, como nos países centrais e do primeiro mundo.

**IHU On-Line - Também existe uma crítica de que no Brasil não há espaço para a atuação de pesquisadores em outras instituições que não a universidade. Como vê essa crítica? Por que a pesquisa é restrita às universidades? O que poderia ser feito nesse sentido?**

**Ivan Domingues** - Esta questão se remete à anterior e nos leva de volta ao patrimonialismo,

ao *ancien régime* que nunca vencemos e à escala rala e minguada das coisas. O resultado é conhecido: o gargalo do ensino médio, o desastre do ensino de ciências, a vergonha dos nossos escores do exame Pisa, com o país na rabeira do ranking, e as poucas instituições ou corporações extra-acadêmicas que deram certo sendo ou sucateadas, como a Embrapa, ou vendidas, como a Embraer. Deste jeito, terminaremos o novo milênio como o país das *commodities* e das elites dos 10%: na colônia com as casas-grandes, o senhor e o açúcar, hoje com o cerrado, o cowboy de 4X4 e o agronegócio.

Tudo somado, a saída não é e não será simples. Passa por pensar em um projeto de país que vá além da visão (neo)colonial que o destino parece nos reservar. Talvez aí possa entrar o intelectual cosmopolita brasileiro: para pensar nossa situação seria necessário também pensar nossos laços com o mundo e a dinâmica mundial como um todo. Aí, talvez, apareceria uma reflexão crítica não apenas local, mas também universal. Porém, esta possibilidade não é uma exclusividade da filosofia, mas aberta a outras áreas das humanidades. ■

II Ciclo de Palestras  
**Trajetória da Política  
 Econômica Brasileira 2013-2017.**  
**Crescimento, crise  
 e novas possibilidades**

08 de outubro a  
 06 de novembro de 2018

ihu.unisinos.br

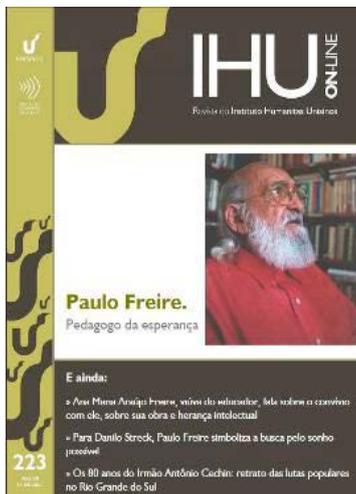
Outras edições em [www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-anteriores](http://www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-anteriores)



## Nietzsche – Filósofo do martelo e do crepúsculo

Edição 127 – Ano IV – 13-12-2004

*A 15 de outubro de 1844, nascia Friedrich Nietzsche em Röcken, na atual Alemanha. Comemorando os 160 anos de nascimento de Nietzsche, este número da IHU On-Line, como tema de capa, discute o legado desse filósofo que, ao lado de Freud e Marx, é apontado como um dos responsáveis pela revolução das técnicas de interpretação.*



## Paulo Freire. Pedagogo da esperança

Edição 223 – Ano VII – 11-06-2007

*Nesse maio de 2007, completaram-se 10 anos da morte do educador Paulo Freire. “O período de dez anos exige um balanço. Os planos decenais fixam diretrizes e metas que passam a orientar boas porções da vida de cada um e cada uma”, afirma Danilo Streck, um dos especialistas na obra de Paulo Freire no depoimento intitulado “Algumas lições do mestre”. Para relembrar o educar, a IHU On-Line ouviu especialistas em sua obra.*



## Hölderlin. O trágico na noite da Modernidade

Edição 475 – Ano XV – 19-10-2015

*A obra e a vida de um dos maiores nomes da literatura alemã do século XVIII, Johann Christian Friedrich Hölderlin, é tema de debate na revista IHU On-Line desta semana. Nascido às margens do Rio Neckar, em Tübingen, na Alemanha, em 1770, numa paisagem bucólica na qual viveu seus últimos 36 anos recluso em uma torre, Hölderlin morreu imerso na loucura. Além de grandes pensadores como Hegel e Musil, entre outros, ele foi o poeta preferido de Nietzsche. Seus textos influenciaram de modo decisivo a célebre obra do filósofo Assim falou Zaratustra (São Paulo: Companhia das Letras, 2011), que, a exemplo de Hipérion (São Paulo: Nova Alexandria, 2003), texto escrito por Hölderlin, é uma obra poética em prosa.*



**18 de outubro de 2018 (quinta-feira)**

Dinâmica macroeconômica brasileira 2003-2017. Crise e perspectivas

Prof. Dr. Fernando Maccari Lara – Unisinos

17h30min às 19h | Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU



Mais informações  
e inscrições em  
[ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)



Para os alunos da Unisinos,  
há dez vagas gratuitas  
disponíveis por meio  
do Unisinos LAB.

## Oficina de Excel avançado para análise e sistematização de dados

17 de outubro (quarta-feira)

Prof. MS Renato Luiz Romera Carlson – Unisinos

Unisinos Campus São Leopoldo

Mais informações em: [ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)



## VIII Seminário Observatórios

democracia, desigualdades e políticas públicas

Unisinos Porto Alegre

**22 e 23 de outubro**



[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br) | [ihuonline.unisinos.br](http://ihuonline.unisinos.br)



[twitter.com/\\_ihu](https://twitter.com/_ihu)



[bit.ly/faceihu](https://bit.ly/faceihu)



[bit.ly/instaihu](https://bit.ly/instaihu)



[bit.ly/youtubeihu](https://bit.ly/youtubeihu)



[medium.com/@\\_ihu](https://medium.com/@_ihu)